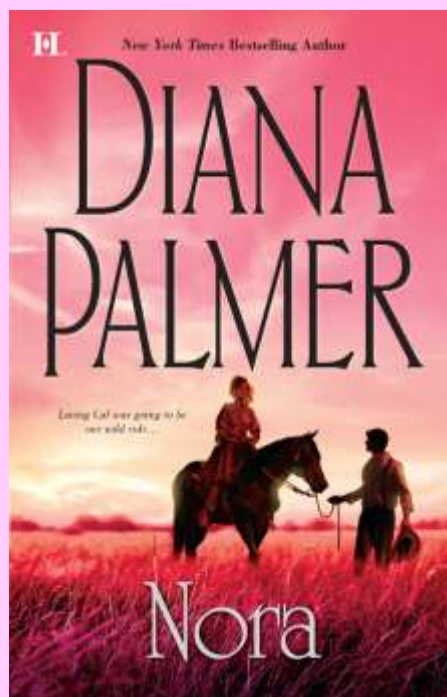


NORA
Diana Palmer



Nora Marlowe veio para o Texas com visões de arrojados caubóis e grandes aventuras — mas um homem desprezível com infernais olhos sorridentes, Cal Barton, decidiu colocar um fim em suas ilusões. Agora o amor que Nora sente por Cal lhe custará tudo o que ela mais ama...



Originalmente publicado por Ivy Books em agosto de 1994.



UM

Seu nome era Eleanor Marlowe, mas a maioria das pessoas a chamava de Nora. O apelido era honesto, sem artifícios. Assim como era Nora na maior parte do tempo. Nascida na era Vitoriana havia sido criada em Richmond, Virginia, e se tornara uma mulher de classe. Mas ela possuía um lado surpreendentemente aventureiro para uma moça tão convencional. Nora era impulsiva e às vezes imprudente. Sua natureza inquieta havia sido uma constante preocupação para os pais.

Quando era menina, sobrevivera a um afogamento enquanto velejava, e teve um braço quebrado resultante da queda de uma árvore enquanto observava os pássaros próximos à casa de verão da família em Lynchburg, Virginia. No colégio particular conseguia ótimas notas, e mais tarde foi aprovada em uma das melhores faculdades. Quando chegou aos vinte anos, Nora se acalmou um pouco, e com a riqueza da família como escudo, se tornou uma dama de renome. Viajou por toda a costa oeste, Caribe e Europa. Ela tinha cultura e boas maneiras, e muito conhecimento sobre outros países. Mas a sua paixão por aventuras a guiara a um golpe devastador na África.

Ela estava em um safári no Kenya, viajando com três primos e suas esposas, e um pretendente arrogante que se convidara para ir também. A caçada deles também incluía Theodore Roosevelt, que concorria à vice-presidência junto com William McKinley, que buscava a reeleição.

Roosevelt havia saído para caçar com os seus primos e os outros homens, enquanto Nora ficou com as mulheres na elegante mansão. Ela ficou excitada quando permitiram que ela fosse junto enquanto os homens acampavam próximos a um rio.

O persistente acompanhante, Edward Summerville, ficou irritado com o contínuo desinteresse de Nora. Ela tinha a reputação de ser fria, enquanto ele era conhecido como um mulherengo. A indiferença dela parecia encorajá-lo, e ele dobrou os esforços para cativá-la. Quando ele falhou, tornou-se extremamente ofensivo enquanto eles estavam sozinhos no rio. As carícias indesejáveis dele a deixaram em pânico. Na tentativa de escapar dele, Nora rasgou a blusa, junto com o véu que a protegia dos mosquitos. Enquanto ela tentava cobrir a pele nua, foi picada repetidamente. Um de seus primos bateu em Summerville e o expulsou do acampamento. Mas antes de partir, Summerville acusou Nora de tê-lo humilhado, e jurou vingança. Ela não o havia humilhado, e todos no acampamento sabiam, mas o orgulho dele

estava ferido e ele queria machucá-la. Entretanto, a ira de Summerville foi a última coisa com a qual ela se preocupou.

Nora sabia das perigosas febres que resultavam de picadas de mosquitos, mas quando três semanas se passaram e ela continuava saudável, relaxou um pouco. Foi apenas quando ela voltou para casa, quase um mês depois de ter sido picada, com uma febre excessivamente alta, que o médico da família detectou malária e prescreveu quinina cristalina para combatê-la.

O quinina irritou um pouco o estômago no começo, e disseram a ela que isso somente a protegeria de outras infecções enquanto o tomava. Não havia cura para a malária, um diagnóstico que a deixou desesperada e furiosa com Summerville por tê-la colocado em perigo. O médico da família não lhe contara nada até que ela sofreu os primeiros paroxismos do ataque, e enquanto ela se recuperava, ele disse que era possível que ela tivesse contraído a fatal "febre da água negra". E também, ele disse, a febre ocorreria sem avisos, talvez enquanto ela vivesse.

Os vagos sonhos de família e lar de Nora morreram. Ela nunca achara os homens muito atraentes fisicamente, mas ela queria filhos. Agora aquilo parecia impossível. Como ela poderia cuidar de uma criança enquanto se recuperava de uma febre que algum dia poderia ser fatal?

Os sonhos de aventura também morreram. Ela queria navegar pelo Rio Amazonas, na América do Sul, e ver as pirâmides do Egito. Mas com a febre, ficou com medo de correr o risco. Quanto mais se afastava das viagens e das aventuras, mais valorizava a saúde. Então teve uma vida calma no ano seguinte e se contentou em deixar a viagem à África para os amigos, que ficaram impressionados com a coragem dela. Inevitavelmente seus relatos eram exagerados e ela se tornou conhecida como uma aventureira. Ela gostou da nova reputação, mesmo que não fosse correta.

Ela ficou conhecida como o exemplo da mulher moderna. Foi convidada para falar em encontros de mulheres e chás de caridade. Ela descansou.

Agora ela havia sido convidada para o oeste, para uma terra sobre a qual lia muito e sonhava visitar, uma região que era tão potencialmente selvagem quanto à África. Sua febre não aparecia há vários meses. Certamente não haveria riscos no oeste, e esperançosamente ela permaneceria saudável durante a sua visita. Ela poderia ver algumas coisas do oeste selvagem, e talvez aparecesse a oportunidade para caçar um búfalo, ou encontrar um bandido, ou até mesmo um índio de verdade.

Ela olhou através das cortinas da mansão em Virginia com os olhos repletos de excitação, enquanto lia a carta da tia Helen com prazer. Havia quatro Tremaynes no oeste do Texas: o tio Chester, a tia Helen, e os primos, Colter e Melissa. Colter estava em uma expedição ao Pólo Norte. Melissa estava sozinha desde que a melhor amiga havia se casado e mudado

de cidade. A tia Helen convidou Nora para passar algumas semanas no rancho e ajudá-la a animar um pouco Melly.

Nora havia pegado um avião para a Califórnia e vira o acidentado país entre o atlântico e o pacífico pela janela. Ela havia lido sobre ranchos e texanos. Ambos soavam românticos. Caubóis audaciosos lutando contra índios e outros resgatando mulheres e crianças, e fazendo todos os tipos de sacrifícios heróicos em sua mente enquanto recordava os romances que havia lido. Ela encontraria um caubói de verdade se fosse visitar os parentes no rancho. E seria uma aventura, mesmo que não envolvesse leões e caçadores. Seria uma grande aventura e ela teria uma segunda chance para testar sua coragem, para privar a si mesma que não era privada pela febre africana que a maltratara por tanto tempo.

— O que você decidiu, querida? — Cynthia Marlowe perguntou à filha enquanto lia a última página de uma revista.

Nora virou-se, o tecido suave do vestido de seda azul deslizando graciosamente por seus tornozelos. Ela tocou o sofisticado colar que lhe enfeitava o pescoço com dedos que quase tremiam de excitação.

— A tia Helen é muito persuasiva — ela disse — Sim, Eu gostaria de ir! Adoraria ver os majestosos cavalheiros que os meus romances descrevem.

Cynthia ficou feliz. Não via Nora tão entusiasmada desde a desastrosa viagem à África. O cabelo castanho da filha preso em um elegante penteado recebeu a luz que vinha da janela e iluminou-se. O cabelo de Cynthia apresentava a mesma cor quando era mais nova, antes de ficar branco. Mas Nora também possuía os belos olhos azuis dos Marlowe, e as bochechas de um ancestral francês. Ela era mais alta do que a mãe, mas não inusitadamente alta. Ela tinha elegância, graça e maneiras, e um dom para conversas. Cynthia sentia muito orgulho dela.

Nora era peculiarmente fria com os homens, especialmente depois do susto que Summerville lhe dera, e a terrível doença que a atacara. Ela teria mesmo escolhido uma vida aventureira, Cynthia pensou tristemente, mas a febre Africana havia cortado suas asas. Agora, com vinte e quatro anos, havia se acalmado com resignação.

— Entre outras coisas, essa visita vai lhe dar uma folga das tentativas de seu pai de trazer jovens homens socialmente aceitáveis para casa — Cynthia murmurou, pensando alto. Seu marido havia se tornado, de fato, dolorosamente óbvio, e conseguia ser rude e um pouco insensível.

Nora riu com humor. Um homem em sua vida era a última complicação que precisava.

— Também. Vou pedir que Angelina faça as minhas malas.

— Eu vou pedir que a minha secretária faça as reservas necessárias na estação de trem — Cynthia concordou — Eu tenho certeza de que você irá adorar a viagem.

— Disso — a filha respondeu bem humorada — Eu não tenho dúvidas. Já faz muito tempo desde a minha última viagem — o rosto dela ficou sombrio com a lembrança da África — Mas apesar de tudo, o Texas não é a África.

Cynthia ficou em pé.

— Minha querida, é improvável que a febre reapareça com tanta frequência. Já se passaram vários meses desde o último ataque. Tente não se preocupar. Lembre-se de que Chester e Helen são da família, certo? Eles cuidarão de você.

Nora sorriu.

— Claro que sim. Será uma aventura deliciosa.

NORA PRECISOU LEMBRAR daquelas palavras quando desceu na estação deserta da junção Tyler, Texas, e esperou pela tia e pelo tio. A viagem de trem havia sido confortável, mas era longa e ela estava muito cansada. Tão cansada, de fato, que o entusiasmo diminuiu um pouco. E ela tinha que admitir que o terminal empoeirado não correspondia às suas expectativas. Não havia índios gloriosos, bandidos mascarados, e muito menos carruagens com caubóis galantes e gloriosos as dirigindo. De fato, parecia uma pequena cidade do oeste. Ficou repleta de desapontamento e calor com o sol quente do Texas atingindo-lhe o belo chapéu.

Olhou ao redor procurando os parentes. O trem estava atrasado, então talvez eles tivessem ido comer ou beber algo no restaurante que enxergava perto dali. Observou as elegantes malas de couro, imaginando como iria carregá-las até o rancho se ninguém viesse buscá-la. O verão seria mais desconfortável no oeste do Texas do que em Virginia. Ela vestia um de seus belos terninhos de viagem. O que era tão confortável na Virginia a estava sufocando agora.

Tia Helen havia escrito sobre o lugar. A junção Tyler era pequena e rural, uma pequena cidade no oeste do Texas não muito longe de Beaumont. A maioria das notícias locais passava pelo correio e pela farmácia, embora o jornal diário de Beaumont lançasse todas as notícias nacionais, assim como as notas sociais e as histórias de interesse local. Havia dois pequenos automóveis pretos na rua empoeirada, dirigidos por membros das famílias fundadoras, e o resto da sociedade andava com burros, jumentos e cavalos. Que a pecuária ainda era uma importante ocupação local não era algo difícil de notar. Nora viu vários homens vestindo botas, jeans e chapéus Stetson.

Mas eles não eram homens jovens e audaciosos. A maioria, de fato, parecia calma, cansada e velha.

Tio Chester havia dito a ela certa vez enquanto visitava a família em Virginia, que a maioria dos ranchos no Texas era de corporações, mantidos por grandes negócios. Mesmo o rancho de Chester era comandado por um grande conglomerado do oeste do Texas, e ele ganhava um salário para cuidar dele. Os velhos tempos de grandes impérios construtores de ranchos como Richard King, que havia formado o famoso rancho King no sudeste do Texas, e o igualmente famoso rancheiro Brant Culhane, não existiam mais.

Atualmente o dinheiro era do óleo e do ferro. Rockefeller e Carnegie tinham o controle das indústrias, assim como J.P.Morgan e Cornelius Vanderbilt controlavam as estradas de ferro, e Henry Ford, a automobilística. Era uma época de construtores, industriais, não agricultores. A era dos criadores de gado e caubóis estava quase no final. Tia Helen havia escrito que uma companhia estava procurando petróleo em Beaumont, porque alguns geologistas haviam dito que antigamente a terra ao redor do Golfo era pátio de um lago de petróleo. Ela achou o pensamento divertido. Como se alguém fosse encontrar grandes reservas de petróleo nessas terras!

Enquanto considerava aquilo, Nora observou um homem alto e forte, vestindo botas e um chapéu escuro, que caminhava através da rua empoeirada. Agora sim, um caubói de verdade! O coração dela disparou ao imaginar o tipo de homem que ele era. Que vergonha um homem como aqueles lutando contra índios, perdido no final de uma estrada de ferro! Quem resgataria viúvas, órfãos e lutaria contra o exército vermelho?

Estava tão perdida no romantismo que demorou um minuto para notar que o caubói caminhava em sua direção. As sobrancelhas dela se arquearam excitadamente sob o véu do chapéu vindo de Paris, e o coração dela saltou.

Ela notou repentinamente que o homem com quem estava sonhando era pouco mais do que um empregado. Um caubói, afinal de contas, cuidava do gado. E ela descobriu que olhar a figura romântica e imaculada de um caubói nas páginas de um livro era muito diferente de ficar cara a cara com um.

O caubói, tão digno e atraente do outro lado da rua, foi um choque quando se aproximou. O homem estava desarrumado, até mesmo sujo. Ela reprimiu um suspiro enfadado quando os olhos percorreram as manchas de sangue que percorriam as pernas da calça enquanto ele caminhava. As esporas soavam musicalmente a cada passo que ele dava. As botas dele estavam gastas nos dedos e estavam deliberadamente manchadas com uma substância que explicitamente não era lama. Se esse homem tentasse salvar uma viúva ou um órfão de um bandido, ambos provavelmente fugiriam dele!

A camisa azul estava molhada de suor e colada a ele de uma maneira quase indecente, exibindo músculos fortes e o pêlo fino que cobria o peito. Ela apertou a bolsa nas mãos para manter a compostura. Que estranho, sentir atração física por um homem tão... pouco civilizado e precisando de um banho. Sabonetes perfumados dificilmente seriam adequados para esse tipo de emprego, ela pensou travessa. Ele teria que se afundar no sabão por muitos dias...

Ele lançou um sorriso rápido na direção dela. Seu cabelo era negro, curto, cobrindo um rosto marcado pela poeira e pelo suor nas linhas austeras. Os olhos dele eram estreitos e profundos, escondidos na sombra do chapéu de abas largas. Ele tinha sobrancelhas escuras e finas e um nariz fino. Tinha bochechas altas. A boca era larga, e o queixo tinha um furinho que imediatamente a deixou em guarda.

— Senhorita Marlowe? — ele perguntou com um sotaque acentuado e sem pretensão de devolver o sorriso dela.

Ela olhou ao redor da plataforma deserta com um longo suspiro.

— De fato, senhor, se eu não sou ela, então nós devemos nos preparar para uma surpresa.

Ele olhou ao redor como se não entendesse o que ela dizia. Ela decidiu ajudá-lo.

— Está muito quente — ela acrescentou — Eu gostaria de ir ao rancho o mais rápido possível. Não estou acostumada ao calor e ao fed... odor — ela acrescentou com um tremor involuntário das narinas.

Ele a olhou como se fosse dizer algo, mas permaneceu calado. Seu olhar a julgou como uma mulher do leste com mais dinheiro do que precisava e falta de sensibilidade. Divertiu-se por saber que ele se sentia insultado.

Mas ele apenas inclinou a cabeça, olhando ao redor e vendo a quantidade de malas.

— Você está se mudando? — ele zombou.

Ela arregalou os olhos.

— Essas são as necessidades básicas — ela defendeu-se — Eu preciso ter as minhas próprias coisas — ela acrescentou, não acostumada a tal interrogatório feito por criados.

Ele suspirou alto.

— Que bom que eu trouxe a carroça. Com os suprimentos que eu já comprei, as coisas cairiam do cavalo.

Ela torceu a bolsa nas mãos e esboçou um sorriso.

— Se caísse você poderia carregar na sua cabeça. As pessoas fazem isso nos safáris na África — ela disse educadamente — Eu sei por que já fiz.

— Você atravessou um safári com as malas na cabeça? — ele perguntou ultrajado.

— Claro... que não! — ela murmurou — Eu estive em um safári! Foi o que eu disse!

Ele torceu os lábios e colocou as mãos no quadril enquanto a olhava com uma expressão desconfiada.

— Em um safári? Uma mimadinha frágil como você em um lugar assim? — ele observou o terninho caro e o chapéu com divertimento — Agora eu já ouvi tudo — ele voltou pelo caminho que fizeram, até chegar a uma carroça amarrada a um belo cavalo.

Ela parou atrás dele com emoções conflitantes. Nenhum dos homens que ela conhecia havia sido menos do que educado e protetor. Esse homem era imperturbável, e não escolhia as palavras para zombar de sua feminidade. Ela estava perdida entre respeito e fúria mal contida. Ele era muito presunçoso para um homem tão imoral.

Ele não havia tirado o chapéu ou ao menos o tocado em um gesto de respeito. Nora estava acostumada com homens que o faziam, e beijavam sua mão da maneira européia.

Ela era muito severa, disse a si mesma. Esse era o oeste, e o pobre homem provavelmente nunca tivera a vantagem de receber lições de bom comportamento. Teria que pensar nele como pensava nos moradores nativos, gentis, mas com pouca educação, cuja função era servir os patrões. Tentou imaginá-lo com uma tanga e precisou reprimir uma risada.

Ela esperou pacientemente enquanto o homem arrumava as coisas na carroça antes de colocar as malas dela com paciência.

Ela hesitou ao lado do cavalo, grata por ele não ter sugerido que ela montasse nas costas do cavalo com a bagagem. Olhou para ele esperando que a ajudasse a subir do lado do passageiro. Não deveria ter ficado surpresa por encontrá-lo já sentado, com as cordas nas mãos.

— Você estava com pressa, certo? — ele perguntou paciente, e empurrou o chapéu para trás e a olhou com a expressão mais inquieta que ela já havia visto. Os olhos estavam repentinamente brilhantes no rosto escuro, um cinza que era praticamente prata. Eles eram tão afiados quanto a lâmina de uma faca, e igualmente impenetráveis.

— Que sorte eu ter dons atléticos — ela disse antes de pisar no apoio da roda e deslizar pelo assento. Infelizmente, errou o lugar e acabou caindo de encontro ao caubói. O cheiro era vertiginoso, embora o toque das coxas musculosas contra os seus seios lhe fizesse o coração disparar.

Antes que ela tivesse tempo de chocar-se com a intimidade do contato, ele a ergueu e colocou no banco.

— Nada disso agora — ele disse com um olhar rígido — Eu sei tudo sobre vocês, mulheres da cidade, e eu não sou o tipo de homem para se brincar, é bom você saber.

Ela ficou envergonhada com a falta de jeito, sem ser rotulada como petulante. Ela afastou o chapéu com uma mão que, aparentemente, saíra das botas do caubói. A mão devia ter tocado as manchas do jeans dele.

— Oh, pelo amor de Deus!— ela explodiu furiosa, procurando um lenço, enquanto tentava limpar o cheiro horrendo — Eu estou cheirando como um celeiro!

Ele lançou-lhe um olhar estreito e bateu as cordas para colocar o cavalo em movimento. Ele sorriu, e o sotaque texano ficou ainda mais acentuado. Ele poderia contribuir na imagem que ela fazia dele.

— O que você espera de um homem que trabalha com as mãos e com as costas? — ele perguntou educado — É o melhor tipo de vida, a céu aberto. Um caubói não precisa se lavar mais de uma vez por mês, ou vestir-se elegantemente e praticar boas maneiras. Ele é livre e independente, apenas ele e o seu cavalo sob o céu do Texas, livre para brincar com mulheres perdidas e ficar bêbado todo final de semana! Como eu adoro essa vida! — ele disse fervorosamente.

Todas as ilusões de Nora sobre caubóis afastaram-se. Ela ainda tentava limpar a mão quando eles entraram na estrada, e decidiu que as belas luvas de couro teriam que ser jogadas fora. O cheiro nunca sairia.

Havia chovido naquela semana, e havia poças na estrada que faziam a viagem desconfortável.

— Você não fala muito, né? — ele provocou — As mulheres do leste são muito espertas pelo que eu ouvi falar — ele acrescentou, usando a ironia como escudo.

Nora, obviamente, não percebeu que estava sendo levada para uma corrida de outras maneiras que desconhecia.

— Se eu fosse inteligente — ela disse o encarando indignada — Eu nunca teria deixado Virginia! — ela gritou furiosa enquanto tentava limpar outra mancha nas roupas — Oh, querido, o que a tia Helen vai pensar!

Ele lançou um sorriso travesso na direção dela.

— Bem, talvez ela pense que eu e você estivemos aprontando no caminho.

A expressão dela mesmo por baixo do véu teria feito um homem mais bravo sair correndo.

— Aprontando? Com você? Senhor, Eu preferiria beijar um... um... minério de carvão! Não, eu retiro o que disse, um minério não cheiraria tão mal. Eu preferiria beijar um urubu!

Ele puxou a corda gentilmente sobre o animal quando eles passaram pela sombra de uma árvore, e deu um risinho.

— Urubus são muito valorizados aqui. Eles limpam as carcassas para que o mundo tenha um cheiro doce para vocês socialites.

Aquilo foi obviamente uma resposta sarcástica. Ela o encarou, mas não funcionou.

— Você é muito atrevido para um empregado — ela disse indignada.

Ele não respondeu. Ela tinha uma maneira desagradável de mostrar que era superior a ele, como se tentasse lembrá-lo que ele era um simples empregado, ela uma senhora. Ele quis rir alto com a ironia da situação.

Desistindo de remover o mau cheiro da mão, ela tentou se entreter com um folheto colorido que conseguira no trem. Era a última semana de agosto e estava muito calor. Devia ser resultado do ar quente que vinha da costa, ela pensou, incomodada com a intensidade do calor. Naquela época, as pessoas deviam esperar por tempestades causadas pelo calor. No último ano, um furacão passara pela costa leste, e tirara a vida de um primo seu. Ela tinha pesadelos com águas fortes que permaneciam até hoje.

Ela estava quase dominada pela humidade sufocante. O corpete que ela vestia por baixo da saia longa e da jaqueta de manga comprida a estava sufocando.

Não que o seu companheiro parecesse muito fresco, ela teve que admitir. A camisa dele estava molhada na frente, e ela ficou surpresa por seus olhos terem sido chamados pelos músculos firmes dos braços e do peito dele. Ela já vira homens sem camisa, mas nunca vira um cavalheiro em tais condições antes. Esse homem não era um cavalheiro, pensou. Era incompreensível que um trabalhador comum pudesse lhe causar qualquer tipo de atração física. Ele a deixava nervosa! E as mãos que seguravam o leque de madeira feito a mão, com a colorida representação da última ceia de um lado e uma propaganda de uma casa funerária do outro, estavam realmente tremendo.

— Você trabalha para o meu tio Chester? — ela perguntou tentando manter uma conversa.

— Sim.

Ela esperou, mas a palavra foi a única resposta que ele deu.

— O que você faz? — ela acrescentou, imaginando que ele devia trabalhar em um emprego mais digno do que cuidar do gado.

Ele virou a cabeça lentamente. Por baixo da sombra do chapéu, os olhos prateados brilhavam como diamantes.

— Eu sou um caubói, claro. Cuido do gado. Você deve ter notado que minhas botas estão cheias de... — ele disse a palavra que descrevia a substância desagradável nas botas. Ele disse com deliberada intensidade. Para insultar ainda mais, ele sorriu.

A resposta a deixou vermelha. Deveria chutá-lo, mas não o fez. Não faria o que ele esperava que fizesse e perder o pouco de decência e delicadeza que lhe restava. Ela apenas lançou o olhar mais frio que possuía e

fez um leve momento de ombros demonstrando rejeição e voltou a atenção à paisagem como se nada tivesse sido dito.

Tendo viajado pelo oeste do Texas uma vez, mesmo sem ter parado, a deixou consciente das diferenças entre clima e vegetação de um lado do Texas ao outro. Não havia cactos e deserto ali. As árvores eram magnólias e pinheiros, a grama ainda era verde apesar da época do ano, e o gado pastava atrás de cercas. O horizonte parecia tocar o chão na distância, como se não houvesse morros ou montanhas. A névoa causada pelo calor podia ser vista evaporando de lagos ou tanques, onde o gado bebia água. Havia dois rios que corriam paralelos ao rancho Tremayne, sua tia havia escrito, o que explicava a paisagem exuberante.

— O lugar é muito bonito — ela disse ausente — Muito mais bonito do que o outro lado do estado.

Ele lançou-lhe um olhar afiado.

— Vocês orientais — ele zombou — Pensam que as coisas têm que ser verdes para serem bonitas.

— Claro que sim — ela disse simplesmente, olhando o perfil dele — Como um deserto pode ser bonito?

Ele virou a cabeça e estreitou os olhos.

— Bem, uma petúnia de estufa como você deve achar algo difícil mesmo.

Ela encarou-o duramente.

— Eu não sou uma planta de estufa. Eu cacei leões e tigres na África — ela recordou o tempo que passara no safari — E...

— E uma noite no deserto do Texas seria o seu fim — ele interrompeu — Uma cascavel entraria no saco de dormir com você, e seria a última coisa que você veria até o inverno.

Ela estremeceu ao pensar em uma cascavel. Ela havia lido sobre as criaturas horrendas nos romances do senhor Beadle.

Ele viu a reação dela, embora ela tentasse escondê-la deliberadamente. Ele jogou a cabeça para trás e gargalhou.

— E você caçou leões? — ele perguntou ultrajado, rindo ainda mais.

Ela fez um som duro com a garganta.

— Seu bruto de cheiro desagradável!

— Bem, tratando-se de cheiros — ele disse, inclinando-se na direção dela e fazendo uma careta — Você cheira uma doninha fedorenta.

— Apenas porque você se recusou a me ajudar no banco e eu caí sobre as suas fedorentas... — ela gesticulou na direção das calças dele — Aquelas coisas! — ela apontou frustrada.

Ele inclinou-se um pouco na direção dela, os olhos brilhando de humor.

— Pernas, querida — ele contribuiu — Elas são chamadas de pernas.

— Essas coisas de couro! — ela rugiu — E eu não sou sua querida! — ela explodiu, o veneno escapando dela enquanto se ajeitava no lugar.

Ele deu um risinho.

— Oh, você desejará um dia. Eu tenho algumas qualidades admiráveis — ele acrescentou.

— Me deixe sair dessa carroça! Eu vou caminhar! — ela rugiu.

Ele balançou a cabeça.

— Bem, bem, você vai ficar cheia de bolhas nos pés e eu vou ser demitido, e nós não queremos isso, não é?

— Sim, nós queremos!

Ele observou os olhos dela, que brilhavam cheios de fúria. Eles eram como chamas azuis, e ela tinha uma boca bonita e suave. Ele teve que forçar-se a voltar a atenção para a estrada.

— Seu tio não pode ficar sem mimagora. Agora, sente aí, senhorita Marlowe, e acalme-se. Eu sou uma pessoa legal caso você tentasse me conhecer.

— Eu não tenho a menor intenção de lhe conhecer!

— Meu Deus, você se irrita fácil, não? E eu que pensava que as ricas damas do leste fossem bem humoradas — ele tocou as rédeas, aumentando a velocidade das galopadas.

— As que ainda não conheceram você com certeza! — ela explodiu.

Ele virou a cabeça, e algo brilhou nos olhos prateados antes de ele voltar a atenção para a estrada e dar um risinho.

Nora não viu o sorriso, embora tivesse a impressão de que ele estivesse rindo dela por baixo da aba do chapéu. Ele a prendeu de uma maneira que ela não conseguia se mexer. Era uma nova experiência, e ela não gostou. Nenhum homem a deixara tão zangada antes. Estava envergonhada pela explosão. Ajeitou-se no lugar e o ignorou, deliberadamente, pelo resto da viagem.

A CASA DO RANCHO era grande e plana, era branca como areia e tinha uma varanda branca e elegante, e uma cerca branca ao redor das belas flores do jardim de tia Helen. Tia Helen estava parada na varanda quando a carroça entrou no quintal, tão parecida com sua mãe que Nora sentiu saudade de casa.

— Tia Helen! — ela exclamou, rindo enquanto pisava na roda e descia da carroça, antes que o homem atrás dela pudesse demonstrar mais de suas péssimas maneiras ao mostrar a tia como ele ignorava cortesias.

Ela correu até a mulher e foi abraçada calorosamente.

— Oh, é bom te ver novamente! — ela se entusiasmou, o rosto animado e amoroso, enquanto erguia o véu para mostrar o rosto belo e os profundos olhos azuis.

— Senhor Barton, seria gentil ter ajudada Nora a descer da carroça — a tia Helen disse ao homem que trazia as malas até a varanda.

— Sim, madame, eu queria, mas ela correu como uma criança — ele disse com cortesia exagerada, até inclinando o chapéu para Helen, e sorriu charmosamente enquanto esperava que a porta fosse aberta e lhe indicassem o quarto que Nora ocuparia. Peste! Nora pensou. A palavra estava presente em seus olhos quando ele passou por ela, e os olhos pratas registraram e deram uma piscadinha com puro divertimento. Ela olhou ao redor com raiva.

Quando ele estava fora de vista, Helen fez uma careta.

— Ele é o capataz de Chester, e sabe muito sobre gado e negócios. Mas ele tem um senso de humor incomum. Sinto muito se ele te ofendeu.

— Quem é ele? — Nora perguntou relutante.

— Callaway Barton — ela respondeu.

— Quem são as pessoas dele? — Nora persistiu.

— Nós não sabemos. Sabemos o nome dele, mas sabemos muito pouco sobre ele. Ele trabalha durante a semana e folga nos finais — estava no contrato que ele assinou com Chester. Nós não nos metemos na vida das pessoas aqui — ela acrescentou gentilmente — Ele é misterioso, mas não é rude.

— Ele não foi rude — Nora mentiu, esfregando a poeira nas bochechas para camuflar o rubor.

Helen sorriu.

— Você não diria mesmo que ele fosse. Você tem educação, minha querida — ela disse orgulhosa — É evidente que você tem sangue azul.

— Assim como você — ela lembrou — Você e minha mãe são descendentes da realeza européia. Nós temos primos da realeza na Inglaterra, que eu visito duas vezes por ano.

— Não lembre Chester — Helen riu conspirando — Ele vem de uma família trabalhadora, e a minha às vezes o deixa envergonhado.

Nora teve que morder a língua para evitar um comentário indelicado. Não podia imaginar-se escondendo alguma parte de sua vida para alimentar o ego de um homem. Mas, tia Helen havia sido criada em uma era diferente, com regras diferentes. Ela não tinha o direito de condenar ou julgar ninguém por causa de seu pensamento moderno.

— Que tal se nós tomássemos um chá? — Helen perguntou — Eu pedirei para Debbie trazer algo até a sala de jantar enquanto você se refresca um

pouco — o nariz dela tremeu — Eu quero dizer, Nora, isso é uma... essência muito estranha que você está usando.

Nora corou.

— Eu... caí em cima do senhor Barton e sujei a mão naquele... material vil que estava... naquelas coisas de couro que ele estava vestindo — ela estremeceu.

— As calças dele — ela disse.

— Oh. Sim. Calças.

Helen deu um risinho.

— Bem, é inevitável que trabalhadores se sujem. Vai sair.

— Eu espero que sim — Nora suspirou.

O caubói voltou pelo corredor, suas malas descarregadas.

Helen sorriu para ele.

— Chester queria lhe ver quando voltasse, senhor Barton. Ele e Randy estão trabalhando no velho celeiro, tentando consertar o moinho de vento — ela acrescentou.

— Eu só vou guardar a carroça e me juntarei a eles. Bom dia, madame — ele tocou o chapéu com cortesia para Helen.

Ele acenou educadamente para Nora, os olhos piscando ao ver o rosto dela, e caminhou em direção a porta da frente, as esporas soando como música, a cada passo longo e gracioso.

Helen o observou.

— A maioria dos caubóis são desajeitados — ela disse — Provavelmente porque eles passem tanto tempo nas costas de um cavalo. Mas o senhor Barton não é desajeitado, não é?

Nora observou, esperando que ele tropeçasse em uma das esporas e batesse de cara na porta. Mas ele não tropeçou. Ela empertigou-se e removeu o alfinete que segurava o chapéu.

— Onde está Melly? — ela perguntou.

Helen hesitou.

— Na cidade, visitando uma amiga. Ela voltará hoje a tarde.

Nora estava confusa enquanto trocava as roupas de viagem por uma saia longa simples e uma blusa branca, e arrumou a trança do cabelo. Melly tinha apenas dezoito anos e ela adorava a prima mais velha. Elas eram boas amigas. Por que Melly não estava lá a esperando?

Ela juntou-se a Helen na sala de estar, e enquanto elas tomavam o chá, ela perguntou sobre Melly novamente.

— Ela foi cavalgar com Meg Smith essa tarde, e eu tenho certeza de que ela voltará logo. Eu devo lhe contar a verdade. Ela estava apaixonada pelo homem que se casou com a sua melhor amida, e ela ficou inconsolável. Ela não conseguiu rejeitar o pedido para ser madrinha no casamento deles.

— Oh, eu sinto muito! — Nora exclamou — Que terrível para Melly!

— Nós sentimos muito por ela, mas foi bom o homem não ter correspondido aos seus sentimentos. Ele tinha algumas qualidades admiráveis, mas não é o tipo de homem que queremos para nossa filha — tia Helen disse triste — Além disso, Melly vai encontrar alguém que mereça o seu amor. Existem muitos solteiros que trabalham conosco nos sábados. Talvez ela se sinta encorajada a juntar-se a um grupo.

— Exatamente — Nora disse — Eu farei o melhor para ajudá-la a superar essa experiência.

— Eu sabia — veio a resposta satisfeita — É tão bom tê-la aqui!

Nora sorriu carinhosamente para a tia.

— Estou feliz por ter vindo.

MELLY VOLTOU PARA CASA uma hora depois da chegada de Nora, em um cavalo, vestindo uma saia e um belo chapéu espanhol. Ela tinha o cabelo escuro como Nora, mas não era do mesmo comprimento, e os olhos eram de um castanho suave ao invés de azuis. Sua pele era bronzeada, como a de Nora não era, e ela era delicada e magra, como uma pequena boneca. Olhando para ela, Nora não podia imaginar um homem que não a quisesse como esposa.

— Estou tão feliz por você ter vindo — Melly disse depois de cumprimentar a prima com um abraço — Eu estive um pouco desanimada, mas você pode me ajudar a animar um pouco as coisas.

Nora sorriu.

— Eu espero que sim. Já passou um ano desde que você foi à Virginia. Conte-me as novidades.

Melly fez uma careta.

— Claro. Mas você tem que saber que minha vida não é excitante como a sua. Tenho pouca coisa para contar.

Nora pensou nos tempos que passara na cama, tremendo de febre. Melly não sabia — nenhum deles sabia — como sua aventura na África havia terminado.

— Melly, eu gostaria que você não nos fizesse parecer tão enfadonhos — a mãe dela murmurou — Nós temos vida social aqui!

— Nós temos quadrilhas, festas de boas-vindas e bailes — veio a resposta curta — E o abominável senhor Langhorn e seu filho.

— Quando nós fazemos celebrações com outros rancheiros na cooperativa, Melly ajuda a servir — Helen lembrou Nora — O senhor Langhorn é um dos rancheiros locais, e ele tem um filhinho que é pior do que um homem das selvas. O senhor Langhorn não o controla.

— O senhor Langhorn é quem precisa de controle — Melly acrescentou com um risinho.

— Isso é verdade — a mãe dela concordou — Ele tem uma... reputação... e é divorciado — ela sussurrou a palavra, como se não fosse bom dizê-la em boa companhia.

— Certamente isso não deve contar contra ele — Nora começou.

— Nora, o nome da nossa família é muito importante para nós — a dia disse firme — Eu sei que nas cidades no leste, e na Europa, uma mulher tem mais liberdades do que aqui. Mas você deve se lembrar de que essa é uma comunidade pequena, e nosso bom nome é o nosso melhor tesouro. Não seria bom para Melly ser vista na companhia de um homem divorciado.

— Eu entendo — Nora disse gentil, imaginando como seria conviver nessa pequena sociedade. Vinda de uma grande cidade do leste, era difícil entender a vida em uma pequena cidade.

Depois do chá elas sentaram em profundo silêncio, tão profundo e sereno que o relógio de seu avô podia ser ouvido, tick-tack, tick-tack, tick-tack...

A porta se abriu repentinamente e botas pesadas fizeram barulho no chão de madeira.

Cal Barton enfiou a cabeça pela porta, o chapéu na mão.

— Com licença, senhora Tremayne, mas Chester gostaria de conversar com você na varanda.

Nora imaginou por que as esporas dele não haviam feito barulho até olhar para baixo. Claro; as esporas estavam cobertas com... aquilo. Assim como o resto dele, Nora pensou, sua expressão demonstrando sua opinião sobre isso de forma eloqüente enquanto estava sentada elegantemente no sofá, com a postura correta, parecendo tão em casa que Cal ficou receoso.

Ele viu a desaprovação, o olhar superior que ela lançou a ele, e isso o irritou. Ele não sorriu dessa vez. Simplesmente olhou através dela, com uma arrogância que teria feito o orgulho de um príncipe. Ele acenou educadamente quando Helen comentou que ela já estava indo, e ele saiu sem outro olhar na direção de Nora.

Ela ficou irritada com o desinteress dele, e passou o resto do dia imaginando por que a opinião de um empregado devia lhe importar. Afinal de contas, ela era uma Marlowe de Virginia, e aquele homem sujo do oeste era nada mais do que um glorioso leiteiro. O pensamento lhe causou risos, embora tivesse certeza de que não deveria contar a piada aos anfitriões.

DOIS

O tio de Nora chegou à casa a tempo para o jantar, parecendo sujo e cansado, mas tão robusto e agradável como sempre. Ele a recebeu com o antigo entusiasmo. Mais tarde, quando eles estavam sentados à mesa, ele deu algumas notícias preocupantes à família.

— Correram algumas fofocas hoje, sobre o oeste do Texas não estar feliz com o meu controle da propriedade. Um visitante de El Paso disse que ele conhece os Culhane e eles não conseguiram os resultados que esperavam de mim — Chester disse aos outros, fazendo uma careta ao ver a expressão da esposa — Eles devem lembrar que eu teria perdido o rancho se eles não o tivessem comprado...

— Por causa dos preços baixos que as pessoas estavam pagando por nossa carne e nossa produção — a esposa argumentou — Não existe dinheiro suficiente em circulação, e as pessoas não estão comprando produtos agrícolas em quantidades suficientes para nos dar lucros. Os populistas estão tentando mudar a situação. E nós soubemos, depois de tudo, que William J. Bryan foi denominado pelos populistas para concorrer contra McKinley. Ele é um bom homem e incansável. Talvez algumas mudanças sejam feitas para beneficiar o pessoal da agricultura.

— Talvez sim, mas isso vai dificilmente mudar nossa situação, minha querida — Chester disse sombriamente.

— Chester, eles não o deixariam comandar o rancho por tanto tempo se não confiassem em você. Você não é responsável por preços baixos no mercado.

— Isso pode não parecer assim para uma família rica — ele olhou para a sobrinha — Não a sua, minha querida. Eu estou preocupado com uma família do oeste do Texas, e o pai e os filhos lideram a combinação. Os Culhane são a segunda geração de famílias rancheiras — dinheiro velho. Eu soube por Simmons que eles não aprovam o fato de eu não ter adotado nenhum sistema de maquinaria disponível para ajudar na plantação. Eu não estou, como eles dizem, me movendo rapidamente no século vinte.

— Que absurdo — Nora disse — Essas máquinas podem ser maravilhosas, mas elas também são muito caras, não são? E com as pessoas trabalhando tanto, por que incorporar máquinas para acabar com empregos?

— Você faz sentido, minha querida, mas eu tenho que fazer o que eles mandam — ele disse triste — Eu não sei como eles sabem tanto sobre a maneira como eu cuido do rancho se nenhum representante veio me ver. Eu posso perder a minha posição — ele disse desanimado.

— Mas para onde nós iríamos? — sua mulher perguntou melancolicamente — Esse é o nosso lar.

— Mãe, não se apavore — Melly disse gentil — Nada vai acontecer já. Não empreste problemas.

Mas Helen parecia preocupada. Assim como Chester. Nora colocou a xícara de café sobre a mesa e sorriu para eles.

— Se as coisas piorarem, eu posso pedir a ajuda de meus pais — ela disse.

Ela não estava preparada pela raiva que o tio demonstrou.

— Obrigado, mas eu não preciso de caridade dos parentes do leste de minha esposa — ele disse brusco.

Nora arqueou a sobancelha.

— Mas, tio Chester, eu só quis dizer que meus pais poderiam ajudar se você quisesse.

— Eu posso cuidar da minha própria família — ele disse tenso — Eu sei que você quer ajudar, Eleanor, mas esse é meu problema. Eu devo lidar com ele.

— Claro — ela respondeu, recuando por causa do antagonismo inesperado.

— Nora só quis oferecer conforto — Helen disse gentil.

Ele se acalmou.

— Claro, com certeza — ele disse com um sorriso envergonhado — Eu peço desculpas, Nora. Não é um dia feliz. Eu me dominei pela frustração. Me perdoe.

— Claro que sim. Eu só queria poder ajudar — ela disse sinceramente.

Ele balançou a cabeça.

— Eu encontrarei um modo de acalmar os donos. Preciso. Mesmo se isso significar novos métodos de gerar lucros — ele acrescentou.

Nora percebeu então o que não notara antes: as linhas de preocupação no rosto claro. Ele não estava sendo completamente honesto com a esposa e a filha, tinha certeza. Seria terrível se ele perdesse o controle do rancho que o avô fundara. Seria desagradável para ele ter uma pessoa tomando as decisões ali; tão desagradável quanto seria perder o rancho para outra pessoa. Ela teria que descobrir o que acontecia e ver se podia ajudar de alguma maneira, para que ele e sua família não perdessem o lar e a única forma de renda.

Depois disso, a conversa voltou-se para o Congresso de Fazendeiros em Colorado Springs, Colorado, e para a guerra do Bôer, na África do Sul, onde um general chamado De Wet estava se tornando famoso pelos corajosos ataques às forças aéreas britânicas.

OS PRÓXIMOS DIAS passaram pacificamente. Os homens ficavam longe do rancho durante o dia, e pela metade da noite, movendo os touros. Dentro de algumas semanas, eles começariam o contagem anual. A opinião de Nora sobre os "cavaleiros de calibre" sofreu uma drástica transformação quando viu mais e mais deles longe do rancho.

Por um lado, havia tantos caubóis mexicanos e negros quanto havia caubóis brancos. Mas qualquer que fosse a cor deles, a maioria era suja e despenteada, porque cuidar do gado era um dificilmente um trabalho elegante. Eles eram gentis e muito educados com ela, mas pareciam tímidos. Esse tratamento a surpreendera e a causara diversão no começo. Flertara gentilmente com um garoto tímido chamado Greely, porque lhe agradara o modo como ele a observava e corava. O comportamento dos homens europeus havia deixado-lhe apreensiva, mas esse jovem rapaz a fazia sentir-se mais velha e venerada. Não havia pensado no ridículo. Foi a novidade da reação dele que tocou algo vulnerável nela. Mas ela flertara com ele na frente de Melly, e Melly ficara envergonhada.

— Você não devia fazer isso — ela disse de uma maneira gentil mas firme quando Greely se afastou — Os homens não gostam de ser zombados, e Cal Barton não vai gostar disso. Ele não vai hesitar em mandá-la parar se a vir fazendo isso.

— Mas eu não quis insultá-lo. Eu simplesmente adoro o modo como ele enrubesce quando eu falo com ele — ela disse sorrindo — Eu acho esse jovem tão diferente. E além disso, o senhor Barton não tem autoridade para me dizer o que eu devo fazer — Nora a lembrou.

Melly sorriu intencionalmente.

— Nós veremos então. Ele diz o que fazer até ao papai.

Nora ouviu o comentário com descaso, mas parou de brincar com o pobre Greely mesmo assim. Foi desagradável ter comentado sobre ele, e como ele a divertia, para a tia e Greely ter ouvido. Depois disso, ela não teve oportunidade de vê-lo. Sua ausência era notada, e ele apresentava um olhar sombrio e magoado que fez com que Nora se sentisse culpada até que ele finalmente desapareceu de vez.

NORA FOI CONVIDADA para observar os caubóis trabalhando, e ela acompanhou Melly até um pequeno curral próximo da casa onde um caubói negro estava treinando um cavalo novo para a contagem. Melly explicou o que aconteceria na próxima contagem, tudo sobre o longo processo de contagem e marcação de gado, e a separação das mães e dos bezerros. Nora, que não sabia nada sobre isso, ficou impressionada.

— Eles separam os bezerros das mães e os queimam com fogo? — ela exclamou — Oh, que coisa cruel!

Melly hesitou, um pouco apreensiva.

— Nora, é uma velha prática. Certamente em todas as suas viagens, você viu as pessoas trabalharem na terra?

Nora ajeitou-se na sela. Não podia sentar na sela como Melly fazia, pois achava que aquilo não era a atitude de uma dama.

— Eu vi criações no leste, com certeza.

— Aqui é diferente — Melly continuou — Nós temos que ser durou ou não sobrevivemos. E aqui, no oeste do Texas, a vida é bem melhor do que nas grandes planícies ou no deserto.

Nora observou o caubói lidando com o pobre e cansado cavalo e teve vontade de gritar com os gemidos da pobre criatura. Lágrimas lhe inundaram os olhos.

Cal Barton havia visto as duas mulheres e viera galopando até elas.

— Senhoras — ele recepcionou.

O rosto de Nora estava pálido quando o encarou friamente.

— Eu nunca vi tão ultrajante crueldade — ela disse, secando os olhos com um caro lenço bordado a mão — Aquele pobre animal está sendo torturado por aquele homem. Faça-o parar já!

Cal arqueou as sobrancelhas.

— Com licença?

— Faça-o parar — ela repetiu, cega aos acenos de Melly — Não é civilizado tratar um animal assim!

— Não civili... Meu bom Deus! — Cal explodiu — Como você acha que os cavalos se tornam bons para serem montados?

— Não sendo torturados certamente — não no leste! — ela o informou.

Ele ficou aborrecido com a atitude condescendente dela.

— Nós precisamos fazer isso — ele disse — Não está machucando o cavalo. Jack está apenas o domando. Não é cruel.

Nora secou o rosto com o lenço.

— A poeira é revoltante — ela começou a dizer — E o calor e o cheiro...!

— Então por que você não volta para a confortável casa do rancho e toma uma bebida fria? — ele sugeriu com fria calma.

— Uma idéia adorável — Nora disse firme — Vamos, Melly.

Melly trocou um olhar perdido com Cal e se afastou com a prima.

Nora resmungou o caminho todo sobre o pobre cavalo. Não ajudou um grupo de caubóis cansados passar por ela no caminho. Um estava zangado com o amigo e usava uma linguagem tosca para se expressar. O rosto de Nora ficou vermelho quando ouviu o que ele dizia, e quase tremia de ultraje quando elas finalmente alcançaram o celeiro.

— Cavaleiros da ordem, com certeza! — ela rugiu enquanto caminhava até a porta, tendo deixado os cavalos aos cuidados de um homem — Eles fedem, praguejam e são cruéis! Não é como as minhas histórias, Melly. É um país terrível!

— Bem, bem, acalme-se — Melly disse encorajadora — Você só está um pouco cansada. Com o tempo você vai entendendo.

— Eu não posso me imaginar vivendo aqui — Nora disse sombriamente — Nem nos meus pensamentos mais selvagens. Como você consegue?

— Eu amo isso tudo — a jovem disse simplesmente, e os olhos castanhos refletiam o prazer — Você tem uma vida diferente, Nora, abrigada e almofadada. Você não sabe o que é arranhar para viver.

Nora deu de ombros.

— Eu nunca precisei. Minha vida foi fácil, até o ano passado. Mas eu sei algo. Eu nunca conseguiria viver aqui.

— Você já quer voltar para casa? — Melly perguntou preocupada.

Nora viu a preocupação dela e forçou-se a ficar calma.

— Não, claro que não. Eu só preciso ficar longe dos homens, é tudo. Eu sinto falta de Greely. Ele, pelo menos, era uma mudança agradável desses bárbaros daqui!

— Greely anda sumido ultimamente — Melly concordou — Eu imagino o motivo.

NINGUÉM SABIA A RESPOSTA para a ausência de Greely. Os dias passaram, e os caubóis começaram a parecer menos com trapos sujos e um pouco mais com homens, fazendo com que a impressão de Nora desaparecesse aos poucos. Nora se tornou capaz de reconhecer rostos, mesmo cobertos por terra e sujeira. Ela reconhecia vozes também, especialmente a do senhor Barton. Era lenta e profunda, e quando ele estava zangado, se tornava ainda mais profunda. Ela começou a admirar o modo como ele comandava os seus homens, e a maneira como eles o respondiam suavemente. Ele projetava autoridade de um modo que a fez imaginar o seu passado. Talvez ele tivesse participado do exército. Podia estar, com aquela atitude.

Em uma sexta-feira de agosto, ele chegou galopando com um bando de homem despendeados, sujos e com calor. Ele parou nos degraus da frente e entregou as rédeas ao homem do estábulo, para que o seu cavalo pudesse ser guardado.

Nora, que estava na varanda, afastou-se quando ele se aproximou, porque ele estava ainda mais sujo do que quando o conhecera, e apresentava uma barba de três dias. Imaginou que se o tivesse encontrado na estrada,

esperaria que ele tivesse uma arma em uma mão e uma máscara cobrindo o nariz e a boca.

Ele notou o afastamento dela com fúria. Desde os comentários feitos no curral, ele estivera esperando por uma oportunidade para dizer o quanto sua atitude superior o irritara. Ela não tinha o direito de desprezar trabalhadores porque eles não cheiravam à rosas ou correspondiam a sua idéia de comportamento civilizado.

— Onde está Chester? — ele perguntou brusco.

— Ele foi até a cidade com Melly e minha tia — ela disse — Posso lhe ajudar?

Ele torceu os lábios e estudou as linhas do vestido de seda cinza que se colava à figura delgada.

— Você sempre se veste assim? — ele perguntou com frio sarcasmo — Como se você estivesse indo a um restaurante chique em um dos carros caros do senhor Ford?

Ela empertigou-se.

— O automóvel é mais civilizado do que um cavalo — ela disse com altivez — E nós temos carros elétricos no Texas assim como automóveis.

— Que esnobe você é, senhorita Harlowe — ele disse agradavelmente. O sorriso não alcançou os olhos cinzentos. Ela sentiu-se congelada por eles — Eu me perguntou por que você veio até aqui se nos acha tão detestáveis.

Ela cruzou os braços acima dos seios e sentiu-se estremecer. O calor era desconfortável. Esperava não estar tendo um calafrio, porque sabia o que isso significava. Não. Não podia ter um ataque aqui, não podia!

Com a dignidade intacta, sorriu para ele.

— Eu vim por causa dos livros.

— Livros? — ele perguntou franzindo a testa.

— Sim! Eu li tudo sobre caubóis — ela disse séria — Os romances do senhor Beadle pintam os caubóis como cavaleiros da ordem, um herói com chapéu e botas, um nobre sobre esporas.

Ele trocou de posição e a encarou.

— Oh, e os caubóis são os cavalheiros mais educados do mundo. Isso é, quando eles não estão roubando bancos para alimentar filhos famintos — ela acrescentou, lembrando dois de seus livros favoritos.

O olhar se tornou pior.

— Mas não havia nada sobre o cheiro — ela acrescentou com honestidade — As pessoas dificilmente esperam que um cavaleiro da ordem cheire mal, ou esteja coberto por lama e musgo e... bem... outras substâncias — ela apontou — Eu não acredito que você receba muitos convites, senhor Barton.

Os olhos pálidos se estreitaram.

— Eu não aceito muitos — ele corrigiu, o rosto rígido — Eu sei selecionar as minhas companhias.

— Pode apostar que a recíproca é verdadeira — ela disse torcendo o nariz.

Os olhos dele brilharam.

— Eu não gosto da sua maneira condescendente, senhorita Marlowe — ele acrescentou com honestidade. Os olhos não apresentavam calor — E se tratando disso, eu não gosto que você fique flertando com os meus homens para deixá-los envergonhados.

Ela corou.

— Eu não queria...

— Eu não me importo com o que você queria — ele disse calmo — Greely é apenas uma criança, mas quando você começou a provocá-lo, ele te idolatrou. Então ele ouviu você falar sobre ele, confessando que você só brincou para vê-lo corar e gaguejar. Ele ficou arrasado — ele observou o rosto envergonhado com frio desprezo — Nenhuma mulher decente faz isso com um homem. É desprezível.

Ela sentiu as palavras como um corte na pele suave. Ergueu o queixo orgulhosamente.

— Você está certo — ela confessou. Não acrescentou que estava acostumada com homens sofisticados que flertavam e gostavam de frustrar as mulheres, que ficou deliciada com um homem tão vulnerável às atenções de uma mulher. Mas não disse isso — Honestamente, eu não quis magoá-lo.

— Bem, você magoou do mesmo jeito — ele disse brusco — Ele pediu demissão. Ele foi procurar um emprego em Vitória, e não vai voltar. Ele era um dos meus melhores homens. Agora eu tenho que substituí-lo por sua causa.

— Ele não pode ter levado tão a sério! — ela exclamou horrorizada.

— Aqui, os homens levam as coisas a sério — ele disse Fique longe dos meus caubóis, senhorita Harlowe, ou eu farei o seu tio lhe mandar embora no próximo trem.

Ela engasgou.

— Você não pode dar ordens à minha família!

Ele a encarou calmamente, e ela ficou arrepiada com a intensidade e o poder do olhar.

— Você ficaria surpresa com o que eu posso fazer — ele disse baixo — Não me tente a mostrar-lhe.

— Você é apenas um empregado! — ela disse altiva — Pouco mais do que um empregado!

A expressão dele tornou-se perigosa. Ele apertou as mãos ao lado do corpo, e o brilho nos olhos tinha o mesmo efeito do guizo de uma cascavel.

— Enquanto você, madame, é uma esnobe, com dinheiro como sangue e maneiras educadas como um coração.

O rosto dela ficou pálido. Impulsivamente ela se aproximou para atingi-lo, mas ele segurou o pulso dela antes que ela pudesse tocá-lo. Ele segurou-a sem esforço até que sentiu os músculos relaxarem. Por baixo dos dedos, sentiu o repentino aumento da pulsação. Quando ele a olhou nos olhos, viu o pequeno brilho de sensibilidade que ela não podia esconder, e os olhos dela demonstraram sua surpresa e atração inevitável. Um sorriso lento e divertido tocou a boca dele. Bem, ela era vulnerável! Isso fez a mente dele brilhar com possibilidades escuras.

Com uma pequena risada de triunfo, ele puxou a mão dela até o peito largo e a pressionou contra os músculos. Ele ouviu a respiração dela, e soube que ela não o achava tão detestável, podia ver em seu rosto.

— Os homens do leste esperam para ser estapeados? — ele zombou — Você vai descobrir que nós somos um pouco diferentes aqui.

— Não há dúvidas de que um homem do seu tipo vai me bater de volta — ela disse com bravura. Por baixo da saia longa, os joelhos estavam tremendo.

Ele procurou os olhos azuis com convicção. Ou ela sabia menos sobre homens do que ele sabia sobre mulheres, ou era uma boa atriz. Chester havia dito que ela era uma aventureira, uma mulher moderna. Ele imaginou quão moderna ela era, e tinha vontade de descobrir sozinho.

— Eu não bato em mulheres — ele disse calmo. Os olhos claros se estreitaram e ele a puxou para perto. Não era vulgar, mas com aquela simples ação ele a deixou ciente de seu tamanho e de sua força, e da vulnerabilidade dela — Eu conheço... outras maneiras de lidar com a hostilidade de uma fêmea.

Ela não teve dúvidas do que ele queria dizer, porque ele olhava para sua boca. Incrivelmente, ela sentiu-se enfraquecer e seus lábios se entreabriram. Desde os avanços odiosos de Edward Summerville, ela não gostava da proximidade dos homens. Mas seu corpo gostava desse, o queria mais perto, queria sentir o seu calor em um abraço.

Seus pensamentos a chocaram, e ela tentou se afastar da mão dele.

— Senhor, você fede como um curral! — ela gritou zangada.

Ele riu, por que viu a excitação que estava escondida por baixo da raiva.

— Não é natural? Um caubói passa a maior parte do tempo com animais. Ou os seus romances não te contaram isso?

Ela se endireitou, ainda sentindo o toque dele. Não se lembrava de ter ficado tão frustrada.

— Eu estou aprendendo que os meus romances não são tão apurados.

Ele entortou o canto da boca. O agradava saber que como um caubói sujo, podia causar um efeito tão devastador em uma aventureira que

estivera em um safári e tinha uma vida moderna. Nenhuma das mulheres de seu passado havia sido ligada às convenções. Ele achava essa mulher muito excitante, e pensar em deitá-la na grama era mais ainda. Julgar um homem pela aparência e por sua conduta não era atitude de uma aristocrata viajada. Mas, estranhamente, ela não tinha aquela camada superficial que uma aventureira deveria possuir. Agora, enquanto olhava as bochechas coradas, percebeu que ela não era nada mais do que uma garota frustrada.

— Você é muito bonita — ele disse gentil. De fato, ela era mesmo, com o belo cabelo castanho, a pele clara e os olhos azuis.

Ela limpou a garganta.

— Eu preciso entrar.

Ele tirou o chapéu e segurou-o no peito.

— Eu vou contar as horas até encontrá-la novamente — ele disse com um suspiro exagerado.

Ela não tinha certeza se ele falava sério ou zombava. Fez um som engraçado, como uma risada presa, e entrou rapidamente na casa. Sentia-se sufocando.

Cal a observou com um sorriso satisfeito e especulação nos olhos claros. Ela seria uma presa interessante, pensou enquanto colocava o chapéu novamente e o puxava sobre os olhos. Quando ele passasse por ela, ela pensaria duas vezes antes de menosprezar um homem novamente, independente do cheiro dele.

DEPOIS DISSO, CAL BARTON parecia estar em todos os lugares. Ele prestava atenção nela, e ele a olhava com tanta adoração que Melly começou a fazer piadas sobre a devoção do rapaz.

Ela não estava convencida de que ele não estivesse brincando. Não respondeu às suas demonstrações de interesse dele, que as tornou ainda mais óbvias. Ele falava com ela demonstrando afeição, sem importar se ela estava sozinha ou acompanhada. Ele estava sempre presente, e o modo como ele a olhava fazia os seus joelhos tremerem. Nunca havia sido perseguida por um homem pelo qual se sentia atraída, e não estava certa se conseguia lidar com a situação. Não queria se ligar ao senhor Barton. Mas quanto mais ele a perseguia, com seu cavalheirismo, maneira gentil, mais abalada ela ficava.

Ela se preocupava tanto com Cal Barton que não conseguia dormir a noite. Para piorar as coisas, os caubóis haviam chegado para a marcação. O barulho no barracão estava insuportável. Ela sabia que álcool não era permitido a menos que os caubóis estivessem na cidade. Mas eles iam à cidade nos finais de semana, e quando voltavam, estavam notavelmente

embriagados. Nora estava acostumada ao barulho da cidade, mas era perturbador quando as vozes masculinas estavam bem embaixo de sua janela aberta. Elas eram calmas, o que era tranquilizador, mas eram altas do mesmo jeito.

— Não vou! — uma voz de homem assegurou — Maldição! Ele não vai me fazer cavar buracos para cercas, não com meu reumatismo atacado! Eu me demito primeiro!

— Dan, o seu reumatismo é muito conveniente — veio a resposta divertida — Só dói quando você precisa trabalhar. É melhor não irritar Barton. Lembre-se do que aconteceu com Curtis.

Houve uma pausa, e Nora ouviu a informação sobre Barton como algo mortal.

— As coisas estão melhores desde que Barton chegou — o primeiro homem disse com um suspiro — Ele nos paga melhor e fez o chefe trocar aqueles malditos cavalos velhos. É difícil mudar o gado com um pangaré.

— Claro que sim. E ele trocou a cozinheira, também. Eu não me importo em comer no barracão.

— Eu também — houve um risinho — Me diverte um pouco a história do Curtis. Lá estava ele, espalhando a sua reputação de pistoleiro, intimidando os mais novos. Então ele jogou a pistola no Barton e teve metade dos seus miolos amassados por causa da dor.

— Barton não é fraco com uma arma. Eu acho que ele aprendeu em algum lugar. Ele esteve em Cuba com Teddy Roosevelt — um dos cavaleiros da guarda imperial.

— Bem, isso não quer dizer que ele conheça Teddy pessoalmente — o outro homem zombou — Vamos. Temos coisas a fazer. A contagem vai começar no mês que vem, uma pena. O trabalho de um caubói nunca acaba, não é?

Os murmúrios e o barulho das esporas se afastaram. Nora se curvou sobre o travesseiro com um sentimento de inquietação. Não estava acostumada com homens rudes, e as únicas armas que já vira haviam sido em jogos para computador. Sabia sobre a guerra, que homens lutavam nas regiões mais remotas do país e às vezes com armas. Mas mesmo em suas viagens anteriores ao Texas, nunca lhe ocorrera que poderia encontrar um homem que matara outro fora da guerra.

Era assustador pensar no senhor Barton com uma pistola na mão, e se lembrou repentinamente de um olhar frio no rosto sério, e percebeu que adversário formidável ele podia ser do outro lado de um cano de arma. Mas ele não era mais assim com ela. Ele era gentil, atento, e sorria de um modo que fazia o seu coração disparar.

Ela começou a esperar ansiosa os seus encontros, porque aquele sorriso a fazia sentir-se maravilhosa. Virou-se abruptamente, tentando afastar os pensamentos. O que adiantava sonhar quando não havia chance para um futuro? Não tinha nada para dar a Cal Barton. Mas aquilo não impedia seu coração de disparar cada vez que pensava nele.

ERA A SEGUNDA semana de visita, e quando começou a ver mais o enigmático senhor Barton, começou a entender a fofoca que ouvira naquela noite. Observá-lo atribuir as tarefas aos homens era uma lição. Ele nunca erguia a voz, mesmo quando era desafiado. Sua voz se tornava mais suave quando estava com raiva, de fato, e seus olhos ganhavam um brilho especial. Mas quando via Nora, a boca firme se abria em um sorriso, e ele parecia esquecer de qualquer coisa que não fosse ela.

— Bom dia, senhorita Marlowe — ele comentou enquanto passava por ela, os dedos firmes segurando um par de luvas. Ele observou as belas luvas de seda que ela usava. Ela estava acabando de tirá-las, porque ela e Melly haviam acabado de retornar da cidade — Como você é graciosa — ele murmurou — E sempre tão delicada — os olhos claros deslizaram pelo corpo dela até chegar aos sapatos de salto. A intensidade de seu interesse era perturbadora. Os joelhos dela ficaram fracos — Você me deixa sem fôlego — ele disse suavemente.

Ela estava perdida na voz profunda e suave, e nos olhos que a encaravam tão famintos.

— Por favor, senhor, isso não é próprio — ela gaguejou.

Ele aproximou-se passo a passo, ciente de que eles estavam em um lugar público. Ele parou na frente dela e sorriu lentamente, batendo com as luvas distraidamente na palma da mão.

— O que não é próprio? — ele perguntou gentil — Um homem não pode dizer a uma mulher o quanto ele a acha graciosa?

Ela respirou fundo. Teve que erguer o rosto para encará-lo. Era difícil lembrar de que deveria ser uma intelectual viajada e sofisticada quando seu coração ameaçava sair pela boca.

— Suas atenções podem ser... mal entendidas — ela disse.

Ele arqueou a sobrancelha.

— Por alguém? Ou por você? — ele aproximou-se e tocou uma mecha do cabelo escuro, causando sensações incríveis sobre ela. Sua voz era macia, suave — Eu te acho fascinante, senhorita Marlowe. Uma orquídea desabrochando.

Ela abriu a boca. Ninguém lhe dissera tais coisas antes. Estava encantada pela voz dele, pelo olhar, pela presença. O cheiro de cavalo, couro

e cigarro que se colavam a ele não eram ao menos notáveis no estado de excitação em que ela se encontrava. Inevitavelmente os olhos azuis deslizaram pelo nariz reto, pelas bochechas altas e pelas linhas da boca firme. O lábio inferior era mais grosso, quase quadrado, como se fosse esculpido em pedra. Sentiu a pulsação se acelerar ao imaginar como seria beijá-lo.

Ele viu o olhar especulativo, e sorriu.

— Você é muito quieta, senhorita Marlowe. Você não tem nenhum comentário sarcástico sobre as minhas roupas?

— O quê? — ela disse, olhou, se perdeu, quando se forçou a entender a pergunta dele.

Ele inclinou-se na direção dela, fazendo com que ela não enxergasse mais nada, a não ser o seu chapéu, ela podia sentir a respiração dele em seus lábios.

— Eu perguntei — ele disse suave — se você não me acha repulsivo com essas roupas?

Ela balançou a cabeça em um gesto inevitável. Podia sentir a força dele, como uma rocha, na frente dela. Queria aproximar-se e colar os seios no peito dele. Queria puxar a boca firme sobre os seus lábios e beijá-lo até cair de joelhos. Outras imagens, chocantes, passaram por sua mente, e ela ofegou.

A mão dele alcançou a bochecha dela, e o dedão pressionou lentamente a boca suave, provocando a sua maciez. Os olhos claros a olharam diretamente.

— Eu sei o que você está pensando — ele sussurrou roucamente — Devo colocar em palavras ou já é suficiente eu saber?

Ela estava muito excitada para registrar as palavras. O dedo dele brincou com sua boca e ela permitiu, hipnotizada pelo olhar, pela proximidade. Ele empurrou os lábios dela contra os dentes, e ela o olhou com puro desejo. Por um momento, o tempo pareceu não existir...

Ela percebeu repentinamente o que estava acontecendo, e era assustador. Com um som sufocado, afastou-se dele e entrou correndo na casa, os lábios ainda inchados pelo terno toque de seu dedo.

Ela estava corada quando encontrou a tia.

— O senhor Barton está lhe perseguindo novamente, eu presumo? — a mulher murmurou secamente.

Os olhos de Nora eram eloqüentes, mesmo sem o brilho normal.

— Ele é ... perturbador.

— Ele é um modelo de cortesia com as mulheres, mas nunca o vi tão atencioso — a tia respondeu suavemente — Ele é um belo jovem, e muito inteligente, especialmente com o trabalho do rancho. Chester não

conseguiria cuidar de uma propriedade tão grande sem a ajuda dele. Antes ele era muito sombrio e viciado em trabalho, mas tenho que admitir que ele mudou desde que você chegou — ela hesitou, como se lhe incomodasse ter que falar — Claro, não há chance de ele se tornar um pretendente sério, você sabe.

Nora não sabia. Franziu a testa levemente.

— Ele é um bom jovem, mas muito diferente de você, Nora — a tia continuou gentil — Você não deve se envolver com um homem de uma condição tão baixa. Sua mãe nunca me perdoaria se eu permitisse isso. É incrível o senhor Barton lhe achar irresistível, mas ele não se encaixa em sua vida.

Nora ficou chocada. Devia ter percebido como a sua tia, tão descendente da realeza europeia quanto a sua própria mãe, se sentiria sobre as atenções que Cal Barton estava lhe oferecendo. E elas estavam certas. Um caubói sujo não seria o par perfeito para uma socialite com antepassados ricos.

— Oh, eu não estou interessada no senhor Barton — ela disse rápido, rindo para encobrir o choque — Mas eu notei que os caubóis o respeitam. O senhor Barton precisa acalmar os vaqueiros todas as noites.

— Eles são barulhentos — a tia disse com um sorriso — E certamente você se acostumou ao barulho durante as suas viagens.

— Não muito — Nora disse enquanto se aproximava da janela e observava o horizonte — Eu fui protegida de qualquer coisa desgastante, até mesmo dos cheiros e dos sons do campo. E sempre estive entre familiares.

— Familiares? — a tia perguntou — E não pretendentes?

Nora suspirou, e um leve franzir marcou o rosto adorável.

— Eu sinto que eu sou... incomum nesse respeito. Eu não encorajo os avanços dos homens, embora goste deles como amigos.

— Mas, minha querida, você é adorável — ela disse — Certamente você vai querer se casar algum dia, e ter filhos...

O rosto de Nora se fechou. Virou-se abruptamente.

— Melly e eu planejamos um picnic no rio amanhã — ela olhou para a tia — Eu tenho medo... de rios, mas Melly disse que esse é raso e não é pavoroso.

— E ela está certa — tia Helen disse, curiosa sobre o comentário de Nora — Será agradável para vocês duas, e fica perto de casa, é muito seguro. O calor e a poeira são terríveis nessa época do ano, mas é fresco perto do rio. Exceto pelos mosquitos — ela acrescentou com uma careta.

Mosquitos. Nora sentiu-se enjoada.

— Ouça, os mosquitos são piores no anoitecer — a tia disse tranquilizadora — Não se preocupe.

Nora soube naquele momento que sua mãe havia contado a verdade à Helen. Era quase um alívio saber que alguém conhecia a verdade. Mordeu o lábio inferior.

— Isso me assusta.

Helen tocou o ombro dela gentilmente.

— Você passou por maus momentos. Mas você ficará bem aqui. Vá com Melly e divirta-se. Ficaré tudo bem, minha querida, de verdade. Os médicos se enganam. Você deve manter a esperança. É Deus quem decide o seu destino, não a medicina. Nem sempre, pelo menos.

— Eu preciso me lembrar disso. Muito bem — ela disse depois de um minuto, e sorriu — Eu suponho que existam coisas piores do que insetos — ela acrescentou solenemente enquanto saía do carro.

TRÊS

Melly não havia mencionado que o picnic envolveria outras pessoas. Era um picnic da igreja. E não seria no rio perto da casa, seria ao lado de um pequeno córrego. Quando Nora soube disso, relaxou notavelmente.

Tia Helen riu quando Melly lhe lembrou que era o picnic da igreja.

— Oh, como eu pude esquecer! — Helen disse com um olhar para Nora — Minha mente não está no presente. Sinto muito, Nora, eu lhe confundi. Eu sei que você gostará dessa reunião. Existem muitos jovens eligíveis e bonitos entre a congregação.

— Incluindo o senhor Langhorn — Melly acrescentou com uma expressão estranha — Ele e o seu filho, Bruce, provavelmente nos acompanharão, já que é sábado, mas talvez ele esteja menos... mal humorado do que o normal. E com sorte, Bruce vai se comportar melhor do que o normal.

Nora estranhou a maneira peculiar como a prima se referia ao senhor Langhorn. Esperava que Melly pudesse confiar nela um dia.

Depois que Helen saiu para falar com a cozinheira, as duas mulheres saíram até a varanda. Nora arrumou a gola da camisa que usava.

— Algum dos homens do rancho também vai? — ela perguntou hesitante. Melly deu um risinho.

— O senhor Barton não vai, se é o que você quer saber. Ele foi para Beaumont.

— Oh. Oh, eu entendo — ela corou um pouco e abaixou os olhos decepcionados — Ele tem família lá?

— Ninguém sabe. Ele nunca fala sobre nada. O nosso senhor Barton é muito misterioso.

— Sim, eu posso ver.

Melly notou a distração de Nora e tocou-lhe o braço gentilmente.

— Mamãe é puritana. Não a deixe interferir. O senhor Barton é um bom homem, Nora. Condição social não é tudo.

— Não, Melly — a prima disse pesadamente — Para mim é. Minha mãe é como a sua. Ninguém da minha família aprovaria o senhor Barton como um pretendente meu — ela mordeu o lábio inferior — Por que eu tenho que ser tão convencional? Eu me sinto como uma ovelha, seguindo o rebanho. Mas é tão difícil me afastar do passado, pensar em verdades absolutas.

— Se você ama alguém, isso se torna imperativo — Melly disse triste.

Nora a olhou.

— Mesmo? Eu não posso imaginar um amor tão forte a ponto de me comandar.

Melly não respondeu. Havia um olhar muito estranho em seus olhos.

NORA PENSOU sobre o assunto durante todo o dia, e finalmente decidiu que poderia dizer adeus a Cal se quisesse. Não era nada de outro mundo. Foi procurá-lo quando o sol já estava se pondo. Ele estava no celeiro com os alforjes pendurados no cavalo, um baio grande com um olhar espirituoso.

— É o seu cavalo? — Nora perguntou da porta do celeiro, que estava momentaneamente deserto a não ser por Cal.

Ele a olhou e sorriu.

— Sim. Eu o chamo de King, por que me lembra um homem que eu conheço, que é tão impaciente e bravo quanto ele quando está irritado — ele não acrescentou que o apelido original pertencia ao seu irmão.

— Ele é muito... alto.

— Assim como eu. Eu preciso de um cavalo grande — ele terminou a tarefa com o cavalo e virou-se para Nora. Pela primeira vez, ele estava limpo. Estava recém barbeado e cheirava a colônia e sabão. O cabelo estava limpo, bem cortado. As roupas eram como novas, desde a camiseta de manga longa até a calça e as botas bem polidas. Ele era muito másculo e a intensidade de seu olhar a deixou nervosa. Ele parou na frente dela, admirando a figura por trás do vestido azul com uma blusa branca por baixo. O vestido combinava com os olhos dela.

— Você ficará fora por muito tempo? — ela perguntou tentando soar despreocupada.

— Apenas o final de semana, talvez um dia ou mais, dependendo do cronograma do trem — ele disse sem compromisso — Vai sentir a minha falta? — ele brincou.

Ela fez uma careta.

— Senhor, nós mal nos conhecemos.

— Uma situação que pode ser rapidamente remediada — ele inclinou-se repentinamente, a ergueu do chão como um neném e a carregou para trás da porta aberta do celeiro, fora da vista.

A boca dela estava aberta para protestar contra o tratamento quando os lábios dele suavemente a tocaram, brincando até ela finalmente aceitá-lo. Atrás da cabeça, ela sentiu os músculos do braço dele quando ele a puxou para mais perto para aprofundar o beijo. Os seios dela tocaram o peito firme, e ela ouviu as batidas do próprio coração.

Lá fora, ela ouvia o barulho do vento, e o som metálico do moinho quando seus braços começaram a abrir. Havia nuvens escuras. Mas estava presa nos braços de Cal e experimentando sensações que nunca imaginara existir. A

boca dele era dura, quente e insistente. Não conseguir protestar ou lutar. Ele parecia saber, porque era gentil, quase terno com ela. Quando ele finalmente afastou a boca, ela estava fascinada. Os olhos azuis buscaram os dele em um silêncio quebrado somente pelos movimentos suaves do cavalo próximo.

Os olhos claros brilharam enquanto observavam a boca dela e os olhos chocados.

— Você é muito dócil para uma aventureira — ele sussurrou profundamente — Você gosta de estar nos meus braços?

Ela não havia percebido que gostava. Ele ainda a segurava. Seus braços estavam ao redor de seu pescoço, segurando, e ela não queria se afastar. Era uma surpresa descobrir que imaginava ser uma coisa natural ser beijada por ele.

— Você está perturbada, não está? — ele murmurou com terno divertimento enquanto estudava o rosto dela — Você me deixa lisonjeado.

— Você precisa ... me colocar no chão — ela murmurou.

Ele balançou a cabeça lentamente.

— Não até eu beijá-la novamente — os lábios tocaram os dela, brincando, tentando. Ele mordiscou o lábio dela e ouviu o gemido — Você tem gosto de creme — ele sussurrou, tocando o lábio superior dela com a ponta de sua língua — Você me deixa faminto, Nora, por coisas que um cavalheiro não pode dizer a uma dama...

A boca dele tomou a dela, abrindo-a no beijo mais íntimo que ela já experimentara. Ela choramingou e o empurrou assustada não somente com a intimidade, mas com as sensações que ele a fazia sentir.

Ele ergueu a cabeça, rindo suavemente quando viu os olhos dela.

— Eu achei que você fosse sofisticada — ele chiou.

Ela corou.

— Me coloque no chão! — ela murmurou, corada e frustrada.

Ele pôs, segurando-a até ela recuperar o equilíbrio. Ela arrumou o cabelo e afastou-se dele. Ele nunca parecera tão alto, tão ameaçador quanto agora.

Por si, Cal estava feliz com as reações dela. Não era tão arrogante agora, e gostava de vê-la em desvantagem. Seria divertido colocar a tão superior senhorita Marlowe em um nível de mulher comum. Ela poderia até gostar.

Ele tocou o nariz dela com a ponta do dedo e riu novamente quando ela o olhou preocupada.

— Ninguém nos viu — ele disse gentil — Nosso segredo está seguro.

Ela mordeu o lábio inferior. Os olhos procuraram os dele, cheios de temor.

— O que você quer que eu lhe traga de Beaumont? — ele perguntou.

— Eu... Eu... não quero nada.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Eu sei que as mulheres gostam de presentinhos. Vamos, não existe algo que o seu coração deseje?

Ela estava com medo. O modo como ele a olhava fazia os seus joelhos tremerem, e seus beijos haviam despertado algo dentro dela. Fez um gesto desamparado com as mãos.

— Não... Não existe nada que eu queira. Eu... preciso entrar. Tenha uma boa viagem — ela disse.

Ele apenas a olhou, ciente dos novos sentimentos, novas curiosidades que envolviam a mulher.

— Pensarei em você enquanto estiver fora — ele disse com a voz profunda e lenta — Quando eu olhar as estrelas essa noite, vou imaginar você as olhando, e pensando em mim também.

Ela corou.

— Você não deve!

— Por quê? — ele perguntou e sorriu — Você não tem ninguém. Eu não tenho uma querida. Por que não podemos nos interessar pelo outro?

— Eu não quero isso — ela blefou.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Por que eu sou um caubói pobre e sujo? — ele chiou — Eu não sou suficiente para uma Marlowe de Virginia?

Ela fez uma careta e ele viu a verdade no rosto dela. Não, um pobre vaqueiro dificilmente seria o par perfeito para uma mulher rica do leste. Doeu saber que ela pensava assim, que era tão ligada às convenções sendo uma mulher tão moderna e viajada.

Ela era uma aventureira, ela disse, mas era certamente muito convencional em sua vida particular. Ela pregava sobre os ideais modernos, mas não os praticava. Era apenas mais uma prisioneira das convenções sociais. Ele ficou estranhamente desapontado com ela. Sua mãe era uma mulher limitada, uma mulher decente e boa, mas que vivia para agradar seu próprio senso de moralidade e não as regras ditadas por outras pessoas. Pensara no começo que Nora possuía espírito de aventura, que viera ao oeste para testar sua coragem e desafiar o desconhecido. Mas de fato, ela era apenas outra riquinha entediada que brincava com os homens para se divertir. Não podia se esquecer do pobre Greely.

— Por favor — ela disse nervosa — Eu preciso ir.

O rosto dele estava sério, endurecido.

— Então vá — ele disse brusco — Não seria bom para você ser vista com alguém tão abaixo da sua condição social.

Ela o encarou preocupada, cheia de culpa. Mas não negou. Isso foi o que a amaldiçoou, o que o deixou determinado a mostrar à ela que sentimentos eram mais importantes do que suas convenções. Ele faria isso nem que fosse a última coisa do mundo. Ele a venceria como um caubói itinerante. E quando ele acabasse ela nunca mais julgaria um homem por suas roupas ou condição na vida. Ele seria a vingança de Greely e todos os outros homens que essa jovem senhorita havia ferido com sua irreflexão.

Ele caminhou furioso até o cavalo, deixando Nora caminhar lentamente em direção a casa com o coração na boca. Ela o afastara e sentia muito. Mas não tinha nada para dar a ele. Se ele pensasse que era por causa de sua situação e não por causa de seus medos pela doença, tudo ficaria bem. Talvez isso acabasse com algum possível pretendente. O pensamento, que deveria confortá-la, era vagamente desencorajador.

Mal se aproximara dos degraus quando ouviu as patas de um cavalo se aproximando, e repentinamente se afastarem. Ela virou-se a tempo de ver Cal saindo pela porteira, alto contra o céu escuro, parecendo tão violento quanto a própria tempestade.

O PICNIC DA IGREJA foi uma surpresa. Nora não esperava divertir-se, mas estava passando por bons momentos. A única dificuldade, como Melly havia previsto, era o filho do senhor Langhorn, Bruce. O garotinho era um terror, loiro, magro e causador de danos. Ele mal havia chegado quando colocou um sapo nas costas de uma menina e espirrou limonada nas calças do pregador.

O pai apenas sorria e o observava, aparentemente aprovando suas ações. Melly lançou um olhar frio ao homem de cabelos escuros, mas ele a ignorou. Ele estava acompanhado de uma mulher mais velha, uma bela morena que segurava um prato de bolo e tinha um belo sorriso.

— Lá vai ele novamente, brincando com a senhorita Terrell — Melly disse irritada — Não que eu me importe, mas é pelo menos cinco anos mais velha que ele, e tem três filhos. Ela é viúva. Uma viúva rica — ela acrescentou com um assobio.

Como se tivesse ouvido, o senhor Langhorn olhou para ela. Ele arqueou uma sobrancelha, lançou-lhe um olhar de rejeição, e pegou um pedaço do bolo da viúva. Havia algo malévolo no olhar que ele lançou a Melly enquanto mastigava.

— Me desafiando a dizer algo — Melly murmurou — Olhe para ele! Ele é um... um canalha, um cafajeste! Ela o merece!

— Mas a pobre viúva é gentil — Nora disse.

— É uma qualquer — veio a resposta tensa — Eu a desprezo!

Nora ficou surpresa com o tom venenoso da doce prima Melly. Era tão diferente de seu caráter normal.

— Ele me disse que eu era muito nova para dar o que um homem precisava de uma mulher — Melly disse chocada. Ela corou — Mamãe teria um infarto se soubesse que ele falou assim comigo. Eu fingi ser outro homem, o marido da minha melhor amiga, que havia partido o meu coração, mas não era. Era... ele — ela soava miserável. Os olhos seguiram o homem alto com a viúva Terrell, e afastaram-se com um gemido débil — Meus pais nunca teriam permitido algo, porque ele é divorciado! O que eu posso fazer? Está me matando vê-los juntos! Ele diz que vai se casar com ela, porque Bruce precisa de uma mãe — ela juntou as mãos — Eu o amo. Mas ele não sente nada por mim, nada mesmo. Ele nunca me tocou, nem mesmo a minha mão...

Houve um suspiro desanimado, e Nora sentiu tanta pena da prima que teve vontade de chorar.

— Eu sinto muito — ela disse gentil — A vida tem suas tragédias, não? — ela acrescentou ausente, pensando na África e nas terríveis mudanças que sofrera.

— A sua é diferente da minha, e certamente não é trágica — a prima argumentou — Você tem dinheiro, posição, é viajada e sofisticada. Você tem tudo.

— Nem tudo — Nora disse tensa.

— Poderia ter. O senhor Barton é gentil com você — ela brincou, esquecendo momentaneamente os próprios problemas — Você pode casar com ele.

Ela não podia esquecer a despedida fria que recebera do senhor Barton. Ficou indignada.

— Casar com um caubói! — Nora exclamou indignada.

Melly a encarou.

— E o que diabos há de errado com um homem trabalhador? Ser pobre não é pecado.

— Ele não tem ambição. É sujo e desgrenhado. Eu o acho... ofensivo — ela mentiu.

— Então por que você o beijou antes de ele partir? — Melly perguntou cheia de razão.

Nora ofegou.

— O que você quer dizer?

— Eu lhe vi da janela — ela disse com um risinho — Não fique tão chocada, Nora, eu sei que você é humana. Ele é muito atraente, e quando toma banho e se barbeia, seria o homem perfeito para os seus amigos europeus.

Nora mexeu-se desconfortável.

— Ele não é civilizado.

— Você deveria sair mais. Se sáísse, perceberia que roupas e educação fina nem sempre tornam um homem em um cavalheiro — Melly disse baixo — Existem homem aqui no Texas que tem dinheiro, mas que são corajosos, gentis e nobres, nas suas maneiras.

— Como os heróis nos meus romances? — Nora chiou — Isso é tudo ficção. Eu descobri a verdade quando cheguei no oeste, e foi uma decepção.

— Não seria se você não esperasse que as pessoas fossem perfeitas.

— Eu não espero isso do senhor Barton. Ele... me abordou — ela murmurou.

— Ele te beijou — Melly corrigiu — O que não é a mesma coisa. Deixe-me dizer algo, muitas das mulheres da nossa igreja dariam tudo para ser beijadas pelo senhor Barton!

Nora olhou para a prima.

— Eu preferiria também. Ele pode beijar quem quiser, com a minha bênção. Eu não quero ser a querida de um caubói comum.

— Ou de qualquer homem, pelo jeito — Melly murmurou com um olhar conhecedor — Você é muito relutante sobre casamento e família, Nora.

Nora cruzou os braços.

— Eu não quero me casar.

— Por quê?

Ela estremeceu.

— É algo que eu não gosto de comentar — ela disse, tremendo com a lembrança da doença. Como poderia submeter um homem, qualquer homem, a uma vida de enfermidades que nunca acabariam? Como ela poderia ter um neném e cuidar dele? — Eu não posso me casar.

— Com o homem certo sim.

Nora pensou nos beijos de Cal Barton, e seu coração disparou. Não devia se lembrar, não devia. Virou-se a tempo de ver Bruce Langhorn caminhar até outro garoto caído sobre uma rocha.

— Oh, não! — Melly ofegou, e antes que Nora pudesse dizer algo, a prima saiu correndo na direção das crianças.

Ela não percebeu o que estava acontecendo até ver o garoto Langhorn empurrar o outro menino, imaculadamente vestido, de cara no córrego.

— Seu pequeno diabinho! — a mãe do menino gritou, chamando atenção de todos — Você não pode sair de casa! O filho de um divorciado! — ela acrescentou com puro veneno enquanto retirava a criança molhada da água e o confortava.

Langhorn ouviu. Ele ficou em pé e juntou-se ao filho, que parecia perdido em lágrimas e vergonha.

— Eu tentei pará-lo — Melly disse enquanto olhava para o homem.
Ele não a olhou, nem sequer pareceu ouvi-la. Ele pôs as mãos no ombro de Bruce.

— Ele é tão bom quanto o seu filho, senhora Sanders — ele disse à mãe frustrada — Claro, às vezes ele age como menino e não como uma estátua.

O rosto da senhora Sanders ficou ainda mais vermelho.

— Ele não tem um bom exemplo a seguir, senhor Langhorn.

Langhorn apenas a olhou.

— Eu pensei que fosse uma festa da igreja, onde os cristãos se reúnem para se divertir.

A mulher franziu a testa, e se tornou ciente das pessoas a encarando, e não aprovando.

— Eu acho — Nora acrescentou com veneno — que nenhum de nós é tão perfeito a ponto de julgar os outros. Ou não é isso que a igreja nos ensina? — ela acrescentou com um sorriso frio.

A senhora Sanders mordeu o lábio inferior.

— Eu sinto muito, senhor Langhorn. Eu fiquei assustada por Timmy...

Os olhos de Langhorn falavam por ele. Ele virou-se com Bruce.

— Encontre outras crianças para brincar — ele disse alto — Eu quero você com garotos que não são feitos de vidro.

Timmy secou os olhos na manga e se afastou da mãe com um olhar furioso.

Melly conteve um sorriso e seguiu Nora até a área do picnic.

Não demorou muito para que Langhorn e Bruce se juntassem a ela. Ambos sorriam, e Melly estava mais corada do que nunca.

— Você é orgulhosa — Langhorn disse à Nora — Eu não sei se gosto de ser defendido por aristocratas do leste com narizes empinados.

Nora gostou dele. Sorriu animada.

— Eu não sei se quero ser vista com um ignorante — ela devolveu.

Ele arqueou as sobrancelhas e olhou para Melly, que corou lindamente.

— Eu posso ver que minha reputação foi passada — ele disse sombriamente. Ele sentou-se e esticou as pernas. Os olhos escuros sorriram para Nora e voltaram-se relutantes para Melly, que tentava organizar os pratos — Eu sou convidado para o jantar? — ele perguntou suavemente.

As mãos de Melly tremeram.

— Se você quiser — ela gaguejou — Temos muita comida.

Não era nada tangível, mas Nora sentiu a tensão entre esse homem e a prima. Ela havia dito que ele não estava interessado nela, mas ele olhava para Melly com algo mais do que educação, e ela tremia — tremia muito — pela presença dele. Ele estava atraído por ela, mas obviamente não a deixaria se aproximar.

— Eu também, Melly — Bruce pediu. Ele sorriu para ela — Você ia me parar? Eu vi você correndo na minha direção.

— Eu não fui rápida — ela murmurou — Você é impossível, Bruce. Realmente...!

— Timmy me empurrou na última vez que nós fomos a um picnic — Bruce explicou — Eu só dei o troco. A mãe dele não disse nada quando ele me molhou — ele a olhou — Eu não gosto dela. Ela diz que eu não sou bom o suficiente para brincar com Timmy.

— O inferno que você não é — Langhorn disse — Perdoe a minha linguagem — ele acrescentou educado. Ele olhou novamente para o filho — Ninguém pode julgar ninguém pelos parentes.

— Não mesmo — Nora corrigiu — Infelizmente, as pessoas fazem isso.

Langhorn estudou Melly cuidadosamente enquanto aceitava um prato das mãos dela e agradecia.

— Você veio ao resgate de Bruce como um anjo. Obrigado.

Melly deu de ombros.

— A senhora Sanders é um pouco... arrogante. Ela é superprotetora também. Timmy vai se enjoar disso um dia.

Ele sorriu.

— Talvez não. Seus pais lhe protegeram. Isso não te machucou.

— Não? — Melly perguntou sem encará-lo. Sentia-se amarga, forçadamente amarga, porque se os seus pais não lhe tivessem enxido de preocupação, ela teria alguma esperança de futuro com Langhorn. Mas isso estava no passado. Ele a achava muito jovem, e talvez fosse mesmo.

A senhora Terrell apareceu logo depois que Langhorn terminou o seu prato, sorrindo por baixo da sombrinha de renda.

— Eu odeio te atrapalhar, Jacob, mas eu estou me sentindo um pouco fraca. Você se importa de me levar para casa?

— Mas nós acabamos de chegar — Bruce disse — E eu não brinquei com as outras crianças. Tem uma corrida de sacos...!

— Ele pode ficar conosco e depois nós o levamos para casa — Melly ofereceu zangada com a viúva — que estava obviamente enciumada — e magoada com Bruce — Oh, deixe-o ficar — ela insistiu quando ele hesitou.

Ele olhou para o filho.

— Você a obedeça.

— Sim, senhor! — Bruce brincou.

Langhorn olhou para Melly com uma expressão indecifrável e inclinou-se para pegar o chapéu.

— Eu o espero em casa antes do anoitecer — ele disse a Melly — Você não pode ficar dirigindo por aí no escuro.

— Sim, senhor — Melly murmurou acanhada, olhando irrequieta.

O rosto dele congelou, como se a brincadeira lhe causasse um efeito inesperado. Ele virou-se, segurando o braço da senhora Terrell e se afastando com ela.

— Obrigado, Melly! — Bruce disse entusiasmado, pegando um pedaço de torta de maçã — Você é legal! É a segunda vez que você salva minha vida. Honestamente, a senhora Terrell não é uma chata? Ela quer se casar com o papai, mas ele não gosta dela dessa maneira. Eu o ouvi falando sozinho.

Melly sorriu. Era bom saber algo tão íntimo sobre Jacob Langhorn, mesmo sendo algo como falar sozinho. Ela olhou para Nora e suspirou com a simpatia e o carinho vistos nos olhos azuis. Ela sorriu para a prima e a abraçou.

O resto do picnic foi divertido. Melly e Nora torceram por Bruce na corrida de sacos e na gincana do ovo. Houve corridas de cavalos para os homens, as quais Bruce disse que o pai odiaria ter perdido, e música também, porque um grupo de homens trouxe suas guitarras.

Se Cal Barton estivesse lá, Nora teria achado o picnic perfeito. Imaginou o que ele estava fazendo em sua misteriosa ausência.

PRÓXIMO DE BEAUMONT, TEXAS, um sujo Cal Barton ajudava o seu capataz a dar os últimos toques no seu mais novo equipamento enquanto o irmão Alan observava. Imaculado em seu terno e gravata, Alan não se permitia ficar sujo. Irritado, Cal imaginou que a esnobe senhorita Marlowe acharia Alan o seu par perfeito.

— Está pronto. Vamos começar — Cal disse ao outro homem, descendo para juntar-se ao irmão no solo.

— Você não conseguiu nada na primeira vez — Alan o lembrou — Não fique muito otimista.

— É meu dinheiro, filho — Cal lembrou com um sorriso frio — O dinheiro da tia Grace, na verdade, mas eu era o seu preferido e ela era apaixonada por óleo. É por isso que você e King foram deixados de fora. Ela achava que eu tinha o jeito.

— Talvez você tenha. Espero que você não fique sem dinheiro antes de conseguir algo.

— Aquele geólogo disse que o petróleo está aqui — Cal lembrou — Eu o teria achado há três anos, se vocês acreditassem no que eu fazia. Pelo menos King. Ele deu a sua opinião claramente antes de eu sair de casa.

King só amadureceu recentemente, graças a Amélia — Alan murmurou — Você precisa conhecê-la. É uma boa menina.

— Ela deve ser mesmo para lidar com nosso irmão — ele disse bruscamente.

— Ela jogou um jarro nele.

Cal arregalou os olhos.

— Em King?

— Ele ainda dá risada sobre isso. Ela é mais do que um par para ele. Tenho medo só de pensar nos filhos que eles terão. Eu quero me mudar para um lugar seguro antes que o primeiro nasça.

Cal deu um risinho.

— Bem, eu estarei. Eu achei que ele fosse se casar com Darcy, e houve vezes em que eu achei que ele merecia se casar com ela.

— Que vergonhoso. Eu não desejaria tal coisa para King. Amelia é mais o seu estilo.

Ele observou Alan curioso.

— Eu recebi uma carta da mamãe sobre ela. Ela achou que era você quem tinha idéias sobre casamento.

Alan parecia desconfortável.

— Eu tinha, ela parecia gentil e precisava de proteção. Depois da morte do pai, ela mudou. Era mais mulher do que eu podia cuidar — ele sorriu pesarosamente — Eu não sou como você e King. Eu quero uma mulher gentil, doce, não uma guerreira bárbara.

— Eu não — Cal disse observando a máquina — Se eu casar, não quero uma mulher que possa intimidar. Ela tem que ter espírito e ser aventureiro para lidar com o estilo de vida que eu desejo. Se eu achar alguma coisa aqui, me mudarei para cá e nunca mais partirei.

— Acampar aqui você quer dizer?

— Algo assim. Eu não preciso de uma mulher da cidade com atitudes esnobes.

— Você soa como se já tivesse encontrado uma.

— Quem? Eu? Vá para casa, Alan. Não está pronto para o trabalho. Só vai ficar no caminho. Eu não sei por que você veio.

— Eu estou indo pescar em Galveston. É a segunda semana de setembro, e a contagem do gado só vai acontecer no final do mês. Preciso de um descanso. Essa foi uma parada no caminho — ele disse sorrindo — Tenho que pegar um trem.

— Quando você volta?

— Não sei. Talvez na próxima semana. Talvez um pouco mais — ele franziu a testa — Eu quero ver um homem em Baton Rouge sobre alguns negócios. Talvez eu vá para o leste primeiro, e então volte. Eu aviso.

Cal deu um tapinha nas costas do irmão.

— Tome cuidado, jovem Alan. Nós podemos ser como água e óleo, mas somos família. Não se esqueça.

— Não vou — Alan sorriu — Boa sorte.

— Obrigado. Eu vou precisar.

Alan montou em seu cavalo e acenou para Cal enquanto se afastava. Cal o observou com uma sensação peculiar no peito, um sentimento de perda. Ele riu da própria bobeira e voltou ao trabalho. Tinha pouco tempo antes de voltar a Tyler Junction e ao rancho Tremayne. Invejou a viagem de Alan. Buscar petróleo era uma ocupação cara, fisicamente exaustiva e um pouco perigosa. Na última semana, um guindaste havia tombado sobre um pedaço de terra, e um garimpeiro havia morrido. A escavação também era um risco, e depois de dias de busca, o resultado era um pouco amargo. Cal esperou que sua próxima tentativa tivesse um pouco mais de sucesso. Odiava ter que abandonar os trabalhadores, mas não podia evitar. Estava colocando todo o seu capital na aventura. Precisava do trabalho como capataz no rancho para aumentar a sua renda.

Além disso, tinha a oportunidade de manter os olhos no investimento da família no rancho Tremayne. Odiava ter que espionar Chester, mas não havia nada a fazer. Os Tremaynes poderiam perder o investimento. Nos dias atuais, era melhor cobrir uma aposta do que perder uma mão. Tinha que manter Chester seguro, tanto para o bem da família quanto para Chester. Só precisava modernizar um pouco as coisas com o homem. Teria que trabalhar nisso quando voltasse.

QUATRO

Na semana seguinte, Cal recebeu um telegrama vindo de Alan em Galveston, mencionando o bom tempo e perguntando sobre os progressos nas escavações. Cal levou tempo para respondê-lo, prontamente, que ele descobrira o maior poço da história do Texas e esperava que ele não se arrependesse por tê-lo perdido.

Desejou ser uma mosca para ver a reação de Alan quando recebesse a mensagem, embora soubesse que o irmão o conhecia muito bem e não cairia na piada. Ele voltou ao trabalho, mas sua mente não estava ali. Pensou na nova aventura e ficou preocupado com o capital que estava investindo. Talvez estivesse construindo uma vida de sonhos. King havia aimado Cal quando ele anunciou sua intenção de procurar petróleo perto do Golfo. Mas, naquela época, King era prático e realista. Estava feliz em poder cuidar do rancho e ficar com o pai. Não era um corredor de riscos.

Nora estava caminhando quando ele saiu do barracão naquela noite. Ele parecia extraordinariamente solene.

— Olá — ela disse gentilmente, hesitando quando ele parou na frente dela — Bom Deus, você está sombrio. Aconteceu algo?

Ele a evitara deliberadamente desde o seu retorno. O modo como se sentia em relação a ela o confundia. Ele a queria deixar desconfortável, machucá-la por causa de sua arrogância, seu comportamento com Greely. Mas quando chegou a hora, não teve coragem.

Ele a observou, notando pela primeira vez, que ela não estava se afastando ou empinando o nariz para ele. Os olhos azuis estavam escuros, e apresentavam curiosidade enquanto estudavam o rosto forte.

— Nada que eu possa dividir com você — ele disse lentamente — Um... Problema pessoal.

— Oh, eu entendo — ela fez uma pausa — A vida nem sempre é como gostaríamos, não é, senhor Barton? — ela perguntou distraída.

Ele franziu a testa com o uso próprio de seu nome.

— Eu senti sua falta — ele disse brusco — Como você pode ser tão formal?

Ela limpou a garganta e colocou as mãos na cintura.

— Você me deixa envergonhada.

— Meu nome é Callaway — ele persistiu — Geralmente eu sou chamado de Cal.

Ela sorriu.

— Combina com você.

— Nora é a abreviação do quê?

— Eleanor — ela respondeu.

— Eleanor — a palavra deslizou pela boca dele. Ele sorriu enquanto a observava — Você não devia estar aqui. Os Tremayne são muito convencionais, assim como você.

Os olhos dela perscrutaram o rosto dele.

— Você não é.

Ele deu de ombros.

— Eu fui um investigador, de certa forma, ainda dou. Faço minhas próprias regras — os olhos dele se estreitaram quando ele valou involuntariamente — Enquanto você é uma escrava das regras, Eleanor.

O nome dela soava mágico nos lábios dele. Mal conseguia ouvir o que ele dizia. Queria tocá-lo, segurá-lo. Ele a fazia pensar em recomeços, em árvores verdes na primavera. Eram sentimentos que ela nunca havia experimentado, e ela os cobiçava. Mas ele era um vaqueiro. Não conseguia pensar o que seus pais diriam se ela escrevesse contando que estava envolvida com um vaqueiro, um vaqueiro contratado. Eles teriam um ataque. Assim como a tia Helen. Só o fato de conversar com ele, sozinha, podia lhe custar o emprego. Como ela não havia percebido?

— Eu preciso entrar — ela disse simplesmente — Meus tios não gostariam de me encontrar aqui.

A mão dele segurou a dela, e alisou os dedos com carinho. O contato era eletrizante. Ele fez um som áspero com a garganta e teve que lutar contra a vontade de puxá-la para perto e beijar-lhe até os seus lábios doerem. A necessidade estava escrita em seus olhos. Já havia passado muito tempo desde que tivera uma mulher; certamente era por esse motivo que ele a desejava tanto!

Ele soltou a mão dela abruptamente e se afastou.

— Está tarde.

— Sim. Boa noite, senhor Barton.

Ele concordou com a cabeça. Virou e se afastou, deixando-a observá-lo.

Tia Helen estava parada na varanda, parecendo preocupada enquanto Nora subia os degraus.

— Nora, você não devia ter saído tão tarde — ela disse gentil — Não é bom.

— Só precisava de um pouco de ar — Nora disse, evitando encarar a mulher — Está tão quente...

— Eu entendo — Helen sorriu — Está mesmo. Minha querida, havia um história horrível no jornal de hoje, sobre uma família de missionários massacrados na China, com seus filhos pequenos. Que mundo terrível está se transformando!

— Sim, está mesmo — Nora concordou — Que bom que nós estamos seguros aqui no sul do Texas.

NAQUELE SÁBADO choveu. Cal e os outros homens estavam arrumando a exposição de gado, enquanto a água crescia a níveis inacreditáveis e destruía cercas. Eles ficaram ocupados durante o dia inteiro, e quando chegaram tarde da noite, estavam cobertos de lama.

Cal foi até a varanda, desculpando-se com as mulheres por causa de sua aparência.

— Chester quer que você saiba que ele está bem — ele disse sem preâmbulos, passando a manga da camisa sobre o rosto sujo — Nós tivemos que retirar o gado da lama essa tarde, e perdemos algumas cabeças na enxente. Chester foi com dois homens até Potter, para ver se as mulheres estavam bem. A casa fica perto do rio.

— Sim, eu sei — Helen disse preocupada — Estranha essa tempestade vinda de nenhum lugar. Eles disseram que teríamos mudanças incomuns no clima do Arizona, e muitas pessoas ficariam doentes. Estamos na primeira dezena de setembro!

Cal parecia apreensivo.

— O tempo está estranho — ele concordou — Eu gostaria de saber como estão as coisas na costa — ele não acrescentou que seu irmão estava lá e ele estava preocupado.

— Nós saberemos logo, eu espero — Helen disse — Vá jantar senhor Barton, você parece muito cansado.

Ele sorriu, encarando Nora.

— Nenhum de nós está melhor. Chester chegará logo, tenho certeza.

— Obrigada por nos avisar.

Ele concordou e caminhou em direção ao barracão. Nora teve que morder a boca para não chamá-lo. Se pudesse, o colocaria na cama e cuidaria dele. Imagine, ela disse a si mesma, como seria estúpido se ela dissesse isso. Entrou em casa sem dizer uma palavra.

As notícias sobre a incrível tragédia ocorrida em Galveston só alcançaram Tyler Junction na segunda-feira. Um furacão havia atingido o litoral no último sábado sem previsão, submergindo a cidade inteira. Galveston estava quase totalmente destruída, e as estimativas eram de que milhares de pessoas haviam morrido.

QUANDO CAL SOUBE, subiu no cavalo e partiu antes que alguém tivesse oportunidade de fazer perguntas. Foi suposto que ele iria até

Galveston para ajudar nos resgates. Ninguém sabia que ele tinha um irmão lá ou que ele estava horrorizado com a idéia de Alan estar morto. Não parou em casa no caminho. Se ninguém soubesse da notícia em El Paso, ele pensaria em algo para contar a família antes que eles soubessem.

Ele pretendia pegar um trem até Galveston, mas quando chegou à cidade, todas as linhas estavam paradas e os trilhos estavam destruídos. Precisou emprestar um cavalo de um rancho próximo para entrar na cidade. O que viu lhe causaria pesadelos por muitos anos.

Não foi até ver a devastação causada que percebeu como seria impossível encontrar o irmão entre os mortos. Entre os prédios destruídos da cidade, haviam mais corpos partidos e esmagados do que ele já vira em toda sua vida, até mesmo na guerra. Ele ficou parado durante horas, pensando no que poderia fazer para ajudar, mas não conseguiu. Não podia imaginar o irmão naquele emaranhado de corpos. Saiu da cidade sem olhar para trás, doente da alma e do coração. Um santo levaria um bom tempo para curar o que ele havia visto com qualquer tipo de amor divino.

Desiludido, chocado, angustiado, ele não podia voltar ao rancho Tremayne. Vagou até encontrar uma estação com um trem para Baton Rouge, sem imaginar para onde iria depois.

Alugou um quarto em um hotel onde sua família geralmente ficava quando viajava a negócios e desabou na cama. Ficou lá até amanhecer e desceu para o café exausto e com olheiras. Imaginou se conseguiria dormir novamente.

Lembranças de seu irmão e suas vidas juntos o atormentavam. Ele e Alan nunca haviam sido tão próximos quanto ele e King, mas Alan era especial. Havia sido Alan que o encorajara com o negócio com Petróleo, mesmo que fizesse piadas sobre buracos vazios. O garoto o encorajara a fazer as coisas que queria fazer, e sentiria muita falta dele. Imaginava como conseguiria lidar...

Melancólico, morto por dentro, não ouviu a porta de seu quarto se abrindo e mal notou a mão que se pousou em seu ombro.

— O que você está fazendo aqui, pelo amor de Deus? Eu acabei de chegar e vi o seu nome no registro. Eu estava visitando a família de uma jovem que eu pretendo... Cal?

Cal abraçou Alan, suspirando, enquanto seus olhos se fechavam em uma onda de alívio tão grande que ele quase soluçou alto.

— Graças a Deus — ele disse roucamente — Graças a Deus!

Alan afastou-se, curioso com o rosto devastado do irmão — O que está errado? — ele perguntou.

Cal levou um minuto antes de conseguir falar.

— Você não... soube?

— O quê?

— Sobre Galveston — Cal disse sombrio — Foi destruída. Totalmente destruída. Corpos em todo lugar...

Alan ficou parado. Seu rosto estava pálido.

— Eu não vi um jornal ou falei com alguém a não ser Sally por dias. Quando?

— No sábado, mas nós só soubemos na segunda. Eu pensei que você estava lá. E fui correndo — ele alisou o cabelo, os olhos molhados — Eu quase fiquei louco quando soube o que aconteceu. Você não pode imaginar. Passei por uma guerra, mas isso foi pior. Meu Deus, você não pode imaginar a devastação — ele disse tenso enquanto as memórias o assolavam.

Alan respirou fundo.

— E pensar que eu podia estar lá, no meio de tudo. Meu Deus! Eu decidi sair de Galveston na sexta, e peguei um trem naquela noite. O tempo estava pior do que o normal, e claro, havia algumas enxentes. Mas eu nunca pensei em uma tragédia! E quanto ao senhor Briggs e sua família? Eu estava ficando com eles... Eles identificaram alguns dos mortos, Cal?

— Eles nunca conseguirão identificar todos — Cal disse virando. Não conseguia lembrar das coisas que presenciara — Terei que ligar para o rancho — Cal disse — Eles podem saber do furacão e ficar preocupados. Precisamos avisar que você está bem.

— Você não ligou para eles de Galveston?

Os olhos de Cal escureceram.

— As linhas estão mudas — ele disse evasivo — Eu vou até o escritório da união ocidental já. Volto em um minuto — ele sorriu para Alan — Estou feliz por você estar vivo.

Alan concordou.

— Eu também — ele sorriu também, porque era bom saber que seu irmão se importava tanto com ele. Assim como King, Cal não demonstrava seus sentimentos facilmente.

ALAN FICOU EM BATON ROUGE enquanto Cal voltava no próximo trem para Tyler Junction, e dormiu com puro alívio durante a maior parte do caminho. As histórias que ouvira sobre Galveston eram ainda piores, agora que presenciara tudo. Esperava poder esquecer um dia, mesmo agradecendo a Deus por não ter um parente lá. O horror crescia diariamente, junto com a ameaça de doenças. Podia se oferecer para ajudar novamente, com Alan seguro, mas tinha o próprio trabalho em Tyler Junction, lutando para que o gado no rancho Tremayne não se perdesse também. E não estavam buscando por voluntários para ajudar em Galveston no momento.

Havia relatos de várias inundações por todo o Texas, e ele rezou para que a tragédia em Galveston não se repetisse em nenhum outro lugar. Se os

rios que circulavam o rancho Tremayne transbordassem novamente, Chester e sua família ficariam igualmente devastados. Eles eram a sua principal preocupação, agora que Alan estava fora de perigo. Não podia fazer nada pelos mortos. Eles seriam deixados para seus pobres e sofrendores parentes. Lamentava muito pelas famílias.

Apesar de seu alívio pela segurança do irmão, voltou ao rancho Tremayne pálido e deprimido. Não disse nada sobre o que havia visto, embora Chester soubesse de tudo; coisas que não dividira com as mulheres.

Cal teve muito com que se preocupar nos primeiros dias para manter o gado seguro. Ligara para Beaumont para se certificar de que a escavação continuava. As linhas não funcionavam no começo, mas conseguira fazer contato com seu principal escavador, e tudo estava bem. Foi um alívio. Estava com medo de o tempo ruim ter lhe custado o investimento. Talvez fosse um aviso de que ele estava no caminho certo.

Sua melancolia era notável, entretanto, e preocupante. Ele foi falar com Chester alguns dias depois com enquanto Nora estava sentada sozinha na varanda.

Ele não havia prestado muita atenção ao seu redor desde o seu retorno. Nora havia notado sua preocupação, e tinha uma idéia do que lhe causara.

Ela levantou-se graciosamente do sofá em que estava sentada, e o deteu no momento em que ele ia bater na porta.

— Você ainda está mal por causa de Galveston, não é? — ela perguntou gentil — Teve um furacão terrível na costa leste no ano passado. Eu perdi um primo amado. E eu vi inundações, embora não em uma escala tão grande. Não é difícil imaginar a devastação.

Ele ficou surpreso com a percepção dela. Os olhos claros se estreitaram enquanto observava o rosto sincero.

— É algo de que eu nunca falo — ele disse tenso — Ainda mais com uma mulher.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Eu sou feita de vidro, senhor?

O olhar dele deslizou pela saia fina e pela blusa branca bordada.

— Eu tenho dúvidas, considerando a trajetória resplandecente de alguns de seus contemporâneos através de salões com machadinhas.

Ela riu suavemente com a referência às ligas de comportamento zeloso.

— Eu ficaria confortável com uma machadinha em casa?

Ele balançou a cabeça.

— Não combinaria com você — ele franziu a testa — Você foi subjugada desde que chegou. Você cavalga bem, e Chester mencionou que você sabe manejar bem uma espingarda. Embora eu nunca tenha lhe visto segurar uma.

Ela sabia atirar, mas não bem. Ela perdera o equilíbrio em uma competição na Inglaterra e destruíra uma janela de vidro construída no período Tudor. Seu anfitrião havia encarado o fato com educação, mas Nora nunca mais foi convidada. Não pegara em uma arma desde então.

— Está muito calor para atirar — ela disse evasiva.

— Não está tão calor ultimamente.

Ela buscou desesperadamente por uma resposta.

Ele arqueou uma sobrancelha, esperando por ela.

Ela limpou a garganta.

— Muito bem, se você quer saber, eu não gosto de armas e acho a maioria delas muito pesada para as minhas mãos — ela disse orgulhosa — Eu desisto.

Ele riu suavemente.

— Sua fraude.

— Mas eu sei atirar com estilo — ela disse brusca — Eu apenas tenho dificuldade com peso de um rifle.

— E o safári na África? — ele persistiu.

Ela empalideceu e desviou o olhar.

— Eu não gosto de falar da África. É uma lembrança... desagradável.

Ele imaginou o motivo do desgosto e da expressão no rosto dela. Que mistério ela estava se tornando.

— Haverá uma reunião do Clube das Mulheres no tribunal, no sábado — ele disse — Eu fui convidado por um dos organizadores. Quer ir comigo?

O coração dela parou de bater. A mente percorreu o seu guarda-roupa e ela o olhou com mal contida excitação.

— Ir... com você?

— Eu danço bem mesmo sendo um vaqueiro — ele disse divertido — E eu prometo colocar as minhas melhores botas e passar perfume. Pode acreditar que eu serei discreto.

Ela corou, porque tia Helen repetira várias vezes a distância social existente entre eles. Ser vista em público com um trabalhador do rancho não envergonharia somente a si própria, mas a toda sua família.

Ele viu o conflito dela e seu rosto se fechou.

— Talvez alguma das garotas da cidade seja uma escolha melhor — ele disse sombrio — Ela não estaria tão acima de mim na escala social.

Antes que Norma tivesse tempo de reagir, ele bateu na porta e entrou. Quando saiu, nem ao menos a olhou. Estava muito zangado. No oeste do Texas, as mulheres brigavam por sua atenção. As melhores famílias o convidavam para ficar, na esperança de encantá-lo com suas filhas. Estava tão acostumado com riqueza e posição quanto Nora, mas estava na posição de um homem mascarado. Não podia contar a verdade.

E quanto mais o considerava, mais zangado ficava. Era bom saber como ela realmente era. Se ele a tivesse encontrado sob as circunstâncias normais. Nunca teria descoberto como ela era espantosamente esnobe.

O EVENTO SOCIAL foi organizado pelo Clube das Mulheres local, secretariado pela tia Helen, e as cores do clube, verde e branco, eram usadas na decoração. Nora colocou um vestido de seda preto simples com um colar de diamantes. Melly colocou organdi branco, e tia Helen tafetá preto, mas suas jóias eram feitas de pedrinhas. Estavam elegantes, a sua maneira. Mas nenhuma das mulheres podia competir com Nora, que era tão elegante que chamava toda a atenção.

Cal Barton levou uma bela jovem que era filha de um dos organizadores do evento. Era atento com a garota, e uma hora, enquanto dançava com a parceira, lançou um olhar a Nora que a fez sentir-se dois metros mais alta. Sua dignidade e posição social não eram suficientes para compensar o desprezo que viu nos olhos claros. Ele não saberia que tia Helen havia sido firme sobre a conduta de Nora, e dissera que um trabalhador não seria conveniente para uma dama de qualidade. Mesmo sendo seguidora de suas próprias convenções, não podia envergonhar a tia e o tio ou estragar as chances de casamento de Melly. Resignou-se a perder a companhia de Cal Barton, mas de maneira relutante.

Um político visitante de meia idade a chamou para dançar, e ela aceitou com graça, sorrindo para ele com todo seu charme enquanto circulavam o salão. Ele parecia fascinado por ela, porque a monopolizou por mais três danças até que a tia lhe disse para não dar tanta familiaridade a um homem. Embaraçada, Nora caminhou até a mesa. Nada do que fazia parecia agradar a tia.

— O senhor Barton está zangado com você? — Melly perguntou enquanto elas se serviam em uma mesa com um candelabro grande, que continha café e biscoitos em uma bandeja de prata.

— O meu estilo de vida parece ser o motivo da ira dele, quando eu não gosto de criar escândalos — Nora disse resignada.

— Não ligue para a mamãe — Melly disse gentil — Ela é gentil, mas as coisas estão meio difíceis. Como a sua mãe, ela era uma dama, e agora ela sente a sua perda de posição. Ela apenas deseja que eu tenha uma vida melhor do que ela e papai tiveram. É por isso que ela é tão ligada às convenções — ela tocou levemente o braço de Nora — Ela não sabe que você tem um... um sentimento pelo senhor Barton. E eu não me atrevo a contar. Mas sinto muito por você.

— É algo sem consequencia — Nora disse rigidamente — Eu não posso esperar nenhum resultado, considerando as diferenças — ela tentou não sentir a dor das palavras. Mas como desejava mandar as convenções para o inferno! Se ao menos fosse uma mulher comum, ou Cal Barton um cavalheiro rico. Suspirou mais dolorosamente do que pretendia, e Melly ouviu. Para despistar a prima, olhou ao redor e disse rapidamente — Não é o senhor Langhorn?

A mão de Melly tremeu, quase derrubando a xícara de café. Nora a ajudou.

— Cuidado — ela disse baixo — Ou a tia Helen vai suspeitar de algo.

— Obrigada — Melly disse sinceramente. Sorriu desconfortável — Eu digo que nós duas estamos correndo perigo nessa noite. E pelo andar das coisas, você parece estar na lista de preocupações do senhor Barton.

— Isso é bem improvável já que eu fui forçada a esnobá-lo — Nora disse despreocupada, recusando-se a olhar quando viu Cal caminhando na direção delas — Eu duvido que ele me ache inesquecível.

— Mesmo? Então olhe essa cara! — ela murmurou quando ele se aproximou.

As mãos de Nora tremeram, mas ela tinha o equilíbrio e a compostura que a jovem Melly não tinha. Olhou para Cal de maneira indiferente, sentindo a diferença social quando analisou o terno fora de moda e os arranhões nas botas pretas. Ela não sabia que ele as arranhara de propósito para a ocasião, para reforçar a idéia de trabalhador do rancho.

— Você está muito bem, senhor Barton — Melly disse com um sorriso.

— Obrigado, senhorita Tremayne — ele respondeu educado — Você também.

Nora tentou não olhar para ele. Bebeu o próprio café.

— Está se divertindo, senhor Barton? — ela perguntou — Eu acredito que as funções sociais não sejam o seu principal meio de diversão.

Ela podia ter evitado esse comentário, ele pensou irritado. Sorriu friamente.

— Bem, senhorita Marlowe, eu tenho que admitir que prefiro um jogo de poker a uma mulher fria.

Ela prendeu a respiração, mas ele não ouviu. Segurou a mão de Melly, sorrindo tão charmosamente para ela que ela nem ao menos pensou em Nora enquanto ele a levava até a pista de dança.

Eles se davam bem, para fúria de Nora. Embora ela não parecesse a única irritada com a situação. O senhor Langhorn estava com dois outros homens, e olhar que ele lançou a Melly, o qual ela não notou, teria escaldado leite. Ele obviamente estava com ciúmes; mas aparentemente não deixaria Melly saber. O pensamento a divertiu, até que percebeu que sua posição de

homem divorciado o afastava tanto de Melly quanto sua riqueza afastava Cal. Sentiu uma estranha afinidade com ele, uma dor pelo que nunca poderia ter.

Bebeu o café e sorriu quando o político se aproximou da mesa.

— Uma bela festa — ele afirmou — Fico feliz por ter vindo. Vim até Galveston para analisar a situação. Não sei o que Washington pode fazer para ajudar, mas aquelas pobres pessoas não poderão fazer muito sem dinheiro. Estão falando em construir uma parede, você sabe, para evitar que esse tipo de coisa se repita.

— Seria um projeto maravilhoso — Nora disse — Ficaria feliz em contribuir. Certamente os outros também.

O rosto dele brilhou.

— Eu nunca pensei por esse lado. Talvez eu possa entrar em contato com famílias ricas e homens de negócios para conseguir a verba.

— Uma idéia excelente — ela hesitou — Eles identificaram todos os mortos?

Ele hesitou também. Não podia falar sobre tais coisas com uma dama.

— Tenho certeza de que sim — ele assegurou. Não mencionou que não era apenas impossível identificar os milhares de corpos, como também sepultá-los. Eles estavam sendo cremados, e a guardas armados estavam precisando forçar os trabalhadores a vagar entre o horror para liberar os restos dos corpos. Tubarões haviam se aproximado da costa. O pior de tudo, para ele, era que a inundação chegara quando o sol não estava mais no alto. As pessoas teriam visto a parede de água chegando com força, sem descanso...

— Senhor, você está bem? — Nora perguntou repentinamente — Você está pálido.

Ele levou o café até a boca com um sorriso, ignorando a queimação que lhe provocou na língua.

— Estava pensando no meu retorno a Washington — ele mentiu — Conte-me sobre o rancho do seu tio, senhorita Marlowe. Sou fascinado pela indústria do gado.

MELLY DANÇOU somente com Cal, apreciando a companhia e o sorriso dele. Ela estava, com certeza, ciente da desaprovação da mãe, então o soltou logo assim que a valsa acabou. Ela deixou Cal e encontrou-se cara a cara com um taciturno senhor Langhorn.

O coração dela parou quando os olhos escuros brilharam com uma ameaça contida. Corou com a inesperada hostilidade.

— Brincando com o capataz, senhorita Tremayne? — ele disse com um sorriso venenoso — Sua mãe não aprova, ou você não notou?

— Foi apenas uma dança, e o senhor Barton é um bom dançarino — ela disse alegremente, recusando-se a ser intimidada.

— Ele tem a minha idade — ele a lembrou — Muito velho para uma criança como você.

Ela arqueou as sobrancelhas e o olhou com inocência.

— O que você quer dizer?

A mandíbula dele se esticou.

— Tem garotos da sua idade aqui — ele disse com raiva — Por que não brinca com eles?

— Você não pode escolher os meus parceiros — ela disse baixo — Eu dançarei com quem quiser, senhor Langhorn, e você pode fazer o que quiser — ela sorriu astutamente — Fiquei surpresa por você não ter trazido a senhora Terrell.

— Um dos filhos dela está doente — ele disse.

Ela não demonstrou ciúme.

— Sinto muito — ela disse formalmente — Espero que a criança melhore logo. Com licença...!

Ela começou a virar quando a mão dele segurou o braço dela e a segurou no lugar, discretamente. Melly olhou ao redor rapidamente, mas ninguém notou o toque possessivo.

— Senhor Langhorn! — ela engasgou.

Ele a puxou para perto, e os olhos, sérios, eram enervantes.

— Você faz isso deliberadamente? — ele perguntou entredentes — Eu não quero ligação, de qualquer tipo, com você. Eu já lhe disse, e disso o motivo. Se o filho dela não estivesse doente, eu teria vindo com a senhora Terrell.

— Por que você não ficou com ela? — ela gemeu tentando se soltar.

— Porque ela não quis — ele respondeu — Eu já lhe disse que pretendo me casar com ela. Ela pode me ajudar a dar o que Bruce precisa, um lar decente e estável.

— Os filhos da senhora Terrell são pagãos — ela disse friamente — Bruce não é. Ele é apenas arteiro. Mas se você se casar com essa mulher, seus filhos vão torná-lo as suas próprias imagens.

— Não se atreva a falar assim dos filhos dela! — ele gritou.

— Não me refiro a Bem, que é um bom menino. Mas como você não pode saber que os dois irmãos mais velhos estão em constante problema? — ela devolveu — Eles quase causaram dois acidentes graves brincando na rua!

— É uma brincadeira de meninos, jogar pedras em cavalos — ele começou.

— Quando uma criança quase morre com isso? — ela enfatizou, os olhos escuros brilhando — Você considera isso uma brincadeira de menino? Por que não pergunta a Bruce o que ele acha disso? Ele nem ao menos gosta da viúva Terrell e seus filhos. E se forçar esse tipo de relação, pode perdê-lo. E se ele fugir?

— Você é muito intrusiva para uma mulher tão pequena — ele disse soltando o braço dela — Eu decidirei o que é melhor para meu filho, sem nenhuma interferência sua!

— Oh, Melly! — a mãe dela chamou rapidamente, o rosto vermelho por causa do confronto, que estava chamando atenção — Querida, me ajude a servir as coisas, por favor!

— Claro, mamãe — ela respondeu, corando enquanto se afastava do senhor Langhorn.

Helen estava zangada e tentava não demonstrar.

— Eu lhe pedi para evitar contato com aquele homem — ela reclamou — Ele é escandaloso!

— Sim, mamãe — Melly disse baixo — Eu só estava falando sobre Bruce.

— Bruce?

— O filho dele. Você se lembra, Nora e eu o levamos embora no dia do picnic da igreja. Ele é um homem muito difícil de lidar, e o comportamento de Bruce está piorando. Eu sinto que devo falar com ele, mas ele fica com raiva — ela acrescentou convincente.

— Entendo. Não entendo por que o senhor Langhorn veio hoje — ela acrescentou sombriamente, olhar na direção dele e franzindo a testa — Ele nunca vai a eventos sociais, vai? Talvez ele tenha que discutir negócios com alguém.

— É possível — Melly disse. Seguiu o olhar da mãe e seus olhos foram momentaneamente capturados pelo senhor Langhorn. Era como um choque de eletricidade. Sentiu-a percorrendo todo o corpo e desviou os olhos.

A atenção da mãe voltou-se para um jovem que caminhava na direção delas.

— Bem, essa é uma bela surpresa. É o jovem Larrabee — ela apertou a mão de Melly — Ele é muito gentil. Estava perguntando por você.

— Mamãe, eu gostaria que você não me empurrasse para os homens!

Helen se afastou.

— Você não quer se casar?

— Sim. Mas... Por que não encoraja Nora a dançar com algum desses jovens? O senhor Barton talvez — ela disse cuidadosamente.

O rosto da mãe se esticou.

— Minha querida, Nora é uma herdeira — Helen disse suavemente — Será uma mulher muito rica um dia. Uma dama da posição dela não pode

simplesmente dançar em público com um vaqueiro comum. As pessoas falariam.

— Certamente nós somos democráticos — Melly começou.

— Não podemos criar escândalos — Helen disse firme — Agora, querida, se você puder me entregar uma dessas xícaras de porcelana, eu a enxerei para o senhor Blake antes que o jovem Larrabee a convide para dançar.

Melly concordou, pensando que sentia tanto por Nora quanto sentia por si mesma. Esperara que a mãe pudesse relaxar um pouco em relação ao senhor Barton, mas sua mente estava fechada. Pobre Nora. Se ela quisesse algum tipo de contato com o bonito capataz, teria que ser feito discretamente e de maneira clandestina. Os olhos de Melly brilharam quando pensou como tudo era injusto. Mas, talvez, pudesse ajudar!

CINCO

Nora não sabia se estava feliz ou triste por não ter dançado nenhuma vez com Cal Barton. A impaciência dele a deixara infeliz. Se ao menos ele fosse alguém de posição e riqueza, alguém com quem ela podia ser vista. Tia Helen deixara bem claro como se sentia sobre a divisão de classes sociais. Nora ficou triste ao admitir que a mãe se sentia da mesma maneira. Ninguém aprovaria o envolvimento de Nora com um caubói pobre.

Melly também estava desanimada, depois do confronto insatisfatório com o abominável senhor Langhorn. Ela sabia sobre os planos dele de casar com a viúva Terrell. Mas ele dizer tão brutalmente... Não gostava de lembrar. Nora parecia sentir a dor, porque tocou amorosamente o ombro da prima com a mão coberta pela luva. Era um gesto reconfortante, e diminuía um pouco a dor.

FOI UM LONGO CAMINHO PARA CASA na carroça, com um taciturno Cal por trás das rédeas, e Chester e os outros falando em um tom baixo. Quando eles chegaram, Chester ajudou Helen e Melly a descenderem, então Cal teve que ajudar Nora.

As mãos dele se contraíram gentilmente na cintura dela enquanto a colocava lentamente no chão. Ele não a soltou logo, e o coração dela disparou quando olhou para a boca firme e lembrou como a beijara de maneira tão faminta.

Na suave luz da lua, ele olhou a boca dela por vários segundos. As mãos acariciaram a cintura gentilmente antes de caírem e ele levar a carroça até o celeiro. Aquele olhar era mágico. Afastava toda a dor e os medos de Nora, porque sabia que ele sentia algo tão poderoso quanto ela. Não pensou em todos os motivos que o tornava impossível, nem na própria enfermidade, que poderia voltar a qualquer momento. Tudo que ela sentia era um arrepio de ecstase porque Cal Barton a desejava.

Chester providenciou lampiões para as meninas antes de ele e Helen dizerem boa noite e caminharem até o quarto.

— Eu volto em um minuto, Melly — Nora disse enquanto caminhava até a porta — Eu derrubei uma das minhas luvas.

Melly não era boba. Conteou uma resposta e caminhou até o quarto com um sorriso.

Fora da casa, Nora caminhou até o celeiro, onde a lampião proporcionava a Cal visão suficiente para tirar a sela do cavalo.

Ele estava terminando quando viu Nora parada na porta, o observando. Seu rosto endureceu. Ele fechou a porteira da baia e pegou a lanterna com fúria mal contida.

— Você não está no lugar errado, senhorita Marlowe? — ele perguntou friamente — Um celeiro não é o seu lugar, certo?

Ela indicou a lanterna.

— Você pode apagá-la, por favor?

Ele hesitou, mas apenas por um minuto.

— Por que não? — ele disse curioso.

— E pode colocá-la no chão também? — ela insistiu.

Ele deu de ombros. Colocou a lanterna no chão e endireitou o corpo.

— Obrigada — ela disse suavemente. E deu um passo para frente, chegando perto dele. Ficou na ponta dos dedos e passou os braços ao redor de seu pescoço.

Cal a segurou pela cintura, aspirando seu perfume, e a empurrou enquanto ainda tinha força para resistir.

— Não faça isso! — ele disse furioso.

Mas ela não parou. Na verdade, apertou os braços.

— Por que não? — ela sussurrou. A agradou a resposta rápida dele. Podia ver a camisa dele se movendo com as batidas fortes de seu coração, e isso a assustou. Pressionou as mãos contra a camisa, acariciando os músculos firmes por baixo do tecido. Adorava tocá-lo.

Ele mal podia ouvi-la com as batidas de seu coração. Parou de empurrar quando sentiu a respiração dela em sua boca, brincando, provocando. O calor do corpo dela, sua essência, o deixavam tão faminto que mal podia ficar em pé. Seria tão horrível ceder ao que estava sentindo uma única vez? Gemeu quando a necessidade o atingiu com fervor. A boca dela era tão suave, tão doce. Precisava tê-la.

— Eleanor — ele sussurrou roucamente, inclinando-se — Oh, Deus, Eleanor...!

Enquanto ele ainda falava o seu nome, ela empurrou os lábios contra a boca firme e fez um som profundo com a garganta.

Ele gemeu, perdido a qualquer coisa que não fosse a suavidade de seus braços. Ele a ergueu e colou o corpo delgado ao dele com uma intimidade que ela nunca dividira com ninguém. O contato do corpo poderoso tão próximo ao dela a deixou com as pernas bambas e ela se aproximou ainda mais, amando o toque da boca firme contra seus lábios suaves.

A cabeça dele girou enquanto a beijava no silêncio do celeiro. Ele a beijou até que ela tremeu como uma folha, e sua boca tornou-se cruel por causa da febre que ela causava nele. Mas ela estremeceu um pouco e gemeu, e ele notou que a estava machucando.

Ele a soltou o suficiente para que os pés tocassem o chão, mas sua boca continuou colada a dele.

— Não pare — ela implorou, as pernas tremendo enquanto ela se colava a ele. Seu rosto ficou logo abaixo do dele, entregue e adorado, os lábios entreabertos e levemente vermelhos.

— Não insista — ele disse ansioso — Você sabe como isso é perigoso.

— Sei? — ela perguntou confusa — Mas eu só quero te beijar — ela sussurrou — Por favor, só mais um pouco...

— Eleanor, você precisa parar com isso! — ele tirou as mãos dela de seu pescoço e respirou fundo, lutando contra o desejo incontrollável.

— Você não quer me beijar? — ela perguntou desorientada.

Ele trincou os dentes. Como podia confessar que estava morrendo para tê-la? Que ser corpo doía de vontade de mergulhar na doce inocência do dela, que suas mãos ansiavam pela doce suavidade de seus seios, ventre e pernas!

— Você me tenta muito — ele grunhiu. O suor molhava sua testa. Ele pressionou as mãos dela contra a frente de sua camisa e as deixou lá — Eleanor, volte para casa. Não é a hora para falarmos de problemas pessoais. O que seus tios diriam se nos vissem assim?

Ela mal conseguia pensar. Mas soube que eles o acusariam de tentar seduzi-la. Ele sofreria, não ela. Ninguém acreditaria que ela o tentara deliberadamente.

Ela tentou se afastar dele, o corpo faminto pelo prazer que tinha que recusar.

— Oh, eu sinto muito — ela disse infeliz — Eu não parei para pensar. Você estava zangado comigo, e eu queria que você soubesse que tia Helen me proibiu de dançar com você.

Ele afastou-se também, o corpo estremecendo ao pensar quão perto do precipício eles haviam chegado. Nunca estivera tão vulnerável antes, e não era um novato. E ela certamente não beijava como uma, ele pensou. Estava mais curioso sobre sua experiência do que nunca.

Era mais do que possível de que ela estivesse brincando com ele, como fizera com Greely. Podia ser um jogo para ela, ver quão longe podia empurrá-lo. Depois de tudo, ele sabia que ela estava ciente da diferença de suas posições sociais. Se não estava brincando, por que permitia essas liberdades quando sabia que seus tios desaprovavam? Certamente não podia estar apaixonada por ele. Uma mulher com sua classe não se permitiria apaixonar por alguém tão impróprio quanto ele. Era muito orgulhosa. Não, era uma brincadeira para saber se ele correspondia aos seus avanços. Estava brincando com ele, pensando que ele era bobo como Greely — um caipira tímido e sem experiência.

O pensamento o deixou decidido. Ela precisava aprender uma lição, e ele seria o homem a ensinar. Ela tinha uma boca doce. Gostava de beijá-la. Mas seu coração era inacessível. Nenhuma mulher o tocara antes.

— Por que você veio até aqui? — ele perguntou com um sussurro, as mãos ainda segurando-lhe a cintura.

— Porque eu não gosto que você fique zangado comigo — ela o olhou triste — Você deve saber que eu adoraria dançar com você.

Ela até parecia arrependida, ele pensou. Ele podia ver a piada.

— Mas o político é de sua classe, e eu não — ele lembrou — Você não quer que as pessoas pensem que você está ligada a alguém de uma classe mais baixa. Não é a verdade?

Os olhos dela brilharam com tristeza e resignação. Era melhor deixá-lo pensar isso do que admitir a verdade sobre sua doença. Mas não tinha coração para fazê-lo.

— Não posso colocar minha tia nessa situação — ela disse baixo — Ela é irmã da minha mãe. As duas são descendentes da realeza européia. Seria... Perdoe-me, elas ficariam ultrajadas quando soubessem que eu me interessei por alguém que não... que não era de nossa classe — ela terminou infeliz — Oh, você não entende que não é o que eu quero? — ela perguntou com lágrimas nos olhos — Você pode sentir o meu coração batendo quando você me abraça, e eu sei que eu... que eu...!

Ela o estava convencendo com as lágrimas, com a voz triste. Mas ele sabia muito sobre as mulheres para cair nisso. Simplesmente continuou jogando.

— Que você se importa comigo? — ele perguntou suavemente.

Ela desviou os olhos para o peito dele, engasgada com as batidas do próprio coração.

— Sim — ela disse roucamente — Que eu me importo com você.

Ele teve que lutar contra uma gargalhada. Ela era boa naquilo. Imaginou quão experiente ela era por baixo da faixada.

Ela observou o rosto dele, tentando adivinhar o que havia lá. Seus primos não a haviam preparado para os contratempos com o homem que ela desejava. Queria saber tudo sobre ele. Queria estar com ele o tempo todo. Queria somente ele, mesmo que tivesse que sacrificar tudo.

Ele ergueu o rosto dela e a beijou suavemente.

— Você precisa entrar — ele disse baixo — Não é hora para discutirmos isso.

— Eu não quero que você vá — ela disse — Eu quero ficar com você.

Ele forçou-se a não levar a sério aquelas palavras. Não permitiria que ela brincasse com ele. O pobre Greely havia sofrido em suas mãos, mas Cal não era um garoto impressionado.

Ela percebeu que ele não acreditava em uma palavra do que ela estava dizendo. Estavam presentes em seus olhos o cinismo e algum tipo de frio divertimento.

— Você... Você não acredita em mim — ela disse lentamente.

— Você espera que eu acredite depois da maneira como você tratou Greely? — ele disse — Você empinou o seu nariz para mim desde o momento em que nos conhecemos, afirmando que não sujaria a sua mão tocando um caubói comum.

Ela estremeceu.

— Eu vivo... Em um mundo diferente do seu — ela tentou explicar — Mesmo nas minhas viagens, fiquei longe da realidade da vida. Você precisa levar o meu passado em conta.

— Por quê?

Ela não sabia como responder a pergunta. Os olhos suaves buscaram o rosto sério. Era como falar com granito.

— Eu posso tentar — ela disse — Mesmo, eu posso. Eu... quero saber sobre a sua vida, sobre você. Eu quero entender.

Ele tocou a boca suave com o dedo indicador, até sentir os lábios tremerem. Ela se sentia fisicamente atraída por ele. Não podia esconder isso. Mas se o coração e a mente dela estavam envolvidos ou não, ele não sabia. Seus olhos se estreitaram com precisão.

— Você já disse que sua tia não aprova nenhum contato entre nós — ele lembrou.

Ela segurou a mão dele entre as suas. Esquecida de sua doença, de sua vida anterior, de sua riqueza e posição. Queria esse homem como nunca quisera alguma coisa. Isso funcionaria! Precisava!

— Eu lhe encontrarei em segredo — ela disse fervorosamente — Onde, quando, você quiser! Eu farei o que você pedir.

Ele ficou parado.

— Tudo, Eleanor? — ele perguntou suavemente.

Ela corou.

— Qualquer coisa... racional.

— E nada indiscreto? — ele insistiu. Os olhos claros se estreitaram — É muita consideração levando em conta os seus rígidos limites.

Ela mordeu o lábio superior.

— Eu não posso ser indiscreta — ela sussurrou — Não são só os meus desejos que eu devo considerar. Tem a minha família — os olhos dela pediam compreensão — Certamente você deve lealdade aos seus parentes? Você também não sente a mesma responsabilidade?

Ele sentia. Mais do que podia admitir. Mas ele a queria tão perdida, tão apaixonada que arriscaria qualquer coisa, se atreveria por ele. Recusou-se a

considerar seu raciocínio, ou seus motivos. Era uma necessidade deixá-la ao seu poder.

Ele a puxou para perto e beijou-a com fome. Sentiu o corpo suave tremer em seus braços e imaginou quantos homens haviam experimentado a fingida inocente paixão. Uma aventureira inocente era uma contradição.

A mão dele deslizou pelo braço dela para alcançar a lateral do seio pequeno. Ela pulou e segurou o pulso dele freneticamente, afastando a boca em uma onda de embaraço.

Ele deixou os braços caírem e sorriu lentamente.

— Limites alcançados, Eleanor?

Ela apertou as mãos com força.

— Nenhuma mulher decente — ela começou.

— Decência não tem lugar aqui — ele disse firme — Uma mulher que se importa com um homem liga menos para a conduta social rígida e mais com dar prazer.

Ela deu um passo para trás. Estava estarelecida com a atitude dele. Certamente se ele se importasse com ela, não pediria tamanho sacrifício. Sua mente tentou entrar em foco.

Ele a estava perdendo. Viu a incerteza em seu rosto e aproximou-se para segurar as mãos dela e levar as palmas até sua boca.

— Perdão — ele disse suavemente — Eu estava lhe testando. Eu não posso exigir sacrifícios de você, Eleanor. Eu quero o prazer de sua companhia, o gosto de seus beijos quando estiver solitário. Não posso exigir mais do que você queira dar.

Ela relaxou com um suspiro e sorriu. Seu amor crescia mais a cada segundo, e ela via arco-íris de felicidade na sua frente.

O brilho repentino em seus olhos, o rosto radiante, o deixaram vagamente culpado. Para afastar os sentimentos indesejados, ele puxou-a gentilmente e tocou a boca suave com a sua.

— Você precisa entrar, minha querida — ele sussurrou — Nós não podemos ser vistos assim.

O nome carinhoso aqueceu-lhe o coração. Naquele momento ela daria tudo por ele. Incrível, encontrar o amor em um lugar tão inesperado, e tão repentinamente. Ela o olhou com o coração nos olhos.

Ele sorriu.

— Você é muito bonita — ele murmurou — Você vai mesmo me encontrar contra a vontade da sua família?

— Oh, sim — ela sussurrou fervorosamente — Quando você quiser, Cal.

Seu nome nos lábios dela acelerou-lhe o coração. Era algo inesperado. Deu um risinho.

— Eles não dizem que para o amor sempre se dá um jeito? — ele brincou apreciando o rubor dela — Nós encontraremos.

Eleanor concordou feliz. O amor daria um jeito, ele dissera, então aquilo significava que ele sentia a mesma coisa que ela. Sentia-se voando.

Ele segurou a mão dela e caminhou com ela até a casa, subindo os degraus da varanda.

— Nós precisamos tomar cuidado de agora em diante. Você não pode ser vista sozinha comigo — ele disse gentilmente.

— Sim, eu sei. Mas eu achei que você não fosse tão ligado nas convenções, senhor Barton — ela disse brincando.

Ele a observou intensamente.

— Você descobrirá que eu sou muito pouco convencional. Mas sua reputação é importante para mim.

Aquilo a agradou. Os olhos sorriram para ele.

— Você é antiquado.

Ele sorriu debilmente.

— Por que eu tenho a impressão de que você não é?

Ela trocou de posição.

— Talvez eu tenha dado uma falsa impressão de minha vida — ela disse lentamente — Eu exagerei... um pouco sobre as minhas aventuras — a tristeza em seus olhos o deixou confuso — Eu nunca precisei me preocupar — ela confessou — Talvez eu tenha criado honras para me glorificar.

— Você é jovem — ele protestou — Você pode se preocupar com casamento, filhos...

Ela ficou quieta. Seus olhos o buscaram, e ela viu o cinismo antes que ele pudesse escondê-lo.

— Você diz isso como se achasse que a vida em família é para os tolos!

As sobrancelhas dele se arquearam em direção ao nariz.

— Não para os tolos — ele começou — Mas eu tenho planos que não incluem um casamento.

Aquilo foi suficiente. De qualquer maneira ela estava pensando que eles se casariam? Ela não podia se casar com alguém como ele, e ele não queria se casar. Mesmo assim, podia acontecer, ela pensou teimosamente. Ela não criaria esperanças agora, não agora.

— Quando você viajava nos finais de semana, eu ficava imaginando se você tinha uma esposa e família para visitar — ela comentou.

— Eu tenho uma família — ele confessou observando o rosto dela se fechar — Pais e irmãos — ele imendou, e viu a luz voltando ao seu rosto.

— Você é o mais velho? — ela insistiu.

— O do meio — ele corrigiu.

— E você cresceu na sombra do mais velho?

— Meu irmão mais novo cresceu em duas sombras — ele brincou, relembrando a infância de Alan. Alan nunca se parecera com os dois tornados que vieram antes dele, embora tivesse talvez o melhor coração entre os três irmãos.

— Eu sempre desejei não ser filha única — ela respondeu — Mas não aconteceu.

— Você não tem irmãos? — ele perguntou.

— Não. Minha mãe sempre foi cuidadosa.

Ela a estudou com novo interesse. Ela estava mudando.

— E você é cuidadosa, Eleanor? — ele perguntou.

As lembranças da febre, durante quase um ano, ecoaram em sua mente. Ela estremeceu.

— Eu preciso entrar — ela sussurrou. Virou-se rapidamente e subiu os degraus, dizendo boa noite em voz baixa. Não podia admitir que era tão fraca, tão impossibilitada fisicamente. Certamente o destino não negaria essa pequena felicidade em sua vida enfadonha. Pelo menos teria a lembrança dos beijos de Cal para sustentar os anos vazios que teria pela frente!

CAL NÃO FOI VISTO NA manhã seguinte, e Eleanor imaginou se havia sonhado com o que acontecera na noite passada. Melly não fez perguntas, mas os olhos de tia Helen estavam repletos de preocupação, como se não tivesse certeza de algo.

Mais tarde naquele dia, enquanto Nora ajudava Melly a recolher alguns ovos no galinheiro, Melly explicou o que estava incomodando tia Helen.

— Nora — ela disse, como se escolhesse as palavras cuidadosamente — chegou um telegrama para você, de seus pais. Parece que você recebeu um convite para visitar alguns parentes na Europa. Eles disseram que você pode ser apresentada para a rainha Victoria!

Nora sentiu um pânico repentino. O convite não poderia ter chegado em um momento pior. Certamente seria algo muito especial ser apresentada para a rainha Victoria. Mas...

— Mamãe não sabe se deve ou não dizer a você. Você parece estar se divertindo tanto, e esteve muito doente — Melly confidenciou — Você está saudável, e nós gostamos muito da sua companhia. Não queremos que você vá tão rápido. Mas é sua escolha, claro. Eu disse à mamãe que falaria com você em particular.

Nora segurou os botões da saia comprida. Como poderia partir agora que ela e Cal estavam se descobrindo? Por outro lado, sua mãe não ficaria feliz se Nora perdesse essa oportunidade.

— Você não quer ir, não é? — Melly perguntou baixo — Você não quer deixar o senhor Barton.

O rosto de Nora se retorceu.

— É inútil — ela sussurrou.

— Por quê? Ele é um homem bom e decente — Melly disse — Apesar das circunstâncias — Certamente você não ter vergonha por achar o senhor Barton atraente?

Vergonha. Vergonha. Nora não queria pensar nisso, mas precisava. Era a verdade. Estava com vergonha. Cal Barton era apenas o empregado de um rancho. Mas ela poderia vesti-lo para a ópera ou para o teatro, com gravata branca e terno? Poderia vê-lo discutindo política com os amigos de seu pai, ou recebendo convidados com ela na sala de estar de sua mansão? Ele saberia ficar com os pés fora dos móveis, como agir em uma mesa, como se comportar como um cavalheiro sofisticado? Ficou apavorada ao imaginar Cal em uma reunião. Ele, com as botas sujas, as roupas rasgadas e o rosto sujo. Seus olhos se fecharam em uma onda de tristeza.

— O que eu faço? — ela perguntou a Melly — Não posso ficar e não quero partir!

Melly lhe abraçou carinhosamente.

— Espere por uma semana. Pense nisso — os olhos dela brilharam — Muita coisa pode acontecer em uma semana. E eu sou sua aliada, você sabe.

Nora a abraçou com força.

— Sua mãe nunca aprovaria um relacionamento entre Cal e eu. Nem os meus pais.

Melly a olhou preocupada.

— Eles não saberão. Certo?

Nora sorriu agradecida. Torceu os lábios e estudou a prima.

— Esse... pacto... não seria em troca de um favor, certo?

Melly corou.

— Oh, eu tenho certeza de que o senhor Langhorn nunca desejaria me encontrar em segredo.

— Como você diz, querida, tudo pode acontecer.

Melly deu uma gargalhada.

— Bem, quase tudo — ela consertou — Vamos pensar de uma maneira otimista?

— Vamos — Nora concordou.

MÁGICA, PELO VISTO, ESTAVA TRABALHANDO no rancho Tremayne. Cal Barton não saíra para o seu misterioso final de semana. Com a ajuda de Melly, ele e Nora fizeram longas caminhadas e andaram a cavalo.

— Isso é cruel — Nora disse divertida enquanto eles corriam na chuva em uma estrada estreita — Melly vai estar nos esperando no cruzamento.

— Ela tem uma sombrinha e um impermeável — ele lembrou Nora. Ele havia acendido um cigarro e o fumava. Parecia preocupado, como sempre quando se encontravam. Nunca falava sobre ele mesmo, sobre seus sonhos, família ou lar.

— Você é muito secreto — ela comentou — Eu lhe contei sobre a nossa casa de verão nas montanhas Blue Ridge da Virginia, e minha infância. Eu lhe contei sobre a minha família. Mas sei tão pouco sobre você.

Ele deu uma tragada no cigarro.

— Meu passado não é interessante — ele disse.

Ela mordiscou o lábio superior.

— Isso quer dizer que você não quer dividir a sua vida pessoal comigo?

Ele deu um risinho, tirando o cavalo da estrada e o levando até uma árvore para que ele descansasse. Ele virou na direção de Nora e a puxou gentilmente para seus braços.

— Pelo contrário. Eu quero dividir minhas coisas pessoais com você — ele murmurou, e sua boca inclinou-se para cobrir a dela.

Ela permitiu que a língua dele penetrasse sua boca, que as mãos fortes segurassem os seus seios. O prazer que sentiu a incomodou tanto quanto permitir que ele a tocasse. Era indecente permitir tais intimidades a um homem, mas ah, como era doce sentir os dedos longos traçando os mamilos duros. Mesmo através do tecido, ela se excitava. Ele gemeu suavemente quando a tocou, e ela aprovou a rapidez de sua respiração, o leve tremor na boca que se apoderava da sua tão fervorosamente.

Mas hoje ele estava diferente. Suas mãos deslizaram até os pequenos botões em seu pescoço e começaram a abri-los. Ela segurou os dedos dele, protestando.

— Calma — ele sussurrou, tocando a boca dela enquanto continuava — Você me ama, não ama? — ele perguntou ternamente, e viu o choque nos olhos dela. Ela não negou, e o coração dele disparou — Então não há vergonha em me permitir esse prazer.

Ele fazia a coisa parecer correta. Mesmo quando sentiu o prazer a invadindo, deveria ter protestado, mas ao invés das mãos deles sobre a pele fresca, sentiu a boca. Ela estremeceu, chocada com o prazer que ele proporcionava ao corpo indefeso. As mãos dela seguraram a cabeça dele e puxaram o seu cabelo, enquanto os lábios dele tocavam sua garganta e o seu colo.

— Cal... nós... não podemos — ela chiou.

— Oh, mas nós podemos — ele sussurrou ardentemente. Ele ergueu a cabeça, apenas por um segundo, para soltar o cordão que segurava o espartilho e expor os seios alvos por baixo do sutiã de renda.

Não era a primeira vez dele. Tivera mulheres. Mas a visão dos pequenos seios de Nora acendeu algo além da paixão dentro dele. Ele a olhou e teve a repentina e estarrecedora visão de uma pequena boca amamentando.

O choque estava nos olhos claros quando ele a encarou.

O dedão e o indicador tocaram o mamilo duro e ela ofegou, corada, porque nunca imaginara que um homem lhe podia tocar daquela maneira em plena luz do dia e olhar em seus olhos enquanto o fazia.

— Agora me diga — ele disse baixo — É a sua primeira vez?

Ela mordeu o lábio inferior. Os olhos deslizaram até o corpete aberto e os dedos bronzeados na palidez de sua pele. Sua respiração ficou presa com a intimidade.

— Sim, olhe — ele ofegou, excitado com a reação dela — Veja como o mamilo endurece quando eu o toco, veja como ele implora por minha boca.

Aquilo a chocou, e ela o encarou, vermelha.

Ele a encarou também.

— Você não sabia? — ele perguntou gentil — É o que um homem mais gosta em uma mulher, o gosto doce e suave de seus seios em sua boca.

Ela arqueou as costas involuntariamente e sua respiração mudou.

Ele soube, sem palavras. Sorrindo, segurou-a enquanto sua mão se afastou e a boca tomou o seu lugar lentamente, ternamente. Ele começou a sugá-la, sentindo o corpo estremecer e ela ofegar, e então o choramingo enquanto as sensações percorriam o corpo suave. Não conseguiria negar nada que ele lhe pedisse.

E ele sabia. Sentiu as batidas violentas do coração dela em sua boca. Havia uma pequena cabana deserta próxima dali, apenas alguns passos da estrada. Ela soltou-se em seus braços e ele soube que esse interlúdio estava predestinado. Com uma risada de triunfo, ele a pegou no colo. Recusava-se a pensar nas conseqüências. Ele a queria e ela o queria; certamente nada mais importava! Seu corpo estava dolorido pelas longas semanas de abstinência, e aqui estava Eleanor, apaixonada e o desejando. Até mesmo os seus pensamentos de vingança se apagaram. Ele a sentia a cada passo, como fogo em seu cérebro, em seu sangue.

— Cal — ela sussurrou aturdida.

— Não tenha medo — ele sussurrou contra a boca dela enquanto a levava até a cabana — Será o nosso segredo. Ninguém saberá. Eu preciso tanto de você, Eleanor — ele sussurrou roucamente — Eu só quero deitar com você, segurá-la em meus braços e sentir a sua boca embaixo da minha. Nada terrível vai acontecer. Não farei nada que você não queira.

Ele a sentiu relaxar e teve um momento de culpa. Ela confiava nele, e ele sabia que queria mais do que beijos. Podia fazer com que ela o desejasse também. Ele a queria, e ela o amava; a acusara disso e ela não negara. O corpo suave o incendiava. Além disso, ela era uma mulher moderna. Mesmo ela sendo mais inocente do que ele pensava, não seria terrível conhecer um homem. Ela podia se entregar a alguém, como as mulheres de sua natureza inevitavelmente o faziam. Podia ser ele. Ele queria ser o primeiro homem. Queria mais do que tudo! Seria gentil com ela, como nenhum homem poderia ser. Pensou nisso até recobrar os sentidos, até sua consciência fechar os olhos para a enormidade do que estava desejando. Seu corpo estava sob controle agora, pela primeira vez em sua vida.

Nora tremia em seus braços. Sabia o que ele ia lhe pedir, e enquanto ele subia os degraus e entrava no quarto escuro, ela só tinha sanidade para responder uma pergunta.

SEIS

Havia uma cama no canto do quarto, com uma colcha rasgada a cobrindo. A velha cabine era usada na primavera pelas mulheres, quando elas contavam as vacas e os bezerros novos, e precisavam ficar com eles para protegê-los dos predadores. Cal a carregou até ela. Seu corpo tremia de paixão não satisfeita enquanto ela deitava lentamente e colocava-se ao lado dela.

— Cal, eu não posso... — ela começou.

A boca dele cobriu a dela, interrompendo as palavras. Ele sabia como afastar os medos dela, como coagi-la a permitir as liberdades que ele desejava. Mas agora a intimidade era maior. Em algum momento enquanto ela beijava, ele afastara o tecido de seus seios, e no momento, com a boca a sugando ternamente, suas mãos estavam ocupadas com as fitas do espartilho.

— Oh, você não pode — ela sussurrou debilmente. Seu corpo tremia com o toque das mãos e da boca dele. Ela era mulher, viva pela primeira vez, feita de fogo e paixão, um vaso vazio que queria ser completo.

Ele sabia. A saboreava como um vinho fino, levando-a a uma intoxicação dos sentidos que ela nunca havia experimentado. Ela era tão inexperiente quanto ele era experiente, mas isso não o ajudou a parar. Estava a mercê de suas necessidades, e isso era tão novo para ele quanto os choramingos de prazer eram para Nora.

Estava envergonhada com sua nudez, mas sua boca quente a acalmava, a deixava sensível. Ela era perfeita, toda pele e cores suaves, e cheirava a rosas. As coxas suaves eram doces sob sua boca e mãos. Ele gostava dos gemidos fracos que ecoavam da boca delicada quando ele a tocou inesperadamente para se assegurar de que ela estava pronta para o que viria.

As mãos dela deslizaram pelo cabelo fino que cobria seu peito. Colou-se a ele convulsivamente, cega, surda e muda ao mundo ao seu redor, à tempestade que se formava dentro da pequena cabana. Não pensava nas conseqüências, no futuro ou em qualquer coisa exceto o prazer que Cal estava lhe proporcionando.

Quando ele ficou tão nu quanto ela, o toque do corpo masculino contra o seu era a glória. Ela apertou-se a ele, impressionada com a evidência do desejo que ele pressionou duramente contra a pele delicada de suas coxas.

Seus olhos se arregalaram. Ele sorriu com excitação.

— Eu sou um homem — ele sussurrou, deslizando a boca gentilmente pelos lábios dela — Nós fomos construídos para nos encaixarmos. Você não sabia?

— Eu nunca... nunca vi ou soube... — ela gaguejou.

Ele ergueu o corpo, segurando o quadril dela.

— Olhe para mim — ele disse suavemente.

Ela abriu os olhos e ficou estarrecida enquanto observava os contornos do corpo dele.

— Oh... pail! — ela chocou corada.

Ele sorriu.

— Isso é chocante? — ele inclinou-se, ternamente fechando os olhos dela com beijos enquanto afastava as pernas delicadas — Você não pode imaginar como será doce me sentir dentro de você — ele sussurrou.

Ela estremeceu. Suas unhas se afundaram nos braços dele.

— Gentilmente, minha querida — ele disse. Ele segurou o quadril dela quando inclinava-se para a frente, uma mão erguendo, puxando, enquanto pressionava contra as dobras suaves que protegiam o mistério de seu corpo — Eu não te machucaria por nada no mundo.

Ela mordeu o lábio inferior.

— Isso arde — ela ofegou.

— Apenas por um momento — ele murmurou, forçando-se a ser paciente quando a proximidade fazia o sangue subir na cabeça, através das veias. Seu corpo se retesou como uma corda esticada. Não conseguia se conter.

Ela estremeceu novamente, tornando tudo mais difícil.

A boca dele deslizou pelos seios dela e tocou-os gentilmente, até que ela começou a relaxar. A mão dele deslizou entre os corpos para tocá-la, e então ela gemeu repentinamente e colou-se a ele.

Ela abriu os olhos quando ele entrou totalmente nela, e eles ficaram congelados, se encarando, quando pareciam queimar juntos. Ele gemeu ásperamente, o quadril pressionando enquanto observava o rosto chocado.

O movimento era ágil, rápido, alto na quietude do quarto. A respiração ofegante ecoava nos gemidos do homem acima dela. Seu amante, ela pensou enquanto podia. Seu amante... seu amante...!

Ela gritou o nome dele, colou-se a ele, ofegou enquanto correspondia aos movimentos. Mas muito cedo, o corpo forte se esticou e ele gritou roucamente, o rosto vermelho enquanto se arqueava e convulsionava.

Ela estava insatisfeita. Parecia tremer, mas não havia alívio. Não conseguia parar de se mexer, mesmo quando ele tombou sobre ela, e gemeu de frustração quando a febre apenas se tornou pior.

Ele conseguiu controlar a respiração, e rolou para o lado, trazendo-a consigo.

— Ainda temos muito tempo — ele sussurrou, cobrindo a boca dela com a sua.

Ela não entendeu, mas não importava. Ele a moveu até conseguir um grito de prazer dela.

— Aí — ele sussurrou roucamente — Sim... Aí.

O ritmo era rápido e bruto, como antes, mas dessa vez, ela alcançou as estrelas. Seus gritos selvagens eram música para os ouvidos dele. Ele a sentiu convulsionar-se e colar o quadril ao seu, segurando-a lá até que ela caiu como um objeto morto em seus braços e finalmente, finalmente, derramou-se em lágrimas contra ele.

Eles descansaram, e dormiram um pouco. E então veio a vergonha.

Ela vestiu-se em silêncio, de costas para ele. Seu corpo doía por causa dos exercícios, e havia uma dor que não era familiar. Havia manchas também, das quais ela evitou olhar. A parte mais difícil era amarrar o espartilho, o que conseguiu depois de um bom tempo. Ela sentia-se, e certamente parecia, desgrenhada. Não sabia como explicaria a longa ausência à pobre Melly, muito menos a aparência.

Cal levou muito menos tempo do que ela para se vestir. Ele estava fumando um cigarro quando ela finalmente ficou pronta.

Sentiu-se doente com a falta de honra. Havia seduzido uma mulher inocente, e tudo porque seu orgulho havia sido ferido por sua atitude. Parecia uma desculpa ridícula agora, como consequência de uma paixão exaustiva. Nunca sentira tanto prazer antes. Pelo menos havia lhe dado também, apesar do preço que exigira em retorno. Ela não era mais virgem, e havia o risco de um filho. Havia desonrado aos dois.

— Nós podemos ir agora... por favor? — ela perguntou em voz baixa.

Ele virou-se, piscando ao ver a expressão dela. A mulher confiante e arrogante que chegara ao rancho Tremayne não estava mais ali. Essa era uma garota tímida e insegura, cuja culpa e vergonha estavam claramente estampadas no rosto casto.

Ele abriu a porta para ela, hesitando quando ela se aproximou.

— Eu não queria que isso acontecesse — ele disse baixo — Se você não acredita em mais nada, acredite nisso.

Ela concordou sem erguer os olhos.

— Eu vou cuidar de você — ele acrescentou rigidamente — se for preciso.

Preciso. Como se eles não tivessem quebrado regras de conduta, como se não tivessem traído e envergonhado a eles mesmos e a suas famílias. Ele estava dizendo que se sacrificaria se ela engravidasse, porque as convenções exigiam isso de um homem honrado.

Ela o olhou com fúria.

— Você teria sorte se a necessidade surgisse, não é, senhor? Considerando a sua condição financeira e a minha, eu posso dizer que você se sentiria abençoado se eu tivesse uma criança!

Ele sentiu as palavras o atingindo como punhais. Ela pensava que ele era um gigolô! Seria engraçado se as circunstâncias não fossem tão terríveis. Com isso, ela apenas tornou a culpa dele maior, e ele a atacou.

— Você se diverte muito com as circunstâncias dos homens daqui — ele disse friamente — O seu tratamento com o pobre Greely me deixou determinado a lhe mostrar como um homem experiente poderia facilmente brincar com você. E eu consegui, madame. Você nem ao menos foi um desafio.

Ela passou de vermelha a branca em segundos, estremecendo com a acusação. Nem ao menos podia negá-la. Havia caído em seus braços sem protestar, mas porque o amava. Ela o amava! E ele não sentia nada por ela, a não ser desprezo. Ele a seduzira para vingar Greely. Havia sido um ato frio e deliberado.

— Quando eu contar ao meu tio ele vai te matar! — ela rugiu.

— Quando você contar ao seu tio ele vai te jogar na rua — ele disse friamente — Ele e sua tia são escravos das convenções. Eles te sacrificariam se isso significasse qualquer risco, e você sabe disso.

Ela engoliu a raiva, estremecendo.

— Eu fui seduzida — ela acusou roucamente.

— Foi mesmo, mas de bom grado — ele a lembrou. Ele sorriu, mas não de verdade — Me surpreende, com o seu passado, a sua vez ter sido com um pobre vaqueiro. Não seria melhor ter se guardado para alguém mais rico?

Ela apertou a bolsa com força, muito envergonhada para lutar.

— Me leve para casa — ela disse com um sussurro, e caminhou até a porta.

Ele bateu a mão contra a porta. Não queria deixá-la mais envergonhada do que já estava, mas ela o irritava com sua atitude superior, com suas acusações de que ele a seduzira deliberadamente por motivos financeiros. Sua falta de razão e controle o irritava ainda mais.

Ela estava lhe esperando na carroça quando ele sentou ao seu lado. Estava tranqüila, mas tão calma que ele ficou preocupado.

— Não faça nada ruim — ele disse brusco, os olhos prateados brilhando

— Você ouviu? Se você der a luz, o filho vai ser tão seu quanto meu.

Ela contorceu as mãos que seguravam a bolsa.

— Eu não mandaria a minha alma para o inferno me suicidando, senhor — ela disse em um tom baixo — Nem condenaria uma pobre criança a tal destino. Apesar do que você pensa de mim, não sou desumana.

Ele segurou as rédeas. Não conseguia encará-la. Seu peito subiu e desceu com um longo e doloroso suspiro.

— Nós precisamos decidir o que fazer, Eleanor — ele disse depois de um minuto.

— A decisão é minha, não sua — ela disse — Eu preciso ir para casa.

— Casa!

— Casa! — ela devolveu firme, os olhos azuis o desafiando a argumentar — Eu entro em contato se... se houver necessidade, mas não ficarei mais! Acabaria com meus nervos ter que olhar para você novamente depois — ela respirou fundo e desviou o olhar — do que aconteceu.

Ele contraiu as mãos que seguravam as rédeas e comprimiu a boca.

— Não seria gentil lembrar que você adorou o que aconteceu — ele disse entredentes e colocou a carroça em movimento.

Ela não respondeu. Sua humilhação já havia sido completa sem aquilo. Ele a machucara mais do que podia imaginar. Ela estava apaixonada enquanto ele apenas estava atrás de vingança. E mesmo agora, ele não entendia que ela não quisera magoar Greely.

Ela queria perguntar se a vingança havia valido a pena, se ele achava que seu amigo estava vingado. Mas não tinha coragem. Estava doente do estômago, do coração, da alma. Como pudera ser tão estúpida? Olhando para trás, podia perceber que ele brincara com ela desde o começo, provocando, cortejando, quando apenas calculava como seria a maneira mais doce de machucá-la.

— Pare de se atormentar — ele disse brusco, quando eles se aproximaram do cruzamento onde Melly esperava — Nada vai reparar isso.

— Que pena — ela disse desconfortável.

— Pelo amor de Deus, não chore! — ele disse — Se ela vir as lágrimas saberá de tudo!

Nora secou as lágrimas.

— Certamente você já teve encontros com homens — ele acusou odiando a culpa que sentia — Não posso ser o primeiro homem que lhe beijou ou tocou dessa maneira.

A voz dela tremeu quando respondeu.

— Mas você foi. Eu não tinha interesse pelos homens.

— Por que você não achou nenhum do seu nível social para brincar? — ele riu asperamente.

Ela ergueu os olhos. Se havia dor ou culpa nele, escondia muito bem. Desviou o olhar.

— Porque eu nunca amei — ela corrigiu roucamente, e só então percebeu o que acabara de admitir.

A terrível contorção das feições dele lhe disse imediatamente que ele sabia que ela o amava. Isso aumentou a sua culpa. Havia escondido muito bem, mas nenhuma máscara podia esconder o choque e a angústia de saber que arrancara-lhe o coração na sua busca em vingar Greely. Tinha que lidar com isso também; que ele não apenas a desonrara, mas também quebrara-lhe o coração.

As feições dele se suavizaram enquanto a olhava com pena.

— Minha querida — ele começou lentamente, hesitante.

— Eu não sou sua querida — ela gritou — De fato, senhor, eu te odeio como nunca odiei ninguém! Eu apenas peço que não surja um neném para sofrer por nossos pecados, porque o inferno seria melhor do que casar com você!

Enquanto ele ainda absorvia o golpe desagradável, ela desceu da carroça e correu até Melly, subindo na outra carroça.

— Céus, Nora, o que aconteceu? — Melly exclamou quando viu a condição em que a prima se encontrava.

— A tempestade nos pegou — Nora disse — E tivemos que nos abrigar em uma cabana. Oh, foi terrível, Melly, os raios, os trovões e a chuva enquanto nós corríamos... Cal jogou seu casaco sobre mim, e eu estou toda descabelada!

Melly relaxou visivelmente.

— Isso é tudo! — ela riu — Estou com vergonha dos meus pensamentos. Precisamos ir para casa! Nós diremos à mamãe que fomos pegas pela tempestade e nos abrigamos na cabana.

Os olhos de Nora se enxerem de lágrimas.

— Você é tão gentil, Melly.

— Você não faria o mesmo por mim? — ela brincou.

Nora não respondeu que ela não era tão cruel. Observou a carroça que Cal estava guiando se afastar na chuva e elas foram para o outro lado.

ELA NÃO FALOU SOBRE a sua necessidade de deixar o rancho quando elas voltaram, por medo de deixar escapar o que havia acontecido. Trocou de roupa enquanto Melly contava as mentiras que elas haviam inventado, e sorriu apesar da dor. Parecia a mesma de sempre, e infelizmente a chuva não causara febre. Mas por dentro, sentia-se morta.

Na manhã seguinte, depois de uma noite mal dormida, encontrou a tia na sala de estar.

— Eu não devia mencionar isso, mas Melly disse que eu recebi um convite para visitar uns parentes na Europa — ela começou.

Helen sorriu envergonhada.

— Sim, você recebeu. Eu devia ter lhe contado antes, mas eu hesitei para dar uma desculpa para que você não nos deixasse. Melly está tão feliz desde que você chegou.

— Eu gostei muito da minha visita — Nora respondeu e sorriu para ela — Mas ser apresentada na corte! — ela deixou o entusiasmo falar sozinho.

— Eu sei. Eu também não conseguiria perder a chance, querida — Helen disse gentilmente. Ela pegou a carta da irmã e entregou para Nora — São apenas alguns dias, você sabe. Eu sinto muito, mas de maneira egoísta, eu não quero que você vá. Aqui. Leia você mesma.

Nora leu. Era um convite para o estado Randolph, próximo a Londres. A única coisa que a deixava em dúvida era que Edward Summerville era amigo dos Randolph, mas certamente ele já falara sobre a sua conduta depois da surra que os primos de Nora lhe haviam dado na África. Londres. O palácio. Uma apresentação à rainha Victoria e ao príncipe de Wales. Talvez o passeio lhe afastasse a cabeça do que acontecera e ajudasse a esquecer o homem que ela amava e a traía.

— Eu preciso ir — ela disse — Verdade, eu preciso. Sinto muito.

Helen balançou a cabeça.

— Não precisa se desculpar. Mas eu espero que você volte para que possa nos contar tudo.

— Seria ótimo voltar — Nora mentiu. Nunca mais se aproximaria do rancho enquanto Cal Barton trabalhasse ali. Não conseguia parar de pensar no que havia feito. Havia se entregado a um vaqueiro comum. Ele se vangloriaria de sua conquista? Seus joelhos ficaram fracos ao imaginá-lo contando o que havia acontecido para as outras pessoas.

— Você parece doente — Helen disse preocupada — Você não está resfriada por causa da tempestade?

— Não — Nora disse rapidamente — Estou apenas um pouco cansada, só isso. A tempestade foi violenta, e nós tivemos sorte de encontrar a cabana.

— De fato tiveram mesmo.

— Eu preciso arrumar as minhas coisas. Talvez o tio Chester possa me levar na estação amanhã?

— Sim, você pode pegar o primeiro trem — Helen mexeu-se triste — Oh, minha querida, eu odeio lhe ver partir. Era como ter a minha querida irmã comigo novamente.

Nora a abraçou.

— Eu voltarei — ela prometeu. Talvez um dia ela voltasse, se Cal Barton pedisse demissão. E não houvesse nenhuma terrível consequência a encarar por causa de sua estupidez. Sem contar que sua tia a expulsaria imediatamente se soubesse que ela engravidara fora do casamento. Mulheres escandalosas eram descartadas pela sociedade.

MELLY LHE AJUDOU A ARRUMAR AS MALAS, parecendo desanimada e triste.

— Eu queria que você ficasse — ela disse — Como você partir quando se sente assim por Cal? Você não sentirá a falta dele?

— Claro que sim — Nora disse, forçando-se a parecer educada — Foi divertido encontrá-lo em segredo. Mas você sabe que eu não poderia criar esperanças por esse homem, Melly. Honestamente, você pode imaginar o senhor Barton na ópera com aquelas botas que ele usa? — ela riu.

A risada pareceu um pouco forçada. Melly franziu a testa. Nora não era a mesma desde ontem, e seus olhos estavam vermelhos quando chegara na carroça com Cal.

— Ele lhe magoou, não foi? — Melly perguntou gentilmente.

Nora mordeu o lábio inferior, mas as lágrimas escaparam mesmo assim. Ela cobriu o rosto com as mãos.

— Foi tudo vingança, Melly, todas as coisas doces que ele disse. Ele me disse. Ele estava se vingando pelo que eu fiz com Greely. Ele estava... se vingando, isso foi tudo. Ele nunca se importou comigo. Ele só queria me envergonhar, me machucar, me arrepender pelo que eu fiz com seu amigo — ela fungou dolorosamente — Oh, eu o odeio — ela sussurrou — Eu o odeio!

Melly abraçou a prima.

— A cobra — ela murmurou — Como ele pode ser tão cruel!

— Eu nunca quis magoar Greely — Nora disse — Eu apenas gostava da timidez dele. Não fui deliberadamente cruel!

— Calma, querida. Eu sei. Eu sei.

— Eu amava Cal — ela confessou em um sussurro — Como ele pôde me machucar tanto?

— Os homens geralmente são cruéis, sem ter a intenção — Melly disse — Você tem certeza de que ele não te ama?

— Ele disse que eu era uma idiota — ela fungou — Que toda a paquera e os encontros secretos eram para me fazer sentir muito pelo que eu fizera.

Melly a abraçou com mais força.

— E é por isso que você vai para casa?

— Eu preciso — ela disse, escondendo o medo que sentia — Não há nada para mim aqui. Eu estarei longe dele na Inglaterra. Meu coração vai cicatrizar.

Melly concordou, mas não disse nada. Às vezes as palavras apenas pioravam as coisas. Abraçou a prima e deixou que ela chorasse até as lágrimas secarem.

AS MALAS DE NORA FORAM COLOCADAS na carroça enquanto ela se despedia de Melly e tia Helen, e tio Chester dava algumas ordens aos homens.

Cal Barton parou ao seu lado, o chapéu na mão, ciente do olhar que a tia de Nora lhe lançava.

— Eu espero que você tenha uma viagem segura até Virginia, senhorita Marlowe — ele disse educado.

— Obrigada, senhor Barton — ela disse em voz baixa. Seu coração batia loucamente e ela precisou afastar os olhos dele. Lembrava-se muito bem de sua entrega.

— Olhe para mim!

Ela ergueu o rosto, corada pelo olhar que viu no rosto dele. Ele disse algo em voz baixa, e apertou a aba de seu chapéu.

— Fugir não vai adiantar nada — ele disse.

— Ficar também não — ela disse com o que lhe sobrava de orgulho — Você não tem nada para me oferecer.

Ele a olhou, o rosto duro.

— Minha vida estava planejada — ele disse — Eu tenho sonhos para alcançar, e não tenho lugar para uma mulher neles. Enquanto você — ele acrescentou — Não tem lugar em sua vida para um caubói pobre. Certo?

Ela corou.

— Eu estava errada em lhe acusar disso — ela disse infeliz — Eu lhe conheço bem.

O rosto dele endureceu.

— Você me conhece melhor do que imagina — ele disse — De todas as maneiras.

— Não! — ela sussurrou freneticamente.

— Nós fomos juntos ao paraíso — ele disse roucamente — Você pode esquecer?

— Não me envegonhe!

Ele odiava a audiência, mesmo eles não escutando. Ele não queria que ela fosse. Algo precisava ser feito; certamente ele podia pensar em algo para mantê-la ali.

— Fique! — ele sussurrou roucamente.

Ela mordeu o lábio. Não conseguia olhar para ele, porque se o fizesse, não conseguiria partir. Ele não queria casamento, queria apenas o seu corpo. Não podia render-se a essa fraqueza. Ela o amava, mas ele não sentia emoção por ela.

— Não posso — ela disse sombriamente — Não posso — ela finalmente ergueu os olhos — Existem tantas coisas que você não sabe sobre mim — ela

disse — Eu sabia que nunca poderia me casar ou ter filhos. Eu aceitei. Eu nunca teria amado... Se você não me forçasse!

Ele arqueou a sobrancelha.

— O que você quer dizer?

Seu tio estava voltando. Não havia mais tempo. Era muito tarde. Muito tarde!

— Adeus — ela disse baixo, e virou-se para subir na carroça. Cal a ajudou. O toque dele em seu braço era como uma carícia, lhe aquecendo o coração. Ela sentou no banco, as lágrimas lhe queimando os olhos.

— Pronta para partir, menina? — Tio Chester perguntou alegremente.

— Sim — ela disse forçando um sorriso e acenando para a tia e para a prima — Sim, eu esto pronta. Adeus!

Eles disseram adeus juntos, mas Cal Barton ficou parado, a cabeça no sol, observando-a deixá-lo. Ele não a amava, disse a si mesmo, apenas sentia culpa porque a comprometera. Mas isso não explicava o vazio dentro dele enquanto a carroça se tornava cada vez menor à distância.

SETE

Nora viajou para Inglaterra uma semana após ter chegado do Texas. Estava encantadora, até mesmo bem disposta, mas havia um peso em seu coração quando se recordava de como havia sido estúpida. Se houvessem outros homens em sua vida, talvez ela não tivesse se apaixonado tão desesperadamente por alguém tão inadequado. E agora ela precisava esperar para saber se haveriam conseqüências. Nunca se sentira tão sozinha.

Os passageiros no navio eram amigáveis, mas Nora ficava sozinha, a não ser quando as refeições eram servidas. Ela sentava-se à mesa do capitão e apresentava frieza e elegância, enquanto por dentro ela se atormentava com as lembranças de Cal Barton. Esses cavalheiros gentis e elegantes nunca se permitiriam ficar sujos ou fedidos. Eles eram ricos e sofisticados. Mas ela se lembrava, muito bem, do modo como Cal a olhara enquanto a tinha nos braços. Havia uma estranha ternura nos olhos claros. Ela o recordava sem desejar, porque era uma lembrança amarga da vingança.

Sua repreensão o fizera parecer um alienígena. Quando criança, não podia brincar com crianças que não eram de seu nível social. Ela era uma moleca, para o desespero dos pais, mas uma governanta rígida havia lhe levado a espontaneidade e a impulsividade. Ela aprendera a ser uma dama correta, com maneiras educadas. A alternativa era uma varinhada que o pai lhe dava nas pernas. Mesmo por cima das saias, era dolorido. Uma criança precisava aprender disciplina, ele a informara muitas vezes, ou ela cresceria inútil e imoral. Ela frequentemente desejava que houvesse uma maneira mais gentil de assegurar tais traços. Ela parecia nunca agradar o pai, e suas pobres pernas estavam constantemente machucadas durante a adolescência.

Sua mãe nunca protestara contra as sessões de disciplina. De certa maneira não tinha coragem de se rebelar. Nora pensava que se algum dia tivesse um filho, nunca permitiria que ele fosse tratado de tal maneira, sem importar as conseqüências para ela. Diferente da mãe, ela não seria comandada por um marido.

A vida era muito guiada por regras e modos de se comportar. Ela imaginava como seria vestir jeans como um homem e montar em um cavalo, ou poder conversar com quem quisesse. Durante sua infância ela invejava as crianças que brincavam com bolinhas de gude e rolavam, gargalhando, na grama, enquanto brincavam com os cachorros e gatos de rua. Nora nunca tivera um animal de estimação. Animais eram nojentos, seu pai a informara. E claro, uma dama nunca permitia que sua roupa fosse manchada.

ELA FICOU SOZINHA até que o navio ancorou em Londres, e uma carruagem a levou até a propriedade Randolph. Era outubro, e a viagem havia sido amargamente fria. Ela se enrolou no casaco de peles, com uma manta enrolada nas pernas para evitar que elas congelassem. Sua mão tocou a pele negra ternamente, e ela sentiu uma onda de pena pela pobre criatura que a proporcionara. Ainda assim, era agradável contra o frio.

Ela ainda não sabia se estava grávida. Sua menstruação nunca havia sido regular, e provavelmente atrasara nesse mês por causa da excitação. Sentia tanta falta de Cal que se sentia partida ao meio.

A propriedade Randolph era composta por uma casa de campo do século dezessete que havia sido da realeza. Era fria como gelo, mas possuía uma atmosfera de calor que fazia Nora se sentir em casa. Seus primos, senhor Torrance e Senhora Edna, a fizeram sentir-se bem vinda. Eles eram da realeza minoritária, ele era um baronete — um título pelo qual fora presenteado pela rainha Victoria pelo serviço militar, não um título herdado, mas o casal era menos preocupado com títulos do que os outros de sua estatura. Eles não tinham filhos e adoravam companhia jovem, especialmente Nora. Nora achou o convite providencial, quando precisava desesperadamente de mimos. Sua mãe era gentil e doce, mas seu pai era um homem de negócios que tinha pouco tempo para afetos. Ela nunca pensara na idéia de contar seu estado aos pais, por medo de ser deserdada. Seu pai nunca perdoaria o que havia feito, ou a perdoaria. Sua opinião sobre "mulheres perdidas" era lendária na família. E embora sua mãe pudesse ser compreensiva, ela nunca se oporia ao marido.

A única coisa boa na tumultuada vida de Nora era ela não ter sido novamente dominada pela febre.

— Eu acho que o seu médico está errado — Edna disse enquanto eles estavam sentados na sala de estar — Dizer a você que a febre é fatal! Que coisa! Eu conheço duas mulheres que contraíram a febre na África, e ambas viveram muito tempo e tiveram família grande.

— Nosso médico é muito renomado — Nora disse infeliz — Ele nunca se enganou antes.

— E o que um médico de Virginia sabe sobre doenças tropicais? — Edna bufou — Idéia ultrapassada. Um médico de colônia.

— Querida, as colônias são chamadas de América agora — o marido corrigiu gentilmente.

— As colônias — ela corrigiu firme — Precisam de melhores médicos. Eu pedirei que o meu próprio médico lhe examine, querida.

— Não! — Nora sentou e forçou-se a aparentar calma — Quero dizer, não preciso de exame. Me sinto bem — não podia permitir que um médico a

examinasse, quando não sabia se estava grávida. Talvez um médico tivesse meios de descobrir logo após a concepção. Não sabia nada sobre medicina.

— Como você quiser, querida — Edna disse gentilmente — Mas é bom pensar no assunto.

— Eu pensarei, prometo — ela jurou.

O BRILHO da cômte inglesa era algo com que Nora nunca sonhara. Ainda não conseguia acreditar que ia ser apresentada à rainha. Durante dias ela ensaiara sobre o que dizer, como se comportar, como agir. Havia um rígido protocolo sobre o que deveria fazer, e ela prestava muita atenção aos ensinamentos. Sua única preocupação era a tendência que possuía a esquecer as coisas. Deus permita que ela não desmaiasse nos pés da monarca.

Sobre a rainha Victoria, ela era singularmente ignorante, apesar dos primos reais. Ela sabia que a rainha tinha nove filhos, que ficara viúva no ano em que a guerra civil americana começara. Ela sabia que o príncipe Albert Edward era o filho mais velho de Victoria. Sabia que Victoria havia celebrado o seu júbilo de diamante em 1897, e que ficara deprimida com a guerra do Bôer na África do Sul, e a Rebelião Boxer na China. Era um período triste para ir à Inglaterra, e apesar da excitação pelo dia no palácio, uma parte de Nora estava sofrendo com a traição de Cal.

A apresentação era a noite, e Nora vestiu seu melhor vestido, um de seda preto com luvas até os cotovelos. Colocou um pequeno chapéu com um véu, e os diamantes da mãe no pescoço e nos pulsos. Sentia-se elegante, mas a primeira visão da idosa rainha fez seu coração disparar e saltar na garganta.

Victoria tinha oitenta e um anos, mas possuía o inegável orgulho de sua posição e a ostentação de uma mulher que governara a Inglaterra por mais de sessenta anos. Ela amada pelo seu povo e respeitada por todo o mundo. Mesmo o parlamento a defendia. Mas ela não parecia bem, Nora pensou infeliz. Pobre mulher, ter vivido tanto tempo sem o homem que mais amava no mundo. Sentia uma estranha simpatia por ela, porque também tinha que enfrentar a idéia de nunca mais ver Cal Barton.

Seus joelhos tremeram quando ela foi apresentada a Victoria, que acenou e sorriu agradavelmente. Ela curvou-se sem cair, embora estivesse menos calma do que aparentasse. Uma saudação, um rápido toque de recolher, e acabou. Um momento que duraria toda uma vida, e havia muitos outros na lista que dariam tudo para passar alguns minutos na corte.

— Bem, minha querida? — Edna deu um risinho enquanto elas tomavam chá em um pequeno café a poucos quarteirões do castelo Windsor — Como você se sente?

— Oh, eu nunca mais vou lavar as minhas luvas ou trocar de roupa — Nora murmurou secamente — Por outro lado, acho que foi normal.
Edna e seu marido riram deliciados e pediram outro pedaço de bolo.

OS DIAS PASSARAM DEVAGAR. Nora começou a recuperar-se da tristeza que a afligia. Mas ela não queria aventuras. Estava contente por deixar os empregados lhe trazerem chá, bolos e revistas, e sentar no jardim sem ser perturbada. Edna e Torrance lhe davam apoio sem serem intrometidos, como se soubessem que ela tivera uma experiência triste e queriam apenas lhe dar conforto.

Mas pela noite, ela se remexia na cama com as lembranças de Cal Barton na velha cabana. Sentia a boca dele, o suspiro torturado dele em seu ouvido, experimentava todo o êxtase de se tornar uma mulher no sentido real da palavra. Era um segredo vergonhoso. Não apenas sacrificara sua virtude, cometera o pecado capital de ter apreciado. Quando ela ia à igreja, mantinha o véu no lugar e ouvia o sermão. Havia pecado terrivelmente. Talvez fosse para o inferno por causa disso. Mas ela amava Cal, sempre o amaria. Isso não balanceava um pouco as escalas? E ela não era a única culpada. Ele a seduzira. Ela era inocente, mas ele não. Certamente ele sabia o que estava fazendo, de fato, a seduzindo deliberadamente para mostrar-lhe como era fácil. Essa era a parte mais vergonhosa; ela havia amado, e ele apenas a usara para satisfazer um apetite nojento. Ele não lhe amara. E pior, ela não se importara. Ela só quisera agradá-lo, enquanto ele planejava sua queda. Sentia-se suja.

Havia outra preocupação, uma secreta. Ela estava atrasada; mais do que nunca. E começara a perder o apetite no café da manhã. Sempre esperava ansiosa pela primeira refeição do dia, adorava as torradas, a geléia e os ovos mexidos. Mas ultimamente mal podia ouvir falar em ovos mexidos. O terror da gravidez a deixava gelada de medo. Aonde ela iria? O que ela faria? Seus pais a deserdariam.

Cal a fizera prometer que contaria se houvesse consequências, mas ela tinha muito orgulho. Não, haveria outro jeito... E então ela se lembrou da terrível febre que poderia reaparecer e ficou preocupada. Poderia machucar o neném? Colocou as mãos protetoramente sobre o estômago. Ela já o imaginava como um ser vivo, um pequeno ser vivo, mesmo que não houvesse provas de sua existência e sim suspeitas. Ela estremeceu com o pensamento. Não tinha idéia do que fazer. Apenas sabia que precisava começar a tomar decisões.

UMA CARTA DE SUA MÃE CHEGOU no final da semana seguinte, lembrando que ela precisava chegar para Ação de Graças. Ela também dizia que Edward Summerville havia perguntado por ela. Ele estava a caminho da Inglaterra, e quando ele convencera sua mãe a lhe dizer onde estava, afirmou que planejava parar na propriedade Randolph para visitá-la. Sua mãe não gostara disso, e nem seu pai, mas eles não podiam fazer nada para detê-lo. Edward Summerville era a última pessoa no mundo que Nora desejava ver!

Como previsto, ele chegou naquela tarde, vindo no mesmo navio em que a carta viera da América. Ele foi recebido calorosamente pelos Randolph, Nora lançou-lhe um olhar desagradável.

Ele corou quando encontrou o olhar acusador. Ele era quase muito bonito; loiro com olhos azuis, alto e majestoso. Tinha até mesmo uma pronúncia impecável. As mulheres o amavam. A maioria das mulheres. Nora o achava repulsivo.

— Eu espero que você esteja bem, Nora — ele disse estendendo a mão.

Ela a afastou antes que ele pudesse tocá-la.

— Eu estava melhor antes de ter ido para a África, Edward — ela disse acusadora.

Ele respirou fundo. Parecia cansado.

— Sim — ele disse — Para minha vergonha, eu sei. Eu tive meses para pensar no meu comportamento. Eu sinto muito, Nora. Na verdade, eu vim para desculpar-me. Imagine isso — ele riu cinicamente.

Ela colocou as mãos na cintura.

— Agora que você já pediu, eu espero nunca mais ter que vê-lo.

Ele fez uma careta e lançou um olhar ao casal que estava sentado próximo à lareira, tentando não espiar.

— Você vai partir o coração deles — ele disse baixo — Eles esperam um romance.

— Isso precisaria de um pouco de imaginação — ela disse zombeteira.

— Nossa!

— Eu não tenho sentimento por você, a não ser nojo — ela disse bruscamente — Eu fiquei com febre durante toda a primavera. E a culpa é sua.

— Eu me culpo — ele disse fervorosamente — Sua mãe me contou sobre o seu sofrimento. Eu sou um canalha, Eleanor. Mas eu nunca soube, não mesmo, até Kenya. — ele se apoiou na cara bengala — Eu espero melhorar a sua idéia ao meu respeito.

— Isso vai precisar de algum esforço — ela disse amarga.

— Eu sei. Fui convidado a ficar — ele acrescentou sorrindo.

— Então eu vou embora.

— Não — ele ficou em pé — Por favor. Pelo menos me dê a oportunidade de me redimir, Eleanor. Eu prometo que não farei nada que lhe ofenda, nada mesmo. Eu quero apenas o prazer de sua companhia, quando você desejar.

Ela hesitou. Ele não parecia mais assustador. De fato, parecia arrependido. Ela estava solitária. Provavelmente era uma coisa estúpida a fazer, mas depois de um minuto, concordou relutantemente, e ele relaxou. Manteria sua mente afastada de Cal, talvez, se pudesse esquecer os horrores que sofrera desde o Kenya. Não era tão cabeça dura para recusar seu pedido de perdão, quando ele parecia tão genuinamente arrependido por seu comportamento. Eles diziam que as pessoas mudavam. O tempo diria.

EM BEAUMONT, um fatigado Cal Barton observava o trabalho no segundo período que ele e seu parceiro haviam comprado. Pike era um homem magro, escuro, um pouco mais velho que Cal, que passara a vida procurando por um grande poço de petróleo. Cal precisava de alguém para ficar com o equipamento e supervisionar os homens enquanto ele trabalhava no rancho Tremayne e gentilmente guiava Chester na direção de métodos mais modernos de produção de carne. Seu coração não batia mais desde a partida de Eleanor, mas ele ignorava os sentimentos. O problema era que ele não podia estar em dois lugares ao mesmo tempo, e Chester estava se enrolando com o novo cultivador.

— Ela estará seca — Pike disse brusco quando eles atingiram a água.

— Você não pode saber. Não fomos muito fundo — Cal argumentou.

— Eu sei — Pike limpou o rosto em uma manga, e os olhos escuros encontraram os de Cal — Esse território é familiar para mim. Água, e então nada. Se houvesse petróleo, já teríamos algum sinal.

— Vá mais fundo — Cal insistiu — O geólogo que eu contratei acha que é o lugar ideal para perfurar.

— Geólogos não sabem tudo.

— Muito menos os bruxos d'água — Cal disse afiado.

— Não? O bruxo d'água disse que nós encontraríamos água aqui e nós encontramos — Pike o lembrou — Com uma vara de adivinhação e tudo. Willow já está ficando louco e jogou-se no chão onde o equipamento está. Eu disse que nós encontraríamos água.

— Nós encontraremos petróleo. Já encontraram no Texas.

— Mas não aqui.

— Nós encontraremos — Cal disse sem graça.

Pike segurou os ombros do amigo.

— Nós continuaremos. O que acontecerá quando acabar o dinheiro?

— Nós começamos com o seu — Cal deu um risinho.

Pike o olhou estreitamente e voltou ao trabalho.

Cal pegou o próximo trem para Tyler Junction. Imaginou como Eleanor estava, se ela pensava nele, se o odiava. O pior de tudo, ele se preocupava com sua condição. Se nascesse uma criança, ele não poderia deixá-la sozinha. Precisava fazer algo. Mas o quê?

Não esperava que ela escrevesse para ele, e ela não escreveu. Mas escreveu para sua família. Encontrou Melly alguns dias depois e perguntou claramente se ela tinha notícias de Nora.

— Sim — Melly disse hesitante e de maneira fria porque sabia que ele machucara sua prima — Ela está na Inglaterra com alguns primos.

Ele tirou o chapéu e passou a mão pelo cabelo negro suado. Os olhos cinzentos encontraram os dela.

— Ela está bem?

Melly pensou que ele se referia a febre, e adivinho que ela já lhe contara sobre o acontecido na África.

— Sim, ela está bem — ela disse — Não teve mais recaídas.

Cal estranhou, mas não disse nada.

— Ela está planejando uma longa permanência?

— Ela não disse, mas minha tia Cynthia nos escreveu, muito preocupada porque Edward Summerville a seguiu até a Inglaterra. Ele quer se casar com ela — ela riu friamente — Como se Nora pudesse se casar com um homem que... que... bem, que pudesse ser tão canalha a ponto de abandoná-la!

Cal sentiu o sangue se esvaindo de seu rosto.

— O que você quer dizer?

Ela o encarou.

— Certamente Nora lhe contou. Ele a seguia em todo lugar. Ele é muito rico e a ama, ou pelo menos ele diz. Eu acredito que seja decente ele lhe propor casamento, mas não acho que justifique o que ele fez...

— Melly! Querida, por favor, ande logo, a comida está esfriando!

— Estou indo, mamãe! — ela lançou um olhar de desculpas a Cal e entrou rapidamente.

Cal ficou parado na varanda com emoções conflitantes o invadindo. Melly havia dito que esse homem Summerville era íntimo de Nora. Era mesmo? Recordou o tremor dela em seus braços, os gritinhos chocados de prazer. Mas não poderia ser fingido? Ela havia aceitado seu corpo muito bem, e tivera prazer com isso. Estivera ele enganado com sua inocência? Acreditara que não houvera nenhum homem, mas uma virgem podia apreciar tanto sua iniciação? Ela admitira que doera no começo, mas podia ser mentira.

Sim. Ela estava mentindo, ele pensou furioso. Havia se condenado por seu comportamento repulsivo, porque a fizera de tonta. Mas parecia que ela havia brincado mais com ele. Ela viera para o oeste para escapar de um

pretendente que já havia apreciado sua inocência, e encontrara outro homem. Talvez ela estivesse tentando encontrar um marido, caso algo resultasse de sua indiscrição. Era isso o que ela tentara com ele?

Mas agora Summerville reaparecera, o que poderia ser o seu motivo para sair do oeste. Provavelmente ela e seu pretendente estivessem bebendo chá em alguma mansão de campo na Grã-Bretanha e rindo de sua estupidez. Cal poderia levar um chute! Como pudera ser tão estúpido!

Bem, ele pensou zangado enquanto colocava o chapéu e voltava ao trabalho, sabia de tudo agora. Sabia exatamente o que ela era. E se aparecesse uma criança, ela não precisava vir a ele com idéias de casamento. Ele a mandaria de volta para Summerville, o pai de qualquer criança que ela poderia conceber.

A SEGUNDA SEMANA de sua estada em Londres passou, com Edward Summerville atento e gentil. Nora não confiava plenamente nele, e começou a gostar dele ainda menos quando começou a contar das mulheres que entraram e saíram de sua vida. Ele tinha uma atitude cavalheiresca em relação às mulheres que Nora achava nojentas. Parecia ser o seu destino se envolver com homens cuja presença a incomodava.

O enjôo durante o café da manhã não a abandonara. Ela não sabia se estava mesmo grávida. Ouvira suas colegas casadas conversarem, mas apenas sussurrando e não especificamente sobre seu estado de saúde. Agora Nora desejava ter prestado mais atenção. Ela queria consultar um médico, mas era difícil. E isso poderia causar escândalo, especialmente aqui, onde os seus primos da realeza moravam. Talvez, se ela fosse para casa, pudesse ir para Nova York ou alguma outra cidade grande para visitar um médico conhecido. Aquilo parecia disonesto, mas era a única maneira de poupar a sua família de um escândalo.

Ela deu a notícia aos seus primos e a Summerville naquela noite, avisou que voltava para casa no próximo navio.

— Querida, fique um pouco mais — Edna pediu — Nós gostamos muito de sua companhia.

— Gostamos mesmo — Terrance confirmou.

— Eu adoraria, adoraria mesmo — Nora assegurou — Mas minha mãe me quer em casa para Ação de Graças...

— Mas ainda faltam duas semanas — Edna interrompeu.

— E o navio pode ser adiado... tudo pode acontecer — Nora apontou — Além disso, eu tenho que ajudar mamãe a preparar a festa de família que ela sempre organiza. Vocês não podem voltar comigo? — ela perguntou.

Eles negaram com a cabeça, porque eles, também, tinham compromissos. Mas Summerville sorriu enquanto anunciava à Nora que a acompanharia aos Estados Unidos, e esperava por um convite para Ação de Graças. Nora sabia que esperança nunca morria. Sua mãe e seu pai não gostavam de Summerville, e ela ainda tinha dúvidas. Em algum lugar de sua mente, ela se perguntava por que ele queria acompanhá-la até Londres e ficar por duas semanas. Verdade fosse dita, ele não a perturbara ou tentara outra coisa. Entretanto, não conseguia confiar nele.

— Algo está lhe perturbando não é, querida? — Edna perguntou enquanto Nora fazia as malas.

Ela concordou, enquanto dobrava um vestido.

— É Edward. Eu não confio nele.

Edna suspirou.

— Eu preciso admitir que essa visita repentina é preocupante, quando ele mal nos visita — ela encarou Nora — Você sabe que a família dele perdeu grande parte da fortuna?

Nora arqueou as sobrancelhas.

— Ah. Eu começo a ver a luz.

Edna fez uma careta.

— Perdoe-me. Eu gosto dele, mas não é o tipo de marido que você precisa. Ele gosta muito das mulheres.

— Eu sei.

— É uma mulher não deveria se casar por causa de sua fortuna — Edna acrescentou indignada — Eu não sabia por que ele estava aqui até que falei com a senhora Winter hoje à tarde. Ela perguntou se Summerville estava hospedado aqui, e eu admiti que sim. Então ela riu e disse que ele havia cortejado a maior parte das mulheres de nosso círculo sem sucesso e estava contemplando o fracasso. Então lady Sylvia anunciou que você estava aqui, e todos souberam por que Summerville também está — ela apertou a mão de Nora carinhosamente — Perdoe-me. Eu não teria lhe oferecido hospitalidade se conhecesse os seus motivos!

— Eu sei — Nora disse gentil. Abraçou a mulher com carinho — Por favor, não se preocupe. Eu conheço Edward muito bem, infelizmente. Foi ele que me causou a febre, você sabe. Ele rasgou o meu vestido, e os mosquitos picaram minha pele. John e Claude lhe deram uma surra, e eu fiquei um bom tempo sem ouvir falar dele. Eu acredito que ele pense que se tornará um viúvo feliz se me convencer a casar com ele — ela acrescentou amargamente.

— Nora, você não vai morrer pela febre! — Edna disse firme — Febre amarela não é tão difícil de ser diagnosticada, e você já estaria morta se

fosse verdade. Certamente você ficaria doente muito rápido, não teria apetite e energia.

Nora ficou pálida. Ela podia estar errada? Podia ser a febre, a febre mortal, e não a gravidez que estivesse lhe deixando mal? Ficou horrorizada.

— Agora, pare de se preocupar — Edna continuou, sem notar a expressão chocada da prima enquanto ajudava a pegar as roupas e colocar nas malas de Nora — Eu tenho certeza de que o todo poderoso não te amaldiçoou dessa maneira. E quanto a Summerville, bem, ele não é mais do que uma mosca. Eu tenho certeza de que o seu pai vai lhe dar o que ele merece por segui-la até em casa!

OITO

A viagem para casa foi difícil, porque o enorme navio foi atingido por uma tempestade no atlântico e balançou até Nora acreditar que vomitaria o estômago. Ela ficou em sua cabine com o médico a examinando, e as pílulas ajudaram um pouco. Mas ela estava preocupada com sua real condição, e com muito medo de contar a verdade.

O médico, um homem gentil, sentou ao lado dela e segurou sua mão.

— Agora — ele disse, quando o garçom colocou seu copo de suco na mesa e saiu — É melhor você me contar o que está ocupando tanto a sua mente, minha jovem.

Ela sentiu outra onda de náusea e olhou para ele com os olhos azuis atormentados.

— Eu fui... indiscreta — ela gaguejou — Eu o amava muito. E eu pensei que ele também me amava — ela acrescentou com um suspiro dolorido.

O médico, que estava acostumado a confissões, apertou a mão dela.

— E agora você sente que aparecerão consequências.

Ela mordeu o lábio.

— Sim... ou... — ela o encarou.

— Ou? — ele insistiu.

— Eu tive febre, das picadas de mosquito que eu sofri no safári no Kenya — ela disse preocupada — Eles disseram que a febre negra começa com falta de apetite e náusea, o que eu estou apresentando.

— Há quanto tempo você contraiu essa febre?

Ela disse a ele.

— E há quanto tempo foi essa... bem... indiscrição?

Ela disse a ele também.

Ele sorriu gentilmente.

— Minha querida jovem, eu acho que a febre negra será a última das suas preocupações. Eu pedirei ajuda de uma enfermeira enquanto lhe examino.

— Não, por favor — ela implorou — Eu não quero que ninguém mais saiba. Minha família... que desgraça!

Ele deixou escapar um longo suspiro.

— Que mundo é esse em que nós vivemos, jovem, quando ser humano é um crime? Muito bem, eu lhe examinarei sozinho, certo?

Ela concordou.

— Claro.

Era vergonhoso, e quando ele terminou, estava resignado e relutante em contar a verdade. Ele lavou as mãos na bacia e secou-as antes de virar.

— Eu sinto muito — ele disse baixo — Mas existe uma criança.

Ela sentou rigidamente na beirada da cama. Seu primeiro impulso foi entrar em pânico, pular do navio, e... Então pensou em uma criança mamando em seu seio, e uma onda de amor e felicidade causou-lhe lágrimas nos olhos azuis.

— Existem maneiras de lidar com isso — ele começou em um tom paternal — Adoção pode ser arranjada. Eu posso lhe encaminhar para as pessoas certas. Julgando pela sua maneira de se vestir, você tem dinheiro, o que ajudará.

— Mas eu não quero entregar a minha criança — ela disse honestamente.

— Um sentimento nobre e honrado. Mas impraticável, a menos que o pai case com você e dê um nome ao filho.

Ela trincou os dentes. Cal casaria com ela, com certeza, se ela contasse sobre a criança. Mas ele era pobre, e ela não teria nada para ela e para a criança.

Seu pai nunca aceitaria Cal como genro. Nem aceitaria Nora em suas condições sem um marido. Ele deserteria Nora imediatamente. Se ela casasse com Cal, eles seriam forçados a morar em uma cabana no rancho do tio e da tia, onde ele trabalhava, e Nora teria que aprender a cozinhar e limpar. Era um pesadelo. Ela se acostumara com riqueza e criados. Como poderia viver como uma trabalhadora? Parecia romântico desistir de tudo por amor, mas não era prático. Ela sofreria com aquele tipo de envolvimento, e sua doença seria um eterno castigo para Cal. Cal a odiaria por forçá-lo a se casar. Podia nem ao menos querer a criança. Ela gemeu. Parecia que todas as portas estavam fechadas.

— Pense nisso — o médico aconselhou — Eu não direi a ninguém, pode ficar tranquila. Quando nós chegarmos em Nova York, eu lhe direi um modo de entrar em contato comigo. Você não precisa decidir imediatamente.

Ela ergueu os olhos deprimidos.

— Obrigada — ela disse sinceramente.

Ele parecia preocupado.

— Eu tenho duas filhas. Esse homem... Você ainda o ama?

Ela abaixou o olhar.

— Naquela época, eu o amava mais do que tudo — ela disse hesitante.

— Minha querida, se você não o ama mais, a criança não seria tão preciosa para você — ele comentou com um sorriso.

Ela ficou chocada.

— Eu não posso amar um homem que me traiu!

— Odiar faz parte de amar. Tente não se preocupar muito. Coma bem e descanse — ele acrescentou, fechando sua maleta — Você está delicada.

— A febre...

Ele virou-se.

— Pode voltar — ele disse — Mas mesmo se voltar, não será fatal. Você aprenderá a viver com isso, como muitos que voltaram infectados do Panamá e de Cuba. Minha querida, é possível contrair malária até mesmo no sul dos Estados Unidos onde os mosquitos carregam a plasmodia. Eu já vi mais casos do que posso me lembrar. Você sobreviverá, eu prometo. Você toma quinina?

— Oh, sim — ela disse infeliz — Depois dos dois primeiros ataques, eu tive que tomar, mas me deixa com enjôo. Isso... não vai afetar o neném?

Ele sorriu e balançou a cabeça.

— Claro que não. Agora, tente descansar um pouco. As pílulas contra a maresia vão ajudar.

— Obrigada, doutor.

Ele apertou o ombro dela.

— Eu queria ajudar mais. Boa noite, senhorita Marlowe.

Ela o observou sair com os olhos cansados. Ele era gentil, e tinha esperança sobre a febre. Mas o que faria com o filho de Cal? Era um problema que não poderia resolver durante a noite.

EDWARD SUMMERVILLE a observou cuidadosamente até que eles ancoraram, e durante toda a viagem de trem para Richmond. Ele parecia saber sobre a sua condição, porque estava muito solícito e preocupado.

— Você vai ficar com ele? — ele perguntou abruptamente quando eles estavam sozinhos na plataforma esperando pelo motorista do pai de Nora.

Ela ficou pálida quando o olhou nos olhos.

Ele sorriu cinicamente.

— Você achou mesmo que conseguiria guardar o segredo? — ele perguntou — O médico contou à enfermeira. Ela, depois de um pouco de paquera e caixas de chocolate fino, foi bem informativa — ele inclinou a cabeça — Foi o homem no Texas? O que eu ouvi você contando à Edna?

— A paternidade do meu filho é problema meu — ela disse com bravura. Estava ultrajada pela audácia dele, por seu comportamento sem escrúpulos. Ele era um canalha.

— O que você fará se eu contar aos seus pais sobre a criança, Nora? — ele perguntou repentinamente, com um brilho desagradável nos olhos — E se eu disser a eles, que de fato, ela é minha?

— Nós... nós nunca...!

— Nós ficamos juntos na Inglaterra por semanas — ele a lembrou — E sua condição não é aparente. Ainda.

— Você não faria isso! — ela rugiu.

— Meu pai cortou minha mesada para bebidas e jogos — ele disse friamente, o rosto bonito possuído de raiva e ganância — Eu não posso viver como pobre. E não vou viver. Você precisa de um marido, e eu preciso de uma esposa para me bancar. Nós nos daremos bem. Eu serei a figura de um marido e pai dedicado, eu prometo, e o fedelho nunca vai saber a verdade sobre sua concepção.

— Não vou! — ela disse engasgada.

Ele virou-se para ver a carruagem se aproximando e abaixou-se para pegar a mala. Sorriu friamente para Nora.

— Pense na alternativa, Nora. Seu pai vai forçá-la a casar comigo.

— Ele vai me deserdar! — ela corrigiu.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Eu duvido. Afinal de contas, eu tenho um bom nome, e ele não sabe sobre nossas finanças. Ele é um homem que preza o seu nome. Ele fará tudo para mantê-lo limpo, e salvar sua fina reputação. Um banqueiro não pode enfrentar um escândalo, minha querida.

Ele não dizia nada que ela não soubesse. Seu pai achava sua posição social mais importante do que sua própria vida. Ele faria qualquer coisa para garanti-la, até mesmo fazer Nora se casar com um canalha que nem Summerville.

— Você tem até sexta para pensar no assunto. Se você não concordar em se casar comigo — ele acrescentou deliberadamente — Você vai ser forçada.

— Você não me forçará a nada! — ela informou orgulhosa. Mas a viagem a deixara fraca. Ela estremeceu, e ele a segurou antes que ela caísse.

— Não brigue comigo — ele aconselhou — Não será bom. Eu quero você. Eu queria você na África, mas seus primos me interromperam. Agora ninguém pode lhe proteger, ninguém pode lhe salvar. Eu terei você, e a sua fortuna. E você não pode fazer nada para impedir.

Oh, sim, ela pensou firme. Ela o deteria de algum modo. Se ela conseguisse melhorar! Não estava em condições para uma briga, mas precisava pensar em uma, ou ela perderia controle sobre sua própria vida, e sua fortuna. Que destino cruel Cal lhe guiara!

ELES CHEGARAM À CASA DOS PAIS dela minutos depois, e Edward ajudou Nora a descer da carruagem e entrar na casa. Ela foi calorosamente

recebida pela mãe, mas não houve similaridade com Edward, que se sentiu em casa sem ser convidado.

— Seu pai já deve estar chegando — Cynthia disse a Nora, olhando curiosamente para Edward — Desculpe-me, senhor Summerville. Eu não me lembro de ter lhe convidado para ficar.

Ele sorriu vagamente.

— Nora convidou. Não foi, minha querida?

Nora o encarou.

— Não, eu não convidei.

Ele ficou em pé lentamente e parou na frente dela.

— Você tem até sexta de manhã — ele a lembrou — Eu lhe verei então... querida — ele inclinou-se para pousar os lábios na bochecha dela, mas ela se afastou acusadoramente, os olhos brilhando quando o encarou.

— A polícia estará esperando por você.

— E eu terei um repórter esperando por você — ele disse gentil.

Nora estava pálida quando ele fechou a porta. Cynthia a levou até o sofá e a ajudou a deitar.

— Homem vill! — ela exclamou observando Nora — É a febre, querida?

— Eu me sinto mal — Nora informou.

— É de se esperar depois dessa viagem longa — ela pediu que a empregada trouxesse um pano molhado e apoiou na testa da filha — Minha pobre querida. É tão bom lhe ter em casa. Fico tão sozinha quando você não está. Tenho medo de que o banco represente mais para o seu pai do que eu.

Nora queria dizer que representava. Seus pais viviam juntos mas não havia calor entre eles. Seu pai ditava e sua mãe obedecia. Era um relacionamento clínico, sereno, que fizera Nora não desejar o casamento, até conhecer Cal.

Ela fechou os olhos e esperou que Edward fosse embora, que não continuasse com sua ameaça. Mas ela sabia que isso não aconteceria. Ele tinha os olhos no dinheiro dela, e tinha certeza de que podia convencê-la a casar.

Cynthia presumiu que era a febre que estava deixando a filha doente. Sentou perto dela e começou a falar sobre coisas banais em sua voz serena. Durante a conversa, Nora pensava no que fazer. A idéia de contar ao pai a bagunça em que ela se metera lhe deixava aterrorizada. E Edward complicaria ainda mais a situação. Se ao menos houvesse algo que ela pudesse fazer!

Mas havia, ela percebeu repentinamente. Era uma alternativa indesejada e desagradável, mas era a única. Afastou a toalha do rosto e abriu os olhos com um longo suspiro. Mataria seu orgulho pedir ajuda. Por outro lado, tinha pouca escolha.

Sentou na cama.

— Mamãe, você pode mandar Clarence até o correio para mim? Eu preciso enviar um telegrama.

— Certamente, minha querida. Para quem...?

— Por favor, não pergunte — Nora respondeu, encontrando os olhos da mãe — Confie que eu sei o que estou fazendo, certo?

— Nora, algo está errado? — a mãe perguntou — Primeiro aquele homem vil vem com você, depois de eu ter lhe mandado embora há semanas, e agora você parece morta. Por favor, você não pode confiar em mim?

— Certamente eu posso — Nora disse reconfortante — Mas não ainda. Você pode me trazer um papel e uma caneta?

Com um suspiro doloroso, Cynthia os pegou.

— Minha secretária podia escrever se ela estivesse aqui — ela disse.

— Eu posso escrever. E Clarence vai ter que esperar pela resposta. Pode... levar algum tempo — ela acrescentou.

— Você está muito misteriosa, querida — Cynthia afirmou.

Nora não respondeu. Tentava escrever um romance em poucas palavras. Quando terminou, contou as palavras, pegou um dólar de prata da bolsa e selou um envelope.

Cynthia estava mais do que curiosa, mas cedeu quando viu a tensão no rosto da filha. Algo estava errado, muito errado, e ela sentia que era algo com Summerville. Ele parecia muito possessivo com Nora, e ele sabia de algo. Devia ser algo desagradável. Ele dissera que voltaria na sexta, e Nora ficara triste com a notícia. Cynthia teria que pedir ao pai de Nora que ficasse em casa na sexta pela manhã, e ele não gostaria de ficar fora do banco por tanto tempo. Mas assim como ela, ele desaprovava Summerville. Cynthia achava o homem detestável. Esperava que Nora soubesse o que estava fazendo.

Clarence, o jardineiro, levou a mensagem até Richmond e a enviou. Precisou de metade da tarde para receber uma resposta, mas ele esperou paciente até que o homem do correio lhe entregou um envelope selado.

Quando Clarence o trouxe, as mãos de Nora tremeram enquanto o abria. Tinha medo de Cal não estar no rancho, que ela não pudesse entrar em contato com ele. Agora, pelo menos, ela tinha uma resposta. Ela não sabia qual seria a resposta dele. Não podia adivinhar também. Apenas podia esperar pelo melhor.

As palavras marcavam o papel, sóbrias e sem enrolação.

— Cheguei na manhã de sexta-feira. C.B.

Era tudo. Nada mais. Ele estava chegando. Ela deitou na cama e fechou os olhos. Não significava que ela estava salva, mas pelo menos tinha uma

chance de escapar de Edward Summerville. Esperava que o todo-poderoso fizesse a sua parte.

CAL BARTON DESEMBARCOU em Richmond na sexta-feira pela manhã, cansado, sujo e com mau humor. Tivera muita sorte em conseguir chegar tão rápido com todas as conexões entre as cidades. Ele estava cansado e com sono. Mas estava aqui. Agora ele queria saber o que diabos a mensagem queria dizer. "Preciso de você imediatamente. Eleanor". Ele queria ver o rosto dela quando admitisse que sabia sobre Summerville. Não havia dúvidas de que ela estava grávida e planejava acusá-lo de ser o pai da criança. Mas agora ele sabia sobre o seu outro romance, e ela se daria mal. Prometeu a si mesmo que acabaria com ela.

Ele pegou uma carruagem até a casa dos Marlowe, uma grande casa de tijolos com um quintal particular e um jardim que era impressionante mesmo no outono. Era o tipo de casa em que ele esperava ver Eleanor Marlowe.

Ele já estava com as sobrancelhas arqueadas. Não se importara em vestir o seu melhor terno. Depois de tudo, não precisava impressionar ninguém ali. Estava feliz por estar vestindo as roupas de trabalho, o cinto de carregar arma que ele usara para ajudar o xerife local a prender dois ladrões.

Ele estava ajudando na apreensão quando o telegrama de Eleanor chegou à cidade. Usando jeans, botas e o chapéu Stetson, sua jaqueta de couro velha e o cinturão, ele parecia um dos personagens dos romances de Nora. O cigarro que segurava entre os dedos completava a imagem enquanto ele batia na porta. O mordomo que abriu a porta quase desmaiou quando o viu. Cal sorriu para ele.

— Olá meu chapa — ele zombou — Nora está em casa?

O mordomo o olhou como se não acreditasse no que via. Ele gaguejou.

— Eu... Eu... Eu...

Nora se aproximou da porta, pálida e vulnerável, o rosto branco de fadiga e preocupação.

— Isso é tudo, Albert, obrigada — ela disse gentil.

O homem de cabelos brancos acenou educadamente, olhou Cal de maneira chocada e afastou-se pelo corredor.

Cal a observou com um olhar frio e apertado, um contraste com as emoções que ela lhe causava. Ela estivera doente, isso era visível, e a visão do rosto pálido e machucado o fez sentir-se culpado e protetor. Esqueceu a raiva quando viu que a mão dela tremia.

— Entre — Nora disse nervos. Não conseguia afastar os olhos dele, mas não era a hora para se jogar em seus braços — Por favor, perdoe-me por lhe envolver. Eu não tinha mais escolhas.

Ele arqueou uma sobrancelha. Que mudança; nenhum comentário sobre a sua maneira de se vestir, ou mesmo uma desculpa. Ela devia estar desesperada. Proibiu-se de olhar para os lábios suaves enquanto ela falava. Eles o lembravam da última vez que eles haviam estado juntos, e a lembrança o perseguia toda noite. Sentira mais falta dela do que imaginara possível, apesar da raiva.

— Belo lugar — Cal comentou enquanto olhava ao redor, fingindo estar perdido com a luxúria que o rodeava — Droga, isso é enorme! Você está mesmo encrocada, não é, docinho?

Ela ignorou o comentário. Não estava se sentindo bem. Sentou-se no sofá e cruzou as mãos no colo enquanto Cal analisava a sala, olhando tudo.

Os olhos dela deslizaram até as botas sujas, e ela sorriu complacentemente. Ele nunca usara um cinturão antes, e ela franziu a testa ao ver a arma que ele abrigava.

— Nós não temos tiroteios em Tyler Junction — ela o lembrou — Você me disse isso uma vez.

Ele virou-se, o cigarro na mão, um sorriso cínico nos lábios enquanto a olhava com algo que não era afeição.

— Nós estávamos perseguindo dois ladrões de banco quando a carta chegou — ele respondeu — Eles mataram uma mulher.

— Oh. Que terrível!

— Eles terão sorte se saírem dessa sem ser linchados — ele respondeu — Agora, por que você precisa da minha ajuda? — ele acrescentou.

O brilho nos olhos claros fez o coração dela saltar. Ele não a olhava com o interesse que ela vira em seus olhos quando lhe abrira a porta. De fato, agora ele parecia estar se divertindo.

Ela olhou na direção da porta para ter certeza de que sua mãe e seu pai não estavam ouvindo. Era sexta-feira, e seu pai não saía logo pela manhã como de costume, alertado por sua mãe de que algo estava acontecendo.

— Eu... Eu... — ela começou, tentando formar as palavras.

— Isso é contagioso? — ele zombou. Quando ela franziu a testa sem entender, ele acrescentou — O mordomo tinha o mesmo problema em conseguir se expressar.

Ela o encarou.

— Você não está tornando as coisas fáceis para mim.

— E eu deveria? — ele devolveu. Seus olhos se estreitaram — Onde ele está?

— Ele?

— Summerville — ele respondeu sorrindo quando ela o encarou — Você achou que as novidades sobre a presença dele em sua vida não chegariam aos meus ouvidos?

— Então você sabe — ela disse pesadamente.

— Sim — os olhos dele se estreitaram — Não é preciso ser um gênio para saber que você está grávida. Summerville obviamente está lhe perseguindo, já que ele te seguiu até a Europa. Eu sinto uma conexão entre os eventos.

Ela o encarou. O insulto a deixou com raiva.

— Ele quer casar comigo — ela começou.

— Bem, eu não quero uma esposa. Então por que você entrou em contato comigo? Em que eu posso servir em sua complicada vida se você já tem um noivo?

Os olhos dela encontraram o olhar frio. A esperança morreu em seu rosto. Ele não se importava com ela. Ele sabia o que Edward havia feito com ela, e mesmo assim não se importava. Desejou fervorosamente não ter pedido ajuda a ele. Era óbvio que ele não desejava se casar com ela. Ele sabia sobre o neném e não o queria também. Podia levar um murro por sua estupidez, por seus sonhos de uma possível união. Que triste, ser amada e rejeitada, em tal estado.

— Oh, aí está você, Nora, Eu... — sua mãe parou na porta, uma versão mais velha da filha com o mesmo brilho nos olhos azuis. Ela olhou para o caubói sentado em sua sala com choque e curiosidade quando viu a arma no cinturão — Você é um bandido? — ela perguntou incerta.

Ele negou, levando o cigarro até a boca.

— Você veio para nos roubar? — a mãe insistiu.

Ele olhou ao redor com desdém.

— Madame, você não tem nada que eu queira — disse despreocupadamente, e olhou para Nora enquanto falava. Os olhos dela o encararam bravamente apesar da ferida, e ele sentiu uma onda de culpa quando viu a dor no rosto dela.

Cynthia franziu a testa.

— Senhor, você fala em códigos.

— Uma profissão da qual ele é adepto — Nora disse bruscamente.

Ele olhou para Nora.

— Pergunte à sua filha por que eu estou aqui. Foi ela quem me chamou.

— Mãe, esse é Cal Barton — Nora disse, e não olhou para ele — Ele... Ele é o capataz de tio Chester.

— Oh — Cynthia, ciente das maneiras mesmo quando precisava confrontar um louco do Texas, aproximou-se e estendeu a mão — Prazer em conhecê-lo, senhor.

— O prazer é meu, senhora Marlowe — ele disse, e levou a mão dela até os lábios como se passasse a vida toda no parlamento.

Nora ficou tão chocada quanto a mãe ficou deliciada. Nunca vira Cal em uma reunião antes, a não ser nas do tio. Mas ele não era intimidado pelos seus companheiros. De fato, ele parecia em casa.

Cynthia sorriu gentilmente.

— Sente-se, senhor Barton, e eu lhe trarei um chá. Ou você prefere café?

— Eu prefiro — ele disse galanteador, e até mesmo retirou o chapéu.

Cynthia corou lindamente com o gesto.

— Eu já volto! — ela saiu, tão corada que esqueceu de perguntar por que Nora o chamara.

Nora o olhou quando sua mãe estava fora de vista.

— Que cavalheiro — ela murmurou — Você pode se curvar, também?

— Apenas para uma dama — ele disse com um sorriso frio.

O peito dela ergueu-se de indignação, mas antes que pudesse encontrar uma resposta, a campainha soou novamente e Albert foi atendê-la.

— Mais companhia? — Cal chiou, colocando o chapéu no sofá e sentando-se em uma cadeira, com um belo prato de doces no colo servindo como cinzeiro.

Nora virou-se e olhou preocupada para a porta pela qual entrava Edward Summerville. Ele estava imaculado em seu terno e chapéu de abas. Ele tirou o chapéu dos cabelos loiros e entrou na sala atrás de Albert.

— Nora, meu docinho — ele cumprimentou, tentando segurar a mão dela. Ela afastou-se bruscamente.

— Eu não sou seu docinho — ela disse friamente — E eu não vou me casar com você.

— Oh, você vai sim — ele respondeu lançando um olhar curioso na direção do caubói sentado na cadeira de balanço — Quem é ele?

— Esse é Callaway Barton — Nora apresentou — E essa conversa é o suficiente. Por favor, atire nele senhor Barton.

Os homens a olharam sem piscar.

— Você pode atirar no pé dele se preferir — ela continuou falando com Cal — No coração seria melhor, mas eu estou preparada para ser clemente. Agora, se você puder — ela insistiu, indicando Edward.

As sobranceiras de Edward se arquearam bruscamente.

— Nora...!

Cynthia juntou-se ao grupo, rindo animada com algo que Mary, a empregada, lhe dissera. Mas o sorriso sumiu quando viu o homem na sala.

— Senhor... Summerville — ela gaguejou, olhando dele para Cal Barton, que estava sentado de pernas cruzadas na cadeira.

— Feche os olhos, mamãe — Nora disse calma — Enquanto o senhor Barton atira em Edward para mim.

A respiração de Cynthia foi audível. Sentou-se bruscamente em outra cadeira.

— Nora. Minha querida...

— Eu não posso atirar em um homem sem motivo — Cal explodiu aturdido.

— Eu tenho um motivo — Nora disse calorosamente, encarando Edward — Ele me insultou, humilhou, estragou minha vida, e tentou me chantagear para casar com ele!

Edward a encarou.

— Você está indisposta!

— Eu preciso concordar — Cynthia concordou aturdida — Nora, você gostaria de deitar-se, querida?

— Não, não gostaria — Nora disse bruscamente — Deitar-se é a causa do meu presente estado — ela acrescentou com um olhar furioso para Cal Barton, que trincou os dentes com o comentário.

— Nada disso está fazendo sentido — Cynthia começou.

— O que é essa bagunça? — o pai de Nora chegou. Parecia mais irritado do que o comum, especialmente quando viu Cal — Quem é esse caubói? — ele ordenou — E o que esse canalha está fazendo aqui, Cynthia? — ele acrescentou olhando furiosamente para Summerville.

— Por que você não pergunta para mim, papai? — Nora murmurou — Ou você acha que eu não tenho cérebro para lhe responder?

— Nora, fique quieta! — seu pai exigiu — Summerville...?

— Eu acho que o xis do problema é o fato de Nora não querer se casar com esse sujeito — Cal falou pausadamente, indicando Edward com o cigarro enquanto finalmente começava a entender a situação.

— Não? — Edward perguntou orgulhoso, cheio de bravura — Bem, ela vai casar. Não vai, Nora? — ela acrescentou significativamente, e a ameaça estava presente em sua postura. Vendo isso, Cal teve que resistir à vontade de levantar da cadeira e dar um murro nele.

Nora respirou fundo.

— Não — ela disse — Eu não quero me casar com você, Edward.

— Você passou semanas comigo na Inglaterra — Edward disse insinuando para que os outros entendessem — E — ele acrescentou presunçosamente — Você está grávida.

Houve um protesto que podia ser ouvido no segundo andar. Deus sabia o que os empregados deviam estar pensando, Cynthia imaginou.

O pai de Nora parecia perigoso. Virou-se para ela.

— Isso é verdade? — ele acrescentou com fúria — Responda!

Nora endireitou-se, e não demonstrou que estava tremendo por dentro. Olhou nos olhos do pai com o que lhe restava de coragem.

— Sim — ela disse debilmente.

A mão do pai abriu-se imediatamente e atingiu o rosto dela. O som do tapa, junto com o gemido de dor, ecoou pela sala.

NOVE

Antes que o som do tapa acabasse, Cal Barton levantou-se da cadeira com rapidez e o pai de Nora caiu de costas no chão.

— Seu filho de uma... — Cal engoliu o resto. Ele ficou na frente do outro homem, as mãos fechadas em punho ao lado do corpo, parecendo tão perigoso quanto o bandido que Cynthia imaginara que ele fosse — Toque nela novamente e eu quebro o seu maldito pescoço! — ele não aumentou a voz, mas a ameaça era notável. Sua postura era intimidadora. Junto com a expressão fria nos olhos e a autoridade enquanto falava, até mesmo Summerville deu um passo para trás.

Marlowe sentou-se lentamente, incrédulo, passando a mão na bochecha onde os punhos de Cal o haviam atingido. O homem parado na sua frente parecia capaz de qualquer violência com aquela arma o cinturão. Mas ele não ameaçava usar a arma. Ele parecia não notá-la. Marlowe sentiu um tipo de respeito pelo homem, apesar da mandíbula machucada. Não que ele se arrependesse de seus atos; Nora merecera aquele tapa, ele pensou lembrando do comportamento escandaloso que ela tivera. A família inteira seria desgraçada por causa dela! Nunca seria capaz de encarar seus amigos, e fofocas sobre ela seriam contadas nos clubes locais. O pensamento era insuportável!

Os olhos de Nora brilhavam enquanto ela acariciava a bochecha dolorida. Pelo menos Cal não permitia que ela fosse espancada. Isso era algo. E ela não ficara ofendida por ver seu esnobe pai sentado no chão com um roxo na face. Imagine só, bater em uma mulher grávida!

— A criança é minha — Edward Summerville disse em voz alta — Eu vou me casar com Nora para torná-la legítima — ele afastou-se mais de Cal enquanto falava. O homem parecia zangado.

Cal olhou para Eleanor, e o que viu no rosto dela contradizia tudo que pensara até o momento. Ela podia ter ficado com Summerville, ele queria um caso com ela. Mas a luz suave em seus olhos era inegável. Apesar de tudo, ela amava Cal Barton. E sentindo-se assim, ela nunca cairia nos braços de outro homem. Ele sabia disso, em seu interior, apesar das palavras de Summerville.

— Não — Cal disse baixo. Em nenhum momento ele deixou de encarar Nora — O filho é meu. E Eleanor casará comigo, assim que possível.

Os olhos de Eleanor se suavizaram quando encontraram os dele.

O pai dela ficou com raiva novamente.

— Minha filha, se casar com um simples caubói? — o senhor Marlowe explodiu — Eu não permitirei!

— E permitirá o quê? — Cal perguntou friamente — Esse canalha como genro? — Ele indicou Summerville. Summerville pigarreou, mas não era bravo o suficiente para reclamar. O homem carregava uma pistola, afinal de contas, e ele não era tolo. Summerville não desejava juntar-se ao senhor Marlowe no chão.

— Edward não tem dinheiro — Nora acrescentou — Ele me contou que seu pai perdeu a fortuna no jogo. Ele pretende reconquistá-la através de você, papai — ela disse brutalmente — O filho não é dele. Eu nunca permitiria que essas mãos repulsivas tocassem em mim!

Edward corou. Encarou Nora.

— Você se casaria com esse pobretão? Um homem que se veste como um mendigo nas ruas, que nem ao menos limpa os pés antes de entrar em uma casa decente? — ele esnobou. Afastou-se mais um passo para garantir. O caubói parecia um assassino — E aonde você vai viver, Eleanor? Você precisará cozinhar e limpar. Você não terá dinheiro, nem empregados.

O rosto de Nora ficou um pouco pálido, mas ela não disse nada. Sentou-se na beirada do sofá azul, olhando para o nada, paralisada. Ela pensara nas mesmas coisas, mas não tinha opção. Cal acreditava nela. Isso era tudo o que importava agora.

Cal observou a expressão dela. A criança podia ser dele. Ela podia amá-lo. Mas ela ainda era alta sociedade, e era óbvio que ela não achava que ele fosse bom para ela. Ela não estava sozinha. Seus pais também pareciam horrorizados. Ele sorriu friamente. Bem, a senhorita Eleanor Marlowe podia se casar e voltar para o Texas, mas não para a riqueza de Latigo, o rancho da família próximo a El Paso. Oh, não, não haveria nada elegante para a senhorita Marlowe de Richmond. Ela poderia viver com ele na cabana do capataz no rancho Tremayne e aprender a viver como um ser humano e parar de empinar o nariz para as pessoas que ela considerava inferiores. Se ele tinha que ser privado de sua liberdade por causa de seu erro, ela teria que desistir de sua vida de luxúria. Seria uma troca justa.

Ele lembrou sua própria infância enquanto olhava o homem mais velho, recordando um pequeno momento em sua rica vida quando seu pai quase perdeu tudo. A família havia sido, por pouco tempo, pobre. Uma família rica em El Paso, os Tarleton, eram amigos enquanto os Culhane eram ricos. Mas aquela atitude mudou bruscamente quando eles foram procurados por um humilde Brant Culhane quando sua fortuna sumiu. A atitude deles, conhecida em toda El Paso, deixou uma profunda cicatriz nas emoções de Cal. O mais jovem Tarleton era amigo de Cal e King. Mas logo após o golpe sofrido pelos Culhane, ele disse a eles que não tinha intenção de brincar com crianças

pobres. Ele zombou dos garotos na escola e tornou a vida deles infeliz durante os dois anos seguintes antes que Brant recuperasse as posses e a riqueza.

Mesmo agora, a lembrança das piadas e brincadeiras fazia Cal estremecer. Ele o machucara mais do que a King. Quando os Culhane eram ricos novamente, os Tarleton se encontraram como os estranhos nos encontros sociais locais. Eles nunca mais foram convidados para Latigo. O mais jovem Tarleton foi automaticamente excluído das festas dos garotos. Mas era uma pequena recompensa para a humilhação que os garotos Culhane sofreram em suas mãos.

Enquanto Cal ficou em silêncio, o pai de Nora finalmente ficou em pé. Ele encarou Cal, mas ficou longe dele.

— Eu não aprovarei esse casamento — ele disse brusco — Se você casar com esse pobretão eu lavo as minhas mãos para sempre!

— Oh, não, meu querido, você não pode — Cynthia pediu, finalmente dizendo água. Ela ficou pálida e aproximou-se quando ele se dirigiu à Nora, mas ela estava muito intimidada pelo marido para protestar algo que ele fazia. Sempre era.

— Eu posso, e eu farei — o pai disse incompreensivo. Ele olhou para Cal com frieza — Eu não posso permitir que minha filha se case assim. Ela se casará com um homem de nossa classe e nível social.

Cal arqueou uma sobrancelha na direção de Nora.

— Então foi com ele que você aprendeu — ele murmurou. Ele olhou para o pai dela — Eu acho que é um pouco tarde para fazer escolhas. Eu um mês ou mais, a condição dela será notável. De fato — ele murmurou, notando o pequeno aumento na cintura dela — Já está começando a aparecer — ele achou incrível sentir orgulho pela visão do ventre dela.

Nora ofegou e cobriu a cintura, enquanto o pai fechava as mãos ao lado do corpo.

Edward olhou ao redor e deu de ombros. Colocou o chapéu cuidadosamente.

— Bem, eu espero que você seja feliz — ele disse a Nora com um sorriso venenoso — Quando você se cansar de viver como uma escrava, eu posso lhe dar uma segunda chance, Eleanor. Se você ainda for... capaz de se casar novamente.

Aquilo foi uma referência à febre, e Nora empalideceu. Apesar das palavras do médico, ela não estava otimista em relação ao futuro. Não tinha medo somente por ela, mas também pelo neném.

— Algum dia Deus lhe dará o que você merece pelo que me fez sofrer, Edward — ela disse em um sussurro — Eu prometo. A crueldade sempre encontra a sua punição.

Edward apenas riu, até que notou o movimento feito por Cal. Ele moveu-se rapidamente na direção da porta.

— Eu preciso cuidar da minha vida. Bom dia.

Quando ele saiu, apenas os quatro permaneceram.

— Eu pedi... que Mary fizesse um café — Cynthia começou.

O rosto de seu marido estava corado, e o lugar atingido por Cal estava muito vermelho. Ele virou-se para a filha e a olhou com fria determinação.

— Faça as malas e saia da minha casa, sua ingrata — ele disse — Você nunca mais vai receber um centavo meu. Você pode pedir ao seu... amante. E tudo mais que você precisar. Nunca mais volte aqui. Você me arruinou!

Ele deixou a sala, batendo a porta atrás de si.

Cynthia estava em lágrimas.

— Oh, Nora, como você pôde fazer isso conosco? — ela perguntou infeliz — Nós lhe criamos para ser uma boa menina, você foi educada na maneira cristã...

Cal já ouvira o suficiente. Vendo a vida que ela levava em casa, podia entender Nora muito melhor, embora os comentários de Summerville o confundissem, assim como os comentários de Nora sobre o rapaz. Ele teria que pedir uma explicação a ela. Nesse momento, tirá-la desse inferno era o mais importante. Ela parecia doente.

— Pegue as suas coisas e vamos, Nora — Cal disse gentilmente, ajudando Nora a levantar do sofá. Não conseguia se lembrar de quando se sentira tão protetor, ou tão possessivo, por alguém.

Nora não argumentou. Ela passou pela mãe, com dor no coração e tremendo. Felizmente a maioria das malas ainda estava arrumada por causa da viagem, e tudo que Albert precisou fazer foi levá-las até a carruagem que Cal chamara. Ela deixou para trás as coisas que não estavam empacotadas, sem arrependimentos.

Cynthia saiu com eles.

— Oh, Nora, como você pôde! — ela insistiu — Como você pôde nos envergonhar, depois de tudo que eu e o seu pai fizemos por você! Como você foi ingrata!

Nora olhou para a mulher como se nunca a tivesse visto antes. Estavam lhe fazendo sentir-se como uma prisioneira condenada, sem amigos ou amparo no mundo. Ergueu o queixo orgulhosamente.

— Você nunca me defendeu — ela acusou — Toda a minha vida, tudo o que ele fez para me punir foi com a sua aprovação. Até mesmo isso — ela acrescentou, segurando a bochecha vermelha.

Cynthia apertou o lenço de mão.

— Ele é meu marido — ela disse infeliz — É meu dever realizar as suas vontades. Além disso, Nora, ele está certo, você sabe... Você nos arruinou.

Nora piscou.

— E é a sua posição social o que mais lhe importa, não é? — ela perguntou baixo — Minha condição e a do meu filho não importa a nenhum de vocês. Eu sou uma desamparada, descartada porque eu posso causar vergonha. Eu juro que nenhuma filha minha vai ter um destino tão cruel, nem que eu tenha que ser banida da sociedade para defendê-la!

Cynthia empalideceu e apertou ainda mais o lenço de mão.

— Oh, minha querida, você não entende. Os negócios de seu pai, a riqueza dele...

— Na Bíblia diz que um homem não vai para o céu se ganhar o mundo inteiro e perder a própria alma, não é? — Nora perguntou. Ela viu o sangue cobrir o delicado rosto da mãe antes de virar-se e caminhar até a carruagem com Cal, que nunca tivera tanto orgulho dela.

Ele segurou as rédeas com um olhar frio na direção da mãe dela.

— Um dia — ele disse muito baixo — Você vai se arrepender muito por suas ações. Assim como o seu marido — ele cumprimentou a mãe dela educadamente, sem dizer mais nada, e pôs o cavalo em movimento. Ele pensava no futuro, quando Nora descobrisse a verdade, e a família dela também. Eles podiam ser ricos, mas suas finanças eram uma gota no oceano em relação aos Culhane.

— Não deixe que ela lhe veja assim — ele disse baixo quando ela soluçou — Você tem as armas, eu lhe ajudarei — ele observou o rosto vermelho — E você precisará delas para onde está indo.

Ela não respondeu. Secou as lágrimas e endireitou o corpo. Mesmo quando eles já estavam longe, Nora não olhou para trás. Aquela parte de sua vida estava terminada. Precisaria aprender a viver em um mundo drasticamente diferente daquele com que ela estava acostumada.

ELES CHEGARAM À ESTAÇÃO e ela não disse nada. No caminho, ela começou a pensar sobre Cal e o que devia ter lhe custado levá-la com ele. Além disso, ela o havia colocado nessa posição, muito desconfortável. Ele não queria casar com ela. Ele a resgatara, mas não podia pedir por mais nada. Não eram assim as mulheres modernas? Talvez ela pudesse ser o que sonhava ser, apesar de sua condição e de sua enfermidade, se apenas tivesse coragem para enfrentar as convenções e as fofocas.

— Eu lhe custei muito caro — ela disse com a voz desgastada — Mas eu tenho um pouco de dinheiro. Posso pagar pelo menos a sua passagem de trem — ela lutou contra as lágrimas enquanto respirava fundo — Eu apenas precisei que você me ajudasse a escapar de um casamento com Edward. Eu ficarei bem. Eu posso ir a Nova York e encontrar algum emprego por lá.

Cal a observou em silêncio.

— O filho é meu.

Era uma pergunta. Ela inclinou a cabeça, mas não o encarou.

— É a verdade — ela disse — Mas eu não te considero responsável. A culpa foi minha também. Você não precisa sacrificar a sua liberdade.

Ele encostou-se no banco e segurou as rédeas com força, olhando para o nada. Não havia planejado se casar e ter uma família, não por um bom tempo, talvez nunca. Esse envolvimento estava interferindo em todos os seus sonhos. Mas como ele podia abandoná-la? Sentiu raiva ao recordar as coisas que o pai dela lhe dissera, o modo como ele batera nela. Como um homem podia tratar a única filha de maneira tão vil? Isso o enfureceu.

— Você pode me ajudar a colocar as malas no trem? — ela perguntou.

Ele virou-se e olhou para ela.

— O único trem que você vai pegar é o meu. Nós nos casaremos no caminho, assim nós não envergonharemos a sua família por contar a verdade ao ministro local.

Ela fechou os olhos em uma onda de vergonha. Não pensara nisso. Ela voltaria para a casa do tio e da tia, mas de uma maneira vastamente diferente. Ao contrário de uma convidada bem recebida, ela seria uma empregada. Seu orgulho ficou preso na garganta.

— Não é necessário — ela começou, tentando encontrar uma saída.

— A criança precisa ser a nossa maior preocupação, não o nosso bem-estar — ele a lembrou secamente — Ela não pediu para nascer.

Ela corou, recordando o momento em que ele fora concebido.

— Você não me quer.

— Eu não quero uma esposa — ele disse sombriamente — Mas eu não sou tão canalha a ponto de deixá-la a mercê de estranhos. Vamos.

Ela o seguiu até a plataforma, afastando-se enquanto ele comprava as passagens. Os olhos percorreram o corpo alto e bem definido calorosamente, adorando o tamanho, a força e a autoridade que emanavam dele. Ele tinha um ar de comando, algo que adquirira enquanto servia o país na Guerra Americana-Espanhola em 1998. Mas era mais do que isso. Ele falava com autoridade, como se estivesse acostumado a dar ordens. E ele não hesitara em bater em seu pai quando ele a esbofeteara. Incrível, ele não tinha medo de um homem rico. Ficou deliciada por ele ser tão destemido. Ela o conhecia em uma maneira física, mas não sabia mais nada sobre ele.

Ele virou-se, as passagens na mão, e a conduziu até um banco. Ela deslizou a mão pela madeira enquanto se sentava, esperando.

— Você gostaria de um pouco de refrigerante ou chá? — ele perguntou educadamente.

Ela sorriu sem graça e não o encarou.

— Na verdade, eu acho que uísque seria mais adequado ao modo como eu me sinto, mas eu nunca tomei álcool na minha vida.

Ele sentou ao lado dela, a arma fazendo barulho ao atingir o banco. Ele a arrumou cuidadosamente e virou-se na direção dela.

— Você está bem, Eleanor? — ele perguntou gentilmente.

Surpresa, ela ergueu os olhos, estremecendo quando o viu mais próximo do que esperava. Sorriu com um pouco de nervosismo.

— Claro. Obrigada por vir... por me defender — ela deixou os ombros caírem — Eu teria lutado na minha própria batalha, se não estivesse tão cansada pela viagem de volta.

— Você não agüentaria o peso de seu pai, eu acho — ele disse observando a bochecha dela. Ele a tocou levemente — Ainda está doendo?

— Está apenas dolorida.

— Isso foi imperdoável — ele disse brutalmente, tocando a pele suave. Ele observou os lábios dela se entreabrirem, as batidas rápidas de seu coração, e sorriu enquanto ela tentava esconder a reação que ele provocava — Isso é algo comum para ele, Eleanor? — ele acrescentou.

— Não — ela disse — Ele costumava me bater com uma varinha, quando eu era mais nova, mas ele nunca foi bruto — ela acrescentou rapidamente.

Ele ficou chocado.

— Uma varinha!

Ela estremeceu.

— Sim. Não é comum uma criança ser punida quando comete infrações?

A mandíbula esticou-se e os olhos claros se estreitaram de raiva.

— Não uma menina — ele disse roucamente — É ultrajante!

Ela sorriu.

— Ele fez isso por muitos anos. Agora ele só me dá broncas. Ele se importa, no seu próprio modo. Assim como a minha mãe — ela recordou o horror deles pela sua condição e a censura, e lágrimas inundaram os seus olhos. Ela virou o rosto para escondê-las.

— Você nunca pôde brincar com crianças pobres, não é? — ele perguntou repentinamente.

— Com as de classe mais baixa? Claro que não — ela disse, e observou a luz sumir do rosto dele. Ela fez uma careta — Eu sinto muito. Isso foi rude.

Ele afastou o olhar. Ela tinha um longo caminho a percorrer, ele pensou irritado, e seria uma estrada difícil para os dois.

— E quanto ao chá?

— Seria bom. Temos uma loja de chá por aqui?

— Sim. E temos algo melhor — ele acrescentou, enquanto os olhos percorriam a rua até chegar a uma portinha — Venha.

Eles deixaram as malas com o carregador, já que o trem demoraria mais de uma hora, e acompanhou Nora até uma pequena casa distante do corredor de lojas.

— Aqui? — ela perguntou se afastando.

Ele concordou solenemente.

— Aqui. Nós precisamos resolver isso — ele acrescentou em voz baixa.

Aquele comentário não aliviou a tristeza que Cal causava em Nora.

Não demorou muito. O juiz de paz escutou Cal contando que eles teriam que viajar até o Texas sob uma nuvem de escândalo já que não estavam casados mas queriam se casar. A reputação de Nora ficaria arruinada. Ele não disse nada sobre a condição dela, mas continuou a narrativa, até que a pequena esposa do juiz de paz caiu em lágrimas.

— Claro que eu casarei vocês! — o homem mais velho disse, e a mulher dele segurou o ombro da mulher de maneira reconfortante — Fique aqui, senhor Barton, enquanto eu procuro os papéis necessários.

Cal hesitou. Ele precisaria pensar em algo, com certeza. Não poderia se casar com um nome falso, mas não desejava contar seu nome verdadeiro à Nora. Ele e o juiz de paz preencheram os papéis, mas Nora assinou antes que o último nome de Cal fosse acrescentado. Cal segurou a licença, e não deixou que ela a visse, assim não haveria chance de ela descobrir o seu verdadeiro nome de casada.

A cerimônia foi muito breve, apenas o serviço de casamento comum, e Nora ficou ao lado de Cal, que guardara a arma para a ocasião, em um silêncio triste enquanto as palavras eram ditas. Ela sempre sonhara com um casamento de alta sociedade com todos os ricos, vestindo um Worth e rosas brancas na mão. Ali ela estava com crisântemos amarelos, que eram as únicas flores que a mulher pudera encontrar. Ela estava vestindo seu mais velho vestido cinza, nem mesmo era um branco, e não usava um chapéu ou um véu porque não tivera tempo para procurar por um que combinasse. De fato, o vestido estava muito apertado na cintura; se ele já não estivesse largo antes, ela não conseguiria nem vesti-lo. Ela estava grávida, e o homem ao seu lado não a queria. Sentia-se como uma escrava vendida, e era sua própria culpa. Queria chorar.

E chorou, quando o juiz de paz os declarou marido e mulher. Não tinha nem um anel de casamento. Cal não se aproximou quando o homem pediu que ele beijasse a noiva.

Cal olhou para a relutante noiva e viu as lágrimas rolando pela boca dela. Ele trincou os dentes. Em seguida pegou um lenço de mão e lentamente secou as lágrimas.

— Eu não tive nem um vestido próprio, mesmo que eu não o merecesse — ela sussurrou infeliz — Nem damas de honra, um buquê, ou um ministro...

O rosto de Cal congelou.

— Bem, pelo menos você tem um marido — ele disse afiado — Uma mulher nas suas condições deveria estar feliz!

Ela mordeu o lábio inferior com força e não o encarou. Ele estava furioso. Sentia a raiva como algo tangível.

— Calma, calma — o juiz de paz a confortou — É um momento de muita emoção, não é?

Cal não disse nada. As palavras dela o deixaram consciente de sua condescendência em relação a ele. Se ele não tivesse precipitado as coisas a seduzindo, ela nunca se casaria com ele. Ela ficaria analisando as suas posses e checando os registros antes de concordar em aceitá-lo.

Summerville era mais o tipo dela. Mas ela achava o homem repulsivo, não achava? Além disso, também recordava os comentários que ela fizera sobre o homem. Ele a observou enquanto ela conversava com a mulher do ministro, os olhos apreciando o corpo delgado. Ela era bonita e elegante, mas exceto por aquela tarde na cabana, ele a achava estranhamente fria. Ela havia sido uma surpresa e um prazer para ele, com as suas inesperadas complexidades. Recordava vividamente o modo como ela o confortara quando ele retornara da devastação de Galveston. Mas também lembrava da atitude dela em relação ao seu trabalho e às suas roupas. Ela havia sido ensinada a ser uma esnobe. Imaginava como podia mudá-la.

Seus pais nunca entenderiam o casamento repentino. Eles teriam que ser informados, e sua mãe ficaria horrorizada, pois seu filho havia arruinado a vida de uma mulher decente e tivera que casar com ela para salvar-lhe a reputação. Ele ouviria um belo sermão quando finalmente fosse para casa. Enquanto olhava o rosto desanimado de Nora, imaginou como ela reagiria quando soubesse que havia se casado com um homem rico.

Ele teria que contar a verdade. Mas não agora. Ele não podia arriscar-se a deixar o gato fugir da jaula quando finalmente estava convencendo o tio dela a se adaptar a métodos mais modernos de produção de carne. Ainda havia alguns detalhes a tratar com Chester. Então a senhorita Eleanor Marlowe, não, senhora Eleanor Culhane se ela soubesse, teria algumas surpresas.

Ele a levou até a pequena cafeteria e pediu alguns sanduíches.

— Eu não consigo comer nada — ela disse roucamente.

— Mas você vai, senhora Barton — ele respondeu — Eu quero um filho saudável.

Ela corou e o encarou.

— Você já disse isso a Deus?

Ele deu um risinho ao ouvir o comentário inesperado.

— Ainda não — ele admitiu. Os olhos claros se estreitaram enquanto observava o rosto magro — Você não passou por bons momentos, não é? — ele perguntou com simpatia — A viagem deve ter sido um sufoco. E eu acredito que Summerville esteve presente o tempo todo, não é?

Ela balançou a cabeça enquanto provava o chá na xícara de porcelana.

— Ele soube pelos meus pais que eu estava em Londres e me seguiu até lá. A família dele era amiga dos meus parentes, os Randolph, e eles o convidaram para ficar — ela ergueu os olhos e o encarou — Eu o detesto. Foi Melly quem lhe contou sobre a África e o que aconteceu lá?

Ele franziu a testa.

— Não. O que aconteceu na África?

A mão dela tremeu.

— Mas você disse que sabia sobre Edward,

— Eu sabia que ele esteve na Europa com você — ele disse sombriamente.

Aquilo mudou as coisas. Ela não sabia o que dizer. Era fácil contar a ele, mas por que castigá-lo daquele jeito, junto com os outros? Por que lhe castigar mais do que já castigara fazendo com que ele se casasse com uma inválida? A situação dele pioraria, pois agora ele precisaria sustentá-la. O que aconteceria se ela ficasse doente? Como ele trabalharia e cuidaria dela? Ele era um homem orgulhoso. Isso o devastaria. Conteve um soluço quando percebeu a tristeza que causara a todos por não recusá-lo naquele dia na cabana.

— Você está pensando na riqueza que deixou para trás e se arrependendo por sua decisão? — ele perguntou quando ouviu o barulho baixo e não o entendeu — Summerville ainda deve querer você.

— Você é o meu marido agora — ela começou.

— E o divórcio é tão indesejado para a sua família quanto ser mãe solteira — ele disse brusco.

— Oh, você me irrita — ela devolveu com frieza. Bebeu o chá, apreciando o sabor — Eu estava planejando uma festa de Ação de Graças com a minha família e os meus amigos, e agora eu vou comer bife em uma cabana! — ela disse com deliberada ironia, o atacando onde sabia que mais doeria.

— Bife não, minha querida — ele informou secamente — Peru. Peru selvagem. Eu sei que você pode cozinhar. Eu não tenho dotes culinários.

— Cozinhar?

O olhar no rosto dela o divertiu.

— E limpar — ele acrescentou — E lavar, e passar, e outras coisas que as esposas do Texas fazem com tanta alegria e orgulho.

— Minha tia...! — ela começou.

— Sua tia agora é de classe superior, ou você esqueceu que é a mulher do capataz do marido dela? — ele disse com deliberado sarcasmo — Imagine isso, senhora Barton. Ao invés de comer em porcelanas, você vai trabalhar em uma casa grande, limpando — ele inclinou-se na direção dela — E quanto ao peru, você não precisará apenas cozinhá-lo, minha querida. Primeiro você terá que caçá-lo, matá-lo, e depois limpá-lo!

DEZ

— Oh, pelo amor de Deus! — Cal murmurou enquanto se ajoelhava para segurar o corpo de Nora na cadeira enquanto ela recuperava a consciência.

Ela mal conseguia respirar por causa da cinta. Como odiava as velhas convenções!

— Isso é o problema, não é? — ele murmurou, tocando a cinta por baixo do vestido — Não é bom para o neném, Nora.

Ele havia usado o apelido dela, e ternamente. Se não estivesse tão fraca, teria gostado de ouvi-lo dizer isso com sua voz profunda. Ela segurou-se na beirada da mesa e inclinou a cabeça para frente, tentando trazer o sangue de volta à cabeça. A náusea que veio com o movimento foi ainda pior.

— Falando em coisas que não são boas para o neném, eu colocaria entre elas me dizer que eu precisarei matar um peru! — ela disse furiosa.

— Eu vou usar uma mordaca — ele disse irritado — Se mencionar o preparo de comidas lhe faz mal, nós provavelmente morreremos de fome.

Ele soou tão másculo que ela começou a rir. Seu temperamento não a assustava como o do pai. Às vezes era até mesmo divertido.

— Assim você parece mais divertida — ele disse um pouco mais relaxado. Ele segurou as mãos dela, trazendo circulação para elas — Você está bem?

Ela concordou.

— Eu acho que é o calor — ela disse.

— Esse lugar agradável? — ele explodiu.

Ela recordou o leste do Texas e como estava quente durante sua visita. Mas agora era novembro. Certamente...

O rosto dele clareou.

— O leste do Texas tem os invernos muito suaves — ele disse gentil — E não é muito frio.

— Bem... Isso não pode ser tão ruim.

— Já está quase na hora do trem, e você não comeu nada. Eu pedirei que eles embrulhem os sanduíches. Podemos comê-los no caminho.

Ela apoiou uma mão no braço dele.

— Eu não consigo.

Ele segurou os dedos dela gentilmente.

— Você precisa — ele disse suavemente — Nem que eu mesmo precise alimentá-la — ela corou lindamente e seus olhos briharam — Oh, você gosta dessa idéia, não é? Você acha romântico o seu marido colocar a comida em sua boca?

Ela corou ainda mais.

— Pare!

Ele deu um risinho.

— De certo modo, você parece mais jovem do que é. Espere aqui.

Ela adorava quando ele era gentil e protetor. Era uma mudança notável. Claro, ela não podia se permitir tornar dependente dele. E quanto ao futuro... Bem, eles viveriam um dia por vez. Sua tia Helen se adaptara a uma vida selvagem, dura. Talvez Nora também conseguisse. Ainda se preocupava com a recepção que eles teriam quando chegassem lá.

— Você ligou informando que nós estamos chegando? — ela perguntou desconfortável, quando eles estavam no compartimento particular que Cal conseguira para eles. O trem foi até São Luis, assim eles não tiveram chance de trocá-lo. Ela perguntou sobre o custo, mas ele ignorou o comentário.

— Claro que eu liguei — ele disse — Eu trabalho para o seu tio, lembra? — ele acrescentou deliberadamente.

Ela corou.

— Eu não conseguiria esquecer — ela mexeu-se desconfortável. O sol estava se pondo e ela estava com sono.

— Por que você não deita, Nora? — ele perguntou — Eu posso arrumar a cama para você.

Ela o encarou sem piscar. Isso significava despir-se, claro, e eles dormiriam no mesmo quarto. Será que ele desejaria... Esperaria...? Os olhos dela se arregalaram e as bochechas coradas lhe disseram o que ela estava pensando.

Isso o irritou.

— Você está enfraquecida e doente — ele informou — Você acha que eu exigiria os meus direitos conjugais agora?

Ela apertou as mãos com força.

— Perdoe-me — ela disse envergonhada — Eu estou... Eu estou cansada e não estou pensando claramente. Claro que você não desejaria.

Ele afastou-a gentilmente e preparou a cama para ela, esticando os lençóis. Ele fechou as cortinas também, apagando as luzes que estavam acesas no corredor.

— Eu irei até o bar enquanto você coloca as suas roupas de dormir — ele disse antes que ela perguntasse — Tire essa maldita cinta, certo? — ele acrescentou irritado — É insano esperar que uma mulher carregando uma criança use essas torturas!

Ela não estava acostumada com homens fazendo comentários tão íntimos sobre seus trajes. Mas ele era seu marido.

— Eu não posso ir sem você — ela começou.

— Certamente pode — ele devolveu — É só você colocar um casaco amanhã. Ninguém vai notar.

Ela mexeu-se desconfortável.

— É indecente.

Ele segurou os ombros dela e a colocou na sua frente. Ela havia esquecido como ele era alto e forte até que ele se aproximou. Ela cheirou a colônia suave e percebeu como ele parecia limpo. Até mesmo as suas unhas eram imaculadas.

— Indecente, mas confortável — ele disse. Os olhos buscaram os dela — Como você se sente sobre o neném?

A pergunta a deixou em guarda. Ela estava perdida pelos olhos, pelo toque dele.

— Muito feliz — ela sussurrou.

Ele não esperava por aquela resposta. Seu peito se contraiu ásperamente.

— Muito feliz — ele repetiu, como se não acreditasse ou não entendesse as palavras. Seus olhos deslizaram pelo corpo suave e voltaram ao rosto dela. Estava confusa pelas emoções que ela causava nele. Era um estranho para o amor, embora não para as mulheres. Mas essa mulher o fazia sentir-se bem. Ela lhe dava paz. Eram sensações estranhas, e ele também estava ciente da necessidade que o atingia, uma necessidade que ela, nas atuais condições, não podia satisfazer. A urgência aumentara desde a última vez em que ele a vira. Quão estranho não ter notado antes.

Nora suspirou suavemente, com medo de falar.

— E você? — ela perguntou — Você está arrependido pela criança?

Os ombros largos se moveram por baixo da jaqueta suja, tensos, mas logo relaxaram.

— Não — ele disse brevemente.

— Mas... Não está feliz?

Ele parecia confuso. Suas mãos se contraíram.

— Eu tenho trinta e dois anos, e vivi loucamente. Ainda vivo. Eu não pensava em me acalmar já, muito menos em uma família. Eu irei... ajustar-me. Mas preciso de um pouco de tempo, Nora.

— Entendo — os olhos decepcionados percorreram a jaqueta dele. Gostava de senti-lo por baixo de suas mãos.

A mão dele deslizou pela bochecha dela e ergueu o rosto dela gentilmente. Não gostava da tristeza que via em seus olhos. Inclinou-se lentamente e tocou os lábios dela com doce ternura. Apenas queria oferecer conforto. Mas então a sentiu tremer e prender a respiração. Sentiu os dedos dela entrando pela gola de seu casaco. Ergueu a cabeça e observou o rosto que era uma mistura de vergonha e excitação ao mesmo tempo.

Ela era um mistério. Tão fria até que ele a tocou, e tão ardente que fez o sangue correr pelo corpo dele.

— O bar — ela disse rapidamente.

Ele franziu a testa lentamente.

— Você fica com vergonha por querer meus beijos? — ele perguntou gentil — Pois eu lhe asseguro que me agrada muito ter uma esposa que não pode esconder o prazer quando eu a toco.

— É ... mesmo?

Ele achou o sorriso dela fascinante. E o devolveu. O dedão acariciou o lábio inferior dela e ele inclinou a cabeça novamente, fitando os lábios dela em um silêncio que contrastava com o barulho das rodas de metal nos trilhos.

Ele deslizou os braços ao redor dela, puxando-a gentilmente contra o seu corpo.

— Não, não feche a boca, Nora — ele sussurrou quando ela comprimiu os lábios — Abra, bem devagar... Sim, pouco, assim mesmo...

Ela sentiu a língua dele brincar com seu lábio superior e então circular o lábio inferior. Ela podia ouvir a respiração pesada dele, traindo a paciência que ele demonstrava com ela. Suas mãos deslizaram até a garganta dele e pressionaram sob a gola, saboreando a maciez dos pêlos que cobriam o peito másculo.

Suas mãos o excitaram.

— Espere — ele sussurrou. Ele retirou a jaqueta. Então ergueu uma das mãos que estava na cintura dela e moveu-a entre eles, observando o rosto curioso enquanto soltava a camisa e lentamente a puxava de dentro da calça jeans. Os olhos dela se dilataram quando ela o encarou, a respiração ofegante, alta.

Ele estremeceu com a expressão faminta, fascinada no rosto dela. Com um soluço áspero, tirou a camisa e colocou as mãos dela em seu peito, estremecendo enquanto a guiava pelos músculos quentes do peito cabeludo. A respiração dela se confundia com a dele agora, e suas mãos tremiam enquanto o tocavam. Ela sentia... a glória em suas mãos!

— Nora! — ele sussurrou atormentado, enquanto se inclinava e colava a boca na dela.

Ela entregou-se, as pernas pressionando as dele involuntariamente, e não se afastou nem mesmo quando sentiu o corpo dele contra o seu, a dureza que pressionava insistentemente contra seu filho.

As mãos dele soltaram as dela e deslizaram até o quadril delicado, para puxá-los em um movimento rápido e duro contra ele e então rodá-los em uma sedução tão lenta que ela gemeu sob a boca exigente.

O calor que eles geravam era cego. Ela sentiu as mãos dele nos botões de seu vestido e arqueou-se para lhe dar total acesso. Os olhos entreabertos o encaravam enquanto ele lutava para tirar os botões das pequenas casas e o corpo másculo tremia de necessidade.

Ele deslizou o vestido pelos braços dela e encontrou as fitas do corpete, soltando-as por entre risos. Ele as soltou até conseguir puxá-lo pela cabeça dela e retirar o corpete.

Ela não tentou se cobrir quando ele a observou. Ele olhou para os seios pequenos com prazer enquanto notava com curiosidade as mudanças que o neném lhe causara.

Ele tocou a auréola de um e traçou uma veia que corria até o pescoço enquanto ela tremia com o seu toque.

— Eles estão ... diferentes — ela gaguejou — Eu não sei o motivo. Não é algo que eu possa perguntar a um homem, nem mesmo um médico.

O dedo deslizou lentamente pela auréola e ele sorriu.

— Então eu posso lhe contar o que está acontecendo? — ele perguntou suavemente — Um criador de gado aprende rapidamente sobre concepção e nascimento, e as mudanças que ocorrem em nosso corpo também ocorrem nas outras criaturas — Essas — ele disse traçando as veias — Trazem mais sangue para os seus seios para que eles possam preparar o leite para o nosso filho. E esses — ele acrescentou, traçando o mamilo até que ele endureceu e ela ofegou — Aumentam para caber na boca dele e ele possa mamar.

O som da voz suave e profunda deixou os joelhos dela fracos.

— Eu nunca imaginei... — ela sussurrou.

Ele inclinou-se e pegou-a no colo, e então sentou no banco com ela em seus braços. A mão dele traçou o seio dela suavemente, amável, enquanto as mãos dela pressionavam suavemente os pêlos de seu peito.

— Sua pele é como seda — ele sussurrou — E você tem cheiro de rosas. Eu quero sentir o seu corpo embaixo do meu, Nora, e a suavidade de suas pernas ao meu redor enquanto eu mergulho em você.

— Cal! — ela pressionou o rosto vermelho contra o peito dele, envergonhada com as coisas que ele dizia tão desinibidamente.

— Você é tão tímida, minha esposa — ele disse no ouvido dela — Por ser tão responsiva a mim. Aproxime-se. Já faz muito tempo desde a última vez em que eu senti a sua pele contra a minha.

Ele guiou as mãos dela ao redor de seu pescoço e a puxou para mais perto, prendendo a atenção dela enquanto a movia suavemente contra o peito áspero.

— É bom, não é? — ele perguntou solenemente.

Ela hesitou para falar, e ele sorriu para ela.

— Uma dama não admite esses prazeres obscuros, não é? — ele brincou.

— Uma mulher decente não pode sentir prazer — ela disse preocupada.
Ele deu um risinho.

— Oh, Nora, você é mesmo tão retraída? Você acha que por que a sociedade dita indiferença ao sexo, ele não existe? Diga que você nunca leu as palavras de Swinburne.

Ela corou lindamente e encostou a cabeça no peito dele.

As sensações que ele provou afastaram o sorriso de seu rosto e as mãos seguraram o rosto dela.

Ela o sentiu estremecer. Ele gostava de tê-la por perto, pensou fascinada. Ele gostaria de mais do que isso? Ele estava hesitando, como se quisesse pedir algo e estivesse com medo de chocá-la.

A respiração dela ficou presa na garganta.

— Cal? — ela sussurrou — Eu farei... o que você quiser.

Ele fechou os olhos com um gemido silencioso. Suas mãos apertaram mais o cabelo dela.

— Nora, querida, coloque a sua boca em mim — ele sussurrou — Não, pequena. Abra. E... aqui — ele a guiou até a parte de baixo de seu mamilo e pressionou o rosto dela mais perto.

Ela ficou chocada, primeiro com o pedido e depois com o modo como ele reagiu, e então com o prazer que fazia com que ele gemesse alto. Embaixo de sua boca, podia sentir o pequeno mamilo, e embaixo dele, a maciez de sua pele e a aspereza dos pêlos e as batidas fortes do coração dele.

Ela mordiscou o peito dele preguiçosamente, deliciada com a intimidade. O casamento era excitante, pensou animada! Ela sorriu e ergueu a cabeça para olhá-lo nos olhos.

— Você gosta de fazer isso comigo? — ele sussurrou asperamente — Você gosta de me ver a sua mercê?

Ela concordou, a respiração muito alterada.

— Então faça novamente.

Ela deslizou contra ele para encontrar o outro lado, e suas mãos acariciaram os músculos firmes enquanto a boca saboreava a maciez do peito firme.

Quando ele já não podia agüentar, inclinou-se e a beijou até que os lábios delicados ficaram inchados e o corpo dela erguia-se ritmadamente ao contato de sua mão.

Ela já estava com o vestido no quadril, e os dedos dele tocavam a cintura e o estomago dela. Ele ergueu a cabeça e a observou, e sorriu com possessividade.

— Você parece muito arrogante — ela acusou ofegante.

— Eu lhe dei o meu filho — ele disse simplesmente. Encontrou os olhos dela com um leve franzir de testa — Me preocupa saber que eu o consegui tão facilmente, e tão rápido.

— Porque pode haver um grande número de crianças — ela disse sabiamente.

Ele concordou.

— A alternativa é abstinência — ele sorriu zombeteiro — Ou outras mulheres. E isso, eu não consigo nem imaginar — ele acrescentou antes que ela falasse algo — Nora, eu descobri que não tenho desejo por outras mulheres desde a tarde que nós passamos juntos.

Ele disse isso como algo que o aborrecesse. O rosto dela se iluminou.

— Não se preocupe — ela disse gentilmente — Nós precisamos viver um dia de cada vez.

A mão dele pressionou delicadamente o estômago dela e ele a observou em silêncio.

— Eu quero você. Seria seguro, porque você não pode ficar mais grávida do que já está. Mas eu não farei nada contra a sua vontade.

— É vergonhoso admitir — ela confessou — Mas eu... quero você, também.

— É perigoso para o neném? — ele perguntou — Eu serei muito, muito gentil com você.

Ela deslizou os braços ao redor do pescoço dele.

— Você foi, mesmo na primeira vez — ela lembrou, encostando o rosto na garganta dele — Oh, me ame — ela sussurrou fervorosamente — Me ame, me ame...!

Ele fez um som áspero com a garganta, e a carregou até a cama.

ELA ESTREMECEU POR UM LONGO TEMPO depois, colada ao corpo dele nu sob os lençóis que os cobriam. Ele fumava um cigarro, com um cinzeiro apoiado no peito, e parecendo preocupado.

A mão dela descansava sob a barriga dele, testando os músculos firmes do lugar.

— Qual é o problema?

— Você sangrou um pouco.

Ela aproximou-se.

— Sim. Mas não doeu.

— Mesmo assim, isso pode ser perigoso para o neném — ele disse baixo

— Eu fui bruto com você, no final. Eu não queria, mas meu corpo não conseguia escutar a razão.

Ela recordou o momento com prazer, o corpo dele arqueado sobre o dela, o rosto contraído e molhado de suor enquanto ele gemia e se convulsionava. A visão dele trouxe o seu próprio prazer, e mesmo sendo menos violento, era igualmente satisfatório.

Ele passou a mão no cabelo dela.

— Eu gosto quando você me olha — ele disse roucamente, e seus dedos se contraíram — O prazer fica ainda maior.

Ela pressionou o rosto contra o pescoço dele, porque não conseguia encará-lo.

— Eu gosto de... observar você — ela confessou em um sussurro — É muito íntimo.

— Nós somos casados — ele lembrou.

— Sim, mas eu aprendi coisas sobre mim que me deixam envergonhada. Eu digo coisas que me deixam envergonhada depois.

— E você acha que isso não é natural entre amantes? — ele soava divertido.

— Você é o único amante que eu já tive — ela lembrou.

Ele apagou o cigarro e colocou o cinzeiro no chão antes que ele rolasse sobre ela e a beijasse.

— Você é a única amante que eu quero — ele devolveu, estudando o rosto dela. Seu cabelo estava solto e esparramado sobre o travesseiro branco, a cabine escura era iluminada apenas quando eles passavam por alguma cidade que a clareava momentaneamente.

As pernas dele deslizaram entre as dela e ele a moveu, gentilmente, para que eles ficassem deitados lado a lado, perfeitamente encaixados. Ele colocou o dedo sobre os lábios dela quando ela começou a falar.

— Passe a sua perna sobre a minha, para que eu possa me aproximar — ele sussurrou.

Ela obedeceu, adorando a aspereza da perna longa contra a sua. Ele não fez nenhum movimento de maior intimidade, e segundos depois, a cabeça dela estava apoiada em seu ombro, com a coberta sobre os dois.

— Cal, nós não podemos dormir sem os nossos pijamas! — ela exclamou — Nós estamos pelados!

— Sim. Como é glorioso, Nora — ele sussurrou, deslizando as mãos pelas costas dela — Como a sua pele é gostosa de ser tocada.

— Mas alguém pode entrar — ela disse preocupada.

— Eu tranquei a porta, e as cortinas estão fechadas. Querida, não precisa se preocupar com nada, eu prometo. Agora durma. Foi um dia longo e você está cansada. E eu também.

Ela desistiu de argumentar e fechou os olhos. Era doce, ela precisou admitir. Tão doce...

QUANDO OS RAIOS DE SOL ultrapassaram as frestas da cortina e atingiram as pálpebras dela, ela ficou desorientada. Ela abriu os olhos para um lugar estranho e ouviu o som de uma respiração baixa.

Ela virou a cabeça e olhou, chocada, para um belo Cal Barton deitado ao seu lado. Ela desviou o olhar, mas logo voltou novamente, analisando as linhas fortes de seu corpo e pousando no lugar secreto que ficava na junção de suas pernas. Sua anatomia a fascinava. Não tivera coragem de olhá-lo abertamente na primeira vez, cheia de vergonha. Agora, quando ele estava dormindo, podia matar a curiosidade.

Como o corpo dele era diferente do dela, como era assustador quando recordava sua força. Agora que sabia um pouco sobre a maneira como dois corpos se uniam, começou a notar como o estupro devia ser uma coisa esmagadora. Cal era muito bonito, mas ele parecia muito grande aos seus olhos, e mesmo ele sendo devagar, terno e muito cuidadoso, ela ainda tinha um pouco de medo até que o seu corpo o aceitava por completo.

Sua mão deslizou na direção dele e então, quando percebeu o que estava fazendo, voltou. Uma risada profunda e divertida ecoou do canto da cama. Sua cabeça inclinou-se na direção do travesseiro e encontrou um par de olhos cinzentos.

— Toque-me — ele desafiou — Vá em frente, franguinha, eu não vou morder.

— Eu não poderia! — ela sussurrou.

— Por que não? Eu sou apenas carne e ossos. Deus sabe, eu a toquei de todas as maneiras possíveis na noite passada.

Ela puxou a coberta sobre os seios e afastou os olhos envergonhados dele.

— Venha aqui, sua covarde — ele a puxou para cima dele e deslizou a mão dela até o seu objeto de curiosidade — Pare de lutar comigo — ele sussurrou — Você sabe que você quer. Abra a mão.

Era... estranho. Diferente. Mas depois de um minuto, ela começou a relaxar e a corresponder aos movimentos dele. Não sabia nada sobre o corpo de um homem, mas ele disse a ela, gentilmente e sem vergonha, explicando tudo no doce silêncio do compartimento.

— Casamento é complicado — ela disse finalmente, quando ele deixou que ela afastasse a mão.

— Oh, sim — ele concordou — Mas muito prazeroso, também — ele afastou-a para conseguir ficar em pé. Ela sentou na cama, o observando com fascinação, com possessão.

Ele virou-se, viu o olhar tímido e sorriu para ela.

— Você vê? Eu não sou tão chocante, sou?

Ela sorriu de volta.

— Só um pouco.

— Você é bela — ele respondeu. Em seguida pegou o lençol da mão dela e a puxou da cama, fazendo com que ela ficasse em frente a ele. Ele a estudou com apreciação, da cabeça aos pés — Extraordinária — ele disse suavemente — Perfeita.

Ela colocou-se a ele, apenas para ser afastada com uma risada.

— Não, não faça isso — ele disse ofegante — Você está muito frágil para isso, e eu não tenho muito controle.

— Mas você não pode apenas me abraçar? — ela perguntou curiosa.

— Claro. Depois que eu colocar as roupas e me acalmar — ele respondeu procurando a cueca.

Aquilo não fez muito sentido no começo, então ele explicou enquanto ela se vestia. Suas mãos tremiam enquanto ela colocava as próprias roupas. Céus, o casamento seria complexo!

Quando eles estavam vestidos, ele virou para ela, mas seus olhos foram capturados pela pequena mancha no colchão. Seu olhar seguiu o dele e ela mordiscou o lábio inferior preocupada.

— Talvez seja natural — ela disse.

— Você precisa ver um médico — ele disse firme — Ninguém precisa saber a quanto tempo nós estamos casados. Se a sua tia perguntar, você pode dizer que nós nos encontramos em silêncio e nos casamos antes de você partir.

— Mas onde, e por quem? — ela perguntou.

— Por um juiz de paz visitante de Richmond, claro — ele disse. Ele pegou a licença de casamento do bolso. Seu dedo cobriu um local estratégico — Olhe o lugar onde o casamento foi realizado.

— Junção Tyler! — ela explodiu — Mas como...?

— Um homem muito simpático, o juiz de paz, e sabendo que nós não conseguiríamos nos encontrar tão cedo, ele ficou mais do que feliz em descumprir um pouco a lei para atender ao meu pedido.

Tudo estava se tornando claro. A gentileza e a simpatia do homem que os casara e a sua esposa, a cerimônia breve, a falta de perguntas.

— Oh, Cal. Você contou a ele sobre o neném! — ela disse infeliz.

ONZE

Cal enrolou a licença e a colocou no bolso.

— Eu tive que dizer ao juiz por que nós estávamos com tanta pressa de casar. Ele queria que nós esperássemos — ele confessou.

Ela respirou fundo.

— E se ele contar a alguém?

— Eu posso assegurar que ele é um homem decente — ele respondeu — Ele não contará. Nem a sua esposa — a voz dele suavizou quando viu o olhar vulnerável dela — Eu não podia voltar para o rancho do seu tio com você assim, Nora.

Ela ergueu os olhos.

— Você fez isso para me proteger.

A boca dele se contraiu.

— Eu não pareço fazer outra coisa ultimamente.

Ela estremeceu um pouco e o encarou.

— Quando eu estiver completamente bem, poderei proteger você — ela ofereceu.

Os olhos dele brilharam.

— Uma sugestão excelente — ele inclinou-se e beijou a testa dela gentilmente — Você verá um médico — ele repetiu — E nós não teremos mais... encontros até que você o veja.

O rosto dela se fechou.

— Para uma moça puritana, o seu rosto é muito expressivo.

— Eu não me sinto muito puritana depois dessa noite — ela confessou.

Ele sorriu, segurou as mãos dela e as levou até os lábios.

— Mesmo assim, você ainda é — ele disse.

Ela sorriu.

— Eu estou cansada — ela disse gentilmente — Talvez um pouco de chá e algumas torradas acalmem o meu pobre estômago.

Ele passou um braço ao redor do ombro dela.

— Vamos ver.

ESTAVA CHOVENDO no dia em que eles chegaram a Junção Tyler, e um radiante Chester, Helen e Melly estavam esperando por eles na estação.

— Que recepção! — Nora exclamou enquanto era abraçada por todos.

— Cal nos contou sobre o casamento secreto, e o que está chegando por aí — Melly exclamou feliz — Oh, Nora, como você é sortuda! Um marido e um neném... e você ficará perto de nós!

O soluço de Nora foi escondido quando Cal a puxou para perto.

— Eu sabia que eles gostariam de saber que nós nos reconciliamos para o bem da criança.

— Nós queremos saber sobre tudo — Helen disse firme.

— Sim, queremos — Chester concordou — Mas enquanto isso, nós faremos uma pequena celebração amanhã à noite. Vocês terão um dia inteiro para se ajeitarem na cabana e descansar, e Cal pode me ajudar com alguns detalhes dessas novas compras. Eu esperei que ele voltasse antes de tomar alguma decisão — ele sorriu para Cal — Ele sabe muito sobre esse tipo de invenção mecânica.

— Oh, eu trabalhei em lugares que tinham tratores e colheitas — Cal disse, sem acrescentar que havia aprendido no rancho da família.

— Não vamos falar sobre trabalho, por favor — Helen disse firme, passando o braço ao redor de Nora — Melly e eu fizemos umas cortinas novas para a cabana e já a limpamos. Nós esperamos que você goste do que nós fizemos.

— Eu tenho certeza de que eu gostarei — Nora disse. Ela não queria admitir que estava aterrorizada por ter que viver em condições tão primitivas, e sendo menos do que um membro da família. Mas Melly e Helen não a estavam tratando como uma estranha, ou uma inferior. E o neném não deixara ninguém chocado, graças ao pensamento rápido de Cal.

Não entendeu bem a gentileza e a aceitação rápida da tia. Tia Helen deixara sua desaprovação bem visível antes. A pergunta que ela não conseguiu fazer foi respondida enquanto elas estavam a caminho do rancho.

— Eu tenho certeza de que esse casamento partiu o coração de sua mãe — Helen disse infeliz — Ela tinha grandes esperanças sobre você, Nora, e eu também. Mas se você gosta tanto do senhor Barton, nós apenas podemos esperar que o seu julgamento não esteja errado.

Nora sorriu, mas o sorriso não chegou até os olhos.

— O senhor Barton é um homem gentil — ela disse — E inteligente.

— Claro que sim — Helen respondeu — Mas ele é um empregado, Nora. E por causa disso, você precisa aprender a fazer as coisas que os empregados fizeram por você durante toda a sua vida.

Ela não havia percebido antes que sua tia entendia tudo por que ela estava passando. Virou-se para Helen e viu a dor em seus olhos.

— Você... Você entende — ela gaguejou.

Helen sorriu melancolicamente.

— Sim, minha querida, muito bem. Eu casei contra a vontade da minha família e me encontrei deserdada e morando em uma pequena cabana com Chester há vinte e cinco anos. Naqueles tempos, esse país ainda era selvagem, e ainda existiam incursões Comanche.

— No leste? — Nora se espantou.

— Sim, no leste — veio a resposta divertida — Eu precisei atirar com um rifle e me proteger enquanto Chester e os seus homens levavam o gado até o Kansas — ela afastou o cabelo acinzentado — Eu sei o que é nascer em berço de ouro e de repente entrar em uma vida de privações. Eu amo Chester. Mas se eu precisasse fazer tudo novamente... Eu não sei que escolha eu faria. Não é uma vida fácil. Eu pensei que nós ficaríamos bem quando Chester anunciou no ano passado que uma empresa estava nos comprando porque nós estávamos à beira da falência — ela balançou a cabeça — E aqui estamos nós, nessa idade, a mercê de pessoas que não conhecemos.

— Mas as coisas melhorarão para vocês — Nora assegurou — Tio Chester está fazendo um bom trabalho.

— Com a ajuda do seu senhor Barton — Helen disse gentilmente — Sua mãe acha que a história está se repetindo. Ela tentou falar comigo sobre fugir com Chester, mas eu não ouvi. Ela sempre achou que fez um casamento melhor que o meu. Embora — ela acrescentou com um toque de arrogância — Francamente, Nora, seu pai não tinha dinheiro até que se casou com a sua mãe, mesmo tendo um bom nome de família.

Nora recordava a crueldade do pai com desagrado até agora, e a falta de compaixão de sua mãe.

— Ambos me rejeitaram por me casar com Cal — ela disse, a voz estremecida — Eles não receberam a notícia em um bom momento, mas Edward Summerville estava me pressionando a casar com ele para recuperar a fortuna da família. Eu tive que chamar Cal e contar a eles a verdade sobre o nosso casamento.

Não era bem a verdade, porque eles não estavam casados na época. Mas o comentário foi o suficiente para acalmar Helen.

— Aquele homem! — ela disse furiosa — Aquele homem terrível, e depois de ser a causa de sua doença... — ela franziu a testa — Nora, você contou a verdade à Cal?

Nora fez uma careta.

— Não — ela encontrou os olhos acusadores da tia — Eu não posso! Eu e o neném já somos um fardo suficiente para ele. Como eu posso dizer, agora, que ele tem outro fardo para carregar?

— Oh, minha querida — Helen disse reconfortante.

— Eu ficarei bem — a jovem disse com mais confiança do que sentia — Eu preciso ficar — ela acrescentou — Além disso, você já esteve na minha posição e sobreviveu. Eu também conseguirei.

Helen forçou um sorriso.

— Certamente.

A VIAGEM DE VOLTA ao rancho foi cansativa. Cal guiou Nora até a pequena cabana que seria a sua casa, e ela se forçou a agir de maneira feliz e calma. Mas sentiu-se pouco confiante quando viu o antigo fogão de madeira na cozinha. Essa era a sua casa e ela teria que limpar e cozinhar para Cal, lavar e passar as roupas dele...

Ela ficou pálida.

— Você não falou sério — ela começou — Sobre ter que matar um peru?

Ele riu gentilmente.

— Oh, Nora — ele disse balançando a cabeça — Claro que não!

Ele a puxou para si, e seus olhos estavam repletos de ternura e algo mais.

— Pare de se preocupar. Eu sei que é uma grande mudança para você. Mas você se sairá bem.

— Sim — ela concordou — Eu sei.

— Amanhã — ele acrescentou firme — Você verá um médico!

— Tudo bem.

Havia pouco a fazer na primeira noite, porque eles foram convidados para jantar na casa principal. Nora ficou emocionada pela pequena cortesia. Não tinha idéia de como fazer as coisas mais simples em uma casa. Ela aprenderia, mas não aconteceria em uma noite. E seu maior medo era preparar uma refeição decente.

— Você precisa me arrumar um livro de culinária — ela sussurrou para Melly enquanto elas jantavam e os outros conversavam — E me ensinar a acender uma fogueira.

— Cal pode acender a fogueira — Melly assegurou calorosamente — E cozinhar não é tão difícil. É uma questão de prática.

Nora fez uma careta.

— Eu posso envenená-lo no primeiro dia em que eu cozinhar!

— Não, não pode — veio a resposta firme. Ela encarou a prima com diversão e pena — Imagine, casar tão rápido e secretamente antes de ir para casa. E você nem me contou!

Os olhos de Nora se arregalaram.

— Bem, nós estávamos cientes da desaprovação de Helen — ela desconversou.

— Ela vai ceder. Afinal de contas, você sabe que ela fez a mesma coisa — ela acrescentou com um sorriso.

Nora a encarou.

— E você e o esquivo senhor Langhorn?

O sorriso sumiu.

— O senhor Langhorn ainda está perseguindo a senhora Terrell. Eu não falo com ele desde a noite no clube das mulheres, e eu não pretendo falar com ele nunca mais, depois do que ele me disse. O homem é rude, cruel e profundamente desagradável!

E Melly o amava. Ela não disse isso. Tocou o ombro de Melly carinhosamente.

— Eu sinto muito — ela disse.

Melly deu de ombros.

— Eu vou superar. Eu estou dando aulas de artesanato para as crianças. O filho dele participa. Bruce e eu gostamos da companhia um do outro, mas a senhora Terrell se recusa a deixar o filho participar da minha aula. E eu acho que ela disse algo ao senhor Langhorn, porque Bruce me disse que não sabe se continuará por muito tempo.

— Isso seria uma pena!

— O senhor Langhorn é uma pena — Melly disse com veneno — Ele só permitiu que Bruce viesse à primeira aula porque assim ele poderia levar a senhora Terrell ao teatro.

— Que tipo de aula você dá, Melly?

— Eu ensino artes, escultura, praticamente. Bruce tem mãos maravilhosas — ela acrescentou refletindo — Ele fez um busto de seu pai que ficou incrível. Ele não permitirá que eu o mostre ao homem, por medo de ser ridicularizado. O senhor Langhorn acha que escultura é um bom passatempo para um garoto, mas não é ocupação para um homem — ela murmurou — Ele quer que Bruce seja um vaqueiro. Bruce não gosta de gado!

Nora ficou aturdida. Podia ver momentos ruins para a criança. Imaginou se o seu próprio filho teria habilidades artísticas, e se Cal as aceitaria. Homens tinham idéias estranhas sobre as ocupações de seus filhos. Mas a agricultura já não era tão boa quanto antes, e tempos difíceis estavam por vir. Nora preferia que seu filho fosse um negociante. Mas a criança seria livre para fazer a sua escolha.

Ela perguntou sobre isso a Cal naquela noite, quando eles estavam sozinhos na cabana.

— Você gostaria que o nosso filho usasse os seus sapatos?

Ele observou as botas sujas.

— Bem, se o nosso filho for uma menina, precisaremos encolhê-las um pouco.

Ela riu.

— Você sabe o que eu quis dizer.

Ele sorriu.

— Se nós tivermos um filho, eu gostaria que ele se envolvesse no meu ramo, qualquer que seja ele — ele disse simplesmente, sem mencionar petróleo ou Latigo — Mas uma criança não pode ser forçada a seguir os passos da mãe ou do pai.

Ela sorriu calorosamente.

— Isso! Você pensa como eu!

Ele deu um risinho.

— Você não é muito convencional.

— Só um pouco — ela disse com um sorriso zombeteiro — Se eu fosse menos convencional, não teria lhe forçado a um casamento que você não deseja.

Ele abaixou o relógio que estava segurando e a segurou pelos ombros. Os olhos claros estavam sérios quando a encararam.

— Eu quero a criança — ele disse abruptamente — Casamento não tão ruim como eu imaginei. De fato — ele acrescentou deslizando os olhos pela figura dela — Ele tem os seus benefícios.

— Por exemplo? — ela brincou.

Ele a puxou para perto e a abraçou com força.

— Como, por exemplo, receber beijos sempre que eu quiser — ele murmurou contra a boca dela.

Ele a beijou até ficar sem ar e então a soltou relutante.

— Minha única reclamação no momento é que eu não posso despi-la e jogá-la na cama para lhe possuir.

O rosto dela corou belamente e ela suspirou.

— Oh, eu gostaria muito! — ela disse honestamente.

Ele deu uma gargalhada. Então a beijou ternamente antes de afastá-la.

— Nunca minta para mim — ele disse repentinamente, o sorriso sumindo — Sua honestidade é a virtude que eu mais admiro.

Ela desviou o olhar rapidamente antes que ele pudesse ver que ela escondia segredos. Mas era um segredo bom, ela disse a si mesma tentando se justificar. Era um segredo para o bem dele.

— E você será igualmente honesto comigo, não é? — ela perguntou gentilmente, erguendo os olhos.

Ela viu algo no rosto dele que ele não conseguiu reprimir, mas ela desapareceu rapidamente.

— Claro que sim — ele afirmou — Eu preciso checar o estoque antes de dormir. Eu não demorarei.

Ela observou a cama grande de ferro, tão diferente da cama de madeira polida que ela tinha em casa. Forçou um sorriso.

— Nós vamos... dormir juntos?

— Como nós temos feito desde que nos casamos — ele concordou. Então arqueou uma sobrancelha — Você não concorda?

Ela sorriu.

— Oh, não. Eu adoro dormir em seus braços. Mas é difícil para você, não é?

Ele ergueu e abaixou os ombros.

— Não será para sempre — ele a lembrou — Apenas até que o nosso pequeno bolo esteja assado e pronto para gelar — ele acrescentou observando carinhosamente o ventre dela.

— Que bela maneira de colocar as coisas.

— Ficar grávida lhe beneficiou muito — ele disse baixo — Você parece frágil e muito bonita.

Ela curvou-se graciosamente.

Ele fez uma careta para ela e saiu rindo pela porta.

CAFÉ DA MANHÃ, PARA SUAVIZAR AS COISAS, foi um completo desastre. Cal havia ligado o fogão para ela antes de sair para checar o celeiro e o curral, algo que ele fazia no mínimo duas vezes por dia porque alguns animais doentes eram tratados lá.

Enquanto ele estava fora, Nora leu o velho livro de culinária que conseguira emprestado e tentou desesperadamente fazer biscoitos. O bacon não foi tão difícil, mas ela queimou um lado tentando cozinhá-lo. Ela transpirava e o cabelo estava caído no rosto, que estava coberto de farinha assim como o vestido azul que ela usava. Era um vestido feito para a sala de estar, não para a cozinha, e ele já mostrava as marcas do uso.

Ela fritou os ovos na gordura do bacon, mas queimou-se com a gordura quente. Enquanto se concentrava em aliviar as queimaduras nos braços, os ovos escureceram e ficaram duros. No momento em que ela os levantou, eles teriam saltado se ela os derrubasse.

Era uma refeição, mesmo assim, ela se consolou. Comestível. Só. Ela colocou tudo na mesa, com a manteiga da pequena fôrma de gelo, e a jarra de suco de uva que era um presente de Helen.

O nariz de Cal tremeu involuntariamente com o cheiro de queimado na cabana quando se juntou a ela na pequena cozinha. Ele deu as graças e eles se prepararam para comer.

— Eu fiz os meus primeiros biscoitos — Nora disse orgulhosa.

Ele ergueu um sem fazer nenhum comentário.

— Aqui está a manteiga e a geléia — ela acrescentou empurrando os dois na direção dele.

Ele pegou a faca e tentou cortar o biscoito. Foi mais difícil do que ele imaginara. Nora colocou manteiga no seu e tentou mordê-lo. Ela o colocou no prato sem dizer nada e preparou-se para comer os ovos. Mas isso foi impossível. A visão dos ovos cobertos por gordura e olhando para ela a deixou enjoada. Correu até a varanda dos fundos e quase não chegou a tempo.

— Calma, calma — ele confortou, entregando seu lenço de mão a ela — Foi a minha primeira reação também, mas os ovos não estão tão ruins. O bacon estava um pouco torrado, mas você conseguirá.

Ela pressionou a toalha na boca e o encarou.

— Você não mencionou os biscoitos.

Ele sorriu zombeteiro.

— Bem, na verdade, eu estou tentando esquecer os biscoitos.

Ela riu também, e seus medos evaporaram quando ele a puxou para perto e beijou seu cabelo.

— Você é uma jogadora, Nora — ele disse orgulhoso — Deus, você é jogadora!

— Eu só quero lhe agradecer — ela encostou a cabeça no ombro dele e aninhou-se em seus braços — Eu estou tentando ser uma boa mulher, Cal. Você precisa me perdoar se eu não sou eficiente, mas eu tenho muito a aprender. Isso é... novo para mim.

Ele sentiu uma terrível pontada de culpa. Ela estava cansada, e grávida. Não podia submetê-la a essa vida. Ela merecia mais.

Ele queria levá-la até Latigo e apresentá-la a sua família. Ele queria tirá-la dessa cabana e lhe dar o tipo de vida que ela merecia. Mas não podia abandonar Chester. E não podia parar de procurar por petróleo quando depositara cada centavo que possuía no negócio. Muita coisa estava em jogo. Se ele perdesse o jogo, precisaria de caridade pelo resto de sua vida, e Nora estaria com ele. Isso feriria o seu orgulho. King herdaria Latigo. Embora sobrasse uma boa quantidade de dinheiro para repartir quando seus pais não estivessem mais vivos, Cal não queria a fortuna da família. Queria fazer a sua própria fortuna.

— Você está muito quieto — ela observou.

Ele beijou o cabelo dela novamente.

— Eu estava pensando em algo. Eu preciso viajar nesse final de semana.

Ela franziu a testa enquanto o encarava.

— Para onde?

— É o meu segredo, por enquanto — ele colocou o dedo sobre a boca dela — São negócios, eu asseguro, não outra mulher — ele a puxou para

perto — Você é a única mulher que eu quero — ele sussurrou em seu ouvido — A única.

Ela corou de prazer e escondeu o rosto na camisa dele.

— Eu pedirei que Melly me leve ao médico — ela prometeu.

— Boa menina — ele sorriu para ela — Cuide-se.

— Pode deixar.

Ela o observou se afastar, agradecida por ele ser paciente e não dominador e sarcástico como seu pai. Seria bom para o futuro dos dois ele não esperar muito dela.

O MÉDICO ERA GENTIL e ela gostou dele. Contou a ele sobre a febre e o leve sangramento — embora corasse muito ao admitir como ele havia acontecido — e seus temores por sua saúde.

Depois que ele a examinou, sentou em sua mesa e a olhou solenemente.

— Você não pode se exceder — ele disse inesperadamente — Você apresenta uma fraqueza que não é comum nas mulheres do seu tipo. Isso pode não causar problemas se você foi cuidadosa. Quanto a febre — ele começou, mas hesitou. Em seguida retirou os óculos — Existem muitas teorias sobre como ela é provocada. Eu acredito que a fadiga é um agente causador. Você precisa comer bem, descansar bastante e ter cuidados especiais para não ficar doente. Mesmo um simples resfriado pode trazer a febre.

— Isso pode me machucar? Quer dizer... Pode machucar o meu neném? — ela perguntou agitada.

— É possível — ele disse — Eu gostaria que você voltasse aqui em um mês.

— Sim. Sim, eu volto.

— Se você tiver alguma dificuldade não exite em me procurar.

Ela apertou a mão dele.

— Você é muito gentil.

NÃO SE EXCEDA. Ela ouviu as palavras ecoarem em sua mente nos dias que seguiram. Mas como ela poderia evitar? Havia água para tirar do poço e baldes pesados para carregar até o tanque. Precisava se inclinar e carregar as coisas para manter a cabana limpa, e até mesmo a força para subir e descer da carroça. Antes que a semana acabasse, ela estava exausta.

— Nora, você não pode encontrar ao menos uma camisa limpa? — Cal grunhiu enquanto jogava as camisetas sujas na cama — Pelo amor de Deus...!

— Aqui — ela disse rigidamente, entregando a ele seu primeiro esforço. Ela e Helen haviam lavado no dia anterior, e Nora fizera o melhor de si para

conseguir um bom trabalho. Mas ela sabia que ele não aprovaria. E ele não aprovou.

— O quê...! — Havia marcas de queimado nas mangas e nas costas. Era uma camiseta de chambray. Não tivera coragem de contar sobre a camisa branca que ela queimara. Piscou ao ver a expressão dele.

— Eu não fui contratada como empregada pessoal! — ela disse tremendo — Você precisa lembrar do meu passado!

Ele respirou lentamente, tentando conter o mau temperamento. Café da manhã queimado, jantar queimado, chãos sujos, e agora camisas queimadas.

Sua mãe era uma cozinheira maravilhosa, sua casa estava sendo imaculada, e ela lavava e passava as roupas melhor do que a lavanderia chinesa em El Paso. Nora era um completo desastre nas tarefas mais simples. Ela nem ao menos se lembrava de enxugar a bacia para que ele lavasse as mãos e o rosto antes das refeições. Sua única virtude era a adorável presença em sua cama, mas sua gravidez negava esse consolo. Dormir ao lado dela e não poder tocá-la o deixava tão irritado quanto uma cobra queimada pelo sol.

— Eu preciso de uma diarista — ela disse furiosa. Em seguida afastou as mechas de cabelo do rosto. Ela não estava muito apresentável nos últimos dias, ele pensou irritado, dificilmente a imagem da beleza. Isso não seria prejudicado pelo preparo de uma refeição decente.

— Eu não posso pagar uma diarista com o meu salário — ele mentiu — E você gastou as suas economias em um chapéu de Paris na loja da cidade quando você foi ao médico, certo?

Ela corou. Havia sido um impulso, o chapéu novo, algo para animá-la, mas ela não desejava admitir que gastara tanto dinheiro com algo desnecessário.

— Eu sinto muito — ela murmurou — Eu sempre comprei o que eu queria.

— Isso está no final — ele disse brusco — De agora em diante, antes de você gastar um centavo, você pergunta se pode gastar. Entendeu bem?

Ela o encarou. Como era possível amar e odiar tanto um homem? Seus dentes trincaram com força.

— Quando eu era uma dama da alta sociedade você não se atrevia a falar assim comigo! — ela explodiu.

— Não me atrevia? — os olhos dele soltavam faíscas — O que quer que você tenha sido antes de nós casarmos, você agora é a mulher do capataz de um rancho, e eu seguro as rédeas.

Ela respirava pesadamente, ciente da dor que sentia nas costas e dos pés e mãos marcados pelo trabalho pesado. Desejava ter a força necessária para segurar o ferro de passar roupas e atirá-lo na cabeça. Ela abriria o crânio dele com a ação.

Ele deve ter visto a luz da batalha em seus olhos, porque sorriu lentamente. Mas um minuto depois, ele colocou a camisa queimada com visível resignação e relutância e foi trabalhar.

Ação de Graças chegou e acabou. Cal aceitou quando Helen os convidou para o jantar especial, o que Nora agradeceu. Mas era apenas por um dia. No dia seguinte ele precisou tirar os ovos de cascas que quebravam em suas mãos e cortar a carne com muitos ossos. Sentia-se mal e aparentava sua tristeza, e sua saúde frágil estava começando a se deteriorar por causa do casamento fracassado e o trabalho físico ao qual ela não estava acostumada.

O princípio de uma gripe a deixou resabiada, mas ela saiu da cama e fez o café para Cal. Foi um esforço perdido. Ele lançou um olhar frio ao seu último desastre e foi até o celeiro para comer com seus homens, murmurando durante todo o caminho que fora um estúpido ao se casar com uma mulher que não sabia ferver água. Ela jogou a comida fora. Seu próprio apetite havia acabado, e ela não conseguia comer, descansar ou sentir-se bem. Parou de tentar aprender a cozinhar, alimentando-se de pão, vegetais e pedaços de carne que uma simpática e preocupada Melly trazia para ela.

Se Cal notou, ele nunca disse nada. De fato, ele não poderia notar. Havia começado a dormir e comer no barracão, porque, ele dizia a todos, ele perturbava Nora, e ela precisava descansar.

Foi uma desculpa boa, mas ela não acreditou em uma palavra. Acreditou que ele estava apenas evitando as brigas que haviam aumentado nos dias em que a saúde de Nora estremeceu e seu temperamento refletia sua insatisfação e desconforto. Odiava o próprio comportamento irritado, mas não podia evitá-lo. Tivera uma gripe e estava com medo da febre voltar. O que ela faria quando Cal soubesse a verdade, quando soubesse que ela o enganara? Ele a veria como um fardo maior do que ela já era. Ele mal a olhava, como se a visão dela ferisse os seus olhos.

De fato, ela feria os seus olhos. Ela não sabia como parecia frágil ou o quanto sua situação refletia em si mesma. Cal sentia-se culpado, cada vez mais culpado. Ele havia se mudado para o barracão para polpá-la de precisar cozinhar e fazer outras coisas; e também das brigas que não lhe faziam bem.

Ele precisava ir a Beaumont para checar os progressos de Pike durante a semana. Pensava seriamente em levá-la até El Paso depois disso. Estava envergonhado pela maneira como a tratara. Cada dia se culpava mais pela vida que lhe obrigara a ter e que não combinava com ela. Pensava em ensinar a ela que apreciar a pessoa e não a condição social era mais importante, mas não tinha mais essas ambições. Ele havia sido impaciente com a falta de ordem dela com a casa, até mesmo irracional. O fato de estar perto dela e não poder tocá-la havia piorado o seu humor, e o humor dela também não era

dos melhores nos últimos dias. Quando voltasse de Beaumont, faria o que era necessário, para polpá-la. Já havia lhe causado muito sofrimento.

DOZE

Nora não ficou surpresa por Cal estar ansioso para viajar na sexta-feira, por causa de seu misterioso negócio sobre o qual ele não falava nada. Ela não o aborreceu com suas pequenas dores ou com o resfriado, muito menos com o que o médico havia dito. Ele se afastara e se tornara quase inalcançável, e parecia ter algo grandioso em mente. Forçou-se a recordar que no começo ele havia sido gentil, relevando os vegetais queimados, a carne e os biscoitos desastrosos que ela continuou fazendo até que ele se mudou para o barracão.

Ele veio até a cabana na sexta-feira com uma repentina frieza, ficando tempo suficiente para fazer as malas. Não fez nenhum comentário sobre as camisas imaculadamente dobradas, que ela conseguira alguma proficiência após passar panos e sacos de farinha sem queimá-los, e só então começou a passar as camisas. De fato, ele sentiu-se culpado após vê-las, porque podia imaginar quanto tempo ela gastara aprendendo a passar tão bem.

— Obrigado — ele disse sombriamente.

Ela deu de ombros. A conversa era difícil, e ela não se sentia bem. Conteve uma tossida, mas deixou escapar um sorriso.

— Você está bem? — ele perguntou.

— Poeira — ela explicou, e puxou um lenço do bolso do avental para secar o nariz vermelho — É apenas poeira.

Ele olhou ao redor infeliz ao notar a espessura de poeira que cobria os móveis.

— Sim.

Ela o olhou.

— Eu tenho muita coisa para fazer e não posso perder tempo com a mobília. A poeira não acaba.

— Você é quem diz — ele não estava com vontade de discutir. Ela parecia mais magra do que nunca — Você está comendo? — ele perguntou — Você precisa tentar. Tem certeza de que o médico disse que você está bem?

— Ele disse que eu estou bem — ela mentiu — Eu não faço nada perigoso.

Inconsciente ao que ela fazia na casa, por ficar o dia todo fora, ele apenas concordou com a cabeça.

— Cuide-se. Eu devo voltar na segunda-feira pela manhã.

Os olhos dela pousaram na mala dele.

— Você guardou a sua arma — ela disse.

Ele pareceu surpreso.

— Eu sempre levo a minha arma — ele disse — Nós não somos tão civilizados quanto gostamos de pensar. Os homens são assaltados a toda hora.

Ela franziu a testa.

— O que um ladrão iria querer roubar de você? — ela disse sem pensar.

Os olhos dele tornaram-se frios.

— O que você disse?

Ela corou.

— Eu quis...

— Você ainda acha que casou com alguém inferior, não é? — ele perguntou friamente — Eu sou um homem pobre e que não vale a pena ser roubado, não é?

Ela mordiscou o lábio.

— Cal, você destorce as minhas palavras — ela disse, os olhos implorando por compreensão — Eu sou sua esposa. Essa é a minha vida, também, como uma pessoa comum. Estou tentando me ajustar. De verdade.

— Mas você a odeia — ele disse repentinamente — Eu vejo os seus olhos quando nós vamos à cidade, como se você tivesse vergonha de ser vista comigo. Você parece uma santa martirizada porque foi ensinada a acreditar que uma mulher decente não trabalhava em casa. Você tem vergonha da sua posição e tem vergonha de me ter como marido.

Ela trincou os dentes.

— Por favor...!

— Imagine... A senhorita Marlowe de Richmond, casada com um pobre caubói com botas sujas — ele continuou, a voz como um punhal enquanto colocava os ressentimentos em palavras — Para ajudar, a sua tia me parou no caminho e perguntou se eu não poderia pagar pelo menos uma empregada diária para você. Porque, ela disse, uma dama não estava acostumada ao trabalho físico, e você está dependendo de Melly por comidas que você pode comer — ele acrescentou deliberadamente.

Ela ficou vermelha.

— Mas eu não disse nada a ela! — ela protestou inocentemente — Sim, Melly foi gentil trazendo algumas coisas... Você se mudou! Eu não precisava cozinhar só para mim! E eu não pedi uma empregada diária para a minha tia!

Ele soltou um suspiro exasperado.

— Você pediu a mim, e eu neguei. Se você não pediu que a sua tia falasse comigo, ela lê mentes — ele disse irritado — Você diz me amar, Nora, mas nós sabemos que você não será feliz aqui. Você não tem dotes caseiros. Você não tem paciência para preparar nada na cozinha. Você quer vestidos de seda e toalhas de banho de linho, prata e cristal, empregados e pessoas

para o jantar de domingo. Você nunca ficará satisfeita com o que eu posso lhe oferecer.

— Eu ficarei sim! — ela disse furiosa.

— Mesmo? — os olhos dele se estreitaram — Então por que você pediu que a sua tia escrevesse uma carta de perdão aos seus pais? — ele disse finalmente, proclamando o que mais lhe magoara.

Ela engasgou.

— Eu não pedi! — ela disse, surpresa por ser acusada de se humilhar aos pais, depois do tratamento cruel que recebera. O que sua tia estava pensando por dizer tal coisa a Cal? Se ela pensava em mudar a frieza dele em relação a Nora com tal fato, errara feio.

— Eles são ricos e você é sua única filha — ele continuou com um sorriso desagradável — Bem, deixe-me dizer algo. Se você fizer as pazes com eles, está tudo bem, mas não espere pedir nada, nem vestidos, nem ostentações, nem dinheiro. Porque enquanto você for minha esposa, não permitirei que você peça um centavo a sua família!

Ela o encarou. Defender a acusação ficou esquecido no calor da raiva.

— Eu farei o que quiser! Eu posso ser sua esposa, mas você não é o meu dono! Eu posso me cuidar perfeitamente bem, e era o que eu estava fazendo até que você me seduziu a essa... essa... vida de absurda pobreza! Pelo menos um homem de minha classe não exigiria que eu cozinhasse, limpasse e trabalhasse como uma empregada doméstica! — ela explodiu. Sentia-se terrivelmente quente. Era provavelmente uma pequena febre por causa do resfriado, ela pensou, mas sentia-se tão doente que nem conseguia pensar no que estava dizendo.

Ele não falou. Seu rosto se fechou e seus olhos se estreitaram.

— Trabalho honesto não é uma desgraça — ele disse com orgulho — Eu trabalho com as minhas mãos e não me sinto desonrado por causa disso, e minha mãe nunca reclamou por ter que cozinhar e limpar para o marido e os três filhos. De fato, ela tinha orgulho. Mas se o nome da sua família e a sua posição social significam tanto para você, faça as pazes com o seu pai e volte para Richmond. Deus proíba que você precise viver como uma empregada doméstica, Eleanor. Nem por todo o mundo eu lhe humilharia mais.

Ela não podia encontrar palavras. Ele estava pedindo que ela partisse? Jogando-a fora?

— Eu preciso ir — ele disse tenso — Se você não estiver aqui quando eu voltar, nada mais precisará ser dito entre nós. Considere-me uma aberração temporária em sua vida, se isso lhe agrada. Deus sabe que eu nunca quis me casar, em primeiro lugar — ele acrescentou cortante, e sem ser verdadeiro — Eu só queria dormir com você — era uma mentira, mas servia para salvar

um pouco de seu orgulho ferido. Ele pegou a mala, evitando olhar para o rosto dela. A tia dela lhe fizera sentir-se mal por seu comportamento, e o comentário sobre Nora implorar aos seus pais para mudar sua condição o deixou doente.

Nora sentiu o corpo tremendo enquanto o olhava com os olhos brilhando por causa da febre.

— Você nunca falou sobre a sua família, ou de me levar para conhecê-los...

Ele ergueu os olhos frios para ela.

— Isso nunca me ocorreu! Você acha que eu lhe apresentaria a minha mãe e deixaria que você a envergonhasse por ela fazer os serviços domésticos e cozinhar? Nosso casamento foi o pior erro da minha vida. Eu não tenho o desejo de comunicá-lo a minha família!

Ela ficou tão estarrecida que não conseguiu falar. Ele tinha... vergonha dela! O rosto sumiu de seu rosto. Tinha tanta vergonha dela que não se atrevia a apresentá-la a família. Foi o pior golpe de todos.

Ele não a olhou novamente. Deixou-a na varanda e subiu na carroça com os homens que o levariam até a estação. Nora observou-os se afastar e imaginou se os homens tinham ouvido a briga.

Com um gritinho de angústia, entrou na casa e jogou-se nos lençóis recentemente passados. Se ao menos estivesse se sentindo bem, se ao menos seu rosto e sua garganta não ardessem tanto. Virou o rosto no travesseiro frio e sentiu-se melhor. Mais tarde, quando levantasse, poderia se preocupar com o casamento fracassado e com o que faria. Fechou os olhos por um minuto e entrou em um sono dominado pela febre.

BRUCE LANGHORN ERA O ÚLTIMO aluno a ficar na aula de artes de Melly em Tyler Junction. Ela dava as aulas na escola, com a autorização especial dos responsáveis pela escola, e geralmente os pais das crianças vinham buscá-las na hora certa. Mas Bruce ainda esperava por seu pai, e já estava escurecendo. Se não levasse Bruce para casa agora, teria que pegar a estrada a noite, uma situação particularmente indesejável para uma mulher sozinha. Seu pai ficaria furioso. Poderia até mesmo fazê-la desistir das aulas. Não admitiria nunca que uma de suas maiores alegrias era observar o senhor Langhorn, quando ele vinha buscar Bruce todas as tardes.

Ela levou Bruce até o rancho de seu pai, observando o anoitecer com olhos preocupados.

— Eu não sei onde o meu pai pode estar — Bruce disse preocupado — Ele nunca se atrasa.

— Eu sei, meu querido — Melly disse com um sorriso — Está tudo bem. De verdade. Eu não me importo de levá-lo em casa.

Ele fez uma careta.

— Eu espero que ela não esteja lá.

— A senhora Terrell?

O tom de sua voz o atingiu.

— Ela não vem sozinha — ele disse com um olhar de esquelha — Ela vem com a tia. É impróprio.

— Isso não é da minha conta — ela disse com fingida calma.

— Claro.

Havia uma luz acesa na casa quando Melly parou com a carroça na frente da varanda. Estava escurecendo e ela estava preocupada com o longo caminho até em casa. Também não admitiria que estava preocupada com a ausência do senhor Langhorn, que como Bruce havia dito, nunca se atrasava. Será que ele estava doente?

— Entre já — ela disse — E acene se o seu pai estiver aí e estiver bem. Eu não vou descer.

— Tudo bem. Obrigado pela carona, senhorita Tremayne!

— Tudo bem.

Ela segurou as rédeas com força, esperando a eternidade que Bruce levou para entrar em casa e finalmente reaparecer. Ele correu até o portão.

— Está tudo bem, ele dormiu na cadeira — Bruce disse com um risinho — Eles estão arrumando as cercas e reparando os anexos. Ele trabalhou até cair, eu acho.

Ela relaxou.

— Boa noite, então, querido — ela disse rapidamente, sentindo o movimento na casa com o canto do olho. Não queria começar uma discussão com o detestável pai do garoto. Ainda estava magoada com o que o senhor Langhorn lhe dissera no baile. Bateu as rédeas nas costas do cavalo e o pôs em movimento.

A escuridão a envolvia. Havia uma lua crescente, mas iluminava muito pouco na estrada. Graças a Deus a estrada ia direto ao rancho, e o cavalo sabia o caminho muito bem. Ficaria bem se não surgisse nenhum bandido...

O barulho repentino dos passos de um cavalo na estrada atrás dela era alto bastante para ser ouvido através dos passos de seu próprio cavalo. O cavalo atrás de si estava galopando. Ele a alcançaria.

O coração dela disparou ao imaginar um possível assalto, e ela bateu as rédeas novamente, com mais força, fazendo com o que o cavalo fosse mais rápido.

Havia uma curva na estrada e ela precisou diminuir, o que fez com que o perseguidor alcançasse a carroça. Ela viu um par de pernas longas usando botas escuras e jeans ao lado de sua carroça e gritou.

Enquanto tentava forçar o pobre cavalo a correr novamente, uma mão segurou as rédeas, fazendo com o que o cavalo diminuísse o trote.

Ela sabia agora quem era o perseguidor, mas isso não ajudou a diminuir as batidas de seu coração. Ele estava sem chapéu e furioso; podia notar pela economia de movimentos enquanto ele descia de seu cavalo e parava ao lado da carroça.

Ele passou a mão pelo cabelo e a encarou, uma mão pousada na armação da carroça.

— Você sabe que não pode correr a essa velocidade! — ele rugiu.

— Naturalmente a sua preocupação é com o cavalo e não comigo sozinha no escuro, senhor Langhorn! — ela disse calorosamente.

— Por que você não ficou para falar comigo? — ele perguntou.

— Porque, obviamente, eu não queria falar com você — ela disse — Bruce disse que você dormiu na cadeira. Tudo que eu precisei saber foi que ele estava seguro antes de partir. E ele estava.

— Eu tive um dia longo e perdi metade da noite com uma vaca doente — ele disse.

— Sua idade avançada pode estar lhe prejudicando — ela disse ironicamente.

— Maldita!

Ela prendeu a respiração.

— Senhor Langhorn!

A mão dele apertou a carroça com mais força, e mesmo no escuro ela podia ver o brilho dos olhos sobre ela.

— Você não sabia que eu não tenho modos? — ele rugiu — Eu sou um homem divorciado, uma desgraça aos olhos da comunidade. Claro, eles se negam a mencionar que minha mulher era pouco mais do que uma prostituta, que ignorava o próprio filho e vendia o corpo para comprar drogas. Ela se entregava a qualquer um que podia pagar...

— Por favor!

— É muito sórdido para os seus doces ouvidos, senhorita pureza? — ele zombou — Você não quer saber nada sobre o homem por quem você nutre uma paixão secreta? Ou você achou que eu não soubesse disso?

Ela queria cavar um buraco e se enfiar dentro. Ele a fazia sentir-se barata. Não era apenas o insulto deliberado, mas havia algo na voz dele que a deixava nervosa.

— Eu preciso ir para casa — ela implorou — Por favor, se afaste.

— Isso não é o que a viúva pede que eu faça — ele zombou — Ela faria tudo o que eu quisesse.

— Então vá e permita que ela faça. Eu quero ir para casa.

— Eu também, mas eu não tenho um lar — ele disse sombriamente — Eu tenho uma casa que luto horrores para manter, um rancho que ocupa todo o meu tempo, um filho que não recebe atenção porque eu não tenho tempo para ser pai. Ele gosta de você — ele disse furioso — Ele só fala sobre você. A senhorita Tremayne, sua santa padroeira!

— Oh, senhor Langhorn, você precisa...!

— Saia daí — ele murmurou, erguendo os braços para descê-la da carroça e colocá-la ao seu lado.

— O cavalo vai fugir — ela disse rapidamente.

O cavalo, de fato, não tinha fôlego para correr. Ele ainda respirava pesadamente e já descobrira água em um pequeno poço e grama verde logo atrás.

As mãos de Langhorn seguravam o rosto dela, e ele tentava enxergar através da escuridão.

— Você me persegue — ele disse instável — Com os seus olhos castanhos, o seu corpo virginal e esse longo e sedoso cabelo escuro que eu quero ver sobre o meu peito...

A boca dele atingiu a dela com a força de um raio. Ela engasgou com o impacto, chocada, porque nunca havia sido beijada desse modo. Os tímidos toques dos garotos de sua idade foram rapidamente esquecidos com o calor e a insistência da paixão de um homem adulto.

Os braços dele a puxaram contra a força de seu corpo, deixando-a ciente do crescente desejo que era notável contra o seu quadril.

Assustada, ela tentou se afastar, mas sua cabeça girava por causa do gosto e do toque da boca dele, e ele não a deixaria se afastar.

Ela sentiu as mãos dele em seu cabelo, soltando os elásticos para deixar que ele caísse

e em ondas até a cintura dela. E durante esse tempo a boca dele não soltou a dela nem por um segundo, sem diminuir a sua fúria.

— Dura — ele murmurou roucamente contra os lábios dela enquanto suas mãos tocavam sensualmente o cabelo dela — Dura como uma tábua contra mim, como um pedaço de madeira — ele mordeu o lábio inferior dela, o que fez com que ela ofegasse — Você não é mais do que uma criança — ele disse com desgosto, parando para recuperar o fôlego — Você não sabe beijar, você tem medo da paixão, você não é de utilidade para um homem!

Ela respirou duas vezes. Seus joelhos estavam fracos e sua boca tremia, dolorida no lugar onde os dentes dele a morderam. Colocou os dedos no lugar.

— Eu quero ir para a minha casa — ela chiou.

— Claro, por que não? — ele perguntou furioso — Sua pequena covarde! Agora você vê pelo que estava pedindo? Você não consegue nem fingir que gostou!

Ela tentou afastar-se novamente, mas os braços dele a envolveram.

— E agora você vai chorar, não é? — ele adivinhou.

Ela encostou a testa no peito dele, deixando as lágrimas quentes rolarem por suas bochechas. Ela não fez barulho, e os dedos apertavam a gola da camisa dele, sem se moverem.

Ele a sentiu tremer. O uísque que havia tomado lhe tirara a razão. Ele não queria assustá-la. Um homem não conseguia resistir tanto, e ela o atormentava há meses.

As mãos firmes acariciaram o longo e sedoso cabelo com apreciação, apreciando o toque dele contra os seus dedos.

— Cabelo de um anjo — ele disse baixo — Tão sedoso. Como seda negra.

— Você se casará com a viúva Terrell — ela disse baixo — Você não tem o direito... não tem o direito... de colocar as mãos em mim!

— Eu sei — ele disse sombriamente. Os lábios tocaram o cabelo escuro, a testa dela — Não chore.

Ela secou as lágrimas com os dedos. Era engraçado, estar em uma estrada escura e deserta, com o homem que ela mais amava no mundo e implorar para ir embora. Mas a opinião dele sobre ela era muito clara. Ele odiava sua silenciosa adoração. Ele odiava sua juventude e inocência. Ele não queria nada dela. Então por que, ela imaginou, tremendo, ele não a soltava?

As mãos dele estavam no cabelo dela novamente, como se isso o fascinasse. Ele o envolveu nos dedos e os levou até a boca.

— Senhor Langhorn — ela começou agitada.

Os lábios dele tocaram os olhos dela, os fechando. O hálito dele, com cheiro de uísque, era quente contra o frio do entardecer.

— Eu tenho um primeiro nome.

— Que eu não pretendo usar — ela disse, com o que lhe restava de orgulho. Ele estava deixando os seus joelhos fracos novamente. O leve toque dos lábios dele em seu rosto a fazia tremer, especialmente quando a língua dele tocou os seus cílios.

As mãos em seu cabelo se moviam, medindo o seu comprimento. Elas estavam sobre o corpete de seu vestido agora, os nódulos acidentalmente tocando o seu corpo de um modo que quase a fazia desmaiar.

Havia um inchaço no corpo delicado, uma estranha dor que parecia aumentar com o toque dos lábios, cada toque dos dedos sobre os seios. O toque sobre os mamilos causou um endurecimento que ela logo notou.

Ela devia protestar. E ela tentou, mas os lábios dele se abaixaram para encontrar os dela. Não realmente tocando, mas tocando e mordiscando, então tocando novamente, mais e mais forte...

E enquanto eles tocavam, ele prendeu o seu mamilo com o dedão e o indicador e pressionou. Ela sentiu o corpo em chamas, viu fogos de artifício por trás das pálpebras fechadas. Ela fez um som — uma espécie de gritinho — e seus lábios se abriram sob os dele.

Ele sussurrou alguma coisa. A mão dele segurou o cabelo de sua nuca e puxou a cabeça dela para trás para dar total acesso a sua boca. A língua dele forçou-lhe os lábios e os dentes até encontrar o caminho. Ele mergulhou em sua boca e ela gritou novamente; ao mesmo tempo sua mão segurava-lhe o seio com delicadeza.

Depois disso, ela não conseguia lembrar quem se afastou primeiro. Sentia o corpo inteiro tremer, e mal conseguia falar. O corpo inteiro tremia por uma necessidade que ela não entendia.

Os braços dele a seguraram, porque ela não conseguia ficar em pé. Ela segurou-os, encostando a cabeça contra as batidas de seu coração. Ele respirava como um animal selvagem e seus dedos apertavam o braço dela causando dor. Ele respirava como um homem que buscasse a sanidade.

— Você não devia... ter feito isso — ela disse com um sussurro.

Ele encostou a bochecha na cabeça dela.

— Shhhh.

— Senhor Langhorn...

Ele riu suavemente.

— Nós não passamos por isso ainda? Meu nome é Jacob.

— Jacob — ela sussurrou. Seus olhos se fecharam e ela estremeceu de prazer.

Ele a segurou gentilmente, sem exigir nada, as mãos deslizando por seu cabelo até que ela começou a se acalmar.

Ela o empurrou finalmente e ele a soltou, observando-a se afastar.

Ele pegou um maço de cigarros do bolso da camisa, tirou um, e colocou o maço no bolso novamente. Ele não parecia estar com pressa enquanto seu cavalo e a carroça dela estavam pastando. Ele acendeu o cigarro com calma e deu um trago.

Ele soltou uma baforada de fumaça. Ele pôs uma das mãos no bolso do jeans e a encarou. O cabelo estava ao redor dos ombros, uma nuvem escura contra o pano escuro do vestido. Era um tecido macio. Recordou a suavidade quando ela permitiu que ele lhe tocasse os seios.

A lembrança fez o corpo dele tremer. Sorriu suavemente com a própria situação. Dois copos de uísque e uma corrida na escuridão, para perturbar a

vida dos dois. Porque isso era o que ele havia feito. Nenhum dos dois esqueceria como havia sido o beijo.

— Eu vou para casa agora — ela disse.

— Uma péssima idéia. Podem existir homens maus na estrada.

— Piores do que você? — ela chiou.

Ele deu um risinho.

— Talvez. Eu... machuquei você? — ele perguntou delicadamente, recordando o toque fervoroso de sua mão contra a suavidade. Os olhos dele deslizaram até o vestido dela enfatizando o pensamento.

Ela cruzou os braços sobre os seios.

— Senhor!

Ele suspirou dolorosamente.

— Como foi, Melly? — ele murmurou — Você me desejou por anos. Como foi sentir a minha boca na sua, sentir as minhas mãos no seu corpo?

Ela virou-se na direção da carroça com infelicidade nos olhos.

Ele a segurou pelo braço e envolveu a cintura dela, puxando-a para perto de seu corpo.

— Eu virei amanhã — ele disse no ouvido dela — Nós precisamos ter uma conversa séria com os seus pais.

— Sobre o quê? — ela perguntou surpresa. Certamente ele não pretendia contar o que havia acontecido!

— Sobre nós — ele disse solenemente — Você acha que nós seremos capazes de parar agora que já experimentamos o gosto do outro?

TREZE

Melly virou-se, os olhos castanhos arregalados enquanto o encarava.

— O que...?

Ele tocou a boca dela com o dedo indicador.

— Eu quero você, para ser claro — ele disse — E eu farei com que você me queira.

— Jacob! — ela gritou.

Ele deu um risinho.

— Bruce adora você — ele disse. Sua voz se suavizou — Eu também.

— Mas... a viúva Terrell... — ela protestou amargamente.

— Uma cega, nada mais. Eu sou muito velho para você, Melly — ele disse seriamente — Ou você é muito jovem para mim. Mas eu não posso mais lutar contra isso. Cortou-me o coração ter que lhe dizer aquilo no baile do clube feminino. Eu não posso machucá-la novamente, mesmo que por motivos nobres. A viúva Terrell é uma amiga. Apenas uma amiga — ele enfatizou — Não aconteceram outras coisas.

— Você disse... que nós vamos falar com os meus pais?

— Sim. De algum modo — ele suspirou — Nós precisamos da permissão deles para que eu possa cortejar você.

Os ouvidos dela não registraram tudo. Certamente ela não estava ouvindo bem. Virou-se e o olhou diretamente.

— Melly — ele disse gentil — Eu quero me casar com você.

A felicidade foi tanta que ela tremeu. Seus olhos brilharam, iluminaram. Ele a abraçou de maneira faminta.

— O que você achou? — ele gemeu no ouvido dela — Apesar do que a maioria de vocês parece pensar sobre mim, eu não sou imoral.

— Eu sei. Estou tão feliz — ela colou-se a ele — Eu achei que você me odiasse.

Ele suspirou.

— Eu tentei evitar que isso acontecesse, para proteger você. Melly, você tem apenas dezoito anos. Você não viveu nada.

— E não viveria se você casasse com a viúva. Sem você, eu nunca teria amado novamente. Nunca casaria ou teria filhos.

Ele apertou os braços.

— Você gosta de crianças? Você precisa, porque Bruce acha que você é um anjo.

— Eu amo crianças — ela respondeu.

— Então nós teremos mais uma ou duas — ele murmurou — Eu vejo uma garotinha com cabelos iguais aos seus.

— Oh, Jacob! — ela gemeu, tão leve que se sentia voando.

Ele deu um risinho e inclinou-se para beijá-la.

— Mas no momento, acho que é melhor nos separarmos. Estou morto de cansaço e tomei uísque para ajudar a relaxar — não foi uma combinação inteligente.

Ela parecia preocupada, e ele riu novamente.

— Eu garanto a você — ele disse — Que estou certo do que eu disse. Mas preciso pensar em como contaremos aos seus pais.

— Amanhã? — ela perguntou.

Ele concordou. Ele pareceu momentaneamente preocupado.

— Eu sei que eles não me aprovam. E quando a filha deles está envolvida... Eu espero que dê tudo certo.

— E se não der? — ela perguntou.

Ele sorriu astutamente.

— Sua prima Nora encontrou a própria solução para o seu problema.

— Sim, ela e Cal se casaram em segredo — os olhos dela brilharam — Nós também?

— Apenas em último caso — ele disse. Em seguida tocou a boca dela gentilmente — Então não se preocupe. Tudo bem?

Ela sorriu e concordou. Ele a colocou na carroça e subiu em seu próprio cavalo.

— Então foi por isso que você chegou tão rápido! — ela exclamou, não havia notado antes que o cavalo dele não estava selado.

Ele deu um risinho.

— Eu corro muito bem sem uma sela — ele disse — Eu lhe seguirei até em casa. Não muito perto para não ser visto — ele acrescentou quando ela lançou um olhar preocupado.

NÃO DEMOROU MUITO, e quando ela chegou em casa, descobriu que ninguém notara sua demora. A casa estava tumultuada, e sua mãe estava em lágrimas.

— Por que... O que aconteceu? — Melly explodiu.

— É Nora — Helen fungou — Oh, Melly, ela sofreu um ataque terrível da febre. E pior, ela perdeu o neném.

— Oh, não! — Melly exclamou — Pobre Nora! E Cal...

— Cal viajou no final de semana. Nós não sabemos como entrar em contato com ele — a mãe disse infeliz — Ele não voltará antes de segunda-

feira, e ela está muito doente. Muito doente — ela não disse mais nada, mas Melly entendeu.

Elas entraram no quarto onde Nora havia sido colocada. Fervendo de febre e molhada de suor, ela estava sendo atendida por um médico solene e preocupado. Ele havia sido chamado antes do jantar e não tivera tempo para um copo de chá.

— Você quer algo, doutor? — Helen perguntou gentilmente.

— Eu gostaria de uma xícara de café e alguns biscoitos — ele disse grato — Ela precisa de mais água fria, e seus lençóis terão que ser trocados, assim como sua camisola — ele balançou a cabeça — Em todos os meus anos, nunca vi uma febre tão ruim. Ela não descansou como eu mandei na última vez em que ela se consultou?

Isso era novidade para Melly e Helen, que trocaram olhares chocados.

— Eu entendo — o médico murmurou friamente — Ela não disse a ninguém, nem mesmo ao seu marido. Eu avisei que era perigoso, que ela não podia se exceder. Ninguém notou que ela estava com o começo de uma gripe, e que isso, junto com sua condição enfraquecida, eram causas da febre?

— Nós não sabíamos — Helen disse infeliz — Ela estava saudável, mas desde o seu casamento, tem estado muito reservada. Nós mal a vimos nesses últimos dias, exceto quando Melly levava as coisas para ela comer. Ela estava aprendendo a cozinhar...

— Eu asseguro que em um momento muito inoportuno — o médico disse irritado. Elas pareciam tão culpadas que ele se acalmou — Nada seguraria a criança. Mas a febre... — ele balançou a cabeça.

— Ela vai morrer? — Melly perguntou desesperada.

— Eu não posso dizer. É um caso muito ruim.

— O que nós podemos fazer? — Helen perguntou ansiosa.

O médico as encarou.

— Rezar.

ELAS REZARAM, FERVOROSAMENTE, nos dois dias seguintes. Nora sentia dor no começo e gritava quando eles a mexiam, para lavá-la e diminuir a febre. Isso cansava a todos, incluindo Melly, e Jacob não conseguiu falar com seus pais. Melly lhe enviou um recado sobre o que estava acontecendo e ficou ao lado de Nora, seus problemas temporariamente esquecidos.

A segunda chegou, e a febre continuava.

UM EXAUSTO CAL BARTON desceu do trem e alugou uma carruagem para levá-lo até o rancho. Ele e Pike haviam escavado um buraco seco, o

segundo desde que haviam começado a procurar por petróleo. Eles tinham mais uma chance, em um lugar diferente, e Pike estava começando o trabalho hoje.

Cal queria ficar, esperar, ver se o último esforço pagaria as contas. Tudo dependia disso. Nunca havia sido um apostador, e estava apostando tudo em um pedaço de terra, em seus instintos e em um geólogo. Mas apesar da preocupação, sua briga com Nora foi sua maior preocupação. De algum modo eles precisavam acertar as suas diferenças, para o bem da criança. Ele só precisava saber como.

Quando ele chegou ao rancho e entrou na cabana, a encontrou vazia. Seu primeiro pensamento foi de que Nora havia voltado para Virginia. Foi o que ele disse a ela, embora Deus soubesse que não era sua vontade. Estava magoado por causa do que Helen dissera. Mas desejava retirar cada palavra que havia dito.

Seu rosto se contorceu de infelicidade, entrou no quarto, esperando ver as malas dela feitas. Mas elas não estavam ali. Ele abriu o armário com as mãos tremendo e as roupas dela estavam lá. Ele fechou os olhos e agradeceu a Deus. Ela devia estar visitando a prima e a tia na casa grande. E ele acreditando que ela o abandonara!

Com um sorriso aliviado, voltou à sala de estar e sentou na cadeira de descanso. Encostou-se na almofada, esperando que as últimas semanas se apagassem. Se Nora partisse, ele ficaria sozinho. Não havia notado o quanto sentiria falta da carne queimada, dos biscoitos duros e das camisetas queimadas enquanto esteve fora, mas agora conseguia pensar. Sorriu brevemente ao recordar o modo como ela se esforçara para se tornar uma dona de casa. Durante a viagem tivera muito tempo para pensar na dificuldade que ela estava encarando, uma mulher com o seu passado, tentando viver como uma empregada. Não havia sido justo colocá-la nessa posição. Decidira antes de embarcar no trem para Tyler Junction que precisava parar com essas idéias estúpidas de tentar mudá-la. Recordando as coisas dolorosas que dissera à ela, sabia que não seria fácil se redimir.

Mas, graças a Deus, não era muito tarde. Podia levá-la para Latigo, e ela não sofreria mais. O rancho Tremayne era muito bom, e Chester estava no caminho certo. Ele e Pike podiam ou não descobrir petróleo. Se eles não descobrissem, Cal disse a si mesmo, tinha braços fortes e um bom cérebro. Engoliria seu orgulho e voltaria para Latigo para trabalhar no rancho da família. Se Nora o amasse, se adaptaria. O resto... bem, o resto se encaixaria. Quanto mais pensava no problema, mais simples parecia resolvê-lo.

A luz acesa na varanda chamou sua atenção. Ele levantou, sorrindo, o coração disparado como se esperasse que Nora abrisse a porta e entrasse. Mas a porta não se abriu. Houve uma batida.

Ele foi abrir e deu de cara com uma preocupada Melly.

— Eu ouvi você chegando — ela disse — Você precisa vir enquanto ainda há tempo.

Notando a expressão no rosto dela, achou melhor não perder tempo fazendo perguntas. A ausência de Nora e o rosto pálido e machucado de Melly lhe diziam algo que ele não queria ouvir. Seu coração batia tão forte que ameaçava furar o peito.

NO QUARTO DE HÓSPEDES, Nora estava deitada na cama banhada em suor, com o médico ainda ao seu lado. Ele não havia saído do rancho desde a hora em que fora chamado. Ele encarou Cal Barton.

— O marido errante, eu presumo? — ele perguntou friamente — Veja o seu trabalho, senhor!

O coração de Cal parou no peito. Nora parecia quase morta. Estava da cor do lençol e magra como uma vareta. Seu estômago...

O médico viu o horror nos olhos dele e entendeu.

— Ela perdeu o neném há dois dias. Agora nós estamos preocupados em salvar sua vida. Você não sabia que era perigoso deixá-la erguer baldes de água nessas condições, especialmente complicada por um resfriado?

— Ela disse que o senhor havia dito que ela estava bem — Cal disse. Seu coração batia com medo ao ver Nora, tão doente e pálida — Ela espirrava, mas ela dizia que era a poeira...!

— Ela ficou resfriada. Isso foi suficiente, cansada como ela estava, para trazer a febre de volta. Eu temo que ela possa morrer. Eu nunca vi um caso tão grave.

— Febre? — Cal aproximou-se da cama e olhou a esposa com olhos sombrios e derrotados. O coração dele congelou no peito — Que febre? — ele perguntou asperamente.

— Que tipo de casamento você tem? — o médico exigiu furioso — Ela tem febre há mais de um ano. O médico dela, embora eu não concorde com seu diagnóstico, disse que ela poderia ser fatal.

Aquilo foi um golpe. Ele respirou fundo.

— Ela nunca disse — ele gaguejou.

— Ela nunca disse a ninguém — Helen disse infeliz, secando os olhos — Ela disse que nunca poderia se casar, colocar um fardo tão pesado nos ombros de um homem, porque a febre era incurável. Oh, maldito Summerville! Se ele não fizesse avanços indesejados e rasgasse as roupas

dela, se os mosquitos não a tivessem picado na África, tudo teria sido diferente!

— Summerville? — Cal encostou-se na parede, observando Helen pálido — Summerville causou isso?

— Sim — Helen disse. As lágrimas escaparam novamente — Eu tive tanto medo quando você a trouxe de volta porque ela não era tão forte para criar uma criança e aprender uma outra vida. Essa é uma vida dura para uma mulher, e ela era tão frágil. Eu pensei que você soubesse. Eu devia ter falado. Eu devia ter dito algo...!

A voz dela falhou e ela virou-se. Cal estava começando a perceber o que fizera com Nora. Ela estava doente da febre e nunca dissera a ele. Obviamente não queria estragar a vida de um pobre homem com uma doença incurável que significaria constante tratamento mesmo não sendo fatal. Que irônico ele ter entendido a hesitação dela em trabalhar na cabana como desprezo pelo lugar, enquanto ela, na verdade, apenas tentava proteger a própria saúde. Os olhos dele se fecharam em uma onda de dor.

Se não fosse por Summerville, ele provavelmente nunca saberia sobre o neném, nunca. Ela nunca teria entrado em contato com ele, e ele nunca a teria pedido em casamento, trazendo-a para este lugar e não para a luxúria de Latigo. Ao invés disso, ele a submetera a uma vida rigorosa e precária que não era necessária. Com sua arrogância, desejara lhe dar uma lição sobre humildade. Mas era ele quem estava aprendendo a lição. Já havia lhe custado o filho, e talvez lhe custasse a mulher.

— Oh, minha querida — ele disse baixo, tremendo até os ossos enquanto observava o corpo frágil de Nora. Os olhos dele encontraram os do médico — Ela vai viver? Nada mais pode ser feito? Homem, você precisa salvá-la!

O homem já havia percebido que Cal não era culpado. Ele relaxou. A compaixão o movia, mas ele se irritava com facilidade. Não tinha paciência com pessoas que colocavam os próprios interesses antes de pessoas doentes.

— Eu já fiz o que podia — o médico disse honestamente — Quinina, banhos, sangrias, tudo o que podia ser feito. Se a febre ceder, ela tem uma chance. Por outro lado... — ele torceu as mãos — Eu já tratei casos de malária várias vezes, mas não existe cura. Além disso, ela está enfraquecida pela perda do filho e pelo resfriado.

Cal sentou na cama e segurou a mão quente de Nora. Ele a apertou firme, esperando dar à ela um pouco de sua força. Ela precisava viver. Precisava! Disse isso em voz alta, os olhos atormentados tanto por culpa quanto fome. Ela era parte dele. Por que não percebera isso antes, quando ainda havia tempo para lhe dizer? Se ela morresse, sua última lembrança dele seria a voz áspera dizendo que tinha vergonha de apresentá-la a sua

família, que o casamento havia sido um erro. Agora precisava conviver com a culpa e observá-la sofrer. Ele a traíra, de vários modos.

DURANTE TODA A NOITE, ele ficou sentado de um lado da cama, com o médico do outro. Eles a banhavam com toalhas molhadas, trocavam os lençóis, trocavam a camisola, enquanto ela tremia, espirrava e delirava incoerentemente.

Melly e Helen apareciam frequentemente, trazendo lanches e chá para os homens. Chester supervisionou o trabalho no rancho no outro dia sozinho, porque Cal não tinha intenção de deixar a esposa.

O médico lhe ofereceu uma xícara de café pouco antes do amanhecer.

— Quando nós saberemos? — ele perguntou ao homem.

— Eu não sou Deus — o médico disse de maneira franca.

Cal alisou o cabelo enquanto observava a figura fraca e sem vida na cama.

— Eu tentei sei — ele disse angustiado — Ela era tão esnobe. Ria de mim e dos homens, me provocava, empinava o nariz por causa do modo como eu me vestia, do trabalho que eu tinha — ele fez uma careta — Em minha arrogância, eu desejei fazê-la pagar por seus atos — até mesmo a trazendo aqui para fazer trabalho físico pela primeira vez em sua vida — ele passou uma mão pelo rosto pálido — Eu nunca achei que podia machucá-la. Minha mãe é muito forte. Mesmo quando ela tinha os aparelhos modernos, ainda preferia o antigo modo de fazer as coisas. Ela nunca teve empregadas, exceto pelo trabalho pesado — ele deu de ombros — Eu esqueci que Nora nunca havia precisado trabalhar em casa. Deus me perdoe, nunca me ocorreu que a criança poderia estar em risco com trabalhos tão comuns — ele bebeu o café em silêncio — Ela não me contou sobre a febre — ele acrescentou amargamente.

O médico encostou-se na poltrona e observou a sua paciente.

— Ela é uma mulher de garra — ele disse solenemente — Ela veio me ver há poucos dias, e passou dez minutos me ensinando o modo certo de passar uma camisa — ele deu um risinho e Cal arqueou as sobrancelhas — Ela estava muito orgulhosa. Ela não disse nada sobre esforço, sobre nenhum tipo de desconforto. Eu não notei que ela estava escondendo a sua fragilidade de todos ao seu redor.

— Eu achei que a conhecesse — Cal disse sombriamente — Ela é uma mulher complexa. E eu não fui o marido ideal.

— Casamento é uma questão de compromissos — o médico sorriu debilmente — Minha mulher e eu somos casados há trinta e seis anos e nunca tivemos uma briga séria.

— Você é um homem de sorte — Cal disse.

O médico concordou.

— Minha esposa é uma diplomata — ele deu um risinho.

— A minha tem um humor inesperado — Cal murmurou, observando-a magoado — Durante todo o tempo em que ela tentava aprender a ser uma boa esposa, nunca negou uma briga. Eu não queria casar — ele confessou — Mas quando o casamento se realizou, ela parecia se... encaixar na minha vida. Estou sozinho sem ela agora.

A confirmação estava cheia de orgulho. Os lábios do médico se torceram e ela desviou o olhar do outro homem — Você precisa dizer isso a ela quando ela estiver bem.

Os olhos de Cal encontraram os do médico.

— Ela ficará... bem?

— Nós saberemos logo.

Logo. O pensamento o sustentou durante a tarde e a noite. O tempo parecia voar. Estava ciente de vozes reconfortantes ao seu redor enquanto segurava a mão de Nora e se martirizava pela condição dela. Ela tossia, suave e gritava, enquanto a febre atormentava um corpo que sempre parecera belo e delicado.

O doutor saiu para comer junto com os outros, deixando Cal brevemente sozinho com Nora no quarto frio e silencioso. Ele acendeu o fogo na lareira para esquentar um pouco o ar frio de dezembro, para que ela não tivesse calafrios novamente.

Ela não contara nada sobre a febre. Ele devia ter percebido que ela era uma mulher que guardava segredos, mesmo quando contá-los fosse uma vantagem. Devia ter percebido isso quando soube do neném. Então podia tê-la poupado de uma vida na qual ela não encaixava. Ela poderia tê-la poupado... disso. Talvez o neném pudesse ter sobrevivido.

O neném. Não haveria mais um filho, e seria o que mais a machucaria — quando, ele forçou-se a recordar — Quando ela se recuperasse. Pensou na dor que isso lhe causaria e gemeu. Observou o corpo delgado, deitado tão inerte na cama, e a pressão de vê-la tão perto da morte finalmente lhe derrubou. Sentiu o calor e a umidade nos olhos e, por um instante, cedeu. Encostou a bochecha suavemente nos seios dela, sobre o tecido molhado da camisola, e deu evasão a dor que sentia.

NORA OUVIU UM SOM PROFUNDO E ÁSPERO. O corpo dela doía, como se tivesse levado uma surra. Havia uma pressão no peito, uma umidade que era quente, não como os arrepios que tocavam os outros lugares. Ela abriu os olhos azuis e observou o teto. Estava escuro.

Os olhos notaram uma cabeça escura encostada em seu peito. Ela franziu a testa. Cal? Por que ele estava ali? Essa não era a sua cabana. Era a

casa grande, e ela estava molhada. Então percebeu, rapidamente, o que havia acontecido. Recordou uma briga terrível, palavras dolorosas. Recordou estar sentindo-se mal e então a febre... a febre...

Ela entreabriu os lábios e empurrou a cabeça sobre os seus seios.

— Meu neném — ela disse em um tom dolorido, estranho.

Cal estremeceu. Ergueu a cabeça e os olhos claros brilharam selvagens por um momento.

— Nora?

Ela empurrou os ombros dele. Sua memória estava voltando com força total. Recordou cada terrível e único detalhe do último encontro dos dois, incluindo as coisas que ele havia dito, as acusações que ele havia feito.

Sua fraqueza a deixou ainda mais infeliz. Colocou o braço sobre os olhos para escondê-los.

— Oh, por que eu ainda estou viva? — ela sussurrou entrecortadamente

— Por que eu não morri!

Ele ficou desesperado quando as palavras o atingiram.

— Nora, por favor — ele disse hesitante.

— Eu perdi o meu neném, não foi? — ela sussurrou, e então esperou, rigidamente, pela resposta, embora já a soubesse. Ela sabia, no fundo de seu coração, que estava tão vazia quanto sua vida seria.

— Sim — Cal disse relutante.

As lágrimas deslizaram pelos olhos dela como uma enchente. Os soluços eram silenciosos no começo, e dolorosos para Cal por causa de seu silêncio.

Ele tocou o cabelo dela ternamente, mas ela afastou a cabeça, como se achasse o toque dele detestável.

Com um longo suspiro, ele ficou em pé, desolado. Ela não o olhava. Sentiu uma perda que nunca antes havia sentido. Os olhos claros brilharam ao observar o corpo fraco. Incrível não ter notado antes que a amava.

Enquanto absorvia o choque, a porta se abriu e o médico entrou. Ele viu os olhos de Nora abertos, e seu rosto se iluminou.

— Você passou por isso! — ele disse com prazer. Havia tido uma pequena participação, apenas ajudara a abaixar a febre e mantê-la quieta, mas sentia-se satisfeito — Graças a Deus.

— Eu perdi o meu neném — ela sussurrou dolorosamente, e começou a chorar.

O doutor fez uma careta. Ele olhou para Cal, cujo rosto atormentado demonstrava sua história.

— Vá comer algo, meu garoto — ele disse gentilmente — Ela precisa de um sedativo e muito descanso agora. Ela vai se recuperar.

Recuperar-se e deixá-lo, Cal pensou enquanto lançava um último olhar na direção dela, que ela recusou-se a devolver ou mesmo tomar conhecimento.

Certamente ela iria para casa. Ele duvidava se qualquer confissão ou promessas de amor e felicidade a consolariam. Ela o culparia por tudo, pela perda do filho, pela febre, por tanto... E ela estaria certa. Era culpa dele.

Ele foi até o corredor e fechou a porta atrás de si. Helen juntou-se a ele. Ela perguntava algo sobre comida, se ele queria comer. Ele passou por ela sem nem ao menos ouvi-la. Nora estava viva. Ela viveria. Tinha que contentar-se com isso. Continuou caminhando, um homem em um pesadelo, desligado do mundo ao seu redor.

Helen, temendo o pior, rapidamente abriu a porta e entrou.

— Ela morreu...? — ela perguntou, porque vira o comportamento de Cal; como o de um homem que havia perdido tudo.

Mas Nora estava acordada e bem. Ela olhou para a tia e esboçou um sorriso fraco.

— Eu estou viva — ela sussurrou roucamente — Só isso.

— E logo ela estará muito bem — o doutor assegurou. Ele pegou um copo de água onde havia dissolvido um sedativo e o levou até os lábios secos de Nora.

— Oh, graças a Deus — Helen sussurrou fervorosamente, chegando ao lado da cama — Quando eu vi o rosto de Cal, achei que... — ela prendeu as palavras quando notou o que elas causaram — Estou tão feliz por você ter se recuperado. Nós temos assistimos e esperamos juntos.

— Quando ele voltou? — Nora perguntou.

Helen sabia sobre quem ela se referia.

— Ontem à tarde — ela disse — Ele ficou ao seu lado durante toda a noite, e todo o dia. Ele estava arrasado...

— Você recebeu alguma resposta do telegrama que enviou aos meus pais? — Nora perguntou.

Helen corou.

— Oh, Nora, eu sinto muito — ela sussurrou — Eu só queria mostrar ao Cal que você não precisava ficar aqui se você se entendesse com os seus pais. Eu queria ajudar.

— Claro que sim — Nora disse sombriamente — Você entrou em contato com eles, não foi?

Helen piscou.

— Sim.

— E chegou uma resposta?

Ela hesitou. Havia chegado uma, mas não a abria. Não queria entregá-la agora, caso ela servisse para piorar os ânimos.

— Por favor, leia — Nora disse gentil, embora soubesse o que estava escrito. Conhecia o pai muito bem.

Não tinha noção de sua aparência, pálida e delicada e quase sem vida, mas ainda cheia de espírito e coragem apesar de tudo.

Helen perguntou-se se Nora havia notado que grande mudança sofrera, da fingida aventureira que viera para Tyler Junction em agosto, para essa mulher forte e destemida que não evitava mais os desagradados.

O médico concordou, e Helen foi buscar o telegrama.

Nora o pegou hesitante, encostou-se na almofada branca enquanto abria o envelope amarelo.

Quando ela finalmente o abriu, soube que havia sido esperta em não criar esperanças. O telegrama era brutal. "Nós não temos uma filha", estava escrito. E estava assinado com as iniciais de seu pai.

Nora o deixou escorregar por seus dedos com um longo suspiro, como uma folha morta escorregando de uma árvore no inverno. Estava verdadeiramente sozinha agora, embora fosse o que esperava. Se a tia não houvesse interferido, ela nunca se humilharia pedindo perdão ao pai. Era ele quem deveria pedir perdão, não o contrário.

Ela suspirou pesadamente. Ela viveria. Mas sua vida nunca mais seria a mesma.

QUATORZE

Cal Barton sentou-se isolado no pequeno salão que ficava a poucas milhas de Tyler Junction. O único salão na cidade estava fechado. Provavelmente o proprietário estivesse com medo das perigosas mulheres que estavam chegando, ele pensou com amargo humor. Qualquer que fosse o motivo, a maioria dos homens viera até ali para tomar uma bebida. Alcool não era permitido no rancho, embora os sábados à noite fossem bem animados.

Depois do segundo uísque, ele começou a sentir-se um pouco melhor. Ele tentara ver Nora, mas ela dissera à tia que não queria que ele entrasse no quarto agora que ela estava consciente. Ela acrescentou que o casamento deles estava acabado, que ela iria para Virginia e não queria mais vê-lo enquanto estivesse viva.

Ele esperara por isso, mas o recado doeu assim mesmo. Como era trágico saber que sua infelicidade era fruto de seus próprios atos. Se ele tivesse sido mais paciente, e menos dono da razão, Nora teria ficado até mesmo feliz em um lugar pequeno. E se a tivesse levado para El Paso, ela ainda poderia ter o filho dos dois no ventre.

Mas olhar para o passado não ajudaria. Ele sabia que seu casamento estava no fim. Não culpava Nora por não querer vê-lo. Culpava-se tanto quanto ela pelo modo como as coisas haviam acontecido. Ele a seduzira, não o contrário.

Tudo que havia acontecido era sua culpa. O neném era a pior. Ele imaginava agora se seria uma menina ou um menino. Sua mãe o culparia quando soubesse. Fez uma careta. Sua mãe não sabia que ele era casado. Ninguém sabia. E antes que ele soubessem, ele seria um homem divorciado. Os pais de Nora certamente a perdoariam, e ela voltaria para Virginia e encontraria um homem que a tratasse como ela merecia. Decidiu que brincar de Deus não era muito certo, e nunca mais faria o mesmo.

Ele nunca passava dos limites quando bebia. Simplesmente perdeu os sentidos, pagou a conta, levantou e saiu. Certa vez, quando era mais jovem, desmaiara, enquanto ele e King bebiam em um bar no Kansas. King nunca passava dos limites. Havia sido ele quem guiara Cal até o seu quarto no hotel. King estava casado agora, recordou, aparentemente com uma mulher que tinha o humor igual ao dele. Desejou que o irmão estivesse mais feliz do que ele. Não queria contar à família como havia sido um tolo, mas logo, ele teria que ir para casa.

Ele caminhou até o cavalo e tentou subir na sela. Sorte que o animal conhecia o caminho, ele pensou, ou ele nunca chegaria. Fechou os olhos com as rédeas nas mãos.

— Calma aí, companheiro! — uma voz simpática o acordou.

Ele ajeitou-se, os olhos sonolentos. Aquele lugar não era o rancho. Ele franziu a testa.

— Onde estou?

— Estábulo Dalton. Você está em Tyler Junction — o homem deu um risinho — Bebeu demais, não?

— Parece que sim — Cal desceu do cavalo gemendo.

— É melhor que você vá até o hotel e alugue um quarto, meu jovem. Você não está em condições para cavalgar agora. Eu cuidarei do cavalo para você.

— Obrigado. Meu nome é Cul... Barton — ele corrigiu firme, mal conseguindo lembrar que estava usando o nome do meio ao invés do último. Deixou o cavalo com o homem e caminhou na direção do hotel, mas a estação parecia mais próxima. Muito mais próxima.

Ele caminhou até a janelinha da atendente.

— Beaumont — ele disse roucamente — Uma passagem.

— Você está com sorte — o atendente disse — O trem está passando agora. Não tem malas?

— Sem malas. Sem mulher. Sem nada — Cal murmurou desconfortável. Ele pagou pela passagem e saiu pela porta. O atendente o observou balançando a cabeça.

CAL ACORDOU EM BEAUMONT com a cabeça estourando. Ele pegou uma carona até o lugar onde Pike estava desprendendo o último parafuso em uma parte do equipamento.

— Droga, isso tinha que acontecer agora — Pike murmurou — Nós não temos reserva, e o fornecedor não tem um no estoque. Ele disse que só conseguiremos um em janeiro!

— Janeiro?

Pike torceu as mãos.

— Não tem jeito.

— Envie para St. Louis, Nova York, ou Pittsburgh.

— Não tem nada lá. Você pode não ter notado, mas existem muitas pessoas tentando a vida aqui — Pike o lembrou, e indicou a paisagem rodeada por enormes guindastes fora da pequena Beaumont.

— Eu percebi, tudo bem. Talvez nós estejamos loucos — Cal disse sombriamente — Parece que a única coisa que nós encontraremos é água.

— Talvez aquele geóloga estivesse mesmo certa — Pike respondeu. Ele fixou o olhar em Cal — E se nós a trouxermos até aqui?

— Nós ficaremos ricos — Cal disse.

— Nós podemos dividir o estoque — o homem tentou — Você sabe, pagar o preço para conseguirmos mais dinheiro para trabalhar. Compartilhar as coisas.

— Nós não estamos tão desesperados — Cal o lembrou. Pike não sabia nada sobre o passado de Cal, muito menos que ele era rico. Ele se preocupara em não contar nada. Pike era uma boa mão de obra, mas tinha um olhar que Cal não apreciava muito. Ele o teria substituído, mas estava muito envolvido com Nora.

Nora. Ele gemeu dolorosamente. Não havia se despedido ou tentado falar com ela antes de subir no trem. Ela provavelmente pensaria que ele a abandonara, o que não era verdade. Ele estava apenas machucado e bêbado, e fizera uma coisa impulsiva. Mas isso importava? Ela provavelmente estava no caminho de casa agora, e não queria mais nada com o homem que arruinara sua vida. Nunca conseguiria esquecer o modo como ela se afastara quando ele tentara tocar seu cabelo. Sua expressão o perseguiria sempre.

Ela estava tão frágil, sofrendo de uma doença incurável, e ele nem ao menos sabia. Ela não dissera nada. Afastou-se de Pike, mal ouvindo o que o homem falava. Talvez se Nora tivesse sido completamente honesta com ele desde o começo, e ele com ela, as coisas tivessem sido diferentes. E se ele não tivesse tentado bancar o juiz, poderia não estar sozinho agora.

— Aonde você vai? — Pike perguntou.

Cal hesitou. Pensou por um segundo antes de encontrar a resposta. Em seguida ergueu a cabeça.

— Eu vou para casa — ele disse repentinamente — Vou buscar a peça que nós precisamos — ele acrescentou com repentina inspiração. Ele deu o nome do homem para quem trabalhara após deixar o exército, um homem que fizera fortuna com petróleo. Ele tinha várias plataformas, e se havia o equipamento necessário em algum lugar, ele saberia. Além disso, ele devia lealdade a Cal.

NORA FICOU NA CAMA por vários dias, o suficiente para recuperar as forças. Então, certo dia, sentou-se na sala com a tia e a prima e forçou-se a encarar os fatos. Ela não tinha parentes para cuidar dela. Seu marido aparentemente a abandonara, desaparecera sem deixar rastro. Não tinha dinheiro ou meios de conseguir. Mas pelo menos havia sobrevivido a febre, e apesar de sua tristeza por ter perdido o neném, ficava cada vez mais forte.

— Eu preciso encontrar um trabalho — Nora disse às mulheres.

Melly, que ainda estava preocupada com o seu próprio problema de confrontar os pais com um impaciente Jacob, inclinou-se na cadeira.

— Tem uma vaga para professora na escola — ela começou.

— Melly, eu não posso ser uma professora — Nora disse melancolicamente — A idéia de ficar ao redor das crianças no momento me deprime.

— Perdoe-me — Melly disse rapidamente — Eu não pensei.

Nora fez um sinal de concordância.

— Algum dia eu posso considerar a idéia. No momento, eu não tenho idéia do que fazer.

— Você sabe que é bem vinda para ficar conosco — Helen disse.

Mas Nora balançou a cabeça.

— Não como convidada — ela disse firme — Se eu ficar aqui, precisa ser como uma empregada — eram palavras difíceis, um terrível golpe ao seu orgulho — Se vocês ficarem comigo enquanto eu aprendo os serviços domésticos — o lábio inferior dela tremeu, mas ela continuou ereta e olhando a tia nos olhos — Eu posso me sair muito bem.

Os olhos de Helen brilharam de dor.

— Oh, Nora — ela disse infeliz.

— Não é tão terrível! — Nora assegurou — De fato, eu sei passar — ela disse com um sorriso — Eu aprendi enquanto eu... Antes de ficar doente — ela corrigiu — Eu sou muito boa com um ferro. E se você me ensinar a medir a temperatura, posso me tornar uma boa cozinheira.

— Certamente eu posso — Helen disse rapidamente — Você será uma excelente aluna. Mas, Nora, é uma mudança muito drástica para você, para uma mulher de seu nível e educação. Oh, como Cynthia pode permitir que o seu pai seja tão rígido!

Porque seu pai sabia uma verdade que Helen não sabia, Nora pensou amargamente. Ele sabia que Nora estava grávida e solteira antes de Cal resgatá-la. Tirou Cal de seus pensamentos. Se pensasse nele, ficaria louca.

— Não importa. Eu não vou voltar para a casa dos meus pais agora — ela sentiu uma nova maturidade, uma nova confiança. O sofrimento a marcara, como aço e fogo — Eu não vou me ferir aprendendo a fazer as coisas. Eu preciso começar amanhã.

— Você está completamente bem? — Helen perguntou gentilmente.

— Eu preciso estar. Agora, quanto ao lugar onde eu devo ficar — ela hesitou — A cabana do capataz...?

Helen e Melly trocaram olhares desanimados.

— O que foi? — Nora perguntou — Por favor. Não tentem proteger-me. Eu já aprendi a ser forte quando é necessário. O que foi?

— Cal Barton deu sinal — Helen disse baixo — Ele mandou um telegrama para Chester. Chegou essa manhã, de Beaumont.

— Beaumont? Ele está lá? — Nora perguntou com inevitável interesse,

— É onde ele estava quando mandou o telegrama — Helen disse — Ele disse que só ficaria por lá hoje. Nós não sabemos aonde ele vai. Ele não contou.

— Obviamente ele me deixou — Nora disse sem pensar — Bem, foi melhor eu não ter o mandado fazer as malas.

— Ele não saiu do seu lado enquanto você estava doente — Melly disse em voz baixa — Era o filho dele também, Nora.

— Melly! — Helen chiou.

Nora mordiscou o lábio inferior com força. Desviou o olhar enquanto lutava contra a dor. Não podia pensar no assunto, em nada.

— Eu sei que você fala por bem, Melly — ela disse tristemente — Mas, por favor, nada mais.

— Perdoe-me — Melly disse cheia de culpa.

Nora deu de ombros. Torceu a barra da saia com as mãos.

— Eu preciso descansar um pouco. Amanhã de manhã eu começo com as minhas atividades — ela ergueu uma mão para interromper o protesto da tia, encarando, exausta, a mulher — Eu não quero envergonhá-la fazendo com que pareça uma exploradora. Você precisa entender. Eu não posso ficar aqui e comer a sua comida sem trabalhar para isso. É impensável. Apesar das ações de meu pai, eu ainda sou uma Marlowe. Eu não aceitarei caridade.

Helen levantou-se e a abraçou calorosamente.

— Você ainda é a nossa sobrinha, e não seria caridade — ela recordou — Mas eu farei o que você pede.

Nora concordou. Impulsivamente abraçou Melly, também, que ainda parecia sentir-se culpada.

— Algum dia eu poderei falar sobre isso sem ficar triste — ela explicou com voz tremente.

Ela saiu da sala, e Melly sentou ao lado da mãe.

— Ela está sofrendo. Mas eu acho que o senhor Barton também está.

— Chester vai ficar perdido sem ele — Helen disse infeliz — Que terrível catástrofe de acontecimentos. Tanto sofrimento.

— Você já não me disse que o sofrimento é seguido pela alegria? — Melly brincou.

Helen sorriu.

— Sim, eu disse.

Melly observou a barra da saia em silêncio enquanto a mãe a encarava.

— Você sabe — ela disse a garota — Que eu tenho notado que o senhor Langhorn está participando das reuniões do clube ultimamente. E ele e Bruce estavam na igreja nesse domingo.

Melly corou. Imaginou se a mãe havia notado o breve minuto que ela e Jacob haviam passado juntos enquanto ela explicava o que estava acontecendo no rancho.

Helen segurou o seu bordado com um olhar rápido na direção da filha.

— Eu achei que nós pudéssemos convidar ele e o seu filho para o jantar no próximo domingo. Seu pai concorda comigo e também acha que ele não é o trapaceiro que nós achamos que ele fosse no começo. De fato, seu pai aprecia muito o senhor Langhorn desde que ele lhe vendeu um dos seus melhores touros a um preço muito bom.

Melly ficou atônita e não conseguiu esconder a reação. O rosto dela se iluminou, assim como os olhos castanhos.

Helen abaixou o bordado.

— Honestamente, você é a minha filha. Você achou que eu não veria as faíscas quando você e o senhor Langhorn estão juntos? Uma mulher cega poderia ver que ele adora você. E, eu acho, a recíproca também é verdadeiro. Por que você não contou?

Melly correu até a mãe e ajoelhou-se ao seu lado, abraçando-a com felicidade.

— Jacob estava com medo que vocês não permitissem que ele me cortejasse, que você e papai ficassem contra por causa da reputação dele. Mas ele não é um mau homem, e a mulher dele era uma pessoa terrível.

— Sim, eu sei. Chester conversou com um parente dela há pouco tempo — ela disse gentilmente — O seu senhor Langhorn é bem vindo aqui, Melly. Eu nunca colocaria você na posição em que Nora foi colocada, tendo que fugir em segredo para se casar. Isso me ensinou uma lição.

— Eu também estou muito triste por Nora. Sua vida não foi muito feliz nesses últimos anos.

Helen alisou o cabelo da filha com carinho.

— A sua também não. Mas eu vejo tempos felizes para todos nós, minha querida. E o natal está chegando.

Melly fez uma careta.

— Não vai ser um natal feliz para a nossa pobre Nora. Ou para o senhor Barton — ela franziu a testa — Eu imagino aonde ele tenha ido.

CAL BARTON ESTAVA EM EL PASO. Mais especificamente, em Latigo.

Uma jovem e bela mulher com cabelos loiros e grandes olhos castanhos o encarou através da tela da porta quando saiu de casa. Ela abriu a porta de tela, e foi quando ele viu o que ela carregava. Ele ficou paralisado, o rosto moreno brevemente atormentado quando percebeu que era um neném em seu colo.

Amelia Howard Culhane observou o estranho de olhos claros curiosa. Seu sogro, Brant, a sogra, Enid, e o cunhado, Alan, tinham olhos e cabelos escuros. Mas os olhos de King eram claros, mais claros do que os deste homem. E ele tinha a mesma aparência, com pernas longas, ombros largos e quadril estreito. Ele tinha até mesmo a arrogância associada ao seu marido.

— Você deve ser Callaway! — ela disse repentinamente quando recordou a descrição que ouvira em seu casamento — Eu sou Amelia, mulher de King. E este é nosso filho, Russell — ela disse orgulhosa, sorrindo para a coisinha em seu colo — Entre.

Ele retirou o chapéu, atrasadamente, e passou a mão pelo cabelo escuro enquanto a seguia para dentro da casa. Sua mala ainda estava na carruagem que havia contratado. Ele a entregara para o cavalariaço, ordenando que ele levasse sua mala até em casa e a deixasse na varanda. Era estranho estar novamente em casa depois de uma longa ausência.

— Enid! — Amelia chamou — Venha ver quem está aqui!

Uma pequena mulher de olhos escuros saiu da cozinha e parou quando viu o recém chegado.

— Oh, meu querido — ela disse suavemente, e abriu os braços.

Cal a ergueu do chão e a abraçou calorosamente. Sua pequena mãe. Sentira tanta falta da família. E agora precisava mais deles do que nunca.

— É bom estar em casa — ele disse a colocando no chão com um sorriso feliz.

— Parece que você ficou longe por anos — ela reclamou — E mal escreveu uma carta! Você pode ficar até o Ano Novo?

Ele deu de ombros.

— Acredito que sim — ele disse — Nós estamos precisando de uma peça para os equipamentos, e não a conseguiremos antes do primeiro dia do ano.

— Por que vocês não usam outra? — ela sugeriu sabiamente.

— Porque esse aparelho é um modelo novo. Os velhos não servirão, o que é uma pena. Meu parceiro está lá para proteger os nossos interesses até que possamos recomeçar. Com sorte só teremos um atraso de uma ou duas semanas. Eu preciso aprender a ser paciente.

— Brant, Alan e King ficarão feliz em ver você — ela disse — Eles não entendem por que você não pode ficar aqui e trabalhar no rancho.

Ele deu um risinho.

— Latigo é de King. Todos nós sabemos — ele observou a mulher parada ao lado de sua mãe e franziu a testa levemente — King, casado e pai — ele disse balançando a cabeça — Eu não pude acreditar quando Alan me contou que ele ia se casar.

— Nem eu — Amelia disse zombeteira — Nós tivemos um começo difícil. Mas Russell é a nossa maior alegria. Ele só tem duas semanas — ela acrescentou.

Cal não tocou a criança. Ele tentou, mas seu rosto estava rígido e ele forçou um sorriso.

— Eu não sou bom com as crianças — ele deu de ombros — Mas ele é um doce.

— Ele é a imagem de seu pai — Amelia disse sonhadora.

— King nunca foi um neném — Cal corrigiu — Ele nasceu dando ordens e selando cavalos.

— Eu sei — Amelia disse com os olhos brilhando.

— Venha comer um bolo conosco — Enid convidou, alisando o cabelo cinzento — Eu estava limpando o fogão.

Uma lembrança de que ela limpava o próprio fogão, e isso doeu. Isso lhe trazia recordações de Nora que eram dolorosas.

Eles conversaram um pouco até o café ficar pronto e o bolo ser colocado em pratos de cerâmica. Então o neném chorou, e Amelia anunciou que precisava trocá-lo.

Enid sentou com o filho na sala de estar junto com o bolo e o café que preparara.

— Agora — ela disse a Cal — Diga por que você veio para casa, melancólico e usando uma aliança de casamento.

Ele prendeu a respiração. Esquecera o anel, que havia comprado durante a parada do trem em St. Louis, acreditando que um anel deixaria Nora menos zangada.

Ele olhou o anel por um longo tempo.

— Você se casou — Enid adivinhou.

Ele abaixou a cabeça, o rosto envergonhado.

— Sim — ele não podia contar toda a verdade — Ela... Perdeu o nosso neném nessa semana.

— E você a deixou sozinha?

— Ela não queria que eu ficasse com ela — ele disse — Foi difícil. Ela é uma mulher do leste, uma socialite. Ela nunca quis se casar comigo, mas eu... a comprometi. Eu a levei de volta até o rancho onde estava trabalhando como capataz e a instalei na cabana. Ela nunca tinha cozinhado ou lavado.

Enid tinha uma expressão triste no rosto.

— E...?

— O esforço foi muito para ela — ele disse friamente — Além disso, ela contraiu uma febre na África. Ela é freqüente. Ela ficou muito doente e perdeu o neném.

— Não é só isso — Enid disse solenemente — Não é?

Ele sorriu debilmente.

— Eu descobri muito tarde que a amava.

— E ela?

— Oh, ela me odeia — ele disse agradavelmente — Eu não posso culpá-la. Eu a coloquei em uma vida de provas para lhe ensinar humildade. Mas fui eu quem aprendi a lição.

— Uma dama vivendo na cabana de um capataz — Enid disse sombriamente — Como você pôde não trazê-la aqui? Ao seu lar de verdade?

— Eu não podia porque ela acreditava estar casada com um capataz do rancho chamado Callaway Barton — ele disse com um sorriso torto — Por causa do negócio combinado, eu não pude contar ao tio dela quem eu era, muito menos contar a ela. Ela achava que eu era um vaqueiro pobre e sujo e eu me arrependo muito do que eu fiz.

— Oh, Cal — a mãe disse balançando a cabeça — Você fez uma bagunça.

— Eu sei. Ela não queria nem falar comigo. Eu bebi muito e fui até Beaumont. De lá, eu não tinha para onde ir. Exceto aqui.

— Não há chances para vocês dois? — Enid perguntou.

Ele deu de ombros.

— Ela já deve ter voltado para a casa dos pais em Virginia. O pai dela é o maior esnobe que eu conheço, e a mãe dela faz o que ele manda — ele a olhou com raiva — Diferente das mulheres dessa família.

— Oh, eu nunca fazia o que o seu pai mandava — Enid concordou — Com o tempo ele percebeu e parou de tentar mandar em mim. Amelia também é assim — ela disse com um sorriso — É uma piada observar o modo como King lida com ela.

— Ela parece ser muito gentil — ele disse.

— As aparências — Enid disse — Podem enganar.

O som de cavalos se aproximando fez com que eles caminhassem até a varanda, onde um homem alto com cabelos escuros e olhos cinzentos estava parado ao lado de outro mais magro, e mais velho.

— King! Pai! — Cal cumprimentou, aproximando-se para abraçá-los.

Os olhos de King, tão claros que pareciam transparentes, sorriram para o irmão.

— Estou feliz por você ter vindo para casa — ele disse — Como vai o negócio com o petróleo?

— Devagar — Cal respondeu.

— Bom. Você pode ficar para o natal — Brant Culhane deu um risinho, provocando o filho a recusar.

— Eu acho que sim — Cal disse — Eu tenho pouca coisa para fazer. Eu pedi demissão no rancho Tremayne.

— Você realizou as mudanças, então? — Brant perguntou solenemente.

— Todas as possíveis. Agora é uma questão de tempo. Chester parece estar no caminho certo. Pelo menos eu acho que sim. Foi uma boa idéia eu ter ido como capataz e encaminhá-lo nas oportunidades, melhor do que mandar estranhos para resolver isso — Cal respondeu — Isso também fez com que eu ficasse mais perto de Beaumont. Pike pode cuidar das coisas até eu voltar.

— Ele é de confiança? — King perguntou enquanto eles entravam na casa.

— Isso eu não sei — Cal murmurou — Tem algo nele que me deixa preocupado. Eu o observarei. Mas o caráter dele não importa muito se nós somente encontramos buracos vazios.

— Aí está você! — Amelia riu, caminhando ao encontro de King com o neném.

A mudança no homem era espantadora. O olhar duro no rosto do homem sumiu. Ele sorriu para Amelia, e estava tão radiante que Cal ficou chocado. Durante toda a sua vida, nunca vira tão expressão no rosto do irmão.

— Olá, diabinho — King murmurou, e inclinou-se para beijar Amelia com afeição. A mão tocou levemente a pequena cabeça em seus braços — Como está o meu Rusty?

— Não o chame assim! — Amelia gemeu.

— Ele é meu filho, posso chamá-lo de Rusty se quiser — ele a lembrou brincalhão — Além disso, ele terá mechas vermelhas no cabelo, se já não as tem. Sua mãe era ruiva.

— Sim, ela era — Amelia confessou. Ela adorava King com os olhos — Você parece cansado, meu querido.

Ele alisou o cabelo dela.

— Você também, pequena — ele disse profundamente — Você não dormiu nada durante a noite. Ele estava agitado.

— E você ficou comigo — ela relembrou calorosamente — Mas eu não precisei trabalhar o dia inteiro. Você precisou — ela segurou a mão dele — Venha e eu lhe servirei um café e um bolo. Isso ajudará. Enid fez um bolo de limão!

— Eles são assim o tempo todo — Brant deu um risinho, observando-os se afastar. Ele balançou a cabeça — Nunca vi nada assim.

Cal também não. Sentia-se mais vazio do que nunca, porque agora podia ver o que teria sido se ele e Nora fossem próximos, se eles tivessem o neném e se casassem por amor. Ele a amava, mas ela nunca o amara. Se ela amasse, sua profissão como capataz não a incomodaria. Doía saber disso.

Brant falou sobre o rancho enquanto eles se juntavam aos outros.

— Alan foi ver aquela garota em Baton Rouge — ele disse divertido — Parece que dessa vez é sério.

— Sim, e ele está falando sobre uma carreira em um banco em Baton Rouge. Eu não acho que ele vai se acalmar lá — Enid disse enquanto servia café nas xícaras.

— Eu nunca acreditei nisso — Cal afirmou. Ele sentou novamente e bebeu o líquido negro. Ele encarou o irmão calorosamente.

— Nós sempre soubemos que Latigo sempre pertenceria a King. O coração dele mora aqui.

— De várias maneiras — King disse baixo, com os olhos possessivos na esposa e no filho enquanto levava a xícara aos lábios.

Enid provou um pouco do café.

— Cal está casado.

— King! — Amelia exclamou, pegando um guardanapo para secar o café escaldante que caíra no jeans do marido.

King encarava o irmão, sem nem ao menos notar o café.

— O que diabos você disse! — ele explodiu — Casado, e nunca trouxe a esposa para nos visitar?

Cal olhou na direção da mãe.

— Eu não podia trazê-la aqui — ele disse antes mesmo de King terminar a pergunta — Eu estava brincando de ser um capataz do rancho, e ela levou a sério. Ela é uma mulher rica do leste que tinha um sério problema com bens pessoais — ele mexeu-se desconfortável e desviou o olhar.

— Ele estava ensinando uma lição a ela fazendo com que ela vivesse como mulher de um capataz — Enid continuou — Ao invés disso foi ela quem deu a lição e foi embora. Ele se embebedou.

— Obrigado, mãe — Cal murmurou.

— Sem problemas, meu querido — ela disse docemente.

King sabia que havia mais, mas Cal já parecia muito aborrecido.

— Apesar das circunstâncias, é bom ter você em casa — ele disse firme.

Enid soube que estava sendo censurada, sem uma palavra ter sido dita pelo filho. Ela sorriu para ele.

— Não precisa, King, querido, eu já terminei.

Ele deu um risinho.

— Bruxa — ele acusou.

Ela concordou.

— Viver com seu pai me deixou assim.

— Está certo — Brant suspirou — Coloque a culpa em mim.

Cal sentiu-se seguro novamente, bem vindo e a salvo. Encostou-se na cadeira com um suspiro silencioso. Mas o sorriso em seu rosto não era real.

QUINZE

No dia de natal, que era uma terça-feira, já havia uma grande mudança no rancho Tremayne. Nora havia trocado os seus caros vestidos de seda por roupas simples, e ela cozinhava e fazia todo o serviço doméstico. Não que Helen, Melly e Chester a tratassem como uma doméstica; ela ainda era alguém da família e comia com eles na mesa. Mas quanto aos outros aspectos, ela vivia de acordo com sua condição de vida.

Ela se tornara boa em passar roupas. Suas mãos eram boas em ordenar vacas e tornar o leite em manteiga. Ela sabia matar uma galinha, e limpá-la — havia sido uma experiência dolorosa, mas com a ajuda de Helen, deixara de lado a pena e fizera o que tinha que ser feito. Não tinha mais problemas em ficar suja, algo que lhe horrorizava no passado. Ela havia ajudado a organizar o casamento de Melly e Jacob, e estava aprendendo a costurar.

Esses novos dons haviam lhe causado uma mudança. Estava menos nervosa e deprimida. Sentia-se diferente, livre da mentalidade dos pais e das classes sociais rígidas. Helen também estava diferente. Sentia-se mal por seu preconceito inicial em relação a Jacob Langhorn, e ele e seu filho eram bem-vindos no rancho.

Melly estava dando aulas de montaria a Nora. Ela ainda não era boa, mas conseguia ficar em cima de um animal. Pensava frequentemente em Cal e em como ele estava. Ele não tentara entrar em contato com ela desde que Nora o expulsara. Ela havia dito que voltaria para Virginia então ele não sabia que ela estava vivendo com os tios. Estava preocupada com ele, e como ele estava vivendo.

Sentia-se culpada, pois lhe custara o emprego que ele adorava. Imaginava se ele a culpava por não ter lhe contado que estava grávida. Melly havia comentado que sua mãe havia sido bem fria ao lhe dar a notícia. Ela apenas conseguira pensar na própria dor. Agora sentia muito por ter se recusado a vê-lo. Como Melly havia dito, era o neném de Cal também. Ele também se sentira triste e provavelmente culpado pela perda, e viera encontrar Nora depois da terrível briga.

Ele não era um homem insensível, e ela sabia. Provavelmente ele estava arrependido por muitas coisas que dissera. Sua tia o acusara com a falta de apoio que ele dera à Nora e com a interferência em ligar para os pais de Nora. Mas Nora sentia mais falta do marido do que podia imaginar. Sua vida nunca havia sido tão vazia. Toda a riqueza do mundo não significava nada agora. Se os seus pais ainda a quisessem, não sabia se desejaria voltar para eles. Em seu coração só conseguia pensar que Cal voltaria um dia.

Finalmente derrotada pela falta de notícias, ela perguntou sobre ele à tia.

— Você tem notícias de Cal? — Nora perguntou enquanto elas retiravam os pratos da mesa da ceia de natal.

A aparente falta de interesse na pergunta não enganou Helen.

— Sim — ela disse.

As mãos de Nora tremeram. Ela colocou os pratos na mesa cuidadosamente.

— Como ele está?

— Ele está com a família — Helen disse baixo, parando para organizar a bela travessa de porcelana sobre a mesa — Ele disse que espera que você tenha se recuperado e esteja recobrando as forças.

Os olhos de Nora brilharam. Pela primeira vez desde a doença, sentia-se viva.

— Mesmo?

— Minha querida — Helen disse gentilmente — Você sente muito a falta dele?

Nora mordeu o lábio e desviou o olhar.

— Eu não fui justa com ele. Ele não sabia nada sobre a minha doença, e eu fui muito orgulhosa para contar a verdade. Nós tivemos uma briga séria antes da partida dele. Eu o recordei de umas coisas cruéis que ele havia me dito, e recusei-me a ouvir quando ele tentou falar. Eu estava ferida.

— Claro que você estava.

Ela esticou a toalha da mesa.

— Tem algo que você não sabe — ela disse — A razão real pela qual nós nos casamos.

— Por causa do neném?

Nora arregalou os olhos, assustada, mas acalmou-se um minuto depois.

— Sim.

— Como eu pensei.

— Ele não me amava — ela disse triste — Ele me disse antes de partir. Ele disse que nosso casamento havia sido um erro. Ele tinha vergonha de mim. Tanta vergonha que nem ao menos falara sobre mim à família — ela fechou os olhos ao recordar o que ele havia dito, a frieza da voz profunda a ferindo — Talvez ele estivesse certo. Eu me sentia superior em relação as outras pessoas — ela sorriu debilmente — Eu aprendi uma lição dolorosa. Decência não pode ser medida por dólares.

Os olhos de Helen brilharam.

— Eu tive que aprender a mesma lição quando vim morar com Chester. Eu também descendia da realeza européia, e me comportava como tal. Eu só

aprendi recentemente a aceitar as pessoas sem olhar para a maneira como elas se vestem ou para a sua condição social.

— Meu pai sempre julgará as pessoas assim — Nora disse infeliz — E minha mãe nunca questionará nada que ele faz. Eu sinto falta dos meus pais. Mas eu sinto muito a falta de Cal.

— É uma pena que você não possa escrever para ele — Helen respondeu, tentando não lembrar a sua participação nos problemas. Ela não fizera por mal, mas sua interferência custara muito à sobrinha.

Nora a encarou pensativa.

— Mas talvez eu possa escrever para ele...

— Eu quis dizer que a carta dele não tinha endereço de retorno — Helen disse com um sorriso triste — E um selo que não era nem legível.

— Oh — Nora pegou um saleiro e o limpou com o avental até que ele brilhasse. O coração pesou no peito quando percebeu que talvez nunca mais veria Cal — Você acha que ele escreverá novamente? — ela aventurou-se.

— Ele enviou o nome do seu advogado — Helen disse relutante — Entenda... Ele pensou que você precisaria... Para pedir o divórcio.

NORA NÃO COMEU. Não conseguia dar uma única mordida no delicioso peru e no molho de cereja. Tentou sorrir e fingir estar feliz, assim não deixaria a família infeliz, o que incluía Jacob e Bruce Langhorn. Mas seu coração não estava em clima de festa. Era pior do que ela podia imaginar. Cal queria livrar-se dela. Ele queria que ela pedisse o divórcio. Ele quisera dizer isso quando mencionara que o casamento havia sido um erro. Ele nunca a amara, e agora não tinha mais chance para os dois.

Ela escutou ausente a conversa depois da ceia, infeliz com as notícias de que Galveston estava inundada pelos surtos das febres tifóide e malária. A cidade ainda não havia se recuperado da inundação devastante que havia acontecido em setembro.

Uma notícia mais alegre chegara de Montana, sobre doze caubóis terem sido perseguidos durante vinte quilômetros por dois bandidos. O incidente havia sido divulgado em muitos lugares, e o escritor contara as aventuras dos bravos cavaleiros.

Chester leu a notícia para eles de um jornal de El Paso que havia chegado para Cal Barton, que não morava mais ali.

— Isso é interessante — ele murmurou, lendo as notas nas páginas de notícia — O jornal diz que os três filhos da família Culhane estão passando o natal com os pais pela primeira vez em anos — ele a encarou — Essa é a família do Oeste do Texas sobre a qual eu falei, a que comprou esse rancho. O filho mais velho, King, e sua esposa acabaram de ter um filho.

— Por que Cal assinou um jornal de El Paso? — Nora perguntou curiosa.

— Bem, ele e eu queríamos ficar de olho nos Culhane, se você quer saber — Chester disse — Nunca é demais saber o que eles pretendem, e tudo o que eles fazem é notícia em El Paso.

— Nós não tivemos mais contato com eles — Helen disse — Eles devem estar satisfeitos com as mudanças do senhor Barton.

— Aparentemente sim — Chester disse sorrindo — O que faz este natal ser abençoado para mim — ele encarou Helen — Você não entregou a carta à Eleanor.

Helen fez uma careta.

— Chester...

— Vá em frente — ele disse firme.

O rosto de Nora se iluminou. Cal havia escrito para ela! Talvez ele não estivesse tão interessado no divórcio.

Helen levantou-se e caminhou pelo corredor, voltando com a carta, mas ela não estava certa sobre entregá-la a sobrinha.

O rosto de Nora estava cheio de esperança até que ela viu o selo postal. Seu sorriso sumiu.

— Abra — Chester aconselhou gentilmente.

Nora o encarou temerosa.

— Eu pedi que a sua tia escrevesse novamente e contasse sobre a doença — ele disse baixo — Eles não são insensíveis, Nora.

Nora hesitou por um momento antes de abrir o envelope. Era um cartão de natal, muito decorado, e muito caro. Ela o abriu e reconheceu a letra da mãe imediatamente.

— Nós sentimos muito ao saber que você esteve doente — a mãe escreveu — Se você quiser vir para casa, seu pai aceitará as suas desculpas. Escreva para ele, querida. Com amor, Mamãe e Papai.

Nora respirou fundo por um momento. Então ela levantou-se e caminhou até o fogão, e jogou a carta no fogo.

— Eu... Entendo — Chester murmurou.

Nora juntou-se aos outros, sentando na cadeira.

— Meu pai quer que eu peça desculpas — ela explicou — Eu não disse antes que ele me deu um tapa na cara quando eu contei que ia me casar. Ele não aceitou a minha escolha de marido.

Chester franziu a sobrancelha.

— Querida! Eu não sabia, ou eu nunca teria...!

Ela ergueu a mão com um sorriso débil.

— Eu guardei muitos segredos.

— Bater em uma mulher em suas condições! — Chester estava ultrajado — E o que Cal fez?

— Ele jogou meu pai no chão e o atreveu a me tocar novamente — Nora recordou — Eu me afastei. Assim como meu pai.

— Bom para Cal — Melly murmurou, e sua mãe concordou com a cabeça.

— Nunca falaram com meu pai dessa maneira — Nora continuou — Eu acho que ele ainda está chocado por ter sido tratado dessa maneira por um homem de condição mais baixa — os olhos de Nora brilharam — Se vocês tivessem visto! Cal estava carregando uma pistola, a jaqueta de couro, botas e aquele velho chapéu preto — ela riu suavemente, os olhos brilhando com amor enquanto se recordava da aparência de Cal naquele dia, tão bonito que o coração dela doeu com a lembrança — Minha mãe perguntou se ele era um bandido!

Todos riram, e Nora começou a relaxar após ler o cartão.

— Certamente você não vai se desculpar, não é? — Helen perguntou repentinamente.

— Desculpar! Por quê? — Nora perguntou — Por perder meu filho, meu marido e quase minha vida? — ela balançou a cabeça — Meu pai não pode mudar, mas eu posso. Eu não quero pedir desculpas, nem voltar para Virginia. Afinal de contas eu tenho um emprego!

Eles riram ainda mais alto ao perceber o olhar maquiavélico dela. Ela não acrescentou que tinha mais um motivo para não desejar voltar. Se algum dia Cal Barton voltasse, ela estaria ali, esperando por ele. Ele seria um desafio para ela, mas ela o amava de todo o coração, e não importava se as botas dele eram fedidas e ele precisava trabalhar com o gado. Ela só queria que ele voltasse, para que pudesse dizer tudo isso a ele.

CAL FICOU EM LATIGO por mais dois dias, desejando ter colocado um endereço para resposta na carta em que enviara aos Tremayne. O advogado de sua família, o velho Walpole, não soubera nada sobre Nora ou seus pais. Isso podia ser bom ou ruim. Ela podia estar doente. A febre tinha uma tendência de reaparecer, o médico havia dito. O preocupava saber que ela podia estar doente novamente, e ele não sabia.

— Está na hora de partir — ele disse à família durante o almoço do dia seguinte. Havia sido uma celebração silenciosa, da qual ele não participara. Ele sentia-se como um forasteiro, com o coração em Tyler Junction.

— Voltará para os campos de petróleo? — Alan perguntou com um sorriso. Ele voltara de Baton Rouge muito silencioso e com vontade de voltar logo — Eu irei com você e pegarei um trem em Beaumont até Baton Rouge.

— Ela deve ser uma dama — King brincou.

— Ela é — Alan disse — Eu trarei até aqui na primavera.

Aquilo fez com que os outros esquecessem o anúncio de Cal e o poupassem de perguntas inevitáveis. Mas elas foram feitas mais tarde, por King.

O irmão apoiou o pé na cerca do curral enquanto eles observavam o treinador domar um novo cavalo. Ele deu um trago no cigarro antes de começar a falar.

— Você a machucou, não foi? — King perguntou.

Cal o encarou, sem estar surpreso com a percepção do irmão. Ele e King eram muito parecidos, não apenas fisicamente, mas também no comportamento. Eles haviam tido alguns desentendimentos feios na juventude, mas agora haviam criado um laço especial entre eles.

— Sim — ele admitiu — Eu disse algumas coisas imperdoáveis.

— E você está com medo de votar porque ela pode não te querer.

Cal deu um sorriso sem humor.

— Eu suponho que sim.

King deu um trago no cigarro.

— Eu sei mais do que você pensa sobre errar com uma mulher. Eu fiz da minha vida um inferno, e felizmente, fui perdoado. Eu quase perdi Amelia. Isso me mudou.

Cal acendeu um cigarro enquanto escolhia as palavras.

— Isso me mudou — ele disse finalmente — Eu nunca pensei que quisesse um casamento ou filhos. Mas eu daria tudo para ter uma segunda chance.

— Vá até ela — King aconselhou — Descubra como ela se sente.

Cal sorriu debilmente para o irmão.

— O pai dela vai estar me esperando na porta com um fuzil. Eu o acertei com muita força.

— Dessa vez — King disse — Vista-se como um cavalheiro. E aja como um!

— Eu achei que roupas e um passado não importariam se ela me amasse.

King franziu a testa ao recordar a maneira como havia tratado Amelia, antes de eles se casarem. Ela o venerara, o amara. Não teria importado se ele fosse um homem pobre, ela o amara muito. E ainda amava.

O silêncio fez com que Cal o encarasse.

— Não teria importado. Teria? — ele pressionou.

King desviou o olhar.

— Vá vê-la antes de tomar decisões. É sempre melhor ter certeza.

Cal terminou o cigarro e o jogou no chão. Ele o apagou com as botas de couro.

— Você tem sorte — ele disse abruptamente.

Os olhos de King brilharam.

— E não só uma vez — ele disse — Foi um começo difícil, e por algum tempo, ela me odiou. Foram dias difíceis — ele riu suavemente — Mas agora... Agora eu não tenho inveja de ninguém. Deus, como eu amo ela!

A emoção presente na voz profunda deixou Cal invejoso. Um homem cego podia ver que Amelia idolatrava o marido. Ele desejava que os dois pudessem passar muitos anos juntos.

— Eu vou comprar uma passagem para Virginia — Cal disse repentinamente. Ele arqueou uma sobrancelha para o irmão — Só ida.

— Eu compraria duas, para a volta também — King murmurou secamente — E a carregaria mesmo gritando até o trem. Assim como você deveria ter feito antes.

Cal deu uma gargalhada. Ele e King eram muito parecidos. Os dois judiavam do pobre Alan. Mas ele tinha em mente uma carreira totalmente diferente dos outros irmão. Sozinho, ele se sentia mais confiante.

King deu um tapinha nas costas do irmão e virou na direção da casa.

— Eu vou até a cidade com você e trarei o seu cavalo de volta.

— Isso soa como se eu estivesse partindo — ele afirmou.

King concordou.

— Já que você vai até Tyler Junction de qualquer maneira, passe para visitar os Tremayne. Diga que você ouviu falar que nós estamos contentes com os progressos. Isso deve acalmá-los.

— Você sabe que isso é uma fraude — Cal murmurou.

King deu de ombros.

— É por uma boa causa.

— Tudo bem — Cal concordou relutante. Não se sentia bem com a idéia de ver os Tremayne depois da maneira como partira. E as lembranças de Nora naquela casa o perseguiriam. Por ele, enviar um telegrama seria o mesmo do que dar a notícia pessoalmente.

MAS NO FINAL, ele deixou Alan no trem, quando ele parou em Tyler Junction e seguiu para Louisiana, alugou um cavalo e cavalgou até o rancho Tremayne.

Estava frio, como era comum em dezembro, mesmo no Texas. Viu os campos vazios e sem vida ao seu redor, mas o gado estava alimentado, graças aos novos tratores e equipamento que o velho Tremayne havia comprado com a insistência de Cal. Podia ver os benefícios conseguidos em todos os lugares, e sabia que o seu pai ficaria feliz.

Ele ligara para Pike quando estava em Beaumont, e soubera que o trabalho havia começado cedo. Pike já havia arrumado os guindastes e eles estavam cavando. Eles haviam tido alguns problemas com a lama, mas haviam

recebido alguns conselhos de outros escavadores e haviam resolvido o problema. Petróleo havia sido encontrado em Gladys, mas havia a possibilidade de uma grande quantidade estar em Spindleton Hill, onde um grande sistema de escavação estava sendo construído apesar das instruções de um famoso geólogo. Pike, assim como Cal, recusava-se a ouvi-lo. Cal tinha bons amigos escavadores em Corsicana, e eles haviam investido muito no negócio com o petróleo. Dessa vez, disse a si mesmo, encontrariam petróleo. Sabia que encontrariam. Planejou parar em Beaumont no caminho até Virginia e checar as escavações e a nova válvula antes de deixar o Texas. Ele havia trabalhado com os homens em Corsicana bastante tempo, embora ele e Pike houvessem contratado um homem que entendia do assunto melhor do que os dois.

O rancho Tremayne estava quieto quando ele chegou e deixou o cavalo com um dos empregados. Caminhou até a varanda e bateu na porta.

Dizer que Chester ficou chocado ao vê-lo era algo previsível. Cal estava diferente com o terno escuro, gravada, o caro chapéu Stetson e botas. Parecia mais um homem de negócios do que o caubói que trabalhara para ele durante algumas semanas. A mão de Cal tremeu e ele foi recebido como um filho.

— Nós estamos nos preparando para o jantar! Entre, entre, e junte-se a nós. Como você tem passado? — Chester entusiasmou-se.

— Eu estou bem. As coisas parecem boas por aqui — ele acrescentou — Muito lucrativas.

— Imagine quando você ver o livro de balanço. Tem certeza de que não quer o seu velho emprego de volta? — o homem brincou enquanto eles entravam na sala de estar, onde Helen estava sozinha na mesa de jantar — Eu não contratei ninguém.

— Não, eu estou de olho em outras coisas agora — Cal disse em voz baixa. Ele tirou o chapéu e sorriu para Helen enquanto a cumprimentava.

Ela o olhava como se visse um fantasma. Ela fez um sinal para Chester, mas ele a ignorou e pediu para Cal sentar-se.

Um minuto depois, sem estar ciente do convidado, uma Nora despenteada, com um avental manchado e um vestido sujo, passou pela porta com uma travessa de carne em uma mão e um prato de biscoitos na hora. Ela colocou as tijelas na mesa desculpando-se quando uma quase caiu, e só então ergueu o olhar e viu Cal do outro lado da mesa.

Ela ficou vermelha, e em seguida empalideceu, então começou a tremer e seu coração acelerou descontroladamente.

A mandíbula de Cal retesou-se. Ele ficou em pé lentamente, ciente do modo como ela estava vestida e o que ela fazia que havia sido reduzida ao status de empregada. Ele tremeu de raiva quando olhou para Chester.

— Você se importa em explicar isso? — ele perguntou brusco, com uma arrogância e autoridade que deixaram todos nervosos.

— Por que você não pergunta para mim? — Nora interrompeu, esticando-se para conseguir acalmar o coração. Ela alisou o avental e o olhou sombriamente — Eu estou trabalhando para me sustentar. Eu não queria ir para casa.

As notícias não serviram para acalmar a raiva de Cal.

— Você ainda é a minha mulher — Cal disse furioso.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Sou? E eu aqui pensando que você havia desaparecido da face da terra!

— Você tinha o endereço do meu advogado — ele disse friamente.

— Eu estava muito ocupada para usá-lo — ela mentiu. Ela ergueu o queixo — Por que você está aqui?

— Não para ver você — ele disse com um sorriso frio — Eu parei para perguntar sobre o progresso a Chester. E para dizer que ele está fazendo um belo trabalho. Eu, bem, vi um dos representantes em minhas viagens.

Chester deu um sorriso.

— Que sorte!

Nora passou as mãos no avental.

— Se vocês se sentarem — ela disse friamente — Eu servirei o jantar.

Ela voltou para a cozinha. Cal levantou-se e a seguiu, sem um pedido ou uma desculpa.

Ela estava colocando biscoitos em uma tigela, mas virou-se quando ele entrou e fechou a porta.

— Eu estou ocupada — ela disse secamente.

Ele encostou-se na porta para observá-la. Ainda estava magra, mas parecia saudável. Estava bonita como sempre. Seus olhos brilharam com a visão dela, e sentiu-se em paz pela primeira vez desde que saíra da casa.

— A febre foi controlada? — ele perguntou.

Ela concordou com a cabeça, e continuou colocando os biscoitos na tigela.

— Eu estou muito melhor. Eu não queria ir para casa e não queria envergonhar meus parentes tendo que trabalhar para estranhos. Eu faço o trabalho de casa e cozinheiro, e fico na casa com eles. Melly vai se casar na primavera. Ela foi até a cidade para fazer compras com o senhor Langhorn e seu filho.

— Bom para Melly — ele cruzou os braços no peito — Eu vou para Beaumont — ele disse, negando o fato de que pretendia ir até Virginia para vê-la. Ela não estava muito receptiva. Não que esperasse outra coisa. Havia feridas em seu coração que ele havia plantado.

— Vai? Por quê? — ela perguntou.

— Eu tenho alguns planos em um campo de petróleo — ele disse honestamente — É para onde eu ia nos finais de semana. Eu tenho um sócio. Nós estamos escavando o terceiro buraco. Os dois primeiros estavam secos. Nós esperamos encontrar petróleo dessa vez.

Ela franziu a testa.

— O jornal de Beaumont mencionou alguns sucessos lá, mas um geólogo muito famoso disse que não tem petróleo lá — ela disse.

— E eu digo que tem — ele disse sombriamente — Eu trabalhei nos campos de Corsicana antes de começar a trabalhar em Beaumont no ano passado. Eu tenho máquinas em muitos acres de terra, e nós estamos trabalhando duro.

Ela ficou surpresa. Sabia menos sobre ele do que pensava. Não queria perguntar como ele estava pagando as despesas. Provavelmente seu sócio era rico.

Ela abriu a geladeira para procurar por um pote de manteiga que havia sido entregue recentemente.

— Você ficará para o jantar? — ela perguntou educadamente.

Ele concordou.

— Se for conveniente.

— Você deve perguntar para a minha tia, não para mim. Eu só trabalho para ela.

As bochechas dele ficaram vermelhas.

— Por Deus, você é a minha mulher — ele disse bruscamente — Eu não quero que você trabalhe como uma empregada doméstica!

Ela virou-se, o rosto endurecido, os olhos azuis eloqüentes.

— Eu não sou doméstica. Eu trabalho para sobreviver. Você partiu e me deixou — ela o lembrou calmamente.

A mandíbula dele esticou-se.

— Eu sei as condições em que você se encontrava quando eu parti. E eu vou te recordar de que você me mandou partir — ele disse bruscamente — Você não me deu oportunidade de dizer nada.

— Você não tentou! — ela devolveu calorosamente.

Ele encostou-se novamente na porta.

— Eu estava muito infeliz. Você não havia dito nada sobre a sua saúde, exceto que você estava carregando meu filho. Eu voltei e descobri que você havia perdido a criança e estava à beira da morte. Como você acha que eu me senti?

Ela fez uma careta.

— Eu posso imaginar que você tenha ficado chocado.

— Devastado — ele corrigiu — Eu sabia que não tinha agido bem em lhe trazer até aqui, para uma vida de miséria e trabalho duro. Você era muito

frágil. Eu estava corroído pela culpa. Partir parecia a melhor coisa a ser feita. Eu não lhe culpei por não desejar me ver, Nora.

Ela viu a dor no rosto dele, e seus olhos ficaram suaves.

— Você me deu a melhor vida que podia ter dado — ela disse gentilmente, e estremeceu com o modo como ele a encarou — O que me deixou furiosa foi a minha incapacidade de fazer as coisas mais simples. Eu não podia cozinhar ou limpar — ela riu suavemente — Eu descobri que posso fazer os dois muito bem. Eu não sou mais uma inútil. Eu aprendi a lidar com os problemas.

— Você não devia ter lidado com tantos — ele disse infeliz — Depois que você se recusou a falar comigo, eu fui até um bar e fiquei bêbado. Enquanto eu voltava, descobri que não havia mais propósito ficar no rancho. Você se recuperaria melhor sem mim, então eu peguei o primeiro trem para Beaumont. Eu achei que você voltaria correndo para a sua família em Beaumont e pediria o divórcio.

Como ela pensara. Ele não tentara entrar em contato com ela. Ela suspirou.

— Meu pai permitiria que eu voltasse se eu pedisse desculpas — ela disse brevemente — E já que eu não tinha nada do que desculpar-me, eu ainda estou aqui.

O rosto dele endureceu.

— As desculpas devem vir da parte dele, não da sua. Seu pai é uma desgraça ao nosso sexo.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Concordo — ela disse — E ele trabalha muito para isso.

Ele levou um minuto para entender a piada. E quando entendeu, um leve sorriso ergueu os cantos da boca máscula.

— De fato.

Ela cobriu os biscoitos para que eles continuassem aquecidos. Ela sentia-se aquecida, com Cal tão perto, podendo olhar para ele. A vida havia se tornado bela novamente.

— Eu devia ter contado sobre a febre — ela disse desculpando-se. Os olhos o procuraram — Se eu tivesse contado, se eu tivesse sido honesta desde o começo, você seria poupado de muito sofrimento.

— Nenhum de nós foi muito sincero com o outro, Nora — ele disse baixo.

Ela o encarou e viu as linhas ao redor dos seus olhos, e também no rosto duro. Ele estava mais magro. Havia envelhecido. Sim, ele também havia sofrido.

— Por que você escondeu o seu real estado de saúde? — ele perguntou.

— No começo porque eu não lhe conhecia tão bem para dividir um segredo tão íntimo. E depois, porque parecia tão cruel, contar a um noivo

com uma mulher grávida, que ela tinha uma doença que se não a matasse, certamente a atormentaria pelo resto da vida — ela balançou a cabeça tristemente — Você mal conseguia manter nós dois com o que ganhava, e também havia o neném — ela disse dolorosamente — Eu queria te poupar de... mais obrigações.

Ele fechou os olhos. Afastou-se dela, para esconder a angústia que aquelas palavras causavam.

— Seus pais... Eles sabiam que você estava doente e mesmo assim não quiseram lhe ver depois que você perdeu o neném? — ele perguntou com silenciosa culpa.

— Eles sabiam. Eu sou rejeitada — ela sorriu repentinamente — Mas eu sei passar uma camisa! — ela disse radiante — E eu posso fazer biscoitos que não queimam, e que derretem na boca!

A felicidade dela o desarmou. Ele a encarou de maneira faminta.

— Não eram as coisas que você não sabia fazer que me irritavam — ele disse roucamente — Era o fato de que se você realmente confiasse em mim, não teria importado o modo como eu ganhava a vida — ele concluiu. Ele desviou o olhar — Mas você desdenhava, da minha situação, do meu trabalho, do modo como eu me vestia. Eu fui cruel porque me machucava o modo como você se referia a mim.

Ela não sabia o que dizer. Ele havia feito acusações que eram verdadeiras. Ela havia dito aquelas coisas, e sentido também. Mas agora... Olhando para ele, seu coração saltava no peito. Ela o amava, o queria, precisava dele. Não importava se ele era um pobre, se ela precisava trabalhar como empregada ou cozinheira para ficar com ele. A descoberta não era chocante. Ela o amava tanto que nada mais importava. Mas a dificuldade estava em expressar isso, depois de todas as coisas dolorosas que haviam acontecido. Não tinha idéia de como começar.

DEZESSEIS

O barulho da porta sendo aberta chamou a atenção dos dois. Helen entrou na cozinha, encarando o casal e ciente da tensão entre eles.

— O jantar? — ela perguntou gentilmente.

Os olhos de Nora começaram a entrar em foco.

— Jantar? Jantar! — ela ofegou — Oh, tia Helen, eu sinto muito! Nós estávamos conversando e eu esqueci.

Helen apenas riu.

— Eu suponho que precisarei voltar a cozinhar em breve — ela murmurou — Você não pretende ficar por aqui muito tempo, não é? — ela encarou Cal, que franzira a testa levemente — Certamente você pretende levar Nora com você, certo?

Cal não pretendia, porque não sabia se ela toparia. Mas ele a encarou, e os olhos claros brilharam com uma pergunta que não se atrevia a colocar em palavras.

— Um campo de petróleo é um lugar duro — ele disse lentamente — É sujo e primitivo, com poucos recursos e pouca privacidade. Você é frágil, e o tempo é frio e impiedoso — ele sentia a própria lógica das palavras. Então sorriu triste — Eu não seria louco a ponto de levar você até lá.

Nora sentiu as últimas esperanças se esvaindo.

— Mas eu sou forte — ela protestou, o deixando chocado — O médico disse que mesmo que a febre aconteça, eu não morrerei. E eu sei cozinhar!

Ele hesitou.

— Vamos comer, depois nós conversamos sobre isso — Helen sorriu de maneira travessa.

Eles concordaram. Nora colocou tudo na mesa, e eles comeram praticamente em silêncio. Depois, Nora lavou os pratos, e sentou na sala para conversar em particular com Cal.

Ele acendeu um cigarro. A jaqueta escura estava no braço do sofá, então ele vestia apenas calça escura, uma camisa branca e um colete preto. As roupas dele estavam diferentes, que nunca o vira usando outras coisas a não ser jeans e camisa xadrez. Não lhe ocorrera perguntar porque estava tão bem vestido já que não tinha um emprego. Os olhos de Nora desviaram dele, porque recordou como era sentir-se desejada nos braços fortes.

— É loucura pensar em levar você comigo — ele disse enquanto fumava o cigarro — Você está melhor aqui. De fato — ele acrescentou com relutância, a encarando — Se você se desculpasse com o seu pai...

— Nunca! — ela disse firme — Ele é quem deveria pedir desculpas, por insultar o meu marido!

Ele arqueou as sobrancelhas. Então sorriu com prazer.

— Você mudou.

— Eu precisei — ela disse simplesmente — Eu devo dizer a verdade? Eu nunca fui uma aventureira. Eu fui para a África e ficava em uma casa magnífica enquanto meus primos saíam para caçar. Por uma noite eles me levaram até o campo, e durante a noite Edward Summerville se tornou muito amoroso e rasgou a minha roupa. Como resultado, eu fui picada por mosquitos e adquiri a febre que vai me perseguir pelo resto da vida.

— A febre malária — ele disse.

Ela concordou.

— Mas não a fatal, foi o que me disseram. Eu pensei que poderia ser, e foi por isso que eu não contei nada. Eu senti medo pelo nosso filho — a lembrança a deixou infeliz, e ela abaixou o rosto.

— Eu sinto muito pelo neném — ele disse sombriamente — Eu poderia ter lhe poupado o trabalho doméstico, Nora, simplesmente contratando uma diarista...

— Como você poderia pagar uma? — ela perguntou sem notar a culpa no rosto dele — Cal, não é bom ficar recordando o passado. Eu sempre soube que o que nos acontece é a vontade de Deus. Eu também sinto muito pelo neném. Mas muitas pessoas perdem quem amam e seguem em frente. Nós também.

Ele encostou-se no sofá e a estudou silenciosamente.

— Ainda existem coisas sobre mim que você não sabe — ele disse, imaginando como contaria os próprios segredos sem que ela o odiasse ainda mais.

Ela alisou a saia.

— Eu gostaria de ir para Beaumont com você.

— É uma cabana pequena, e meus funcionários estão acampados em barracas ao redor dela. Nós não estaríamos sozinhos, mas também só teremos uma cama — ele acrescentou zombeteiro.

Ela corou graciosamente.

— Eu entendo.

Ele observou o próprio cigarro pensativamente.

— Claro, você poderia ficar em um hotel em Beaumont.

Ela alisou a saia novamente.

— Sim.

Os olhos dele brilharam.

— Mesmo assim seria mais difícil para você — ele disse — E eu estaria fora o dia inteiro com os empregados. Eu não gosto da idéia de você ficar tão longe de mim. Nora, não é uma boa idéia.

Ela o encarou intensamente.

— Você não quer que eu vá com você?

O rosto dele endureceu. Ele deu um trago no cigarro e a encarou.

— Se você quer a verdade, não há nada que eu deseje mais.

A preocupação sumiu do rosto dela. Ela parecia maravilhada.

— Verdade?

— E se você ficar doente? — ele perguntou sério.

— E se você ficar? — ela retrucou — Você não tem a febre, mas pode pegar um resfriado ou até mesmo pneumonia, e quem cuidaria de você?

Os lábios dele se entreabriram.

— Você... cuidaria de mim?

— Claro que sim — ela disse rapidamente — E se eu for, Cal, eu não ficarei em Beaumont — ela disse firme — Apesar dos contratempos, eu vou com você, para o campo de petróleo. Eu não quero ficar separada de você. Eu sou sua mulher.

Sua mulher. Os olhos dele deslizaram pelo corpo delgado e voltaram ao rosto adorado. Seu coração começou a bater com força. Ele devia contar tudo a ela, sobre sua família, sobre seu passado. Mas se contasse, ela o odiaria novamente. Saber que havia sofrido desnecessariamente e o culparia.

Mas se ele esperasse para contar a verdade, apenas um pouco, e a levasse até Beaumont com ele e fosse gentil, ela poderia começar a amá-lo. E se ela amasse, quando ele contasse a verdade...

Ele inclinou-se na direção dela, o cigarro esquecido no dedo, e a encarou de maneira intensa.

— Se eu levar você comigo, você me contará quando as coisas estiverem muito difíceis. Sua saúde precisa vir em primeiro lugar. Sem demonstrações de orgulho, Nora. Nunca mais.

— Tudo bem — ela disse.

Ele a observou por um minuto antes de voltar a falar.

— E se você for comigo — ele hesitou encarando-a — Você dorme comigo, Nora — ele disse roucamente.

Ela corou graciosamente, mas não desviou o olhar. Os olhos deslizaram pelo rosto dele, pela boca e pelo peito másculo.

— Tudo bem — ela sussurrou timidamente.

As bochechas dele ficaram vermelhas. O corpo inteiro ficou rígido com a resposta suave. Ele recordou, assim como ela, o prazer que haviam

proporcionado ao outro. Ela nem ao menos fingia não desejá-lo, graças a Deus.

— Então faça as malas, Nora — ele disse baixo — Eu quero partir antes do anoitecer.

O sorriso mudou as feições dela.

— Eu vou contar para a tia Helen! — ela disse ficando em pé.

Ele ficou em pé também, e aproximou-se dela com o rosto solene e os olhos brilhando.

— Não será fácil — ele disse — A cabana daqui parecerá uma mansão. Existem homens brutos e poucas mulheres. De fato, antes de partir, um bordel estava sendo armado no campo, onde os empregados estão trabalhando — ele acrescentou de maneira franca.

Os olhos dela se arregalaram.

— Que excitante! — ela disse — Eu nunca vi esse tipo de mulher.

— Nora!

— Você não precisa parecer tão ultrajado — ela disse zombeteira — As mulheres têm curiosidade sobre essas coisas.

— As mulheres decentes não deveriam ter.

Ela ergueu o queixo e o encarou.

— Como você parece superior, senhor Barton — ela zombou. Ela franziu a testa repentinamente — O tal bordel...?

— Eu não preciso comprar mulheres — ele disse bruscamente — Você me insultou.

— Você não fez outra coisa a não ser me insultar desde que nos conhecemos — ela afirmou — E eu pude notar que você não era nem um pouco inocente quando nos casamos, ou até mesmo antes!

O peito dele inflou com a gargalhada que tentava reprimir.

— Você parece uma ave raivosa — ele murmurou.

Ela puxou a barra da blusa.

— Eu não sou uma galinha — ela o informou. Em seguida arqueou as sobrancelhas — A tia Helen disse que eu sei preparar uma galinha? Eu ainda sou um pouco desastrada — ela disse conspirando — Mas pelo não sou mais uma negação.

A informação não obteve o resultado que ela desejava. Ele parecia ter uma faca cravada no peito. Ele aproximou-se e a segurou gentilmente pelos ombros. Os dedos sentiam o calor da pele suave através do tecido.

— Isso não será necessário — ele disse baixo — Nós compraremos o almoço...

— Não! — ela assegurou — Não quando eu levei um dia inteiro para aprender como preparar uma refeição em um acampamento!

A surpresa dele era visível, e ele prendeu a respiração.

— Você ainda acha que eu sou um caso perdido — ela murmurou — Bem, deixe-me dizer algo, eu não sou uma inútil! Eu sei...

Sorrindo, ele inclinou-se e a interrompeu com um beijo quente e faminto mesclado por ternura e longas semanas de abstinência.

O choque de prazer fez com que Nora se colasse no corpo poderoso, os braços ao redor do pescoço dele enquanto ela abria a boca deliberadamente e inclinava o corpo.

Ele gemeu, perdeu a guarda. Ela sentiu as coxas dele encostadas nas suas enquanto os braços fortes se contraíam e a boca se tornava exigente.

Ele a puxou para mais perto, adorando a resposta, o gosto, o toque e a presença dela. A língua dela tocou a sua timidamente, e ela sentiu no ventre, com algo próximo ao orgulho, a incrível resposta que o corpo dele não podia esconder.

Ele afastou a boca e a empurrou para trás, segurando os braços dela com força, os olhos tão dilatados que pareciam saltar das órbitas.

— Nós somos casados — ela sussurrou ofegante.

— Lembre-se de onde nós estamos, por favor — ele disse com raiva, apesar do suor em sua testa e as batidas furiosas de seu coração, visíveis através da camisa, negarem sua distância.

Ela sorriu ternamente, os olhos brilhando de prazer.

— Eu senti a sua falta — ela disse sonhadora.

Ele respirou fundo.

— Eu também — ele disse depois de um minuto — Você tem certeza, Nora? — ele acrescentou — Eu não posso oferecer riscos a sua saúde.

— O meu lugar é com você — ela disse simplesmente.

Ele concordou. Os olhos desceram até a boca suave e pousaram lá. Ela percebeu que ele parecia diferente com o terno. Havia uma nova autoridade nele, uma severidade que não combinava com o homem que ela havia conhecido.

— Você parece um estranho — ela disse confusa.

Ele tocou o rosto dela gentilmente.

— Eu sou um estranho — ele disse — Mais do que você pensa. Você me conhece apenas como amante.

As bochechas dela ficaram rosadas enquanto o seu olhar descia até a boca firme.

— Foi o único modo em que você me permitiu te conhecer — ela informou. Suas mãos brincaram com um botão do colete masculino — E eu também não falei muito sobre mim. Será que nós podemos conversar mais no futuro?

— As noites são longas no campo — ele murmurou — E nós teremos pouca privacidade para fazer outra coisa — ele acrescentou com um sorriso triste.

— Mas você disse que eu vou dormir com você — ela insistiu.

— E você vai — ele concordou — Mas, infelizmente, isso é tudo que vai acontecer. Existem barracas, muito próximas da cabana, onde os meus empregados ficam — ele torceu os lábios, a encarando com diversão e prazer — E você é muito barulhenta quando nós fazemos amor — ele sussurrou.

Ela encostou a cabeça no peito dele. Ele a segurou lá, sorrindo ternamente sobre o cabelo despenteado.

— Você é um prazer para mim — ele disse roucamente. A mão deslizou pela nuca dela — Nora, nós precisamos pensar em outra coisa — ele acrescentou — Perdoe-me por ser bruto, mas eu não quero que você fique grávida novamente tão rápido. Seu corpo precisa de tempo para se recuperar do sofrimento — ele a sentiu tremer, e seus braços apertaram os ombros dela — Você notou que o nosso filho foi concebido na primeira vez em que estivemos juntos...

— Sim, eu sei — ela respirou fundo — Você quer... ter um filho comigo? — ela perguntou hesitante — Algum dia?

— Que tipo de pergunta é essa? — ele ergueu o rosto dela. Havia censura nos olhos claros — Por que eu não iria querer um filho?

Os lábios dela se curvaram.

— Você disse que eu não era o tipo de mulher com quem você se casaria — ela começou.

O dedo dele pressionou a boca dela.

— Eu disse muitas coisas cruéis. Você também. Isso acabou. Nós estamos casados, e eu quero ter uma vida longa e feliz com você. Crianças certamente serão parte dela, quando você estiver saudável novamente.

— Oh. Eu entendo.

— Não fique tão desanimada — ele insistiu — Isso não será para sempre. Ela concordou, mas não o encarou.

Ele sentiu a decepção e algo além disso. Inclinou-se e beijou-lhe lentamente, sentindo a resposta imediata. A respiração dele tocou-lhe o rosto e ela estremeceu. E então ele entendeu.

— Eu também quero você — ele sussurrou suavemente.

Ela piscou.

— Vai demorar tanto — ela disse involuntariamente, e corou em seguida — Perdoe-me. Eu pareço desesperada.

— Não — ele discordou — Você parece uma mulher muito normal, recém-casada, que gosta do toque do marido — ele sorriu — Agora, fique quieta. Você parece o naufrágio do Maine.

Ela o encarou.

— Eu sinto isso — ela murmurou.

— Você esqueceu algo que eu disse no começo do nosso casamento — ele disse.

— O quê?

Ele deslizou os lábios lentamente pela orelha dela.

— Que existem outras maneiras de dar prazer sem a possibilidade de criar uma criança — ele sussurrou — Mesmo arriscando acabar ainda mais com a minha reputação, eu devo dizer que sei muitas coisas sobre o assunto.

— Cal Barton! — ela gritou chocada.

Ele riu, soltando a cintura dela com um rosto que parecia queimado pelo sol.

— Libertino! — ela acusou alisando o próprio avental.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— É pior — ele confessou — Você vai se acostumar.

— Eu suponho que sim, mas eu espero que você se converta. Agora que você é um homem casado e respeitável — ela enfatizou.

— Nós dois esperamos. Agora, vá arrumar as suas coisas, por favor, e eu pedirei a Chester para que nos leve até a estação. Eu aluguei um cavalo para vir até aqui, e ele tem que ser devolvido. Eu acho que é um pouco prematuro esperar que você cavalgue comigo.

— Eu queria saber cavalgar — ela confessou — Melania começou a me ensinar, mas eu tenho medo de não conseguir.

O rosto dele mudou.

— Cavalgar vai ser uma necessidade para você — ele disse enigmaticamente — É algo que você precisa saber.

— Por quê? Nós podemos alugar uma carruagem em Beaumont, não podemos? — ela perguntou confusa.

Ele pensou em Latigo e no tempo que eles passariam lá. Verões e feriados com a família dele seriam esperados, e ela os adoraria. Ele sabia. Mas primeiro precisava encontrar uma maneira de contar a ela.

— Não se preocupe com isso agora — ele disse.

— Você cavalga muito bem — ela disse — Foi uma das primeiras coisas que eu notei em você.

Os olhos claros se estreitaram ao encará-la.

— Eu notei tudo em você desde a primeira vez em que a vi — ele disse — Você era delicada, parada lá com a sua roupa cara e aquele estúpido chapéu francês.

Ela ficou parada.

— Como você sabe que era francês?

A mãe dele tinha um igual. Ele estava a ponto de admiti-lo. Torceu os lábios.

— Talvez você tenha dito.

Os olhos dela escureceram.

— Talvez outra mulher tenha.

Ele arqueou as sobrancelhas e sorriu.

— Ciúmes?

Ela virou-se, a saia rodada, e foi abrir a porta.

— Nora?

Ela virou a cabeça.

— O quê? — ela perguntou.

Ele adorava aquele temperamento. Seria uma fonte de prazer durante toda a sua vida. Fazia os olhos dela brilharem como safiras, e o rosto dela ficava radiante com o rubor.

— Eu não olhei para outra mulher, mesmo da maneira mais inocente, desde a primeira vez em que meus olhos tocaram você.

O modo como ele falou fez os dedos dela se curvarem nos sapatos. Ele tinha um jeito devagar de falar com ela que era delicadamente terno.

— Mas eu fico feliz em saber que você teria se importado — ele acrescentou.

A maçaneta da porta estava fria sob os dedos dela. Ela a tocou lentamente.

— Eu não teria culpado você — ela confessou.

— Eu teria me culpado — ele aproximou-se dela. A mão firme tocou a dela calorosamente — Isso nunca vai ser uma opção para mim — ele disse — Se nós brigarmos, e isso acontecerá de vez em quando, eu nunca considerarei te envergonhar dessa maneira. Eu sou muito parecido com o meu irmão mais velho que é casado, que adora a mulher e o filho. Eu acho que você vai gostar deles, e do resto da família, quando eu levá-la para conhecê-los.

Ela ergueu a cabeça e o olhou de um modo que fez seus joelhos tremerem.

— Você não tem mais vergonha... de mim?

— Oh, meu Deus, perdoe-me — ele sussurrou dolorosamente. Os braços a envolveram, a esmagaram, a colaram nele. Ele se inclinou para ela com uma onda de amor tão grande que quase lhe esmagou os joelhos.

Ela colou-se a ele, um gemido escapando de seus lábios.

— Eu estava tão errada — ela gemeu — Errada, sobre você, sobre tantas coisas! Meu pai era um esnobe, e eu nunca percebi como era parecida com

ele até chegar aqui. Agora eu não consigo voltar e vê-lo denegrir as pessoas porque elas têm menos que ele.

Ele inclinou-se e a beijou de maneira faminta, gemendo suavemente quando ela correspondeu ao beijo e o abraçou com força.

— Isso é tão doce — ela sussurrou quando eles se separaram — Nós devemos nos beijar sempre a partir de agora.

— Não em público — ele gemeu.

Ela riu, porque entendia o motivo. Isso não a envergonhava mais. Bem... não muito. Ela afastou um pouco o quadril do dele.

— Covarde — ele disse zombeteiro, sorrindo quando viu o rosto corado dela.

— Oh, pelo contrário, eu me tornei muito brava — ela brincou — Até mesmo o meu pai teria ficado impressionado com a mudança, porque eu não deixaria que ele me desse ordens. Ele era bom comigo quando eu era mais jovem, mesmo sendo muito rígido — ela torceu os lábios, os olhos brilharam — Mesmo assim, eu gostei muito que você tenha batido nele.

— Pelo menos você não pediu que eu desse um tiro nele — ele disse, e deu uma gargalhada quando relembrou o incidente — Eu pensei que Summerville ia cair duro no chão!

— Ele parecia um daqueles animais que ele havia caçado na África — ela recordou. O rosto tornou-se solene — Ele nem ao menos pediu desculpas. Ele queria se casar comigo pela fortuna de meu pai, e ele recorreu à medidas baixas. Foi horrível quando ele veio para a Inglaterra e me perseguiu. Eu queria você e não o desejava por perto.

— Nós passamos muito tempo desejando um ao outro — ele disse a observando — No futuro, eu não pretendo passar um dia separado de você.

Ela sorriu ternamente.

— Que adorável pensamento — ela disse enquanto o encarava possessivamente.

— Ummmm — ele murmurou, igualmente fascinado em olhar para ela.

Houve uma batida na porta. Eles se afastaram e abriram, e Chester estava parado ali.

— Eu quero saber se vocês gostariam que eu e Helen levássemos vocês até a estação — ele perguntou com um sorriso.

— Que gentil de sua parte — Cal disse sorrindo — Nora vai arrumar as coisas.

— É o mínimo que eu posso fazer, meu rapaz. Você gostaria de ver os novos fardos de feno enquanto ela faz as malas? — ele acrescentou.

— Claro que sim!

Ele lançou um olhar profundo na direção de Nora e saiu com Chester.

— Eu não acredito que você vá voltar? — Chester perguntou quando eles se aproximaram do celeiro.

— Não. Eu sinto muito. Eu gostei do tempo que passei aqui, mas eu apliquei muito dinheiro em Beaumont para dividir as minhas responsabilidades. Eu estou procurando petróleo — ele confessou — Esse é o terceiro buraco que nós cavamos e eu espero mudar a minha sorte.

— Procurar petróleo não é uma aposta? — Chester perguntou sério, embora a esperança do outro rapaz o impressionasse.

— Sim — Cal respondeu sombriamente — Mas se tem algo que eu aprendi em minha vida, é que as fortunas só são alcançadas com riscos. Eu quero fazer o meu próprio caminho no mundo e não depender de ninguém para sobreviver.

Chester não entendeu bem o que ele quis dizer.

— Bem, você era muito independente aqui, e eu tentei não interferir...

Ele deu um risinho e bateu afetuosamente nas costas do outro homem.

— Eu sei. Não é o que eu quis dizer. Você também deveria considerar um investimento nesse campo enquanto ainda há tempo.

— Eu li sobre isso no jornal de Beaumont — Chester confessou — E se realmente há uma chance, o preço daquelas terras vai subir muito. Mas é um risco grande.

— A vida é um risco — Cal disse a ele — Eu lhe darei dois por cento do meu estoque — ele levantou a mão quando Chester protestou. Ele o encarou pensativamente — Se eu encontrar, a quantia será muito grande e vai dar muito dinheiro. Você pode comprar esse lugar novamente e cuidar da maneira que você quiser. Agora que você está no caminho certo com a modernização, não terá problemas em mantê-lo.

Chester ficou atônito.

— Mas por que você faria isso por mim?

Ele não podia contar a verdade, que era pelo bem de Nora, porque eles haviam sido tão bons com ela. Não apenas isso, ele havia ganhado muito afeição pela família desde que trabalhava com eles.

Ele colocou um braço ao redor de Chester.

— Escute. Você não se sentiria como um rei sendo parte de uma grande operação de petróleo e dizendo ao seu cunhado em Virginia como vc conseguiu?

Chester piscou.

— Puxa, puxa, eu diria até ele se cansar de ouvir!

Cal sorriu para ele.

— Nora também — ele acrescentou.

— Entendi! — ele deu uma gargalhada — Tudo bem, então, eu aceitarei a sua oferta. Mas se você conseguir algo grandioso, meu filho, você deve levar Nora até sua família em Virginia. De preferência em uma carruagem de ouro.

— Eu tenho algo ainda mais grandioso em mente — Cal respondeu. Os olhos claros brilhavam, e Chester pensou, não pela primeira vez, que estava feliz por não ser um inimigo do homem. Cal era frio como aço por baixo daquela natureza calorosa. Sentia pena por seu cunhado. E esperava sinceramente que Cal cumprisse a palavra.

Ele adoraria ficar rico. Mas o que mais adoraria era ver o cunhado perplexo ao ver o homem que sempre esnobara se tornar próspero com uma elegante Helen ao seu lado. Tinha certeza de que Helen também não se importaria se a irmã a visse assim. A única vez que eles haviam visitado os Marlowe tinha sido muito desconfortável. O pai de Nora se sentira tão superior aos Tremayne que falara com eles como se fossem empregados durante a breve estadia. Cynthia não havia dito nada sobre o tratamento que a irmã recebera, embora o rosto demonstrasse tristeza. Chester chegara em casa furioso, e Helen não sorriu por uma semana. As duas irmãs eram descendentes da realeza, mas assim como a pobre Nora, Helen havia sido deserdada, pois seus pais desaprovavam o casamento com Chester.

Chester sentia-se inferior desde que casara com Helen. Talvez Cal entendesse aquilo, e era por isso que oferecia ajuda. Qualquer que fosse o motivo, a oferta agradou a Chester. Apenas desejava ter algo a oferecer em troca. Teria que ver se conseguia um belo cavalo Puro-sangue para o rapaz. Conhecia um criador que lhe devia um favor, e Cal tinha um tipo de mania por cavalos bons.

DEZESSETE

Beaumont era uma cidade em crescimento com alguns mil habitantes. Um quarto da população era formado por negros, e havia muitos negócios judeus também. Havia também imigrantes italianos e holandeses e até mesmo alguns caubóis. Era uma cidade amigável, mas não tinha muitas ferramentas da indústria moderna, que eram necessárias em um campo de petróleo que ficava próximo de sua fronteira, algo que preocupava Cal e os outros investidores.

O enorme desenvolvimento de Gladys no começo havia sido objeto de desdém, e ainda não era considerado algo sério por algumas pessoas. Cal havia sido motivo de zombaria para alguns empresários locais por investir dinheiro em um sonho impossível, e mesmo quando eles trabalhavam para construir seus guindastes, empreiteiros locais riam pelas suas costas. Mas assim como os outros escavadores de petróleo, ele acreditava no desenvolvimento e tinha grande respeito por ele, e seu fundador.

Havia sido uma vantagem para Cal nenhum morador do lugar saber sobre o seu passado. Prevenia que alguém quisesse tirar vantagem do fato de ele ter dinheiro.

Ele não era o único forasteiro trabalhando no negócio por ali. Capitão Lucas, um brilhante cavaleiro com uma descendência eslava, tinha uma aparelhagem montada próxima dali e havia aparecido com algumas técnicas incríveis para combater os problemas nas escavações que eram peculiares a área costeira do Texas. Ele, assim como Cal, tinha contatos em Corsicana, a quem podia pedir equipamentos e conselhos. As inovações que ele e os seus homens usavam para penetrar a zona salina, que também continha areia e pedras grandes, revolucionavam o negócio. Havia também um rumor de que J.D.Rockefeller e seus homens da gigante Standard Oil estavam com os olhos em Beaumont. Todos estavam esperando. Esperando.

Enquanto isso aparecia buracos vazios e notícias prematuras de fracasso e histórias selvagens de escavações inventadas por repórteres de fora.

Cal relatou isso a Nora, que ouviu com fascinação enquanto eles passavam a primeira noite em Beaumont em um hotel. Ele visitara o campo para checar o progresso de Pike e os empregados e voltara cansado e com mau humor.

— O que está errado? — ela perguntou quando ele tirou as botas sujas e a jaqueta.

— Outra protuberância — ele disse sombriamente — O capitão Lucas resolveu os seus problemas com areia movediça, mas os nossos ainda persistem. Nós tivemos que pedir mais aparelhos da Corsicana — ele encostou-se na cadeira com um gemido — Eu tenho tantas pessoas esperando, com esperança, pelo sucesso — os olhos dele deslizaram pelo corpo dela — Eu estou impaciente. O capitão Lucas está escavando desde outubro. Ele atingiu um poço de gás, mas não óleo. Não ainda, pelo menos. Você está tão magra, Nora — ele acrescentou inesperadamente — Você precisa comer mais, para recobrar as forças.

— Eu não tenho muito apetite — ela disse. Em seguida sorriu — Mas agora que você voltou, eu estou faminta.

Ele deu um risinho.

— Nós logo precisaremos descer para o jantar — ele ergueu uma mão — Mas ainda não.

Ela esticou a mão para ele e foi puxada para o seu colo. Ele inclinou-se e a beijou, e por um longo tempo, nada foi dito.

— Eu não quero interromper você — ela sussurrou sorrindo — Mas o jantar vai ficar frio, e tem uma torta de maçã, que a nossa hospedeira disse ter feito com maçãs que colheu de seu pomar.

Ele sorriu.

— E você gosta de torta de maçã?

— Eu adoro. Eu adoro você, também, mas a torta de maçã é irresistível.

— Neste caso, vou colocar um sapato limpo e nós descemos.

Ele a soltou enquanto abria a própria mala e pegava um par de sapatos de couro que pareciam ser muito caros. Ela não comentou nada enquanto colocava a capa sobre o belo vestido preto, mas ficou pensando sobre os sapatos. Cal ainda era muito estranho para ela.

A CONVERSA DURANTE O JANTAR girou em torno de Spindletop Hill, onde o capitão Lucas estava escavando.

— Você viu o céu? — um hóspede perguntou excitado — Iluminado como uma pira funerária — ele apontou como se os outros pudessem ver através da parede.

— Sim, nós vimos — uma mulher mais velha concordou — É o fogo de São Elmo — ela acrescentou — Os marinheiros acreditam que quando o vêem, seus navios vão chegar salvos ao porto.

— Esse não é o fogo de São Elmo — o hóspede disse indignado — Vem de onde o capitão Lucas está escavando.

— Ele provavelmente atingiu outro poço de gás — outra pessoa comentou — Um dia ele vai explodir junto com o gás. Ou colocar fogo em tudo.

— Eles disseram que existe petróleo lá — o hóspede disse.

— Eu acredito no que vejo. Passe as batatas, por favor — a mulher mais velha devolveu.

Nora e Cal trocaram olhares preocupados. Não mencionou que havia investido no negócio com o petróleo. Também não levou a sério as palavras da mulher sobre a falta de petróleo. Ele precisava de um ponto de vista otimista.

Mais tarde, enquanto Nora se preparava para dormir, ele desceu até o salão local para encontrar os seus empregados, como havia combinado.

— Bem, tem sido um processo lento perfurar um poço naquele lugar — Mick Wheeler, o engenheiro da Corsicana, disse, passando a mão na cabeça. Ou outros quatro homens, e Pike, que se juntara a eles, concordaram — Assim como o outro grupo que está escavando perto de nós, nós tivemos alguns problemas para conseguir perfurar o chão. Então nós precisamos emprestar equipamentos. Quando nós conseguimos colocar o cano, atingimos a areia movediça e isso prejudicou o trabalho.

— Assim como os dois primeiros poços — Pike comentou — Mas eles eram em outras áreas, não na montanha. O problema com a areia movediça nos custou duas semanas, e quando nós o superamos, atingimos um poço de gás.

— Pois é — Mick concordou — Nós precisamos manter aquelas bombas circulatórias ao redor do relógio, e precisamos contratar mais homens. Nós temos muitos nos observando, mas ninguém quer um emprego.

— Eles provavelmente têm medo de ser motivo de piadas — Cal disse sombriamente, tocando a barba — Procurar petróleo parece ser a piada favorita nessa cidade.

— Eles não rirão quando nós encontrarmos petróleo — Mick disse brusco.

Pike não estava somente preocupado, mas nervoso também. Ele parecia desconfortável, observando a porta cada vez que um novo cliente entrava.

— Nós devemos voltar para o campo — ele disse — Eu não gosto de deixá-lo abandonado.

— Eu concordo plenamente — Mick concordou — Mesmo que tudo que nós tenhamos no momento seja um poço de gás, quem sabe o que nós encontraremos quando formos mais fundo. Lucas encontrou pedras quando desceu oitocentos e oitenta pés. Nós estamos a oitocentos pés agora.

— Nós encontraremos pedra também — um dos empregados murmurou — E voltaremos ao começo.

— Não, não vamos — Cal disse brusco — Se nós encontrarmos pedras, passaremos por elas! Lucas conseguiu, o que quer dizer que é possível.

— Mas como, homem? — Pike exclamou — Precisamos implorar o segredo ao capitão, o que eu não farei...

— Ligue para Sam Drago na Corsicana — Cal disse a Pike — Eu não me importo com o preço — ele acrescentou quando o outro homem protestou. Ele entregou-lhe uma grande quantidade de dinheiro — Use tudo se for necessário. Diga os problemas que nós poderemos encontrar e peça conselhos. Peça para ele vir até aqui se precisar. Eu não pararei nas pedras. Lucas passou por elas de alguma maneira. Eu quero saber como.

— Você pode perguntar a ele — Mick sorriu.

— Eu poderia. Mas, justo é justo. Eu não espero que ele me ajude a conseguir o prêmio — Cal disse — É uma questão de ética. Além disso, ele já nos ajudou com a válvula. É pedir muito.

— Você está certo — Mick concordou.

Pike não fez nenhum comentário. Ele ainda estava preocupado e agitado.

— Eu entrarei em contato com Drago pela manhã. Vamos, homens.

Ele estava com pressa para sair. Mick tomou a sua cerveja com uma piscada para Cal e um sussurro.

— Talvez seja uma mulher — disse antes de se juntar aos homens.

Observando-os se afastar, Cal ficou confuso com o comportamento de Pike. Não, Pike não era do tipo mulherengo. Ele era um solitário por natureza, e havia algo estranho nele. Era melhor ficar de olho no homem. Se alguma coisa estivesse acontecendo, colocaria Mick em seu encalço e acabaria com suas chances. Se Pike não tivesse encontrado petróleo duas vezes em outras áreas do país, incluindo Corsicana, ele não se atreveria a correr o risco.

QUANDO ELE VOLTOU AO QUARTO, Nora estava dormindo na cama. Ele parou ao lado da cama, observando o cabelo bonito espalhado pelo travesseiro e as mechas longas pressionadas contra suas bochechas. Ela parecia magra e não muito saudável. Imaginava se havia feito a coisa certa, trazendo-a com ele. Apenas o tempo diria. Amanhã eles iriam até o campo, e ela precisaria lidar com isso. Não gostava de colocá-la naquela situação, mas gostava muito menos de deixá-la sozinha na cidade. Qualquer cidade era perigosa para uma mulher como ela. Mesmo com pessoas ao seu redor, era melhor que ela ficasse por perto, assim poderia verificar se ela estava cuidando-se.

Ele sorriu enquanto a observava. Ela era dele. Nunca havia sentido a possessividade que sentia agora. Agradeceu a Deus pela inflexibilidade do pai dela. Por causa disso, ele tivera uma segunda chance. E não a perderia.

ELES ALUGARAM UMA CARROÇA e foram até o campo na manhã seguinte com suas malas amarradas nas costas.

O lugar que ficava a quatro milhas de Beaumont era plano, exceto pela montanha onde os homens estavam trabalhando.

— Patillo Higgins é a cabeça da coisa — Cal disse enquanto eles se dirigiam a um dos guindastes — Ele estava quase desistindo, quando o capitão Lucas arrendou suas terras. Agora tudo está indo bem — ele balançou — Para o bem dele, e para o nosso, eu espero que esteja bem.

Nora o observou calmamente, mais curiosa a cada dia. Ela acordara tarde naquela manhã, e quando abria os olhos, o encontrara vestido e saindo para alugar uma carroça. Ela vestiu-se e arrumou as malas, e estava pronta para partir depois do café da manhã.

Secretamente desejava que ele a acordasse cedo para ensinar algum dos segredos que ele dizia saber. Mas a mente dele parecia estar presa no petróleo. Resignou-se a ficar em segundo lugar até que ele encontrasse petróleo ou desistisse de procurar. Ela sentia que ele nunca desistiria. Parecia estar em seu sangue. Imaginou se os parentes dele estavam envolvidos naquele ramo. Ela teria que perguntar a ele, quando tivesse tempo.

Ela foi apresentada a Pike, e ela não gostou dele. Ele não era rude, mas sentia uma falta de honestidade nele. Estava no modo como ele a olhava, até mesmo no modo como falava com Cal.

Cal a levou até a pequena cabana e mostrou-lhe o lugar. Não havia muito a mostrar, apenas um quarto, algumas cadeiras velhas, uma cama de ferro com um colchão velho e lençóis rasgados, e uma lareira coberta por teias de aranha. A banheira era azul, e ao lado dela estava o que se passava por uma toalha. Nora pensou imediatamente que não tomaria um banho até voltar a cidade.

— Eu sei que não é muito — ele disse entredentes. Estava muito frio. Ele caminhou até a varanda para pegar um pouco de lenha para a fogueira. Uma pequena garrafa de querosene estava embaixo da pia. Ele arrumou a lenha e pegou a garrafa.

— Não! — ela exclamou — Cal, você vai colocar fogo em tudo!

Ele deu um risinho.

— Eu não gosto de levar dez minutos para acender o fogo. Se você está com medo, espere lá fora.

— Oh, Cal — ela gemeu.

Ele pegou um pequeno pedaço de lenha e o molhou com querosene, afastou-se, acendeu um fósforo e o jogou na lareira. A madeira sofreu uma

explosão, mas depois de um minuto, a lenha estava queimando. E ela duraria por um longo tempo.

— Covardes — ele acusou carinhosamente — Vocês não têm lareiras no leste?

Ela o encarou.

— Sim, e nós temos papel para acender o fogo!

— Você descobrirá que nós temos outro uso para os catálogos do leste — ele disse zombeteiro — Junto com os nossos milhos. O, ahn, privativo é por ali — ele abriu a porta dos fundos da cabana e indicou uma pequena estrutura de madeira.

Ela ergueu o queixo e tentou não corar.

— E as lanternas?

— Lanternas — ele disse pensativo — Para os homens, sim. Nós não temos uma para o seu tamanho.

Aquilo significava que ela precisaria sair pela noite com uma tocha. Sua próxima compra, decidiu, seria uma lanterna.

— Eu posso ver a sua mente trabalhando — Cal disse com resignação — Eu mandarei um dos homens buscar a comida. Eu pedi suprimentos ontem e esqueci de pegá-los no caminho. Você não precisará cozinhar se não quiser. Eu pedirei que ele faça o necessário.

— Isso é muito gentil.

— Muito egoísta — ele deu um risinho — Eu não quero ter que levantar e iluminar o caminho para você.

— Você faria isso?

Ele aproximou-se e segurou as mãos dela.

— Esses homens são bons, mas existem poucas mulheres por aqui. Eu não quero ter nenhum contratempo, se eles puderem ser evitados.

— Eu não gosto do senhor Pike — ela disse rápido.

— Eu percebi — os olhos dele se estreitaram — Por quê?

Ele não estava negando seu comentário. Imaginou se ele também tinha suas desconfianças.

— Não é nada particular. Apenas intuição.

— Você não terá muito contato com ele — ele disse gentilmente.

Ela virou-se e olhou ao redor.

— Nós podemos comprar um colchão novo? — ela perguntou desconfortável — Parece que um exército da lama dormiu nele.

— Eu pedi um colchão novo — ele disse para o prazer dela — e lençóis novos.

— Isso é uma extravagância — ela disse culpada — Eu poderia ter lavado...

— Com o quê? — ele perguntou com educação — Nós não temos tanques para lavar roupas, nem varal para estendê-las... Nem sequer temos árvores.

Ela ficou horrorizada. Ele a acalmou.

— Tem uma lavanderia na cidade — ele assegurou — Você não precisará vestir roupas sujas.

Ela continuou preocupada.

— Ficaré caro — ela disse hesitante, tentando não ofendê-lo.

— Sua preocupação com o meu bolso é muito boa — ele disse com um sorriso — Mas nós podemos fazer isso. Eu tenho crédito na cidade.

— Oh! — ela exclamou — Isso é melhor.

O que ela provavelmente queria dizer é que esse era o motivo responsável por ele poder comprar as coisas. Ela não havia perguntado sobre a sua fonte de renda, mas ele sabia que ela tinha dúvidas. Logo contaria toda a verdade.

ELES SE ESTABELECEAM NO LUGAR. Depois dos primeiros dias, Nora já sentia-se mais confortável cozinhando em fogo aberto. Ela era boa com carnes, e até mesmo com biscoitos quando conseguiu se arrumar com o fogo. Um bolo era impossível, então ela pediu que Cal comprasse um na padaria da cidade. Eles o dividiram com os homens, cuja alimentação parecia deixar muito a desejar, considerando a magreza deles.

As condições eram ruins, e Nora fez tudo o que podia. Mas a cabana era um pouco pequena, e ela tentava passar a maior parte do tempo ali. Ela arrumou as cortinas e fazia o que podia para manter o lugar limpo. Ele a surpreendia com pequenas coisas, como uma nova lanterna de vidro decorado e uma cadeira com encosto bordado. Sua preocupação a agradava.

Pela noite ela encostava-se em Cal e dormia segura em seus braços. Ele a segurava, mas nunca a encorajava a mais. Ele não a beijava muito, e quando a mão dela tocava o peito dele por baixo das cobertas, ele a afastava. Ela sabia o que ele estava tentando fazer. Ele não queria arriscar-se a deixá-la grávida. Infelizmente, ele também não parecia fazer nada para cuidar-se.

— Você disse que nós encontraríamos outras maneiras de conseguir prazer — ela sussurrou uma noite.

— E nós faremos — ele disse gentilmente, beijando os olhos dela — Mas não com os meus homens acampando na varanda — ele deu um risinho — A chuva veio inesperadamente e alagou o chão. Eles não dormiriam na lama, Nora, e sem eles, não tem petróleo.

— Eu sei — ela gemeu — É só que...

— Durma. Tente não pensar nisso. Eu sei que você está entediada. Talvez nós possamos comprar algumas revistas. Você quer?

Ela sorriu.

— Sim. Mas eu quero algumas linhas coloridas e algumas agulhas de crochê, por favor. E lã também. Eu sei costurar, se tiver os materiais. Eu posso fazer um suéter para você.

— Eu nunca uso — ele murmurou.

— Então eu posso fazer algumas meias — ela disse sem desanimar.

Ela a puxou para mais perto.

— Meias seriam boas. Agora durma.

Ela fechou os olhos. Mas, como sempre, demorou muito para dormir.

No dia seguinte, o inferno pareceu cair sobre a montanha. O poço do capitão Lucas explodiu no céu na manhã de dez de janeiro de 1901, e todos os condenadores tiveram que se calar.

— Ele conseguiu! — Cal gritou da varanda, porque podia ver o petróleo subindo majestosamente pelo céu — Por Deus, ele conseguiu, Nora — venha e veja! Ele conseguiu! Existe petróleo lá! Acres e acres e acres de petróleo!

Ela parou ao lado dele, observando o jato negro contra o céu cinzento, com o braço ao redor da cintura dele.

— E nós estamos bem ao lado — ele disse acenando para os empregados. Eles estavam pulando e dançando pelo campo. Era apenas uma questão de tempo agora, e todos sabiam. Se petróleo podia ser encontrado em um lugar da montanha, podia ser encontrado em todo o seu redor. A terra pertencente a Cal era dinheiro no banco.

Os olhos de Pike brilhavam de excitação. Ele obteve a resposta de Corsicana, e os homens seguiram as instruções de Drago. Enquanto o tempo passava, eles desciam, desciam e desciam.

Então, na primeira semana de março, houve uma explosão repentina dentro do vigamento. Nora estava lavando algumas peças íntimas dentro de casa. Ela saiu até a varanda e observou, a mão protegendo os olhos do sol.

Cal gritou algo para Pike, que começou a se afastar. De repente, lama começou a jorrar do solo. Pike desceu pela escada, seguido por Cal, que gritava para Mick e os outros saírem do caminho.

Os homens se afastaram, cobertos de lama, e a substância marrom subia mais e mais. Então, de repente, o que parecia toneladas de canos juntaram-se à lama e começaram a sair pelo ligamento. O chão tremeu, e os canos começaram a voar e cair no solo.

— Oh, não! — Nora sussurrou angustiada. Ela sabia que Cal havia investido muito nesse negócio, e agora parecia que ele iria perder tudo. Semanas de observação com ele, esperando com ele, estavam desabando, assim como os canos e o ligamento que era tão caro. Pelo menos, graças a Deus, Cal saíra do caminho a tempo. Se ele estivesse mais perto... Não se atrevia a pensar! Os canos caindo, em grandes quantidades, certamente o teriam matado!

Quando tudo terminou, finalmente, Cal começou a praguejar. Ele era tão eloqüente que Nora tampou as orelhas, e ele não era o único homem no lugar que expressava seus sentimentos em relação aos canos, à lama e ao petróleo.

Os homens se aproximaram do guindaste, imaginando ser impossível restaurá-lo. O capitão Lucas havia conseguido uma quantidade incrível de dinheiro até agora.

Cal abaixou-se para observar um pedaço de cano com olhos furiosos.

— Meu Deus — ele disse sombriamente — Precisarei de milhares para recuperar isso. E nós teremos que começar tudo de novo!

— Que vergonha, chefe — Pike disse. Ele parecia nervoso. Muito nervoso — Que droga de vergonha!

Mick falava mais baixo enquanto caminhava na direção dos restos do guindaste. Ele virou-se e chamou os empregados para recolherem os materiais.

Ele havia acabado de abrir a boca quando ouviu um tremor no solo.

— Que inferno! Saia daí, Mick! — Cal gritou.

O irlandês saiu correndo, enquanto mais lama saía como uma enxente. Mas dessa vez não terminou com lama. A lama foi seguida por uma coluna de gás. E ela foi seguida em segundos... por um líquido fino, verde... petróleo!

— Petróleo! — Mick gritou. A voz dele não parecia humana. Ele ergueu os braços, e o petróleo o cobriu, da cabeça aos pés — Petróleo, petróleo...!

Cal prendeu a respiração. Jogou o próprio chapéu e rolou no chão com Mick. Os dois se abraçaram entusiasmados e começaram a dançar como dois loucos. Até mesmo Pike juntou-se a eles, junto com os outros homens. Nora riu e chorou ao mesmo tempo em que percebia o que estava acontecendo. A aposta de Cal estava certa. Eles ficariam muito, muito ricos.

Cal a viu parada na varanda e correu até abraçá-la, rodando o corpo leve no ar.

— Nós conseguimos — ele riu — Nós conseguimos, nós conseguimos, Nora — Nós estamos ricos!

— Sim, eu sei — ela riu. Ela limpou o petróleo no rosto dele, mas ele a puxou e a beijou. Ela não pareceu se importar com o gosto, ou com o toque do corpo dele, então ele a beijou novamente. E por gloriosos segundos, eles estavam sozinhos no mundo.

Então a paisagem explodiu com pessoas, carroças, cavalos. Pessoas vinham para observar, para parabenizar, para sugerir.

Enquanto Cal e Nora recebiam os cumprimentos, Pike conversava com um estranho vestindo terno e olhava nervosamente na direção da varanda, onde Cal estava. Os olhos de Nora se estreitaram. Algo muito suspeito estava acontecendo. Esperava que Pike não fizesse nada na ausência de Cal que pudesse pôr tudo a perder. Teria que falar com ele sobre Pike.

Ela tentou, quando os visitantes haviam ido embora, junto com o capitão Lucas em pessoa.

— Escute, Cal — ela começou enquanto ele lavava o petróleo do rosto — Sobre Pike...

— O que tem Pike, querida? — ele murmurou contra a toalha — Ele está delirante assim como todos nós.

— Você o viu falando com o homem de terno?

— Hmmm — ele concordou secando os olhos — É um dos novos advogados da cidade. Eu o encontrei mais cedo. Ele e Pike são amigos, isso é tudo.

Nora teve um sentimento desagradável de que amizade não era o que unia aqueles dois homens. Mas não faria nada para acabar com a alegria de Cal.

— Isso não vai sair — ele murmurou enquanto observava o resto de resíduo que o cobria — Não que eu esteja reclamando — ele deu um risinho quando viu as manchas que deixara nela — Mas nós nunca vamos nos limpar com uma bacia. Vamos. Nós vamos até um hotel e tomaremos um banho na cidade. E então você, eu e esses homens iremos celebrar. De fato — ele acrescentou a abraçando gentilmente — Nós compraremos todo o champanhe no restaurante e beberemos até chegar ao céu.

— Eu não bebo — ela gaguejou.

— Beberá essa noite — ele assegurou com um sorriso que fez a cabeça dela girar — Porque nós conseguimos um grande marco na história. E de maneira alguma eu irei celebrar sem a minha esposa!

DEZOITO

A celebração estava barulhenta, mas ninguém no salão parecia se importar, mesmo quando copos foram quebrados. Cal pediu champanhe e entregou à Nora, que sentia-se envergonhada por ser a única mulher no lugar. Bem, exceto pelas duas mulheres que haviam vindo com os homens. Elas usavam vestidos de alta costura, e seus olhos eram tão duros quanto suas mãos eram suaves. Elas sorriram para Nora, que devolveu o sorriso envergonhado.

— Você queria saber como elas eram — Cal sussurrou em seu ouvido — Agora você sabe.

Ela o encarou.

— Beba — ele desafiou. Ele estava relaxado e relaxava mais a cada minuto, os olhos brilhando de prazer enquanto observava a esposa tímida. Quase dois meses de proximidade com ela sem nada mais ardente o haviam dilacerado. Se não tivesse a preocupação com o petróleo para oculpá-lo, estaria subindo pelas paredes ou destruindo a cidade. Ele desejava Nora desesperadamente, mas apesar da melhora que ela apresentara com sua saúde, não queria colocá-la em risco. Ele fizera de tudo para ela não ter que lavar roupas, pegar água no poço ou qualquer serviço pesado. Ela passara a maior parte do tempo bordando ou tentando receitas novas. Ele estava verdadeiramente feliz com a diferença entre a mulher com quem ele se casara e a Nora que vivia com ele agora. Mas havia coisas que não haviam mudado, como o senso de humor e o espírito animado que ela possuía. Apaixonava-se por ela cada vez mais. Frequentemente se perguntava sobre os sentimentos dela, mas ela se tornara adepta em escondê-los. Ele havia sido rude com ela. Não gostava de pensar que podia ter matado qualquer sentimento profundo que ela nutrisse por ele antes de ter perdido o neném.

Quando ele não estava trabalhando, os dois passavam o tempo conversando sobre coisas gerais, como a constante mudança na África do Sul com a guerra do Boer, a morte da rainha Victoria e a coroação do rei Edward. Ela mencionou que havia sido apresentada à monarquia, e acreditava que a morte da rainha Victoria tinha muito a ver com a preocupação que resultava da rebelião Boxer na China e com Boer. No passado ele teria ficado irritado com a menção ao seu status social alto. Agora apenas sorriu indulgente.

Ela se divertira com a quantidade de tempo que Cal passara no campo. Alguém tinha que observá-lo, noite e dia, e ele não cumpria apenas o seu horário, mas às vezes ficava até mais tarde para ajudar os homens. Havia

vezes, Nora disse a ele, que ela acreditava ter se casado com um fantasma. Isso o divertira, mas ela sabia que ele fazia aquilo pelo futuro dos dois, e ela nunca reclamou. Ele a achava muito complexa, agora que estava mais relaxada, e ele gostava de suas conversas e debates. Ela sentia-se igualmente confortável tendo que discutir tanto a situação política com a reeleição de McKinley quanto o preço dos ovos na cidade.

Quando ele estava livre, aos domingos, eles iam à igreja metodista em Beaumont e almoçavam na pensão aonde eles iam frequentemente para tomar banho e descansar.

Ela havia perguntado se a família dele era metodista, e ele assegurou que sim. Mas ela notou que ele não gostava de falar sobre a família e ficava irritado quando ela fazia perguntas. Ele odiava aquela situação. A culpa estava sempre presente. Mesmo eles tendo se aproximado, ele se preocupava com a reação dela, porque um dia ela teria que saber quem ele e sua família eram.

Nesse meio tempo, ele descobriu que ela tivera alguns frequentes infortúnios quando criança, e apesar de ter sido mimada, tinha um espírito aventureiro. Ele falava pouco sobre a própria infância, exceto que havia sido tumultuosa e ele e seus irmãos eram felizes. Ele queria contar tudo à ela, incluindo quão próximos ele e King eram, e as aventuras que os dois haviam tido juntos. Um dia, prometeu a si mesmo, contaria.

— Você está pensativo — ela disse.

Afastado de seus pensamentos, ele sorriu para ela através da mesa.

— E você está muito bonita — ele disse, observando o rosto dela se iluminar com o elogio — E desconfortável? — ele perguntou delicadamente.

Ela estava sentada rígida, olhando ao redor como se tivesse medo de que alguém a visse ali, em um bar.

— Cal, eu tive uma vida muito fútil — ela confessou rindo — Você deve fazer algumas concessões.

— Você está se saindo bem — ele disse entusiasmado — Mas você não está bebendo o champanhe. É o melhor que eles têm. Francês, e de uma safra excelente.

Ele frequentemente fazia comentários como aquele. Ele sabia coisas que não eram comuns a um vaqueiro, como o fato de que seus chapéus eram de Paris e a safra de um vinho, ou de um champanhe. Ele falava muito bem sobre política dos Estados Unidos e de outros países, e ele sentia-se em casa nos melhores restaurantes de Beaumont, com maneiras polidas e charme que pertenceriam à realeza. Ele surpreendia Nora com os presentes. Ela não tivera antes a oportunidade de ver como ele era versátil, ou educado.

— Eu não deveria saber isso, certo? — ele murmurou um pouco menos reservado do que de costume. Ele sorriu ao ver a expressão dela — Bem, eu nem sempre fui um vaqueiro — ele disse — Eu trabalhei em campos de petróleo e passei algum tempo em Nova York. Eu já atravessei o oceano, viajei pela Europa, de fato, e não somente enquanto eu estava no exército em Cuba.

Um oficial! Ela não sabia disso.

— Um official? — ela perguntou esperando fazê-lo falar.

— Eu achei que seria um homem de carreira. Eu me alistei dez anos antes da guerra Américo-Espanhola, e dois anos depois eu fui para a faculdade, quando eu era jovem e cheio de esperança. Eu subi ao cargo de coronel e saí ao fim da guerra.

Ela ficou muito impressionada para conseguir esconder. A revelação era chocante para uma mulher que acreditava ter se casado com um vaqueiro sem educação.

Ele sorriu para ela preguiçosamente.

— Você gostaria de ser a esposa de um homem de negócios? Combinaria com você, oferecer chás da tarde e entreter políticos de Washington.

Ela corou.

— Eu também gosto do ramo do petróleo — ela disse com bravura — E eu também gostava do rancho.

— Você mente maravilhosamente — ele acusou suave.

Ela levou o copo aos lábios e provou o champanhe. Já fazia muito tempo que ela não bebia champanhe. Havia esquecido como uma boa safra podia ser suave e deliciosa. Seus olhos se fecharam e ela murmurou com prazer.

— Excelente, não é? — ele perguntou quando terminou a sua bebida — Eu não provo um bom desde que estive em Paris.

Ela estava aprendendo muito sobre o misterioso marido. Ele era viajado e havia sido um oficial, então talvez tivesse trabalhado tempo suficiente para receber uma pensão. Isso explicaria como ele conseguira o dinheiro para financiar o lance com o petróleo. Mas se ele já estivera na faculdade, de onde havia saído o dinheiro?

Ela olhou ao redor, franzindo a testa ao observar os empregados.

— Onde está o senhor Pike? — ela perguntou curiosa, porque não o vira entre os celebrantes.

— Deus sabe. Ele provavelmente está muito bêbado e foi para o quarto — ele deu um risinho — É melhor que ele consiga ficar em pé logo. Vamos precisar de todos para cobrir aquela coisa.

— Eu havia esquecido que seria necessário.

— Sim, bem, você não pode cobrir óleo que está jorrando no céu — ele murmurou.

— Eu já tinha notado — ela riu. Ela deixou que ele enchesse seu copo novamente, e ficava cada vez mais relaxada.

Cal ficava mais silencioso a cada minuto. Ele não parecia ser um homem misterioso, mas ele a olhava de um modo obscuro que a deixava excitada. Depois do segundo copo dela e o terceiro dele, ele ficou em pé repentinamente e a segurou pela mão.

— É hora de partir — ele disse colocando o chapéu — Diga boa noite.

Ela disse adeus aos homens, que estavam muito animados para notar, e seguiu Cal pela noite aberta.

Ela a levou até a pensão, subiu as escadas e entrou no quarto que eles haviam alugado. Mas pela primeira vez, ele não saiu para que ela pudesse se arrumar e voltou depois que ela estava dormindo. Ele trancou a porta e começou a despí-la, com as luzes acesas.

— Você não pode! — ela arfou, porque já havia passado muito tempo desde a última vez em que ele a vira daquela maneira, e ela estava com vergonha.

Ele deu uma risada profunda.

— Você quer apagar as luzes? — ele chiou.

— Bem... Sim!

— Tudo bem, frangote.

Ele apagou as lamparinas e voltou-se para ela no escuro, rindo vagarosamente.

— Cal, você disse que nós não iríamos... — ela começou.

Ele a puxou para si e sua boca encontrou a dela. Mesmo não estando muito sóbrio, era terno e experiente. Ela encostou-se no corpo forte e sentiu as mãos dele deslizando até tocarem os seios firmes. Ela, também, não estava sóbria. Ele a deitou na cama e, entre beijos, removeu cada vestígio de roupas, primeiro as dela, e então as dele. Então ele a tocou com um ardor que ela nunca havia visto antes.

No momento em que ele ficou sobre ela, ela já estava totalmente entregue, as pernas entreabertas, o corpo arqueando-se para aceitar a penetração lenta e profunda.

Ele murmurou algo em voz áspera e prendeu a respiração quando percebeu o calor que o envolvia. Ele procurou pela boca dela na escuridão, e sua respiração penetrou pelos lábios delicados quando ele ergueu o corpo e começou a mover-se.

Rapidamente, a abstinência e a necessidade destruíram o frágil controle que ele sempre demonstrara. Ele gemeu roucamente e suas mãos agarraram o quadril dela. Ele sussurrava coisas que a deixavam vermelha, e de repente, a violência da paixão dele era tanto que a teria assustado há alguns meses.

Agora apenas provocava um calor que aumentava repentinamente e intensamente.

Ele entrava nela como um selvagem, as mãos a tocando de maneiras que nunca sentira antes, a boca em seus seios, em seus lábios, enquanto ele a penetrava cada vez mais rápido, puxando e empurrando até que ela perdeu a mente consumida pelo desejo.

Ela moveu-se com ele a procura de alívio para a agonia que ele a fazia sentir, a voz dela alta e aguda.

Ele parou, logo acima dela, a respiração se tornando rápida e áspera enquanto ele apenas esperava.

— Por favor — ela arfou, estremecendo enquanto tentava erguer o corpo, para aproximá-lo — Oh... por favor... eu não posso... viver... se você parar! — ela soluçou.

Ele sussurrou, a voz profunda no silêncio do quarto enquanto explicava graficamente o que pretendia fazer. Ela sussurrou também, coisas chocantes, provocantes. O corpo dela arqueou-se lentamente até encostar-se totalmente nele, e tremeu quando o sentiu mover-se sobre ela. Desejou não ter apagado as luzes, porque queria ver o rosto dele. Queria ver os olhos dele.

— Não! — ele disse debilmente quando ela tentou afundar-se nele. A mão segurou o quadril dela enquanto começava o movimento — Não. Fique quieta.

— Eu não consigo! — ela sussurrou desesperada, trincando os dentes enquanto a tensão começava a crescer.

— Você consegue — ele disse contra a boca dela enquanto erguia o corpo novamente — Eu vou acabar com o seu fôlego. Fazendo... somente... isso.

— Oh, eu quero você — ela gemeu.

— Erga o seu quadril contra o meu, muito, muito lentamente — ele indicou. Ele abaixou o corpo, parou, ouviu os gemidos agonizados dela. Então moveu-se novamente. Estava morrendo, também, mas sabia, diferente dela, a violência do prazer que isso daria aos dois.

— Cal — ela implorou.

— Erga-se — ele sussurrou — Apenas um pouco, querida, apenas um pouco. Espere agora. Não se mova.

— Por favor — ela gemeu estremecendo — Oh, por favor!

Ele sentiu as unhas dela apertando os seus ombros. Ele soube quando ela estava chegando ao limite, e quando sentiu o controle dela se esvaír completamente, a penetrou, o mais forte que conseguiu.

Não havia palavras para descrever o que ela sentiu. Gemeu asperamente, estremecendo, e abruptamente perdeu a consciência em uma explosão de prazer que ultrapassava qualquer coisa que ela já sentira na vida.

No limite, Cal despencou com ela, o corpo arqueando-se com prazer. Ele riu asperamente e gritou, convulsionando-se sobre ela. Parecia não ter fim, a onda de êxtase que subia e descia, tensa e relaxada, até que ele desabou saciado sobre ela.

Nora lutava para respirar quando tudo acabou e ele podia fazer os próprios pulmões funcionarem novamente. Debaixo dele, o corpo dela tremia e estava molhado de suor. Ele podia sentir o calor como um ferro quente, e sorriu, exausto. Ele não conseguia ao menos se mover, dominado pela doce fadiga que sentia.

— Como morrer — ele sussurrou roucamente — Muito prazer até mesmo para um santo. Tão bom, Nora, minha querida. A sensação mais doce que eu já senti em toda a minha vida!

Ela colou-se a ele, o rosto pousado em sua garganta enquanto voltava a consciência. Ele relaxou, e ela sentiu a respiração dele tornar-se mais profunda e compassada. Ele havia dormido, mas seu peso era precioso, delicioso. Ela o segurou, o corpo ainda colado intimamente ao dele, e depois de um minuto, ela, também, adormeceu.

EM ALGUM MOMENTO DURANTE A NOITE, eles se separaram e entraram sob as cobertas. Cal despertou primeiro quando a luz atravessou a janela, gemendo quando sentiu o peso na cabeça. Apenas três copos de champanhe, mas eram copos grandes em um estômago vazio. Tentou sentar na cama e precisou repetir o movimento duas vezes.

Ele moveu-se, ciente da sensibilidade que lhe trazia mais do que a lembrança de prazer. Seus olhos percorreram o outro lado da cama e ele ficou paralisado.

Nora estava deitada ao lado dele, totalmente nua, com o lençol afastado e o corpo totalmente aberto aos seus olhos. Ele a tomara durante a noite. Não precisava ser um gênio para saber. Ela estava sorrindo durante o sono, e quando ele se moveu, o corpo dela deslizou sensualmente, como se recordasse o explosivo clímax que os dois haviam tido.

O primeiro e aterrorizante pensamento foi que poderia aparecer uma criança. Ele obviamente era fértil, e o que os dois haviam dividido, mesmo com o álcool envolvido, havia sido único. Não podia recordar um único encontro que lhe tivesse proporcionado tanto prazer.

Ela moveu-se novamente, e os olhos abriram lentamente. Encontraram os dele e ela ficou vermelha.

— Você deveria corar — ele disse em um tom baixo. Então sorriu de maneira travessa — Meu Deus!

A mão dela segurou o lençol e o puxou até o queixo. Por cima dele, os olhos azuis encontraram os dele.

— Você fez! — ela acusou — Você me embebedou e me seduziu! Não foi minha culpa!

— Eu não pretendia, você sabe — ele defendeu-se — Mas todo aquele champanhe...

Ela apertou o lençol com mais força.

— Eu posso seguir os passos daquela mulher e ir até o bar hoje sem sentir culpa — ela assegurou — Agora que eu experimentei de verdade os danos da bebida.

Ele arqueou uma sobrancelha na direção dela.

— Você disse "danos"? Você não parecia pensar isso a noite passada — ele apontou.

Ela ficou totalmente vermelha e abaixou os olhos.

— Eu nunca tomei mais do que uma taça de vinho em toda a minha vida até a noite passada — ela disse em autodefesa.

— Oh, eu não posso reclamar do seu comportamento, Nora. De fato, eu fico tentado a encomendar várias garrafas de champanhe — ele zombou enquanto a observava.

— Seu libertino! — ela ofegou.

Ele afastou o lençol das mãos dela e a puxou para seus braços.

— Assumidamente — ele murmurou enquanto a deitava na cama e procurava por sua boca. Sem pensar duas vezes, o senso de decência sumiu e ela colou-se a ele.

Ele ergueu a cabeça e a encarou.

— Eu tentei lhe poupar de outra gravidez — ele começou.

Ela pousou os dedos sobre a boca dele.

— Eu estou forte — ela assegurou, os olhos brilhando de felicidade — E eu gostaria muito de... sentir novamente o que eu senti durante a escuridão da noite — ela sussurrou.

— Assim como eu — ele disse faminto. Ele jogou o lençol para o lado e inclinou-se na direção da boca dela — Se uma criança vier, Deus sabe, eu não me importo — ele sussurrou ardentemente. Então não disse mais nada por um longo tempo.

O POÇO ESTAVA COBERTO, mas Pike não estava por ali, e aparentemente havia desaparecido no ar. Cal, sentindo problemas, foi até a delegacia da cidade e explicou a situação. Os oficiais receberam ordens para procurar o homem, mas ele não apareceu. Com um pressentimento, Cal

foi até o escritório do advogado que era amigo de Pike, mas estava fechado, e não havia recado sobre o retorno do ocupante.

— Eu não encontro Pike — Cal disse a Nora quando voltou à cabana. Ele franziu a testa — Eu não gosto disso. Ele era um bom empregado e tinha recomendações boas. Agora eu não sinto muito confiança dele — ele a olhou através da mesa. Eles estavam jantando — Você nunca gostou dele. Eu devia ter confiado nos seus instintos.

— Eu não sou muito confiável — ela disse com um sorriso — Eu não gostava de você.

Os olhos dele se suavizaram ao encará-la.

— Eu acho você encantadora — ele disse — Bonita e esperta, e muito digna. Depois de um tempo, eu não conseguia pensar em nada a não ser você.

Ela aproximou-se e tocou a mão dele com a ponta dos dedos.

— Você não sente por ter sido forçado a casar? — ela perguntou.

Ele virou a mão e segurou a dela.

— Eu amo você — ele disse gentilmente, e os olhos não desviavam dela — É claro que eu não me arrependo.

Ela corou. Era como se um raio de luz atravessasse o seu corpo.

— O que você disse?

— Que eu amo você — ele disse simplesmente. Ele levou a mão dela aos lábios e a beijou de maneira faminta — Como você pode não saber depois do que nós dividimos na noite da celebração?

— Eu sei muito pouco sobre os homens — ela admitiu.

— Então me deixe contar que não é muito comum uma mulher gritar e um homem choramingar como uma criança quando eles atingem o clímax. Nossa experiência foi algo extraordinário.

— Eu... pensei que sim, mas eu não tinha como saber. Mesmo no passado, quando nós estávamos juntos, eu nunca me senti tão... tão... completa — ela disse finalmente.

Ele suspirou, observando-a com amor.

— E você, Nora? — ele perguntou — Existe alguma parte de você que ainda me ama, mesmo depois da dor que eu lhe causei?

Ela pareceu chocada, e por um minuto, ele prendeu a respiração, esperando que ela falasse.

— Eu nunca parei de amar você — ela gaguejou — Eu nunca pude.

Ele segurou a mão dela contra a bochecha e fechou os olhos cheios de felicidade.

— Graças a Deus — ele sussurrou.

— Seu homem bobo — ela riu gentilmente — Como se o amor pudesse acabar por causa do mau humor de um homem! Se fosse levar em conta como

você resmunga quando está trabalhando, meu amor deveria ter acabado há muitos meses!

— Eu estou feliz por não ter acabado — ele sussurrou — Venha aqui, querida.

Ela ficou em pé, e ele a puxou para o colo, beijou-a até sua cabeça girar e o corpo demonstrar a necessidade imediata.

— Sim — ela murmurou contra a boca dele e aproximou-se.

Ele ficou em pé, com Nora nos braços, virando na direção da cama mesmo ainda sendo dia.

O som de passos na varanda o despertou. Ele ergueu a cabeça na direção da porta e ele ficou parado, desorientado.

A batida foi forte.

— Senhor Barton? Tem um homem aqui com algum tipo de papel do juiz. Ele quer falar com você!

— Eu já vou! — Cal gritou.

Ele colocou Nora em pé e eles trocaram olhares preocupados.

— Eu aposto que isso tem algo a ver com Pike — ele disse entredentes.

Ele abriu a porta e foi até a varanda, com uma Nora sobressaltada ao seu lado.

O xerife estava lá, a estrela brilhando no casaco de couro, um papel dobrado em uma mão.

— Senhor Barton? — ele perguntou, retirando o chapéu e acenando respeitosamente para Nora.

— Sim — Cal confirmou.

— Eu sou o xerife Culpepper — eles cumprimentaram-se — Eu vim lhe trazer esse papel. É uma ação a respeito do seu poço de petróleo que lhe proíbe de tomar qualquer decisão até que o dono seja estabelecido no tribunal.

— Eu não preciso ver a assinatura para saber quem está fazendo isso — Cal disse sombriamente — Pike.

— O senhor Pike e o seu advogado, o senhor Bean, encontraram-se com o juiz nessa manhã para conseguir a liberação do papel — o xerife Culpepper disse — A maioria de nós sabe que você era o chefe e Pike apenas um empregado. Mas o advogado tem jeito com as palavras, e ele é a coisa mais próxima de um orador que alguém nessa cidade já viu. Você quer um conselho, senhor Barton? Consiga o advogado mais caro que você conseguir nessa cidade. Você precisará dele. Bom dia, madame — ele acrescentou para Nora.

Eles o observaram caminhar até o cavalo, montar nele e partir.

— Maldito Pike! — Cal disse furioso.

Ela pegou o papel da mão dele e leu com atenção.

— Cal, o que nós faremos? Com o poço envolvido, nós não temos dinheiro, não é?

Ele olhou para ela e sorriu gentilmente.

— Não se preocupe. Eu não vou deixar você passar fome.

— Isso não é tudo, e você sabe — ela disse firme. Ela arqueou a sobancelha — Se eu tiver que pedir desculpas ao meu pai — ela acrescentou — Talvez nós possamos convencê-lo a mandar o seu advogado até aqui...

— Você não vai pedir desculpas — ele disse baixo — Nunca. Você não tem motivo para pedir desculpas.

— Mas o que nós faremos? — ela perguntou infeliz — Nós não podemos simplesmente permitir que Pike roube o nosso poço!

Ele deslizou a mão gentilmente pelo cabelo dela, adorando a sua suavidade. Isso o distraiu.

— Nós não perdemos todas as opções — ele disse.

Mick aproximou-se com os homens depois que o xerife sumiu de vista.

— O que foi? — Mick perguntou — É uma convocação, não é? — ele perguntou irritado — Aquele maldito Pike! Eu o vi com o advogado várias vezes e quase mencionei, mas eu achei que ele estava tratando do seu negócio, então eu fiquei calado. Como eu sou besta!

Cal sorriu para ele.

— Não é sua culpa, Mick. E não ache que o mundo acabou. Nós ainda não usamos a última carta!

— Aquele advogado é esperto. Ele é de Chicago, você sabe — ele disse — Eu ouvi falar dele na cidade. Eles disseram que não tem igual em um tribunal.

— Oh, eu acho que conheço um ou dois — Cal respondeu. Havia um brilho em seus olhos que não passou despercebido. Nora perguntou-se o que aquilo significava, mas ele disfarçou e não disse mais nada sobre o assunto.

Na manhã seguinte ele foi até a cidade e mandou um telegrama para Latigo através do escritório de correios local.

DEZENOVE

Cal levou Nora à cidade dois dias depois para pegar o trem. Ele pediu que ela se vestisse bem, com um dos seus belos vestidos de seda azul, um casaco de seda e um chapéu de Paris. Ele não disse o motivo, e ela se esforçou para não perguntar quais eram os seus planos. Ele era o homem mais secreto e exasperante que ela já conhecera. Ela dizia isso, frequentemente, sem obter resultado.

Três homens desembarcaram do trem, e foram calorosamente recebidos por Cal. Ele puxou Nora para que ela os conhecesse, os olhos brilhando de orgulho quando a apresentou.

O mais velho tinha olhos escuros e cabelo prateado. Brant Culhane apertou a mão dela calorosamente e expressou a sua infelicidade pela esposa, Enid, não ter viajado com ele. Talvez Cal levasse Nora para conhecê-la, ele acrescentou com um olhar na direção do filho.

O filho mais velho se parecia tanto com Cal que Nora ficou sobressaltada.

— Você é igual ao Cal! — ela exclamou quando apertou a mão dele.

Ele balançou a cabeça.

— Ele é igual a mim — ele corrigiu, e os olhos cinzentos, mais claros que os de Cal, brilharam quando encarou o irmão.

— Nós brincávamos de rei da montanha quando éramos garotos — Cal zombou — Ele geralmente ganhava. Foi assim que ele ganhou o apelido. King — ele acrescentou quando ela ficou confusa.

— Você deu ao seu cavalo o nome... — ela começou.

— E este é Alan — ele a interrompeu, embora King tivesse percebido o que acontecera e ria silenciosamente.

Alan deu um passo a frente e levou a mão dela aos lábios, beijando com delicada cortesia.

— É um prazer finalmente conhecer a minha adorável cunhada — ele disse lançando um olhar ao Cal — Eu acreditava que as apresentações deviam ser feitas antes do casamento, não é?

Nora recordou porque Cal não queria que ela fosse apresentada à família, e sentiu-se ferida.

Ele a puxou para perto.

— É uma longa história — ele disse aos outros — Eu contarei a vocês quando tiver uma oportunidade. Nesse momento, meu prato está cheio.

— Não por muito tempo — Brant virou-se e indicou dois homens dignos e bem-vestidos carregando maletas — O senhor Brooks e o senhor Dunn — ele

apresentou — Eles são de Nova York. Eles cuidam dos negócios da nossa família — ele acrescentou quando Nora ficou confusa.

Cal apertou as mãos dos dois homens. O senhor Brooks era baixo, negro e tinha um rosto inteligente. O senhor Dunn era um contraste; era alto e bonito de se olhar, com olhos azuis e cabelo escuro ondulado. Quando ele olhou para Nora, ela sentiu um arrepio que desceu até os seus pés. Ele foi muito educado ao retirar o chapéu, mas ele tinha um olhar que ela desejava nunca ter que enfrentar em um tribunal. Ela nunca vira um homem que se parecesse menos com um advogado, e quando ele falava, a voz profunda carregava suavemente o sotaque texano.

Observando os homens conversarem, Nora começou a sentir-se deslocada. Que negócios da família? Por que o pai de Cal precisaria de advogados de uma firma de Nova York? Pela primeira vez, percebeu o modo como o pai e os irmãos dele estavam vestidos, e lhe ocorreu que eles não eram camponeses rústicos. Esses homens eram ricos, poderosos. Será que Cal era uma espécie de ovelha negra, um excluído, forçado a trabalhar como capataz em uma fazenda? Precisava descobrir a verdade. Já existiam muitos segredos entre os dois.

— Existe um hotel excelente na cidade — Cal estava dizendo aos homens — E serve um jantar que é quase igual ao da mamãe.

— Ninguém cozinha como a sua mãe — Brant disse com um sorriso zombeteiro.

— Nora está no caminho para se tornar uma boa cozinheira — Cal afirmou enquanto puxava a esposa para perto dele.

Ela sorriu para os homens.

— O que ele quer dizer é que os meus biscoitos não quebram mais o chão quando caem da assadeira — ela disse.

Eles riram, mas sem malícia.

— Quando você conhecer Enid, pergunte como foi que ela preparou o primeiro peru logo depois que nós nos casamos — Brant sugeriu a Nora — Fará com que você não tenha tanta vergonha de seus primeiros dias na cozinha.

Nora sorriu.

— Isso seria bom — ela disse, mas por dentro estava se perguntando se Cal ainda tinha vergonha dela. Ele a queria e jurava amá-la, mas ainda existia o fato de que ele nunca sugerira levá-la até sua casa para conhecer sua família — especialmente conhecer sua mãe. Era a única coisa que lhe impedia de ser completamente feliz.

Aconteceram encontros com a sua família e com os advogados durante todo o dia. O julgamento estava marcado para a próxima segunda, e Cal passou a maior parte do final de semana no hotel. Nora preparou jantares

que foram ignorados ou esquecidos. Sentia-se negligenciada, embora soubesse que ele pensava no futuro dos dois. Ela não podia evitar pensar se eram simplesmente negócios, ou se Cal a estava mantendo afastada da família por um motivo próprio.

NA VERDADE, ELE ESTAVA. Não queria deixar escapar nada sobre sua vida até encontrá-la. Ainda tinha um obstáculo a cumprir depois que a ameaça de Pike estivesse acabada.

— Ela é muito bonita — Brant disse enquanto eles tomavam uma bebida no bar — E ela obviamente te adora.

— E viceversa — King murmurou com os olhos brilhando — Finalmente preso, não é, filho mais velho?

— Preso e amarrado — Cal concordou. Ele tocou o uísque de maneira ausente — Ela não sabe nada sobre nós. Eu não quis contar no começo. Agora eu quero, mas não sei como. Ela vai me odiar quando souber a verdade. Se eu a tivesse levado para casa no começo, ao invés de enfiá-la em uma cabana no rancho Tremayne sem um fogão decente... — ele gemeu e bebeu o resto do uísque — Se eu tivesse sido mais humano, ela nunca teria perdido o neném ou quase morrido de febre.

— Nós já vimos essa febre antes — King o lembrou — É tratável. Se ela não se cansar muito, não terá muitos surtos dela.

— Eu estou cuidando dela — Cal respondeu — Ela está muito saudável desde que nós voltamos de Beaumont — ele sorriu, recordando a noite que eles haviam passado juntos e as que se seguiram. Ele ainda estava preocupado com uma possível gravidez, mas ela não estava. De fato, ela estava costurando pequenos sapatinhos agora, esperando uma criança que possivelmente seria fruto da paixão dos dois.

— Você precisa contar a ela — King disse — Não é justo deixá-la acreditar que você é um vaqueiro pobretão, ou um escavador de petróleo sem um tostão furado.

— Eu podia ter sido — ele apontou — Ainda posso. Brooks e Dunn podem não ser capazes de derrotar o advogado de Pike no tribunal.

— Meu garoto — Brant disse gentil — Você ainda não viu como Dunn age. Guarde o seu julgamento até vê-lo.

— Brooks é o pesquisador — King explicou — Ele faz o trabalho legal. Mas Dunn... — ele parou para sorrir misteriosamente — Bem, espere e veja.

Cal não estava convencido. Dunn parecia formidável, claro, mas existiam mais do que olhares envolvidos em um julgamento. Ele discutiu sobre o caso, xingou Pike de todos os nomes possíveis, xingou-se por ter sido tão estúpido a ponto de deixar um homem cuidar de todos os seus interesses.

King voltou com ele ao hotel. A noite estava silenciosa a não ser pelo som de uma música vinda de um bar próximo. Mesmo aquele era um som agradável na escuridão, quebrada apenas por vozes e o som de passos de cavalos que passavam.

— Nós não devíamos ter permitido que você fosse trabalhar no rancho Tremayne — King disse abruptamente — Se você estivesse aqui, no poço, talvez Pike não tivesse tido tantas chances.

Cal balançou a cabeça.

— Se eu não tivesse aceitado o emprego, não teria conhecido Nora. Ela valeria a pena mesmo se eu perdesse isso tudo. Eu não tenho arrependimentos.

— Quando você vai contar a verdade a ela? — ele perguntou.

Cal enfiou as mãos nos bolsos.

— Quando eu não puder evitar mais o assunto — ele disse hesitante.

King deu um risinho.

— Você se parece muito comigo.

Cal encarou o irmão.

— Eu sou igual a você — ele recordou o homem — É por isso que você está herdando Latigo, e eu estou escavando poços de petróleo no leste do Texas. Nós acabaríamos brigando no curral duas vezes por dia a troco de nada.

King deu um risinho.

— Provavelmente — ele teve que admitir — Mesmo assim, você é o único homem que eu conheço a quem posso entregar minha alma.

— Eu ficaria lisonjeado se não soubesse que você acreditar estar falando sozinho.

— Você é igual a mim — King admitiu — É a mesma coisa — ele parou na frente do hotel, o rosto solene — O que você fará se as coisas não derem certo na segunda?

Ele deu de ombros.

— Provavelmente atirarei em Pike.

— Foi o que eu pensei. Escute, Latigo é grande para todos nós. Não há necessidade...

Cal deu um tapinha carinhoso no ombro do irmão.

— Eu estava brincando — ele disse asperamente — Pelo amor de Deus, eu não deixaria Nora ao relento me colocando em uma cadeia! E eu não vou desistir. Pike é quem deve ficar preocupado, se Brooks e Dunn são tão bons como você diz.

— Você não precisou deles em todos esses anos. Nós precisamos — King disse — Você verá o que eu quero dizer.

Cal suspirou.

— Eu espero que sim.

ELE NÃO DISSE À NORA como estava realmente preocupado. Isso significaria começar novamente, emprestar mais capital, e comprar mais equipamentos caso Pike vencesse o processo e ficasse com os seus. Ele não sabia exatamente o que Pike estava planejando, e tudo dependia da documentação e da proficiência dos advogados da família. Tentou recordar cada passo dado desde que comprara a propriedade e conseguira os direitos sob a terra. Mas apesar de todos os seus esforços para adiantar a papelada, não conseguia descobrir um modo de Pike ganhar a causa. Por outro lado, Pike podia ter um advogado desonesto que fizesse qualquer coisa para vencer.

Ele não atiraria no homem, mas era tentador. Pike receberia uma parte dos lucros, assim como todos os outros homens que trabalhavam com ele. Cal decidira aquilo logo no começo. Mas Pike era ganancioso. Ele queria tudo. Agora, se Cal ganhasse, Pike acabaria sem nada no final, sem uma única gota de petróleo que saltasse daquele buraco.

Havia um rumor de que um dos empregados de J.D.Rockefeller fizera perguntas sobre a descoberta que Cal e seus homens haviam feito. O homem não se aproximara dele, mas seria o próximo passo. Para que o petróleo pudesse gerar lucros, ele teria que ser refinado e tratado. Cal precisava de alguém que fizesse isso para ele. Mas não podia fazer nada até que o verdadeiro dono do poço fosse anunciado.

A manhã de segunda-feira chegou, e Nora sentou-se rigidamente no tribunal com Brant, King e Alan. Ela estava usando um belo vestido marrom e um chapéu com um pássaro bordado combinando. Ela observou os procedimentos preocupadamente, olhando do advogado, Dunn, para o próprio Cal, que estava sentado em silêncio na mesa de defesa. O homem ao lado dele não parecia estar preocupado. King, de fato, estava sorrindo.

O juiz falou com os advogados antes de dar início à audiência, e Nora notou que ele parecia conhecer Dunn. Ele tinha muito mais respeito por ele do que por Bean, o advogado de Pike.

Pike estava no tribunal. Ele não olhava para o outro lado da sala, embora os olhos estreitos se movessem constantemente.

Seu advogado era bom, muito bom. Ele distorceu os fatos, tentando fazer o caso de seu cliente parecer mais forte. Pike havia preenchido um direito de propriedade sobre o campo de petróleo, ele disse ao juiz, e ele tinha os documentos para provar. Cal, ciente da tentativa que Pike faria por causa do trabalho de Brook, encarou furioso Pike. Ele ficava atônito em saber que o homem contaria uma mentira no tribunal e se prejudicaria

apenas pelo dinheiro. Imaginou se o advogado de Pike sabia que era uma mentira, e se os documentos que ele havia conseguido eram forjados.

O advogado de Pike apresentou esses documentos, junto com os depoimentos de testemunhas que diziam quanto tempo Cal ficava longe do poço e o trabalho duro que Pike enfrentava no lugar. Quando ele terminou, parecia que Pike havia feito todo o trabalho, e Cal não havia feito nada e agora tentava roubar o mérito.

O advogado de Pike, senhor Bean, sentou-se com um sorriso encorajador na direção do cliente.

Então o senhor Dunn ficou em pé. Ele era uma figura alta e delgada que se movia preguiçosamente pela sala do tribunal, observando o júri com olhos tão azuis quanto o céu no inverno. Ele usava óculos, mas eles apenas enfatizavam as linhas fortes de seu rosto. Ele segurava um maço de papéis na mão enquanto se aproximava da banca.

— Os argumentos do senhor Bean são muito interessantes — ele disse ausente — Ele afirma que o seu cliente fez a maior parte do trabalho no campo e por isso merece os benefícios. Essa declaração é ridícula, então eu não vou me dignar a rebatê-la — ele colocou os documentos ao alcance das mãos do juiz — Entretanto, a acusação afirma que o seu cliente tem o direito de propriedade sob — ele deu o número do lote e a localização do campo de petróleo de Cal — que é inválido. Esses são os títulos e escritura da terra, que foi comprada pelo meu cliente — ele disse — Ela foi feita regularmente e sua veracidade pode ser comprovada por testemunhas que nós convocaremos.

Ele pegou a evidência da acusação, um maço de documentos com a data um dia anterior à compra de Cal.

— Agora, em relação ao direito de propriedade do senhor Pike — ele encarou Pike com um sorriso zombeteiro — De acordo com informações fornecidas pela senhoria do senhor Pike em Nova Orleans, junto com as de um dono de bar chamado "O jacaré", uma, digamos, empregada conhecida como "Rose Lee" e as do guarda do lugar, todos testemunhas do incidente, o senhor Pike, no dia em que os documentos foram assinados, estava bêbado como um gambá e dormia em um quarto no segundo andar do bar. Seria fisicamente impossível ele assinar um documento na data marcada — ele olhou diretamente para Pike, que tentava ficar em pé, enquanto seu advogado tentava contê-lo.

— Isso é uma mentira! — Pike gritou — Eu estava aqui, bem aqui, em Beaumont!

— Você não estava — Dunn respondeu calmamente. Ele enfiou a mão no bolso, a voz profunda e medida ecoou pela sala quando ele virou-se para

encarar Pike — E mesmo se você estivesse, suas finanças não eram tão boas para que você conseguisse comprar as terras.

— Eu juro que estava barato! — Pike explodiu.

— Estava além do seu bolso — Dunn assegurou — Não é ao menos lógico que você tenha arriscado uma quantia tão grande de dinheiro no que, na época, era uma pequena chance de sucesso.

— Senhor, você acusa o meu cliente sem provas! — Bean afirmou surpreso pelas revelações e procurando desesperadamente por uma saída legal.

— Você acha? — ele perguntou — Eu peço desculpas por perder o tempo do juiz com um assunto tão trivial e sem importância — ele acrescentou, e o seu olhar fez Pike estremecer — Com toda a minha experiência eu nunca vi um empregado receber tanta confiança do patrão e assim mesmo abusar completamente dela. O senhor Pike recebia um salário semanal, exorbitante, por seus esforços em benefício de meu cliente. Mas a grande quantia de dinheiro tornou o senhor Pike um homem ambicioso que foi capaz de descumprir a lei para realizar suas próprias ambições financeiras. E sim, senhor Bean — ele disse ao advogado de acusação — Eu certamente posso provar que a assinatura nos documentos é forjada. Eu tenho a confissão do criminoso, que só foi encontrado essa manhã pelo meu colega, o senhor Brooks.

O senhor Bean sentou-se, parecendo doente. Ele encarou Pike, que finalmente desistiu e abaixou a cabeça. Tendo antecipado uma longa discussão, e palavras ameaçadoras dos dois advogados, Nora estava estarecida.

O juiz torceu os lábios e olhou os documentos que Dunn havia lhe entregado.

— A escritura parece estar em ordem — ele murmurou.

O senhor Bean estava fulminando. Ele encarou Dunn e ficou em pé repentinamente, exigindo acesso aos documentos.

O juiz concordou, e os entregou a ele.

— Aha! — Bean gritou quando leu o nome na escritura — Aqui está uma prova a favor do meu cliente. Essa é uma fraude na parte da defesa! Este não é o nome do homem sentado na mesa de defesa! Ele falsificou sua identidade, o que nega qualquer questão sobre a propriedade!

Nora arregalou a boca. Ao lado dela, Brant segurou a sua mão e tentou acalmá-la, pedindo paciência.

O juiz olhou para o senhor Bean por cima do óculos.

— Você não morou no Texas, não é, meu jovem?

— Com todo o respeito, vossa excelência, o que isso tem a ver com os documentos desse caso? — Bean perguntou.

O juiz sorriu para Cal e para as pessoas sentadas atrás dele.

— Bem, filho, se você fosse um nativo, você reconheceria o nome rapidamente. A família não é desconhecida, mesmo aqui no leste. No oeste, eles são um tipo de império.

Bean sentia-se menos confiante a cada minuto.

— Senhor?

— Vou explicar melhor — o juiz continuou, colocando os documentos de lado — Você sabe que o nome Rockefeller simplesmente grita petróleo?

Bean concordou.

— Bem, no Texas, o nome Culhane faz a mesma coisa com gado.

Bean virou-se e olhou para Cal com o que parecia medo. Cal estava encostado, as pernas cruzadas. Ele olhou de Bean para Pike, que parecia ter acabado de engolir uma melancia inteira. A aflição de Pike era tanta que Cal quase sentiu pena por ele. Ele sabia sem dúvidas que se Pike tivesse idéia de sua identidade, nunca tentaria isso.

Ele não queria virar-se e olhar para Nora, mas acabou acontecendo. A expressão dela era uma mescla de choque, descrença e fúria. Brant fez uma careta para King ao indicar a mulher que segurava sua mão com força. Sentiu um pouco de pena pelo filho petroleiro.

— Oeste do Texas? — Bean exclamou sem pensar nas convenções — Aqueles Culhane? — ele virou-se e caminhou até Pike, arrumou a mala e a bateu com força enquanto encarava o homem baixo e aflito que estava ao seu lado — Eu desisto do caso, vossa excelência — ele disse respeitosamente ao juiz. Ele pegou suas coisas e encarou Pike — Seu maldito idiota! — e saiu do tribunal sem um único olhar para trás.

— Você tem o direito de contestar a minha decisão, senhor Pike — o juiz disse bruscamente — Mas eu o declaro culpado, e lhe asseguro que, considerando a legalidade dessa escritura, todos os outros tribunais também considerarão. O senhor Dunn é muito correto em seu trabalho. Esse caso é uma perda de tempo imperdoável. Caso encerrado! — Ele bateu o martelo e deixou a banca.

Pike deu a volta na banca de defesa.

— Senhor Culhane, eu não sabia — ele disse afobadamente — Eu nunca teria... O advogado, ele me forçou! — ele disse inspirado — É isso, foi idéia dele, ele me...!

Dunn focou os olhos azuis nele.

— O senhor Bean tem integridade — ele disse — E você está pedindo um processo por danos morais e profanação de caráter se continuar.

Pike respirou fundo. Então afastou-se. Para um advogado, aquele companheiro era fisicamente intimidante.

— Sobre o poço, senhor Barton... Eu quero dizer, senhor Culhane — ele continuou estupidamente.

— Você recebeu um salário — Cal disse levantando da cadeira. Ele parecia mais assustador do que o advogado — Se você correr, não andar, até a porta, poderá sair da cidade antes que eu faça da sua vida um inferno! — ele fez um movimento rápido, e Pike saiu da sala de justiça como um cachorro escaldado.

King deu um risinho ao se aproximar com o resto da família.

— Tanta preocupação para isso.

Cal apertou a mão de Dunn.

— Você é demais. Como foi que o senhor Brooks conseguiu a evidência tão rapidamente?

Dunn sorriu misteriosamente.

— Ele não conseguiu. Eu consegui. Eu conheço o tipo das pessoas até mesmo em cidades pequenas como essa — ele disse surpreendentemente — Eu sabia que os documentos deviam ser forjados, então eu procurei o homem que faria um preço pelo qual Pike poderia pagar. Eu cobre um favor e o encontrei. E tudo isso em um dia de trabalho — ele indicou os Culhane — Vocês receberão a conta por e-mail. Eu entrarei em contato com Brooks e nós voltaremos para Nova York no primeiro trem.

— Entendeu o que eu lhe disse? — Brant perguntou, depois que Cal agradeceu e Dunn partiu. Ele deu um tapinha nas costas do filho — Esse caso foi uma moleza para Dunn. Ele se sente mais familiarizado com casos criminais. Eu o vi mandando testemunhas para o bar mais próximo.

— Isso não me surpreende — Cal concordou — Mas de algum modo, Dunn não parece um advogado — ele acrescentou pensativo.

— Bem, ele não começou assim — King disse ao se aproximar, com Nora atrás — Ele foi um atirador em Dodge. A mãe dele implorou para que ele parasse e começasse a estudar antes de morrer nas ruas, e por algum milagre, ele ouviu. Ele foi para Nova York, estudou direito em Harvard e se tornou um advogado — ele deu um risinho ao ver o rosto de Cal — Ele ainda sabe manejar uma Colt. E atirou em um homem que lhe apontou uma arma no tribunal — ele balançou a cabeça — Eu não estou surpreso pelo juiz reconhecê-lo. A maioria dos juízes conhece, até mesmo aqui.

Cal torceu os lábios.

— Puxa! — ele virou o rosto na direção da mulher relutantemente. Ela o encarava com olhos que exigiam uma explicação e o seu sangue ao mesmo tempo.

— Oh, Nora — ele disse sombriamente — No começo eu não queria contar, e depois não sabia como fazê-lo.

Ela virou-se para Brant com o que lhe restava de dignidade.

— Obrigada por vir ao encontro dele — ela disse — Pelo menos ele terá um poço de petróleo como companhia pelo resto da vida.

— Bem, bem — Brant disse gentilmente — Eu sei que é um choque, mas ele teve suas razões. Foi minha culpa, de verdade. Eu quis que ele ajudasse o seu tio a reerguer o rancho, mas ele não queria conselhos de ninguém. Cal foi a única maneira que encontramos para evitar que ele perdesse tudo — ele deu de ombros — Eu odeio ver um bom rancheiro falir. Aquele é um dos rancho que nós possuímos, mas eu tenho um carinho por ele. Então culpe a mim, não ao Cal, pela decepção.

Os olhos de Nora estavam cheios de dor.

— Ele me deixou pensar que era um simples vaqueiro — ela disse — Ele me levou para uma cabana que seria muito rígida até para um convicto. Eu perdi o meu neném por causa disso...!

Ela virou-se, e saiu correndo da sala.

— Vá atrás dela! — King disse asperamente.

Cal foi, mas não com muita pressa. Nunca se sentira tão terrível em toda a vida. O dia finalmente havia chegado, e ele não sabia como justificar sua atitude. Não sabia. Ela estava certa por estar decepcionada. Não importava de quem era a culpa, ele seria o homem que ela culparia.

Ele a encontrou fazendo as malas. Não era muito surpreendente. Ele retirou o chapéu e sentou-se em uma poltrona, observando-a com olhos tristes, sem vida.

Ela olhou na direção dele. Seus olhos estavam vermelhos, assim como seu rosto. Ela voltou ao trabalho, jogando roupas na mala sem pensar que as estava amassando. Eles haviam se mudado para o hotel na cidade. Todas as coisas estavam ali.

— Você não tem nenhuma desculpa? — ele exigiu ofegante — nenhuma justificativa, nenhuma explicação por ter escondido a sua identidade durante todos os meses que passamos juntos?

— Eu não tenho defesa — ele concordou sombriamente — No começo eu fiz isso porque Chester não podia saber que eu estava lá trabalhando nos negócios da minha família. Depois, você pareceu tão arrogante em relação a minha falta de classe, que eu mantive a decepção por não conseguir fazê-la gostar de mim como eu era — ele observou as botas empoeiradas — Quando eu consegui isso, estava muito envergonhado para contar a verdade. Você não teria perdido o neném se eu não tivesse bancado o idiota.

Ela parou para encará-lo. Ele parecia infeliz, e o seu coração foi maior que a raiva.

— Perdoe-me. Eu não devia ter dito algo tão terrível. Foi o choque por saber que o meu marido não é quem eu pensava. Eu fui uma terrível esnobe, não fui, Cal? — ela acrescentou tristemente — Talvez eu precisasse de uma

lição em humildade. E a febre e o trabalho provocaram a perda do nosso neném. Eu não culpo você. Foi a vontade de Deus. Eu sei disso tanto quanto você.

Ele abaixou o rosto.

— Talvez. Isso não diminui minha culpa. Eu queria contar a verdade, Nora. Mas eu sabia que você me abandonaria se eu o fizesse, e não poderia suportar perder você.

Ela voltou-se para ele, os olhos arregalados, espantada com a expressão no rosto másculo.

— Deixar você! — ela exclamou.

Ele prendeu a respiração com estranha felicidade. Ela parecia chocada.

— Você não vai me deixar? — ele exclamou — Mas você está fazendo as malas!

— Claro que eu estou — ela murmurou enquanto colocava uma última peça de roupa na mala.

— Por quê?

Ela o olhou como se ele estivesse louco.

— Como eu posso viajar sem as minhas roupas? Eu vou finalmente conhecer a sua mãe.

Ele sorriu.

— Vai mesmo?

— Eu não me importo se você tem vergonha de mim — ela disse furiosa — Eu quero saber onde você mora e tudo que está relacionado a você.

Ele levantou-se da cadeira em um raio. Ele a puxou para seus braços e a beijou. Ela estremeceu, gemendo suavemente, enquanto ele sentava na cadeira e a encostava em seu peito.

— É claro que eu não tenho vergonha de você! Nunca tive! Eu menti para salvar o meu orgulho — ele encostou o rosto no pescoço dela — Eu queria que você me amasse pelo que eu era, apesar do que você pensava sobre mim.

— E eu amava. Você é um homem bobo — ela disse contra boca dele — Pensar que eu abandonaria você. Eu amo muito você, e minha menstruação está atrasada há uma semana, e eu vomitei o café nessa manhã! Cal! — ela exclamou.

Ele abaixou o rosto, mas não antes que ela pudesse ver o brilho em seus olhos que significava uma chocante falta de controle.

— Oh, meu querido — ela sussurrou ternamente. Ela ergueu o rosto dele e beijou os olhos molhados de uma maneira ofegantemente terna.

— É minha culpa. Era muito cedo — ele começou temendo pela saúde dela.

— Caramba! Eu estou forte como um cavalo, e quero muito esse neném. Eu ficarei bem — ela o beijou novamente, até que a tensão deixou o corpo

forte — Para de se preocupar, certo? Não foi culpa de ninguém eu ter ficado grávida, é um motivo de felicidade! Eu amo você! — ela sussurrou — Eu amo você, amo você...

Ele interrompeu as palavras com a boca, tomado de felicidade, medo, e por fim, prazer indefinido. Por um longo tempo, ela não conseguiu dizer nada.

Uma batida na porta finalmente os separou. Cal levou um minuto para recuperar o fôlego antes de ficar em pé lentamente, ainda segurando Nora possessivamente nos braços, e foi atender.

— Abra a porta — ele sussurrou, esmagando a boca dela com a as.

— Coloque-me no chão.

Ele balançou a cabeça sorrindo.

Sorrindo com prazer, ela abaixou-se e abriu a porta. Ele afastou-se para que o irmão pudesse entrar.

As sobranceiras de King se arquearam. Ele olhou de um para o outro.

— Eu achei que você fosse precisar de ajuda para convencê-la a não partir — ele afirmou. Então deu um risinho — Uma idéia estúpida. Você e eu pensamos de maneira igual.

— Que coisa boa de saber — Nora brincou — Eu posso falar com a sua mulher e dividir idéias para quando um de vocês ficar muito teimoso.

King arregalou os olhos.

Cal balançou a cabeça.

— Você pode me conhecer, mas você não a conhece — ele disse — Eu posso sentir que nós enfrentaremos alguns problemas pela frente.

— Com certeza.

— Por favor, vá embora — Nora disse educada — Meu marido está rastejando. Eu adoro vê-lo rastejar, e sou orgulhosa o suficiente para prolongar isso. Quando ele terminar de rastejar pela minha completa satisfação, eu adorarei descer e preparar um jantar para celebrar a nossa vitória e discutir a jornada até... — ela olhou do rosto divertido de King para o rosto sorridente de Cal — Aonde nós vamos, querido?

— El Paso — ele disse.

— El Paso? O deserto!

Ele a encarou.

— Eu disse que o deserto é bonito depois que você o conhece.

— Sim, é — King concordou. Ele puxou o chapéu sobre os olhos e enfiou as mãos nos bolsos — Eu vou, uh, contar ao papai que vocês também vão. Enquanto isso, eu acho que nós três devemos ir até o campo de petróleo e verificar como está a operação. Se você acha que nós temos tempo — ele acrescentou zombeteiro.

Cal sabia ser tão inexpressivo quanto o irmão quando era de seu interesse. Ele parecia solene.

— Nós esperamos por vocês no restaurante, se vocês não voltarem — ele disse.

King concordou.

— Senhor Culhane — Nora disse preocupada quando ele começou a se afastar.

Ele virou-se.

— King — corrigiu com um sorriso.

— O nome real dele é Jeremiah Pearson Culhane — Cal informou — Mas só Amelia o chama assim. Eu soube que ela só faz isso quando ele a irrita. Ela atira as coisas, então não entre no meio quando eles brigam.

King pareceu indignado.

— Eu retribuirei o favor algum dia.

— Eu espero que sim — Cal disse des preocupado.

— King, então — Nora continuou — Você acha realmente que Pike irá embora, que não tentará explodir o poço ou fazer algo estúpido?

— O senhor Pike embarcou no trem para a Kansas — King informou com prazer — De fato, ele embarcou há alguns minutos com alguns guarda-costas. Parece que o senhor Pike tem um caso pendente no Texas que se recusou a mencionar. Algo envolvendo uma mina ao longo da fronteira. O xerife concordou em olhar para o outro lado se Pike deixasse o Texas imediatamente.

— Puxa, que maravilha! — Nora exclamou — E essa acusação simplesmente apareceu e se apresentou?

— Não exatamente. O senhor Dunn entrou em contato com um cavalheiro que ele conhece. Alguns minutos depois, o xerife recebeu o relatório sobre Pike — ele torceu os lábios — Estranhamente, Pike não parecia saber nada sobre o incidente em questão.

— Oh, meu Deus! — Nora explodiu.

— O senhor Dunn fez um mau inimigo — King respondeu virando na direção da porta — Eu vou, bem, vejo vocês para o jantar no restaurante do hotel.

Cal a soltou para que ela pudesse fechar a porta e trancá-la. Ela o observou curiosamente.

— Sua família tem os mais estranhos tipos de habilidades...

— Espere até conhecer os outros — Cal disse, as mãos tocando os botões da blusa dela — Eu tenho um cunhado que era um Texas Ranger. Ele agora é o xerife de El Paso. A cunhada de Amelia é a filha de um dos bandidos mais conhecidos em todo o México. Eu poderia continuar falando —

ele acrescentou com um sorriso — Um dos nossos vaqueiros roubava bancos...

A mão dela guiou a dele até o próximo botão enquanto os seus olhos brilhavam de excitação.

— Você pode contar depois — ela sussurrou — Nesse momento eu tenho expectativas para algo mais excitante do que lorotas.

REALMENTE LOROTAS, ele pensou várias horas depois, sentado ao lado dela no restaurante enquanto ela fazia charme para o seu pai e seus irmãos e eles discutiam sobre ir a El Paso em um dia ou dois. Primeiro, Cal colocou Mick sobre os cuidados do poço e disse a ele, e aos outros homens, que lhes daria uma boa parte sobre os lucros. Eles ficaram estáticos, e Cal soube que não precisaria mais se preocupar com a segurança da operação. Ele também havia sido contatado pelo representante da Rockefeller, que queria encontrá-lo na manhã seguinte.

— Cal me contou mentiras — ela mencionou repentinamente — Sobre ladrões de banco, bandidos e Texas Rangers, todos na sua família.

Os homens se encararam, e Brant sorriu calorosamente.

— Bem, Nora, eu acho que você terá que vir conosco ao Texas e descobrir sozinha se é verdade ou mentira.

— Isso é exatamente o que eu tenho em mente — ela respondeu com um sorriso.

VINTE

A viagem para El Paso foi longa, mas Nora não fez uma única reclamação. Nunca estivera tão feliz, com estômago fraco e tudo, e Cal estava feliz com a idéia da paternidade.

Amelia e Enid estavam esperando por eles na estação, e depois das apresentações e da viagem ao rancho, Nora estava amiga das mulheres antes mesmo que os homens voltassem do passeio para o jantar.

— Você conhecerá Maria amanhã — Enid assegurou — Ela e Quinn estavam no México, onde a filha deles foi batizada no vilarejo em que ela morava. Nós queríamos ir, mas sentimos que seria uma invasão. Eles são reservados. Maria não é realmente mexicana, mas ela foi criada lá, e fica um pouco tímida conosco, pois o pai dela era um fora da lei — ela deu um sorrisinho — Ela está melhorando.

Nora havia descoberto que as histórias de Cal não eram tão fantasiosas. Era fascinante conhecer tantas pessoas cuja vida real era muito mais interessante do que novelas. Aprendera coisas sobre o marido e sua infância que ainda o faziam sentir-se fraco. Era um milagre, de fato, ele ainda estar vivo! Nora sentia-se um pouco como a mimada que ele um dia lhe chamara, mas quanto mais conhecia sobre as pessoas e o rancho, mais segura se sentia.

Ela gostava dessas pessoas. Enid cozinhava e limpava, embora recebesse muitas ofertas de ajuda das esposas dos outros vaqueiros. O rancho era enorme, muito maior e mais eficiente que o de seu tio, e não precisou de muito tempo para ver, desde o modelo da casa até as roupas que Enid e Amelia vestiam, que dinheiro não era uma raridade ali. A recepção calorosa a fez sentir-se sem casa, e o restante de suas dúvidas desapareceram.

Ela adorava o neném de Amelia. Passava longas horas o segurando e sonhando com o nascimento do seu próprio filho. Sua única mágoa era o fato de sua mãe e seu pai poderiam nunca vê-lo. Eles não haviam tentado entrar em contato, nem ela tentara mais uma aproximação. Era bom ela e Cal não estarem vivendo com tio Chester e tia Helen. Era inevitável que as duas irmãs se correspondessem. A ferida não cicatrizaria nunca se fosse constantemente reaberta.

Cal notou a preocupação dela e perguntou o motivo quando eles estavam sozinhos. Ela confessou relutantemente que ainda estava triste pela briga com os pais.

— Os seus pais vão aparecer — ele prometeu. Em seguida sorriu — Enquanto isso, eu espero que o seu tio e a sua tia os visitem para uma pequena novidade.

Ela perguntou o que ele queria dizer, mas ele mudou de assunto com uma risada e recusou-se a falar sobre isso.

Uma carta chegou duas semanas depois, de sua tia Helen.

— Nós ficamos espantados ao ver a sua mãe e o seu pai — ela escreveu — Eles estão muito mudados, Nora, e eu acho que eles estão esperando ansiosamente por sua visita. Pense nisso — ela também dizia para que eles não esperassem por desculpas — E Chester pediu para dizer ao seu marido que ele não disse nada ao seu pai sobre quem Cal era.

Aquilo surpreendeu Nora, que tinha doces sonhos sobre um encontro imaginário entre seus pais e seu marido, com a classe social de Cal revelada.

— Imagine a tia Helen indo visitar a mamãe — Nora murmurou curiosa — Depois da última viagem para Virginia, ela disse que não teria os nervos para voltar. Eles foram, bem, muito arrogantes com ela e com o tio Chester — ela disse envergonhada.

— Isso não acontecerá mais — Cal devolveu.

— Eu não entendo.

Ele colocou um braço ao redor dela.

— Eu dei dois por cento do poço a ele — ele disse. Em seguida sorriu travessamente — Eu espero que o seu pai engula os barris, incluindo o fato de que agora você é casada com um milionário.

Ela arregalou os olhos.

— Um milionário?

— Você sabia que eu era rico, não sabia? — ele perguntou simplesmente — Bem, eu estou mais rico agora. Seu pai nunca esteve no nosso nível, docinho, mesmo quando eu trabalhava como um vaqueiro pobre e comum. Esse era um dos motivos pelo qual eu odiava o modo como você me olhava. Veja bem — ele disse gentilmente — Do meu ponto de vista, você era quem aparentava pobreza.

Ela corou.

— Eu era idiota.

— Oh, não — ele disse — Afinal de contas, você teve o bom senso de se apaixonar por mim!

Ela pegou uma vassoura, e King entrou no quarto no momento em que ela a ergueu. Ele deu a volta e saiu novamente. Depois ele disse a Amelia que era melhor ela começar a escrever o nome nas coisas que pretendia jogar nele, porque Nora estava começando sua própria coleção.

DOIS MESES DEPOIS, estabelecidos em uma bela casa em Beaumont com empregadas para cuidar de tudo, Cal anunciou que eles visitariam os seus pais.

Ela argumentou, mas não adiantou. Ele estava irredutível. Então ela colocou o vestido novo, um que marcava o seu corpo perfeitamente, e eles viajaram até o Leste.

Seus pais estavam em casa quando eles chegaram, Cal havia telefonado quando ele e Nora deixaram o Texas. Ela o observou com orgulho. Ele vestia um terno muito caro, com um caro chapéu Stetson e botas de couro feitas à mão. Parecia tão próspero quanto ela.

O pai dela abriu a porta. Ele estava hesitante e um pouco desconfortável. Apertou a mão de Cal e cumprimentou Nora, embora seus olhos pedissem desculpas e ele estivesse muito diferente do homem que a expulsara de casa há tantos meses.

Cynthia estava menos reservada. Ela abraçou a filha única com força, com lágrimas nos olhos, e a beijou gentilmente.

— Eu senti tanto a sua falta — ela disse.

Nora sabia que era verdade, mas ela poderia ter defendido Nora, sem importar se o marido estava certo ou não. Ela entendia um pouco melhor agora, sabendo que defenderia Cal mesmo se ele cometesse assassinado.

Ela afastou-se, e Cynthia secou os olhos molhados, observando a filha cuidadosamente. Quando viu a leve protuberância no ventre de Nora, sorriu.

— Eu estou feliz — ela disse gentilmente — Muito feliz. Eu fiquei muito mal por não poder lhe visitar quando você estava doente.

— A tia Helen cuidou bem de mim — Nora disse. Ela sabia que soava um pouco amarga, mas não podia evitar. Elas não haviam se separado como boas amigas.

— Vocês dois parecem bem — seu pai lhe disse — Bem, e prósperos. Chester nos contou sobre a sua sorte nos campos de petróleo, meu garoto — ele acrescentou — Eu espero que você se sinta diferente, agora que tem algum dinheiro próprio.

Cal arqueou a sobrancelha expressivamente.

— Eu sempre tive — ele disse com leve ironia — Minha família é dona de uma considerável porção de terra no Oeste do Texas — ele disse acrescentando deliberadamente — Incluindo o rancho que o seu cunhado cuida.

O olhar no rosto dos pais dela era cômico.

— Você é parte da família Culhane? — o senhor Marlowe perguntou.

Cal concordou.

— O filho do meio. Eu usei o nome da minha avó enquanto trabalhei para Chester. Nós queríamos ter certeza de que ele implantaria nossos métodos — ele acrescentou — Meu pai gosta muito dele.

— Eu... entendo — o senhor Marlowe gaguejou — Mas as roupas, a arma, e viver como um vaqueiro...

— Parte da encenação — Cal explicou.

— Nora, você nunca disse a nós! — a mãe dela disse gentilmente, corando ao final.

— Nora não sabia — Cal disse bruscamente — Não até que eu descobri petróleo — ele ergueu o braço e Nora deslizou dentro dele, sorrindo para o pai — Nós não podemos ficar — ele disse surpreendendo Nora — Eu vou levá-la para Nova York para uma breve lua de mel antes de voltar para Beaumont. Nós esperamos que vocês se tornem avós em poucos meses. Para o natal, talvez.

Cynthia sorriu.

— Eu espero que seja um bom natal para vocês — ela disse sincera.

— Será — Nora disse sonhadora.

Cal continuou a encarar o senhor Marlowe, que achou os olhos prateados perigosamente insistentes. Ele limpou a garganta.

— Eleanor, eu sinto muito pelo que aconteceu no nosso último e lastimável encontro. Eu quero que você saiba que você e o seu marido são bem-vindos sempre que quiserem. E eu espero que você traga o nosso neto para nos visitar sempre que for conveniente.

Nora sorriu para ele, as velhas feridas cicatrizando com o passar do tempo.

— Eu acho que nós podemos combinar — ela disse.

— Tem certeza que vocês não podem ficar? — o senhor Marlowe perguntou — Nós temos um quarto de casal. Um muito bom.

— Outra vez, quem sabe, obrigado — Cal respondeu — Nós precisamos ir.

Eles os levaram até a oirta. Quando Nora disse adeus, esperou que a sua relação com os filhos fosse mais calorosa.

Ela mencionou isso para Cal quando eles estavam na estação, esperando pelo trem que os levaria ao Norte.

Ele segurou a mão dela.

— Nora — ele disse suavemente — Você pode imaginar os nossos filhos apertando as mãos quando nós dissermos adeus?

Ela pensou na recepção que Cal tivera não apenas de seus dois irmãos, mas também da mãe, e do pai. Pensou na afeição entre eles, e a última dúvida deixou os seus olhos.

— Eu acho que nós daremos tanto amor aos nossos filhos que não haverá segredos nem distância entre nós — ela disse a ele. Seus dedos apertaram os dele — Eu sou muito sortuda.

Ele balançou a cabeça.

— Nós somos muito sortudos — ele corrigiu gentilmente.

Era uma constatação que não tinha argumentos. A mão dela pousou gentilmente em seu ventre, e seus olhos brilharam de excitação enquanto o trem parava na estação, espalhando fumaça como nuvens macias no vento gelado do início do outono.

*** Fim ***